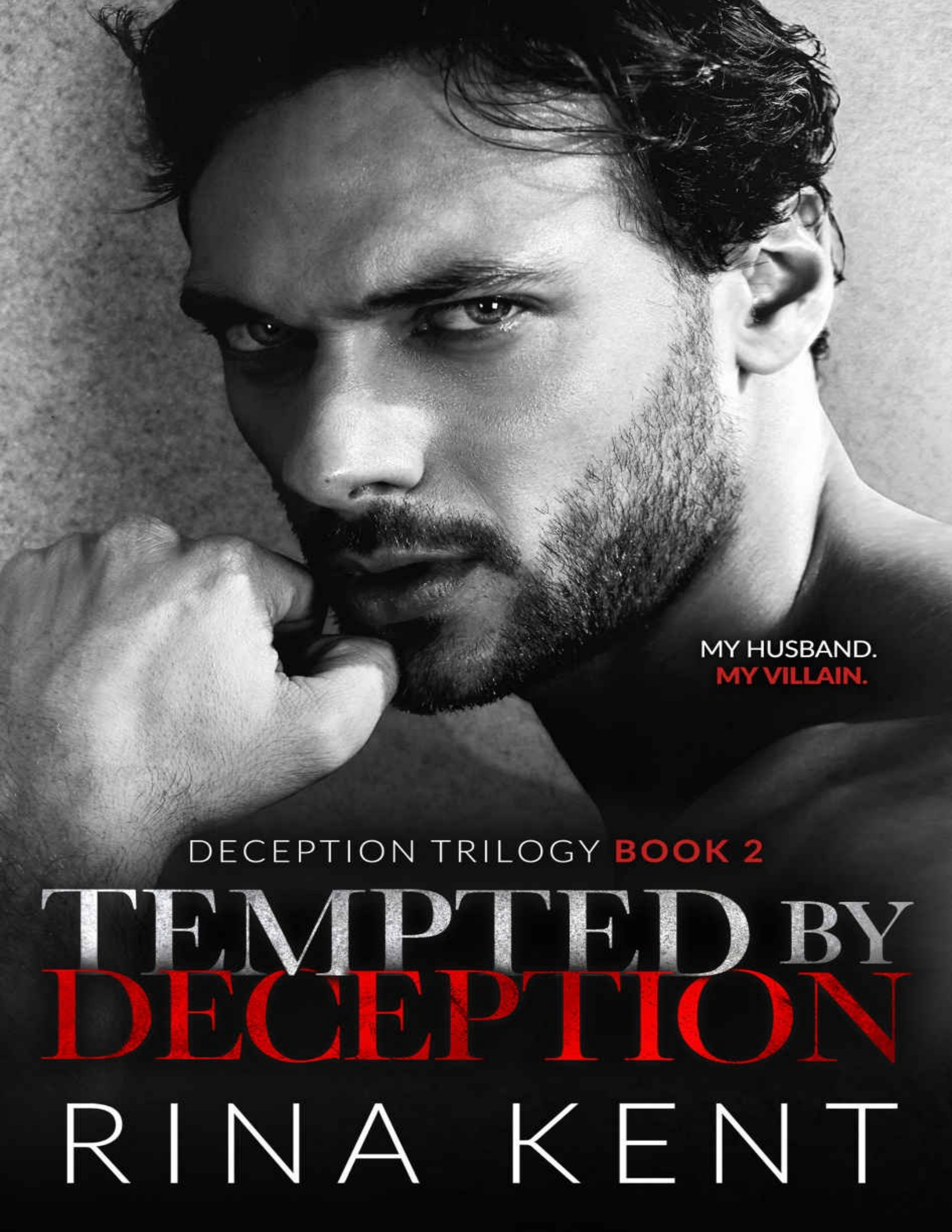




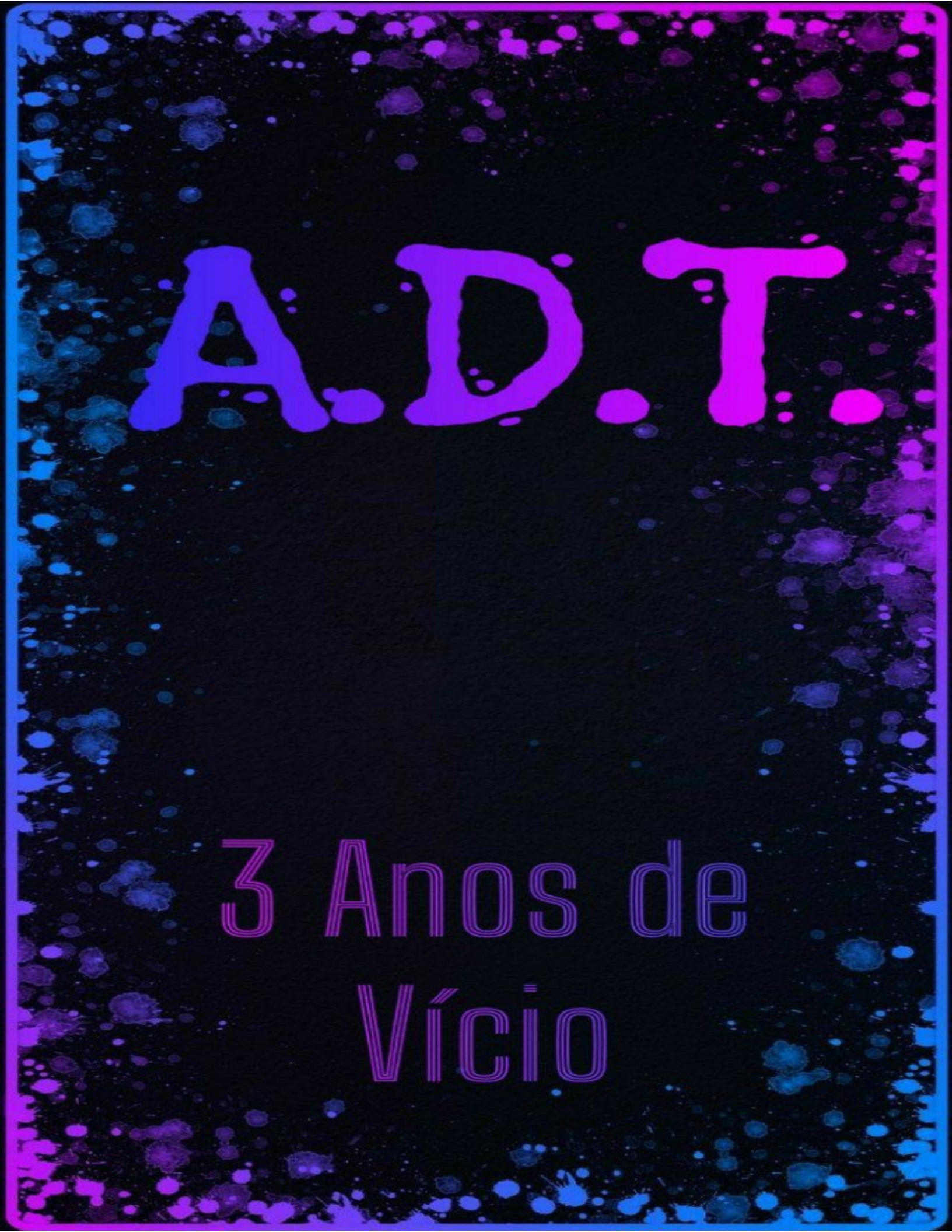
MY HUSBAND.
MY VILLAIN.

DECEPTION TRILOGY **BOOK 2**

TEMPTED BY
DECEPTION

RINA KENT





A.D.T.

3 Anos de
Vício

Sinopse

Meu marido. Meu vilão.

Começamos com morte e sangue.

Começamos com jogos e prazer carnal.

Adrian e eu não deveríamos estar juntos.

Ele é errado.

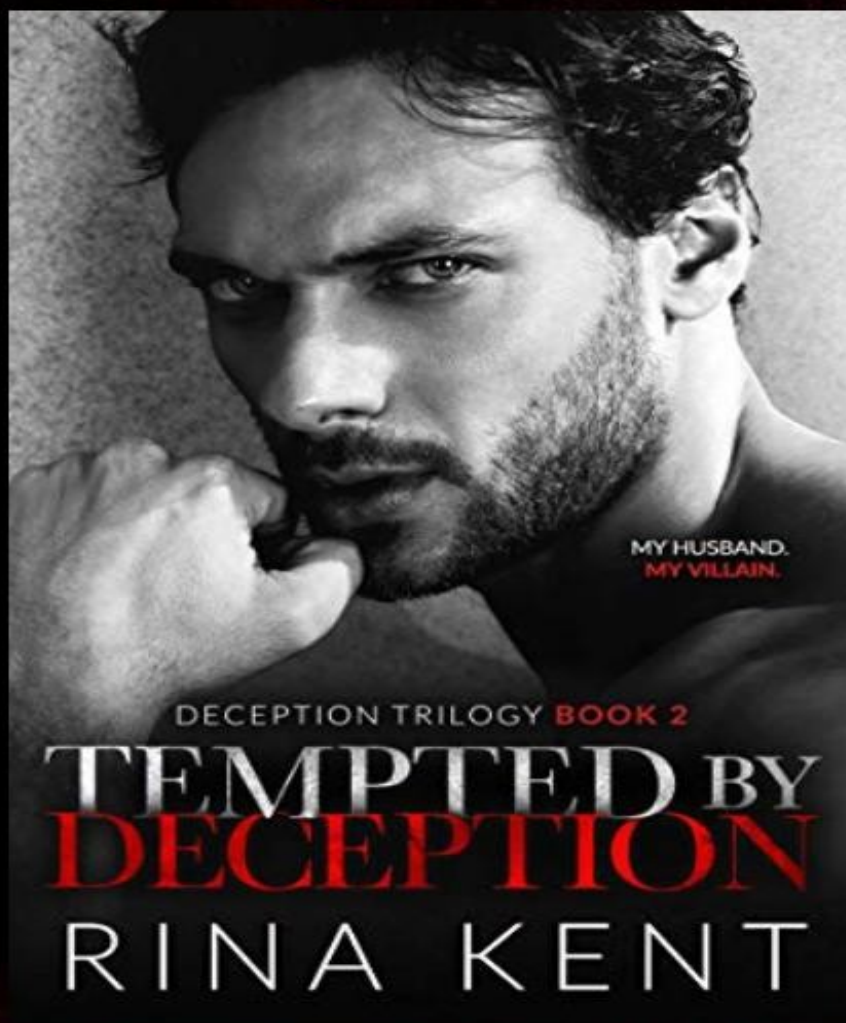
Eu sou errada.

O que temos é o epítome do desastre.

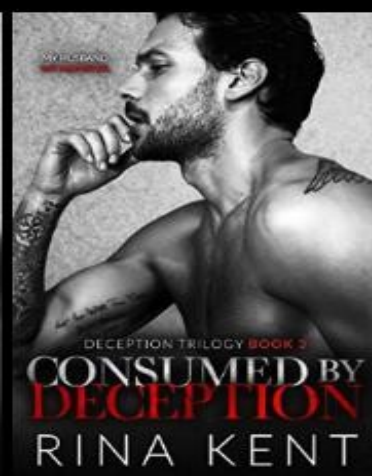
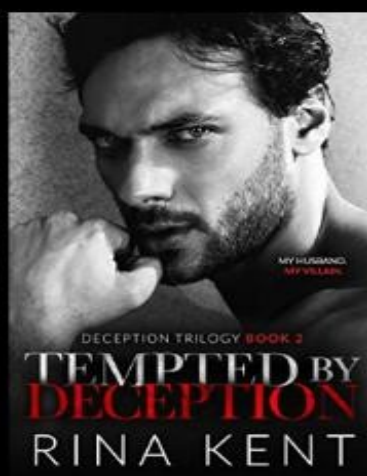
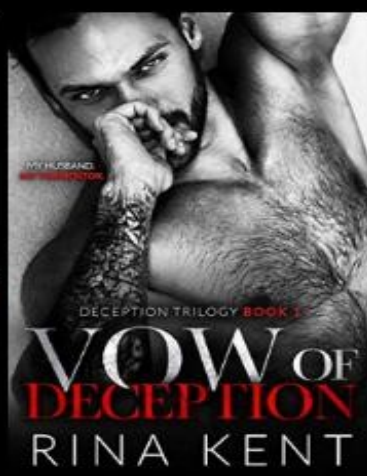
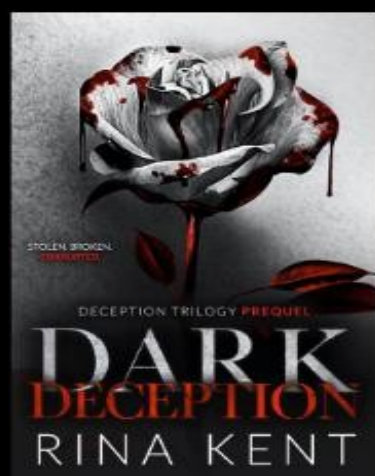
No entanto, é impossível parar.

Meu marido vai me destruir ou eu vou destruí-lo.

Lançamento



A Serie



Para vilões.

Playlist

Hate Myself - NF
Peace of mind - Villain of the Story
Drown - Bring Me The Horizon
M.I.N.E - Five Finger Death Punch
How to Save a Life - The Fray
Gasoline - Halsey
Worlds Apart - The Faim
I'll Be Good - Jaymes Young
I Know How to Speak - Manchester Orchestra
Sorry for Now - Linkin Park
The Light Behind Your Eyes - My Chemical Romance
Fake Your Death - My Chemical Romance
Roses - Awaken I Am
Follow Your Fire - Kodakline
Lion - Hollywood Undead
Only Us - DYLYN
Choke - Royal & the Serpent

playlist no [Spotify](#).

Prologo

Adrian

Sete anos de idade

— Você vai fazer o que for mandado.

Eu aceno uma vez. É melhor ser obediente quando minha mãe está neste estado ou em qualquer estado, na verdade. Ela está andando de um lado para o outro em nosso pequeno apartamento por alguns minutos, olhando para o telefone em um segundo e digitando no seguinte.

Meus pés balançam enquanto eu sento na cadeira alta da nossa sala de estar que cheira a comida queimada porque mamãe odeia cozinhar e ela é péssima nisso. Meu livro, *O Quebra-Nozes*, está no meu colo, embora eu não tenha conseguido ler devido ao humor da mamãe. Está nevando, a janela está coberta com uma camada de pó branco, como nos filmes de Natal, mas a lareira oferece um pouco do calor do frio externo.

Minha mãe, que é alta e esguia, sempre vai à academia, me deixando sozinho em casa, para que ela possa manter sua ‘forma’ depois que ‘eu arruinei’ quando nasci. Não sei o que isso significa, mas ela diz coisas assim o tempo todo. Ela está vestindo uma blusa justa com uma saia elegante e seu cabelo loiro está preso em um coque.

Seus lábios são vermelho sangue e seus brincos são longos e pendem em seu pescoço como enfeites de Natal, que celebrei com meu pai e sua esposa, tia Annika, este ano. Mamãe passou o mês inteiro depois jogando coisas em mim, mas valeu a pena.

Mamãe odeia tia Annika. Ela faz e diz coisas que a machucam, como o fato de ela não poder nem ter um filho. Minha madraستا não diz nada na frente da mamãe e às vezes até sorri, o que a deixa mais furiosa. Mas muitas vezes vejo tia Annika chorando sozinha em seu quarto. Eu fico ao lado dela e dou um tapinha em sua mão. Às vezes, isso é o suficiente para fazê-la parar.

Mamãe não desiste, no entanto. Ela até me pede para procurar coisas quando estou na casa do papai que ela pode usar para machucar a tia Annika.

Eu não quero tia Annika sofrendo. Ela faz bolos para mim e me dá goles de seu chá. Ela me leva para passear e me compra luvas e lenços para proteger 'meu corpinho,' como ela diz, do frio. Ela também me abraça e beija minhas bochechas. Mamãe nunca faz isso.

Por causa de seu trabalho no hospital, mamãe não fica muito em casa. Mas eu sim. Depois que chego da escola, passo muito tempo sozinho. É assustador à noite porque acho que o monstro debaixo da minha cama vai sair. Mamãe diz que isso é um disparate e o verdadeiro monstro é a tia Annika. Por causa dessa 'vadia,' ela não pode ficar com o papai.

Com o tempo, dei informações falsas à mamãe, já que não quero que tia Annika se machuque. Quando mamãe descobriu, ela me deu um tapa e,

uma vez, ela espalhou pó de pimenta em meu rosto. Queimou tanto que vi estrelas, mas não chorei. Mamãe e papai não gostam quando eu choro.

Mamãe diz que papai é um homem poderoso e que preciso ouvir ele e ouvi-la. Mas tia Annika me disse que é melhor não ouvir tudo que papai diz.

— É porque ele é poderoso? — Eu perguntei enquanto ela lia um livro para mim, depois de ajudar com meu dever de casa.

Uma sombra passou por suas feições enquanto ela sorria. Seu sorriso é sempre triste, não como o da mamãe, que parece o de um bandido de desenho animado. — Porque ele é perigoso, *malyshonuk*¹.

— Como o cara mau do desenho animado?

— Mm-humm.

— Mas a mamãe diz que ele é poderoso.

— De um jeito ruim. — Ela colocou os braços em volta de mim. — Eu gostaria de poder pegar você e ir embora, minha doce torta.

Eu também desejei isso. Também desejei que ela fosse minha mãe. Pelo menos ela nunca me machuca e me faz sentir confortável. Pelo menos ela gosta de mim. Mamãe, não.

— O que aquela puta te disse? — Mamãe me pergunta com um tom áspero e eu recuo. Não gosto quando ela chama tia Annika assim.

— Nada. — Minha voz é baixa.

¹ Malyshonuk- Querido.

Ela caminha em minha direção e eu aperto o livro com mais força, esperando o tapa, como de costume. Não importa o quanto ela me bata, eu nunca vou me acostumar com isso. Eu odeio a dor que vem com isso, mas acima de tudo, odeio que ela não me trate como a maioria das mães trata seus filhos. Às vezes, eu pergunto a tia Annika por que ela não é minha mãe em vez dessa, e ela apenas sorri daquela maneira triste.

Mamãe não me deu um tapa desta vez, mas ela juntou os dedos na minha camisa e me levantou para ela. De perto, ela é bonita de um jeito meio assustador. Como bruxas de desenhos animados. — Me diga o que ela disse, seu filho da puta!

Eu não consigo respirar. Não é a primeira vez que não consigo respirar. Mamãe costumava colocar um travesseiro no meu rosto quando me pegava chorando para me fazer parar. É por isso que não faço mais isso. É por isso que quero me acostumar com a dor, então não vou precisar chorar.

O livro que tia Annika comprou para mim cai no chão com um baque quando agarro as mãos de mamãe com as minhas menores, tentando removê-las.

— M-mãe...

Sua expressão não muda enquanto ela olha para mim. — Você acha que está com dor, seu bastardo de merda? Que tal a dor que passei para dar à luz você? Você acredita que eu queria um filho ilegítimo? Eu sou Dominika Alekseev, a primeira da minha classe na Escola Médica de Harvard, e ainda assim, eu me sacrifiquei. Em vez de abortar sua existência bastarda, dei à luz a porra da prole do seu pai para que ele deixasse aquela vadia. Mas ele

fez? Não. Ela é a porra da nobreza, afinal, e tem mais valor para ele, mesmo sem filhos. Portanto, não fique aí pensando que você significa alguma coisa, exceto servir como uma ponte entre mim e seu pai. Você é meu filho, tão indesejado quanto você é, e você não vai ficar do lado daquela vadia sobre o meu ou eu vou te matar. Vou terminar a vida que te dei. Entendeu?

Ela me empurra contra a cadeira e eu respiro fundo, arfando e chiando. A madeira cava contra meu lado e uma farpa perdida acerta meu braço. Minúsculas gotas de sangue aparecem na superfície da minha pele antes de deslizarem para o livro. Corro para frente, caindo de joelhos no chão de madeira, e limpo a capa do *Quebra-nozes* com as costas da mão. Mamãe arranca o livro dos meus dedos.

— Mãe, não!

Sua cabeça se inclina para o lado. — Ela te deu isso, não foi?

Eu balancei minha cabeça uma vez.

— Não minta para mim. Ela é a única idiota que ama esse lixo. — Um sorriso malicioso aparece em seus lábios quando ela o abre e posiciona as mãos para rasgá-lo. — Você vai me dizer o que ela disse?

— É ele...

— O que?

Não quero que ela rasgue meu livro, mas também não quero contar a ela sobre a tia Annika.

— Tudo bem, então, seu pequeno bastardo.

— Não! — Eu pulo em direção a ela. — Ela... ela disse que íamos sair de férias.

Ela levanta uma sobrancelha. — Férias? Onde?

— Rússia.

Ela ri, seus dentes brancos perfeitos aparecendo sob o batom vermelho. O som está tão alto que quero colocar as duas mãos nos ouvidos e não a ouvir mais.

— Bem, bem. A boa modelo planeja ir embora. — Ainda segurando o livro, ela pega o telefone e caminha até a lareira.

Mamãe encara o livro e murmura — Lixo, — e o joga nas chamas.

Eu salto para a frente, tentando pegá-lo de volta, mas o fogo já o consumiu. Lágrimas ardem em meus olhos e bato na perna de mamãe. — Você disse que deixaria meu livro em paz!

— Eu menti. Agora, fique quieto. — Ela me empurra e eu caio de bunda no chão ao lado dela. A dor me faz estremecer, mas aprendi a mascarar-la rapidamente.

Mamãe coloca o telefone no ouvido e a mão no quadril. — Há uma mudança de planos... sim... um acidente... esta noite... — Depois que ela desliga, ela se vira para me encarar com um sorriso triunfante, aquele que parece o cara mau. — Você finalmente provou seu valor, minúsculo bastardo.

— Você vai me deixar ir ver tia Annika neste fim de semana?

— Não.

— Mas papai disse...

— Seu pai não estará mais do lado dela, Adrian. Porque não importa quanto tempo ele fique com ela e não importa o quanto a vadia Annika e eu adoramos a seus pés, apenas uma pessoa importa para ele. A única pessoa que continuará com seu legado. — Ela inclina a cabeça para o lado.
— *Você.*

Eu me levanto, encontrando-a de frente. — Papai disse que eu poderia passar o fim de semana com tia Annika.

— Você não poderá mais.

— Por que não?

Ela se inclina para sussurrar na minha cara. — Porque sua amada Annika finalmente vai desaparecer.

— Não... — Lágrimas escorrem pelo meu rosto. Só consigo pensar no sorriso dela, mesmo no sorriso triste, nos abraços e no quanto ela se preocupa comigo. Ela não pode desaparecer e me deixar com mamãe e papai.

— Sim. Já era hora de ela fazer isso. — Seu telefone toca novamente e ela sorri. — Isso foi mais rápido do que eu esperava.

Eu a observo enquanto ela escuta alguém do outro lado da linha. Suas sobrancelhas se juntam e seus lábios vermelhos se torcem. O peso no meu

peito diminui como se nunca tivesse existido. Quando mamãe está brava, significa que tia Annika está segura.

— Não, Geórgui não pode suspeitar de nada... sim... vou pensar em uma maneira de mantê-lo preocupado.

Depois que ela desliga, ela olha para a lareira, a mão de volta no quadril e os dedos enrolados ao redor do telefone.

— Tia Annika está bem? — Eu pergunto em voz baixa.

Ela se vira abruptamente, como se tivesse esquecido que eu estava lá. Eu não gosto do brilho em seus olhos ou do leve sorriso em seus lábios. — Como eu poderia não pensar nisso? A melhor maneira de manter Geórgui ocupado é você, meu pequeno bastardo.

Quando ela se aproxima lentamente de mim, eu tropeço, dando um passo para trás, não querendo que ela me bata de novo. Minhas pernas batem na mesa de centro e acabo caindo de bunda.

Mamãe para na minha frente, sua sombra caindo sobre mim e bloqueando a luz do fogo. — Por que você está fugindo de mim?

Ela desliza as unhas pela minha bochecha e, em seguida, pelo meu cabelo, mas não o está acariciando como a tia Annika faz quando me põe para dormir. A mão da mamãe está fria como a expressão em seu rosto. É como estar na Rússia durante o inverno gelado.

Mamãe agarra meu braço e eu permaneço imóvel como uma pedra, incapaz de me mover. Ela disca um número em seu telefone e funga um

pouco antes de colocá-lo no ouvido. — Oh, Geórgui! O que fazer com Adrian?

Ela faz uma pausa e eu posso ouvir as maldições frenéticas de papai em russo do outro lado da linha. Lágrimas escorrem pelo rosto da mamãe. Ela sempre chora quando fala com o papai, embora sua expressão agora ainda seja a do cara mau.

— Ele... ele caiu e quebrou o braço... eu não sei o que fazer! Por favor, venha, por favor!

Mais maldições do meu pai. Mais russo.

— Oh meu bebê!! — Mamãe grita e desliga, fungando, então assim, sua expressão volta ao normal. — Agora, Adrian, você não se importaria de fazer um pequeno sacrifício pelos felizes para sempre de sua mãe, não é?

Antes que eu possa dizer qualquer coisa, ela fecha a mão em volta do meu braço e o torce na direção oposta, com força.

Um pop feio ecoa no ar e eu grito.

Capítulo Um

Lia

Vinte e quatro anos de idade

Nada de bom vem sem dor.

Desde que eu era uma garotinha, esse fato foi cimentado em minha cabeça com dedos manchados de sangue. Eu nasci da dor, cresci pela dor e, finalmente, abracei isso.

No entanto, não importa quanta dor eu tive que suportar, nunca consegui ficar insensível a isso. Nem mesmo quando me esforcei para treinar meu corpo para isso. A dor é real, sufocante e com a quantidade certa de pressão, é obrigada a quebrar todas as minhas barreiras. Minha resistência é mais forte, no entanto.

Vivas altas encham o salão muito depois de as cortinas caírem para o final de *O Quebra-Nozes*. Eu permaneço na ponta, as mãos prontas em minha saudação, mesmo depois de estarmos fora dos olhos do público.

Meus tornozelos gritam para acabar com sua miséria, como fizeram repetidamente nos últimos meses. Longos ensaios e turnês intermináveis embotaram meus sentidos, quase sangrando um no outro. Dou alguns segundos, recuperando o fôlego antes de pousar suavemente na sola dos

pés. Minhas sapatilhas de balé são inaudíveis em meio à confusão nos bastidores.

Outros dançarinos soltam respirações aliviadas enquanto dão tapinhas nas costas uns dos outros ou simplesmente ficam parados, estupefatos. Podemos pertencer ao New York City Ballet, uma das companhias de dança mais prestigiadas do mundo, mas isso não diminui a pressão. No mínimo, torna-se dez vezes pior.

Esperamos que sejamos o nosso melhor absoluto sempre que subirmos no palco. Quando a empresa selecionava seus dançarinos a dedo, a única regra era: nenhum erro é permitido. Os aplausos estrondosos ao final de nossa apresentação não são algo que esperamos, é algo que devemos realizar.

O diretor, Philippe, um homem alto e magro com cabeça calva e bigode grosso e branco, se aproxima, acompanhado por nossa diretora de coreografia, Stephanie.

Philippe sorri, seu bigode empinando com o movimento, e todos nós soltamos um suspiro coletivo. Ele não é o tipo que sorri depois de um show, a menos que tenhamos feito uma performance perfeita.

— Vocês foram maravilhosos. Bravo! — Ele fala com um acentuado sotaque francês e bate palmas. Seu corpo inteiro se junta ao movimento, seu cachecol colorido voando e seu blazer apertado esticando-se contra seu corpo. Todos os outros seguem seu exemplo, batendo palmas e parabenizando uns aos outros.

Todos, exceto eu, a dançarina principal, Ryan, e a segunda protagonista, Hannah.

Alguns dançarinos tentam começar uma conversa fiada com Philippe, mas ele descaradamente os ignora enquanto caminha até mim e leva minha mão à boca, roçando seus lábios e bigode contra meus dedos. — Minha mais bela primeira bailarina. Você foi uma obra de arte esta noite, Lia *chérie*.

— Obrigada, Philippe. — Eu puxo minha mão o mais rápido que posso e estremeço quando um tendão dói na minha perna esquerda. Preciso colocar um adesivo para dor nisso o mais rápido possível.

— Não me agradeça. Eu sou aquele que está honrado em ter uma musa como você.

Isso me faz sorrir. Philippe é definitivamente o melhor diretor com quem já trabalhei. Ele me entende melhor do que qualquer pessoa.

— Ryan. — Ele acena com a cabeça para o ator principal, rolando o R dramaticamente. — Você foi perfeito.

— Como esperado. — Ryan levanta uma sobrancelha arrogante. Ele tem aquela bela aparência americana com um rosto quadrado, olhos azuis profundos e uma covinha no queixo.

— Você também, Hannah, — Philippe diz com desdém para ela. — Você precisará trabalhar em sua ponta para Giselle.

Sua expressão se ilumina quando ela sorri para mim, em seguida, limpa a garganta. Hannah é loira, um pouco mais alta do que eu, e tem olhos de

gato que sempre acentuam com maquiagem espessa e sombreada. — Isso significa que faremos um teste para o papel principal?

Stephanie chega ao lado de Philippe. Ela tem pele negra profunda e cabelo naturalmente cacheado que ela prendeu em uma faixa rosa. Como uma ex-primeira bailarina do Balé de Nova York, ela tem uma reputação que a precede e é tão tenaz quanto Philippe, mas eles trabalham surpreendentemente bem como uma equipe. — Haverá uma audição, mas não para o papel principal.

— Mas por que... — Hannah se impede de estalar no último segundo.

Stephanie acena com a cabeça para mim. — Os produtores já escolheram Lia para ser Giselle.

O olhar de Hannah encontra o meu com nada menos que malícia. Eu dou a ela um legal em troca. Estar no balé desde os cinco anos me ensinou a superar seus ciúmes mesquinhos e brigas de gato. Estou aqui porque adoro dançar e interpretar personagens que não sou na vida real. Todo o resto é ruído branco.

É provavelmente por isso que não tenho amigos. Alguns beijam minha bunda para seu próprio benefício, depois me apunham pelas costas, e outros são maliciosos sobre tudo. Todos aqui são apenas colegas. E como a vovó costumava dizer, é solitário no topo.

Meus tendões começam a doer novamente e escondo meu estremecimento. Eu me esforço demais durante esses shows de maratona e preciso de cuidados posteriores.

Agora.

Eu inclino minha cabeça para Philippe e Stephanie. — Se você me der licença.

— *Quoi?* Você não vai se juntar a nós para a festa de celebração? — O diretor exclama. — Os produtores não vão gostar disso.

— Eu preciso de cuidados posteriores, Philippe.

— Então faça isso, e depois junte-se a nós, *chérie*.

— Temo que não posso. Estou exausta e preciso de um tempo de inatividade. Por favor, transmita minhas desculpas.

Philippe e Stephanie parecem descontentes, mas acenam com a cabeça. É inédito para uma primeira bailarina não comparecer a festas de comemoração, mas eles sabem o quanto eu odeio os holofotes fora da dança. Além disso, a maioria desses produtores são idiotas pervertidos e sexistas. Prefiro não os conhecer, a menos que seja absolutamente necessário. Os dançarinos lentamente entram no camarim, conversando entre si.

Hannah se inclina para sussurrar. — Talvez os produtores finalmente percebam o quão fodida vadia sem talento você realmente é.

Eu fico olhando para ela. Felizmente, ela não é alta o suficiente para olhar para mim. — Se você ensaiasse tão duro quanto fala, provavelmente teria a chance de assumir alguns papéis principais de mim.

Ela estala a língua e seu rosto se contorce, destacando a maquiagem ousada que lhe dá uma aparência de bruxa. — Com quantos produtores você fodeu, Lia? Porque todos nós sabemos que você não conseguiria tantos papéis principais se não fosse por se prostituir.

Suas palavras não doem. Não só elas são falsas, mas também ouvi tais acusações de toda a companhia de balé ao longo dos anos. No começo, eu queria provar que não sou uma prostituta e que cheguei tão longe me torturando, mas logo percebi que era inútil. As pessoas vão pensar o que quiserem.

Então agora eu me acostumei com eles, mas ao mesmo tempo, não vou permitir que Hannah ou qualquer outra pessoa passe por cima de mim. Endireitando meus ombros, eu digo com uma calma zombeteira. — Até então, você terá que continuar sendo a Srta. Número Dois.

Ela levanta a mão para me dar um tapa, mas Ryan agarra seu pulso e a puxa contra ele. — Agora, Hannah, não se preocupe com pessoas que não significam nada.

Ele abaixa a cabeça e a beija, de boca aberta, asperamente, mas seus olhos permanecem fixos em mim. A luxúria neles e em sua calça apertada é visível da minha posição.

Eu me viro e faço meu caminho para o meu camarim privado nos bastidores, mas não vou me incomodar em me trocar. Depois de colocarem algo que coça nas minhas roupas uma vez, eu me certifico de verificar tudo antes de tomar banho, mas não estou com humor esta noite, então vou fazer isso em casa.

Meus pés param quando estou dentro. Incontáveis buquês de admiradores e produtores enchem a sala, mal permitindo que eu me mova.

Eu procuro até encontrar um buquê de rosas brancas. Meus lábios se curvam no primeiro sorriso genuíno desta noite enquanto eu as abraço no meu peito e abaixo minha cabeça para inspirar profundamente. Eles cheiram a casa e felicidade.

Eles cheiram como mamãe, papai e memórias brilhantes. Me recuso a associá-las ao dia em que tudo acabou. Coloco as rosas de volta na mesa e pego o cartão, sorrindo ao ler.

Você é a flor mais bonita da terra, Duquesa. Você não apenas cresceu no pavimento áspero, mas também floresceu. Continue crescendo. Estou orgulhoso de minha pequena duquesa.

Amor,

L.

Luca.

Podemos não nos ver com frequência, mas minha amizade com ele sempre estará lá. Meu sorriso faz uma pausa quando levanto minha cabeça para me olhar no espelho. Estou com um tutu rosa suave com corpete de musselina e saia de tule. É apertado em volta dos meus seios e cintura, mas é largo na parte inferior.

Meu cabelo está puxado para cima e meu rosto está cheio de glitter e camadas de maquiagem. Não tenho tempo para retirá-lo, porque se eu não sair agora, um dos produtores vai me encurralar e me forçar a ir à sua festa

de exibição. Eles vão me desfilar de um de seus associados para o próximo, como se eu fosse gado à venda.

Eu tiro os grampos e solto meu cabelo, em seguida, tiro minhas sapatilhas de balé. Eu estremeço com as gotas de sangue estragando meu dedão do pé e o massageio. Não é nada com que se preocupar.

Dor significa que fiz o meu melhor. Depois de vestir minhas sapatilhas confortáveis, coloco meu longo casaco de cashmere e coloco um lenço em volta do pescoço e metade do rosto. Me certifico de que ninguém está fora do meu camarim antes de abraçar as flores de Luca no meu peito, pego minha bolsa e corro para o estacionamento.

Um longo suspiro sai do meu peito quando estou na estrada com as flores no banco do passageiro como meu único companheiro. Eu gostaria de poder ligar para Luca e falar com ele agora. Mas o fato de ele não ter vindo me encontrar nos bastidores significa que ele está se mantendo discreto. Desde que nos conhecemos, quando crianças, toda a sua vida tem sido sobre estar na sombra da ação e lidar com as pessoas erradas.

Eu não sou uma idiota. Eu sei que por mais que ele cuidou de mim, Luca não recebeu seu dinheiro legalmente, mas como ele diz, quanto menos eu souber, melhor. Ele não quer me colocar em perigo e nem eu. Então, nós meio que cuidamos um do outro de longe. Mas eu sinto falta dele.

Eu quero contar a ele tudo sobre o show de hoje e como a dor no meu tornozelo me manteve no limite. Eu quero contar a ele sobre o sangue porque ele entenderia o que significa estar com dor. Ele é a única pessoa

que posso chamar de família e amigo. E já se passaram meses desde a última vez que o vi. Eu esperava que ele abrisse uma exceção hoje e saísse das sombras, mas, aparentemente, não era o caso.

Chego ao estacionamento do meu prédio em menos de trinta minutos. Ele está localizado em um bairro suburbano tranquilo da cidade de Nova York e tem uma segurança excelente que me faz sentir segura em casa.

Meu tornozelo está latejando quando saio do carro. Eu me inclino contra a porta para recuperar o fôlego e uma cãibra tenta aparecer. Depois de respirar fundo algumas vezes, tranco as fechaduras e me lembro do meu buquê. Posso não pegar Luca em carne e osso, mas posso pelo menos sentir sua presença através das flores.

Estou prestes a pegá-las quando um som alto de pneus cantando enche a garagem. Eu me abaixo e permaneço no lugar quando outro guincho segue. Normalmente, eu não pararia para qualquer comoção, mas ouvir ruídos perturbadores tarde da noite em um prédio de apartamentos como o meu é raro. Na verdade, deveria ser quase impossível.

Eu fico olhando para as câmeras piscando em vermelho em cada canto e solto uma respiração trêmula. Eu estou segura.

Mas por alguma razão, eu não saio do meu esconderijo ao lado do meu carro. Parece vital neste momento, e se eu me levantar, sinto que algo desastroso vai acontecer. A dor no meu tornozelo lateja mais forte, como se estivesse sentindo meu estresse e participando dele.

Uma Mercedes preta para de forma estridente na minha visão direta, seus pneus deixando marcas pretas raivosas em seu rastro. Ninguém sai, no entanto.

Outro carro preto, desta vez uma van, freia atrás dele. Então eu vejo com horror como sua janela abaixa e balas voam na direção do Mercedes.

Eu pulo, colocando as duas mãos sobre os ouvidos para bloquear os tiros altos. Avançando para trás, me encontro agachada entre meu carro e a parede. Graças a Deus sempre deixo algum espaço. Os disparos continuam e continuam como um crescendo de um musical, cada vez mais rápido, mais rápido e mais forte e mais alto. Por um segundo, acho que nunca vai acabar. Que vai continuar por uma eternidade.

Mas isso para.

Meu coração bate na minha garganta, quase derramando minhas tripas no chão quando ouço alguns sussurros e depois xingamentos em uma língua estrangeira. Eu poderia estar presa em um pesadelo?

Eu cavo minhas unhas em meu pulso e aperto até a dor explodir na minha pele. Não. Não é um pesadelo. Isso é realidade. As vozes agora estão agudas, raivosas e não estão se contendo. Eu provavelmente não deveria olhar, mas como vou escapar desse horrível episódio do Black Mirror se não vejo o que está acontecendo?

Me certificando de que meu corpo ainda está escondido atrás do carro, pego o capô e olho ao redor. O Mercedes que foi baleado tem vários buracos de bala no para-brisa, mas o vidro não quebrou.

Todas as portas estão abertas e, enquanto eu estava totalmente preparada para encontrar pessoas mortas, o carro está vazio. Em vez disso, três homens vestidos com roupas escuras estão do lado de fora, todos segurando armas. Dois deles estão de terno. Um é volumoso e loiro com uma cara carrancuda; o outro é magro e tem longos cabelos castanhos presos na nuca. Eles estão forçando um homem gordinho a se ajoelhar na frente de seu terceiro companheiro.

Ele está vestindo uma camisa preta simples e calças. Suas mangas estão enroladas acima dos pulsos, expondo uma sugestão de tatuagens. Uma de suas mãos repousa ao lado do corpo e a outra aponta uma arma para a cabeça do homem gordinho. Eu só tenho a visão de seu perfil lateral, mas é o suficiente para me dizer que ele é o responsável.

O chefe.

Desta distância, eu não posso dizer como ele se parece, exceto que ele tem cabelo escuro e barba por fazer. Ele também é alto. Tão alto que sinto sua altura superior, mesmo estando escondida.

Eu vislumbrei a van que parou atrás deles e gostaria de não ter feito isso. Dois homens estão esparramados um sobre o outro no chão, imóveis, sangue cobrindo suas feições irreconhecíveis.

A bile sobe para minha garganta e eu inalo profundamente para me impedir de vomitar e entregar minha existência. Estou distraída da vista e illogicamente atraída de volta para a cena na minha frente quando aquela língua estrangeira começa novamente. Os dois homens estão conversando

com o chefe em uma língua que não reconheço. Acho que é do Leste Europeu.

— Quem te mandou? — Chefão pergunta com um sotaque russo, e eu engulo em seco com o poder calmo por trás de suas palavras. Ele não grita, não chuta ou soca, mas parece a pior ameaça de todas.

— Foda-se, Volkov, — Homem Gordinho rosna com uma voz com sotaque italiano.

— Essa não é a resposta certa. Você vai me dar um ou devo ir atrás de sua família quando terminar com você?

O suor escorre nas têmporas do homem gordinho e ele pragueja em italiano, que eu reconheço. É a única outra língua que falo além do inglês.

— O que é isso para você? — O Homem Rechonchudo está se contorcendo muito.

— Essa não é a resposta. Suponho que você prefira que eu vá atrás de sua família.

— Não. Espere!

— Oportunidade final.

— O chefe queria ficar de olho... — O Homem Rechonchudo não termina a frase antes de o chefe puxar o gatilho.

O tiro ressoa no ar com uma finalidade assustadora. Eu coloco as duas mãos na boca para me impedir de gritar. Meu estômago se revira, prestes a vomitar a maçã que comi no jantar.

Os olhos vazios do homem rolam para a parte de trás de sua cabeça sem vida enquanto ele cai no chão. Chefão deixa a mão que está segurando a arma cair inerte ao seu lado. Seus olhos brandos estão focados no cadáver como se fosse poeira em seu sapato de couro. Sua expressão permanece a mesma, um pouco focada, um pouco entediada e absolutamente monstruosa.

Ele acabou de executar um homem a sangue frio e não tem reação a isso. Isso é ainda mais assustador do que o ato em si. Bem quando estou prestes a vomitar meu jantar, sua cabeça se inclina para o lado. Na minha direção.

Capítulo Dois

Lia

Estou congelada. Meus membros se transformaram em pedra e meu corpo não segue o comando do meu cérebro para se mover. Fugir.

Sobreviver.

Tentáculos de medo envolvem minhas costelas, me mantendo presa no lugar. E essa não é a parte mais estranha. Dizer que não tenho medo da arma em sua mão seria mentira. Não estive tão perto de uma arma desde que me mudei para Nova York e adotei um estilo de vida completamente diferente. No entanto, não é isso que rouba minha respiração e queima meus pulmões.

Não é isso que cava adagas enferrujadas em meu peito e proíbe meu corpo de agir de acordo com os comandos do meu cérebro. É o gelo profundo em seus olhos cinzentos. Eles são tão severos e implacáveis quanto o inverno, tão frios também, com o único propósito de erradicar qualquer vida em seu caminho. Ele me encara com apreensão silenciosa. Ele não está olhando feio ou carrancudo, mas a ameaça está bem ali.

Em seu silêncio.

No fato de que ele sabia olhar diretamente na minha direção como se soubesse que eu estava lá o tempo todo. O medo paralisante solta meus membros e uma injeção de instinto de sobrevivência irrompe em minhas costelas. É como se eu estivesse de volta naquela caixa preta, trancada, deixada sozinha, e a única maneira de permanecer viva é cavando para sair.

Sempre usei essa memória de infância como minha época mais sombria, o único momento com o qual comparo tudo. Os golpes, as conversas pelas costas, o assédio. Tudo isso. Mas eu sinto que essa situação vai envergonhar esse momento. Eu sobrevivi na outra vez, mas minhas chances de sair dessa com vida são quase nulas.

Ainda assim, fico com as pernas trêmulas e corro para trás dos carros, na esperança de chegar ao elevador e...

Eu não dou nem dois passos antes que um aperto forte envolva meu braço e eu seja puxada para trás com uma mão na minha boca.

Eu não paro para ver quem é.

Uma onda de vida borbulha em minhas veias e eu me contorço, batendo e mordendo a mão. Meus movimentos são frenéticos e nada calculados. Duvido que esteja causando algum dano, mas não paro para pensar nisso. Eu não paro para deixá-los me machucar.

Na minha tentativa de me libertar, o loiro corpulento me arrasta até o local onde ocorreu o assassinato. Minhas entranhas balançam ao ver o homem morto com um buraco na testa, esparramado no chão. Minhas lutas

aumentam de volume e eu chuto e arranho, murmurando meus gritos por ajuda que simplesmente saem como o som de um filme de terror feio.

O metal frio encontra minha testa e todo o meu corpo fica frouxo. Estou na frente de seu chefe com o olhar impenetrável de seus olhos cinzas congelantes me encarando. Meu coração bate forte e meus lábios tremem sob a mão que está silenciando minha voz. Tão perto, ele é ainda mais impressionante, mas de uma forma tranquila, como as raras pessoas atraentes que não querem se destacar na multidão.

Ele vai me matar agora como fez com aquele homem? Se eu tiver alguma dúvida, o completo desprezo em seu olhar vazio a apaga. Este homem é capaz de matar inúmeras pessoas sem pensar duas vezes. Ele é capaz de acabar com vidas e ir embora como se nada tivesse acontecido.

— Kolya vai tirar a mão dele e você vai ficar quieta, — ele diz tão casualmente como se estivesse me convidando para um chá. — Se não o fizer, terei que calá-la usando outros métodos.

Meu rosto deve estar tão pálido quanto as luzes de néon brancas acima. Só fico pensando no metal que agora está conectado à minha testa e que em breve terei o mesmo destino do italiano.

— Acene se você entendeu, — ele continua em seu tom imperturbável.

Que escolha eu tenho a não ser concordar? Certamente não quero descobrir quais são seus ‘outros métodos.’

Eu aceno, mas ele olha para mim por um segundo a mais, roubando todo o ar dos meus pulmões. Acho que ele não me viu acenar com a cabeça

ou algo assim, mas então ele inclina a cabeça para o homem de pé atrás de mim. Kolya, ele disse que era seu nome.

O homem me solta, sem mais nem menos, e me deixa na frente do chefe. Eu massageio o local onde ele me agarrou, sentindo um hematoma já se formando. Tento ao máximo não olhar para os lados, porque se eu tiver um vislumbre dos cadáveres, vou começar a vomitar.

O chefe me estuda por um longo segundo, seu olhar deslizando do meu rosto para o meu braço. Eu largo minha mão, forçando-a a ficar parada ao meu lado.

— Lute ou grite e você não gostará das consequências. — Ele enfia a arma mais fundo na minha testa, voltando ao assunto.

— C-Certo. — Pareço um gatinho assustado.

E eu sou. Esses homens acabaram de matar pessoas. Por que meu destino seria diferente?

Ele arrasta sua arma para baixo da minha bochecha. Eu engulo, e não é apenas por causa da arma mortal. A maneira como ele observa enquanto o metal desliza para baixo parece não ser nada menos que antecipação.

A observação está queimando, invasiva até, como se ele estivesse me avaliando e contemplando se deveria desperdiçar uma bala comigo. Se eu quiser sair disso com vida, preciso ser inteligente. Preciso barganhar para sair dessa situação da melhor maneira possível.

— Vou fingir que não vi nada. — Minha voz treme, embora eu tente soar o mais confiante e neutro possível.

— Você vai agora? — Seu tom não é zombeteiro, mas sugere que ele não acredita em uma palavra do que eu digo. — Tem certeza de que não ligará para o 911 assim que virar a esquina?

Meus lábios se abrem. Eu deveria ter percebido que ele descobriria isso. Quer dizer, sim, claro que estou chamando a polícia. Quem em sã consciência iria testemunhar um assassinato, um triplo aliás e permaneceria quieto sobre isso?

Com a lembrança dos homens mortos, meu estômago embrulha, ondulando com a tensão, e eu mordo o gosto da náusea.

— Sim, — eu sussurro.

— Como é que eu não acredito em você? — O ritmo lento de sua voz implica que ele não só pensa que estou mentindo, mas também acha ridícula a ideia de que pensei que poderia enganá-lo.

Você sabe o que? Que se dane a justiça agora. Eu só preciso me salvar. A justiça não será capaz de fazer isso por mim.

— Eu realmente não vou, — eu digo como se quisesse desta vez, porque eu realmente não tenho planos de tramar contra ele, considerando que a possibilidade de levar um tiro paira entre nós como uma guilhotina.

— Qual o seu nome? — Ele pergunta do nada, me pegando completamente de surpresa.

Penso em um nome falso para dar a ele, porque quanto menos ele souber de mim, melhor. Mas antes que eu possa abrir minha boca, ele levanta meu queixo com a arma. — E não minta para mim. Eu tenho

minhas maneiras de encontrar a verdade, e se eu pegar você mentindo, será seu primeiro e último erro.

— Lia, — eu deixo escapar, o medo levando o melhor de mim. — Meu nome é Lia.

— Lia... — ele rola meu nome de sua língua com seu sotaque, como se isso lhe desse um significado. — Então você vai fingir que não viu nada esta noite, Lia?

Eu aceno mais vezes do que o necessário, meu queixo acertando a arma a cada movimento e a náusea recua na minha barriga.

— Como vou ter certeza disso?

— Você... você pode confiar em mim.

Seus lábios se contraem e eu me pego prendendo a respiração, esperando o sorriso se libertar, mas isso nunca acontece. Parece preso em algum lugar fora de alcance, assim como o resto de suas emoções. — Confiar em você? Certamente até você percebe o quão absurdo isso soa.

— Existem câmeras de vigilância, — eu deixo escapar novamente. Quero dizer a ele que a polícia descobrirá sobre os assassinatos e sobre o meu se ele decidir continuar com isso.

— Não se preocupe com isso. Eles não são de carne e osso e, portanto, podem ser tratados com rapidez. O tópico atual da discussão é você.

Um humano. Carne e osso ele pode machucar. Sua ameaça subjacente sobe no ar e rapidamente perfura meus nervos confusos.

Eu espremo meu cérebro antes de finalmente sussurrar. — Eu... eu tenho dinheiro. Não é muito, mas...

— Eu pareço alguém que precisa do seu dinheiro?

Eu fico olhando para ele então, realmente olho para ele. Por sua calça bem passada e camisa elegante. Em seus sapatos de couro e no relógio caro preso ao pulso. Ele definitivamente não parece alguém que precisa de dinheiro. No entanto, ele especificou. Ele disse que não precisa do meu dinheiro, como se isso tivesse uma categoria própria. Ele desliza a ponta de sua arma para minha boca e eu estremeço, lembrando exatamente onde aquele cano estava apenas alguns segundos antes.

— Você vai manter esses lábios fechados. Você vai esquecer todos os nossos rostos.

Eu aceno humildemente. Meu único foco é escapar de sua órbita giratória que é mais congelante do que o inverno lá fora.

— Se você deixar escapar pelo menos uma palavra, eu saberei, e acredite em mim, você não vai gostar do que acontecer, Lia. Na verdade, você não vai gostar nem um pouco.

Uma explosão de medo junta minhas omoplatas e eu fico olhando para ele, estupefata. Como ele vai saber? Como isso vai ser possível?

— Está claro? — Ele fala devagar, sem pressa, cimentando suas palavras.

Eu concordo. Ele puxa sua arma e eu solto um longo suspiro.

- Use suas palavras, Lia.
- Sim. – Minha voz é quase um sussurro.
- Diga, ‘sim, eu entendo.’
- Sim, eu entendo.

Ele estende a outra mão para mim e eu congelo enquanto seus dedos substituem sua arma, deslizando suavemente sobre meus lábios. Chamas explodem em minha pele, embora seu toque seja como cruzar com a morte. Literalmente e figurativamente.

- Esses lábios vão ficar fechados.

Minha garganta fica obstruída e não consigo fazer um som ou até mesmo acenar com a cabeça. Ele me libera tão rápido quanto me agarra e uma onda fria cobre o fogo anterior, apagando-o em uma varredura violenta.

O chefe inclina a cabeça em direção ao elevador. – Vai.

Por um segundo, eu não acredito no que ele disse, que ele está simplesmente me deixando ir. Dou um passo hesitante para trás, esperando que ele se lance sobre mim. Ele não faz nenhum movimento para seguir. Eu recuo mais dois passos, sem quebrar o contato visual. Quando ele não se move, corro para o elevador e aperto o botão de chamada.

Meu olhar frenético ainda está nele. O estranho. A porra do estranho assustador.

Ele permanece como eu o deixei, sua arma imóvel ao seu lado e sua atenção em mim como se ele estivesse pensando se deveria ou não atirar em meu rosto de qualquer maneira.

O elevador finalmente abre e eu corro para dentro, prendendo a respiração e tremendo incontrolavelmente quando bato no número e código do meu andar. Erro da primeira vez por causa de meus dedos trêmulos e pensamentos dispersos. Tenho que tentar novamente antes que minha senha seja aceita.

Quando a porta finalmente fecha, eu deslizo para o chão e esvazio meu estômago no meio do elevador.

Ele não me matou. Ele não colocou uma bala na minha cabeça. Então, por que sinto que acabei de assinar meu atestado de óbito?

Capítulo Tres

Lia

Já se passou uma semana desde o dia em que testemunhei três pessoas sendo mortas e, de alguma forma, acabei intacta. Uma maldita semana inteira roendo minhas unhas, olhando minhas janelas e tendo uma obsessão doentia com o espelho retrovisor sempre que estou dirigindo. Eu deveria parar um pouco antes de voltar a ensaiar o próximo balé, mas estive em uma montanha-russa pior do que se tivéssemos shows consecutivos.

Superficialmente, pode parecer uma paranoia tola. Depois que ele me soltou, pode parecer que estou apenas obcecada por isso por causa da onda de adrenalina que experimentei naquela noite.

Não é paranoia.

Longe disso.

Eu não sou uma idiota. Estou bem ciente de que a noite não foi o fim de tudo. Na verdade, é o começo de algo feio sobre o qual não tenho controle. Eu debati comigo mesma sobre contar à polícia, mas rapidamente afastei essa ideia. Eu acreditei nele quando ele disse que saberia se eu falasse. Eu acreditei nele quando ele disse que as consequências seriam terríveis.

Afinal, eu o vi assassinar um homem a sangue frio e nem piscar por isso. Esse tipo de pessoa é capaz de fazer pior.

Para cimentar minhas teorias, no dia seguinte, corri para a recepção depois de passar uma noite sem dormir me revirando na cama. Perguntei ao recepcionista se algo havia acontecido no estacionamento, mas ele apenas me encarou como se eu fosse uma velha maluca. Implorei a ele que fosse até lá comigo e, quando chegamos, não havia nada. Nada.

Não esperava que o carro ou os corpos ficassem lá, mas pelo menos pensei que haveria algum sangue, algumas balas, alguma evidência do que testemunhei. No entanto, o lugar estava limpo. A única coisa que restou foi uma sugestão das marcas pretas do pneu, e mesmo essas não estavam totalmente visíveis.

Considerei que minha mente poderia estar jogando um jogo doentio comigo. Isso é o que acontece quando tudo fica demais. Meus demônios saem para brincar e meu subconsciente entra em guerra com meu consciente, me torturando com minha própria cabeça.

Mas isso não poderia ser possível nesta situação. Eu testei meus receptores de dor naquela época. Eu sei que não foi uma alucinação. A questão é que alguém que consegue esconder assassinatos triplos durante a noite certamente pode descobrir se eu falei com a polícia. E eu não estava pronta para me sacrificar pela justiça.

Liguei para Luca, no entanto. Já que suspeito que o estranho e seus homens dirigem algum tipo de organização criminosa, pensei que ele

saberia de algo e me diria como me proteger. Mas até Luca está desaparecido.

Embora não seja estranho para ele desaparecer da face da terra por meses a fio, o fato de ele não estar respondendo minhas ligações ou e-mails só aumentou meus níveis de paranoia e ansiedade.

Posso contar em uma mão quantas horas consegui dormir na semana passada, mesmo com a ajuda de comprimidos. Meus pesadelos estão aumentando e ficando fora de controle, e eu tive paralisia do sono e o medo disso me deixou em lágrimas o dia todo. Se isso continuar, vou recuar mais cedo do que esperava.

Respirando fundo, ando nos bastidores. Embora todo o resto esteja fora de controle, há uma coisa que não está. Balé.

Estou usando um collant rosa suave com fecho de pressão e uma saia preta curta, bem como minhas sapatilhas de ponta de marfim amaciadas. Eu geralmente as uso em casa por semanas a fio antes de ensaiar com elas ou usá-las em um show oficial. Elas se tornam mais flexíveis com o tempo e me ajudam a subir na ponta, especialmente quando tenho um ensaio rigoroso, como hoje.

Todos os dançarinos estão no palco enquanto Philippe e Stephanie falam sobre a coreografia. Outros dançarinos odeiam a natureza perfeccionista de Philippe, mas eu adoro isso. Ele respeita muito a arte para deixá-los relaxar. Além disso, Giselle fez recentemente o The Royal Ballet ganhar reconhecimento internacional, e nada vai parar para superá-lo.

Que faz de nós, dois. Interpretar Giselle tem sido meu sonho desde que o assisti pela primeira vez, quando era menina. Eu encontrei magia e desgosto em sua história. Esperança e desespero. Amor e morte. Achei que era a coisa mais linda que uma bailarina poderia dançar. Tive a chance de dançar *Giselle* na minha adolescência, mas apenas como parte do corpo de balé. Não pude experimentar aquele desespero e viver na cabeça de uma mulher tão traída que escapou mentalmente.

Essa história atingiu tão perto de mim que eu preciso vivenciá-la, senti-la na própria medula dos meus ossos. Eu era a primeira bailarina em *Romeu e Julieta*, *Lago dos Cisnes* e, recentemente, *O Quebra-Nozes*. Mas *Giselle*? *Giselle* será o auge da minha carreira. Algo que contarei aos meus netos algum dia.

— Não é preciso dizer, — Philippe fixa todos nós com um de seus olhares personalizados, seu modo de celebração há muito terminado. — Eu preciso de disciplina completa e absoluta. Sem ganhar peso. Sem rostos de ressaca. Sem respirar do jeito errado. Relaxe e você está fora do meu desempenho. Quero ver posturas de *des jolis*² o tempo todo ou trarei dançarinos que me mostrarão. *Faite vite, allez-y*³!

Todos se espalham para se aquecer, seus rostos profissionais em exibição. Ryan está ao meu lado enquanto estica suas longas pernas. — Outro caso de amor entre você e eu. Você não acha que é o destino?

2 Des jolis - Bonitas

3 Faite vite, allez-y - Vá em frente, ande.

Eu mantenho minha atenção à frente enquanto lentamente faço um *plié*. Meus tornozelos não latejam tanto quanto naquela noite, mas ainda sinto aquela cãibra espreitando no meu tendão, esperando para rasgá-lo.

— Pensei que seu destino fosse Hannah, Ryan.

— Ouço ciúme, minha querida Lia?

Desta vez, eu fico olhando para ele. — Essa é a diferença entre você e eu, Ryan. Você ouve ciúme. Eu ouço, me deixe em paz.

Eu não espero que ele responda e vou até Stephanie para que eu possa perguntar a ela sobre uma parte da coreografia. Sua postura é refinada e elegante, ainda tendo a graça de uma rainha, apesar de ter cinquenta e poucos anos.

Ela manda um dos funcionários embora quando me aproximo e cruza os braços frágeis sobre o peito. — Diga.

— Você tem a coreografia finalizada para a última parte do primeiro ato?

— Porque perguntas? — Sua voz é grave devido à quantidade de cigarros que fuma diariamente.

— Eu estava assistindo as apresentações de...

Ela me corta com um dedo. — Eu não disse para não assistir a outras apresentações? Você é uma imitadora, Lia?

— Não. Eu os assisto para que eu possa me inspirar antes de colocar meu próprio toque nisso.

— Por que? Você está presa em algum lugar?

— Um pouco.

— Qual parte?

— No final do primeiro ato, pouco antes da morte de Giselle, como faço para transmitir as emoções sem ser melodramática?

— Em primeiro lugar, você precisa parar de se dirigir a Giselle na terceira pessoa. Ela é você agora. Se você não viver dentro dela, ela não viverá dentro de você. — Ela coloca a mão no meu peito. — Se você não permitir que ela consuma seu coração e alma, você só entrará para a história como outra bailarina que retratou Giselle bem o suficiente.

As palavras de Stephanie atingiram com mais força do que eu esperava. Estou vagamente ciente do que me rodeia quando a porta do teatro se abre e os produtores valsam para dentro, acompanhados por seus associados. Eles costumam nos ver ensaiando, embora Philippe não goste disso com paixão.

— Apenas saiba disso. — Stephanie pega minha mão na dela. — Para ser Giselle, você tem que ser uma bailarina inteira e uma pessoa inteira. Ninguém nega que você é uma bailarina inteira com a técnica perfeita e a elegância que se fala em todos os circuitos de balé, mas você é uma pessoa completa, Lia?

Ela me solta e chama o ajudante, sem perceber a algema que ela acabou de prender em meu tornozelo. Minhas inseguranças vêm à superfície, tentando me sufocar e me puxar para baixo.

Virando, coloco todas essas emoções no fundo do meu ser. Luca uma vez disse que eu tenho que enfrentar meu passado para viver, mas eu recusei, teimosamente enterrando aquele buraco negro e sua caixa escura e seguindo minha vida. Tenho estado muito bem e continuarei a fazer isso, não importa o que ele ou Stephanie digam sobre isso.

Após o aquecimento, passamos pela cena de abertura. Eu não paro de me mover ou faço qualquer pausa. Eu sinto que se eu fizer isso, meu tornozelo vai doer. Eu preciso ver o Dr. Kim sobre isso. Ele está cuidando das minhas pernas desde que eu tive dinheiro suficiente para contratá-lo como meu médico assistente. Ele é o melhor ortopedista que existe e, como alguém cuja filha quer se tornar uma bailarina, ele entende o quanto nos preocupamos com a menor dor em nossos tornozelos. Mas tenho certeza que ele vai me enxotar com um pouco de pomada muscular, como de costume.

Quando chega a hora da minha entrada, me coloco no lugar de Giselle. Eu sou a donzela tímida que adora dançar sem se importar com o mundo. Eu pulo e giro, deixando a música sinfônica fluir em minhas veias. Uma vez que é uma cena um tanto solo, sou puxada de meu entorno e vivo em minha cabeça, uma pobre empregada que não tem nada em sua mente a não ser dançar. Não sabendo que em sua inocência, ela está atraindo um lobo em pele de cordeiro.

É quando eu sinto isso. Estou prestes a pular quando uma presença afiada me arranca dos confins da minha frágil Giselle. Pela primeira vez

durante um ensaio, eu fico olhando para o público. Os produtores estão lá, conversando animadamente entre si.

Porém, não é um produtor. Longe disso.

Seus olhos cinza escuro fixam nos meus e eu perco o equilíbrio. Mas eu me seguro no último segundo, aterrissando em meus pés em vez de na ponta conforme a coreografia.

Ele está aqui.

O estranho voltou.

Capítulo Quatro

Lia

Eu paro de respirar.

Pisco uma, duas vezes, tentando desesperadamente atribuir isso a outro jogo da minha imaginação, uma manifestação dos meus demônios e alucinações. Talvez eu tenha esgotado minha mente tanto que começou a fabricar coisas. Levando a mão trêmula ao meu pulso, afundo minhas unhas nele. A dor explode na minha pele sensível e nas partes da minha boca.

Isso é real.

Eu não estou sonhando ou alucinando. Eu não estou acordando deste pesadelo suando frio. Este é o mundo real. Algumas fileiras à frente, o estranho que apontou uma arma para minha cabeça há uma semana está sentado com os produtores. Ele está vestindo um casaco de caxemira cinza sobre a camisa preta e seu cabelo está penteado, arrumado, parecendo um CEO que acabou de sair de uma reunião. Seu comportamento é composto, normal até.

Mas não há nada normal sobre ele.

Mesmo à distância, posso sentir o perigo emanando dele em ondas e apontando adagas direto para o meu peito. Sua expressão é neutra, mas não seria mais assustador se ele estivesse carrancudo. Porque eu sei o que essa fachada esconde, o que realmente se esconde sob a superfície.

Um matador. Um letal, de coração frio, que não hesitaria em puxar o gatilho. Ele mudou de ideia e veio me matar afinal? Esta é minha última dança antes de conhecer o destino dos homens daquela noite? Minhas pernas tremem e estou a um segundo de desabar no meu rosto ou vomitar a salada que comi no almoço.

— Lia! — A voz impaciente de Philippe ecoa pelo ar, me puxando de volta ao presente. Em meu estupor, esqueci que parei no meio do movimento.

Que diabos? Essa é a primeira vez e não passa despercebida. Os outros dançarinos me olham carrancudos como se eu os tivesse machucado pessoalmente. Philippe e Stephanie me observam, perplexos, porque sabem que não sou o tipo de pessoa que perde o foco ou me distrai.

Não quando se trata de balé.

— Eu sinto muito. — Eu solto um longo suspiro. — Vamos de novo, por favor.

Não confio em mim mesma para não desmoronar aqui e agora se continuar olhando para ele ou imaginando sua arma apontada para minha cabeça. Portanto, me refugio no que me dá alegria: dançar. Meus movimentos não são tão fluidos quanto eu gostaria, mas é impossível me

forçar a entrar nesse espaço. Não quando o pavor e o medo como eu nunca senti antes continuam a atirar em mim de todas as direções.

Quando fiquei presa naquela caixa preta, acreditei que sabia como era o medo. Estava escuro e apertado e me fez molhar. Mas isso estava longe de ser o que estou experimentando agora. O medo evoluiu para um estranho alto, de cabelos escuros, olhos cinzentos assustadores e uma arma letal. Tento ao máximo ignorar os espectadores, como sempre fiz, mas é quase impossível quando sei que ele está lá, observando, contemplando, ganhando tempo até que decida me atacar.

Eu nunca presto atenção ao público, porque eles interferem no meu desempenho e na minha interpretação das emoções do personagem. A única vez que eu olho para eles é quando eu termino e tudo está terminado. Agora é diferente.

Agora, posso sentir seus intensos olhos frios me penetrando e espiando dentro da minha cabeça. De certa forma, parece que todo mundo desapareceu e ele é a única presença que posso sentir. A única pessoa que está me observando. Assim como Albrecht estava assistindo Giselle naquele dia e ficou apaixonado por ela.

Esse pensamento envia um arrepio aos meus ossos, mas meus pés não vacilam. Eu não perco o equilíbrio novamente. Na verdade, me torno um com a música e, como Stephanie disse, deixo Giselle assumir o controle de mim. Eu a deixei ser uma idiota ingênua que está dançando na floresta. A única diferença é que estou bem ciente de quem está me observando, mais

do que ciente. Eu sei que seus olhos estão observando cada movimento meu.

Em vez de me dissuadir, o pensamento permite que eu me solte completamente. Estou em queda livre como uma pena, sem ossos e suspensão da realidade física do meu corpo. Eu fico na ponta mais do que o especificado na coreografia e dou minha performance do ano. Eu nem sei o que aconteceu comigo. É o fato de que esta poderia ser minha última dança? Ou quero mostrar a ele minha paixão pelo que faço, esperando que ele tenha misericórdia e me deixe ir?

De qualquer forma, eu não paro ou recuo. Eu dou tudo de mim, levando meus músculos ao limite. Quando termino, fico na quarta posição, recuperando o fôlego. Uma salva de palmas vem de Philippe e eu sou imediatamente puxada para o presente. O feitiço se quebra, o mundo e as pessoas voltando com uma sinfonia de sons e conversas. Por alguma razão estranha, sinto falta do estado em que era apenas eu. Eu me viro para encontrar o diretor pronto para um abraço.

— Bravo, *chérie*! Esta é a minha Lia. — Ele aponta para o antebraço. — Você me dá arrepios.

— Obrigada, — murmuro.

Stephanie esfrega meu braço. — Você se tornou um com ela, não é?

— Eu penso que sim. — Fico falando em voz baixa, não querendo que alguém da plateia ouça.

Dou uma olhada ao redor do teatro e encontro o assento do estranho ao lado do nosso produtor, Matt, vazio. Eu procuro por ele no caso de ele ter mudado de lugar, mas ele não está em lugar nenhum. Um longo suspiro sai de meus pulmões. Talvez ele não tenha vindo atrás de mim, afinal. Ou talvez meu plano tenha funcionado e ele viu o quanto eu amo balé? Embora eu duvide disso. Ele é o tipo que destrói coisas em vez de preservá-las. Por que minha paixão seria diferente?

Depois que terminamos o ensaio, vou para o meu camarim para tomar um banho quente antes de sair. Eu poderia tomar uma xícara de chá e ver um pouco de televisão estúpida agora.

Meus membros ainda estão tremendo com o reaparecimento repentino do estranho e estou tonta, como se estivesse caminhando sobre as nuvens. Minha mente está em outro lugar quando abro a porta do camarim e a fecho atrás de mim. É quando eu sinto que algo está errado.

Cautelosamente, me viro e suspiro, as mãos voando para minha boca, quando o encontro de pé ao lado da minha penteadeira, correndo os dedos sobre as joias e produtos de maquiagem espalhados pelo espelho.

Se eu achei que ele era intimidante quando estava sentado a várias fileiras de distância na plateia, ele é terrivelmente assustador de perto. Quase posso sentir o cano de sua arma fria aninhado contra minha testa, pronto para atirar e me rasgar em pedaços. Sem pensar duas vezes, me viro para fugir, minhas mãos suadas agarrando a maçaneta.

— Eu não recomendaria, — diz ele casualmente. — Isso vai me fazer usar de violência, e prefiro não machucar essa pele clara, Lia.

O som do meu nome saindo de sua língua envia novos tentáculos de medo através de mim. É como se ele estivesse fazendo de sua missão aumentar a intensidade de tais emoções em mim.

Meu queixo treme quando eu solto a maçaneta e giro lentamente, minhas sapatilhas deslizando contra o chão. Eu sei que deveria correr, mas ao mesmo tempo, estou bem ciente de que suas ameaças não são inúteis. Ele matou alguém, ou três, o que é mais uma adição à sua lista?

Ele ainda está na frente da minha penteadeira, mas parou de mexer nas minhas coisas e está quieto agora, uma mão no bolso da calça preta e a outra ao lado do corpo. Quase esqueci o quão alto e largo ele é, como seu físico pode consumir toda a atmosfera e qualquer oxigênio que vem com ele.

A coisa mais assustadora sobre ele não é sua arma, tenho certeza que está escondida em algum lugar. É a calma absoluta gravada em seus traços bonitos quando ele está prestes a usar aquela arma. É sua postura completa agora, enquanto estou tremendo como uma folha em um furacão. Ele é aquele furacão, destruindo a vida das pessoas sem ser nem um pouco afetado.

— Como você chegou aqui? — Agradeço que minha voz não trai minhas emoções dispersas.

— Não acho que seja essa a pergunta que você quer fazer, Lia. Você não deveria estar mais preocupado com o porquê de eu estar aqui?

— Você vai me matar? — Eu sussurro, engasgando com as palavras.

— Por que? Você andou conversando?

— Não. Juro.

— Estou ciente de que você não fez isso, ou não estaríamos aqui.

Ele sabe que eu mantive minha boca fechada, mas ele ainda está usando o fator de intimidação para me encurralar. Estou muito grata por não ter decidido bancar a detetive. Embora a morte desses homens não deva passar despercebida e eu não tenha deixado de ter pesadelos com eles, também não quero morrer. Ainda tenho tantas coisas para fazer e me recuso a ser um peão dispensável no jogo de xadrez de outra pessoa.

No entanto, o fato de que ele está aqui sabendo que eu não falei significa que ele não terminou comigo. Nem mesmo perto. E essa constatação, embora eu tenha contemplado isso todo esse tempo, faz minha espinha se transformar em uma linha dolorosa.

— Você vai me machucar? — Minha voz está baixa, divulgando meu batimento cardíaco irregular.

— Depende.

— De que?

— Em sua habilidade de seguir ordens.

— Q-Que ordens?

— Jante comigo, Lia.

— O que? — Eu quero estourar, mas sai como um murmúrio perplexo. Este assassino, estranho, aquele que ameaçou e continua a ameaçar minha vida, acabou de me convidar para jantar com ele?

Seu rosto continua o mesmo, preso naquela calma eterna que só os monges deveriam ter. — Jantar, algo onde as pessoas comem e conversam.

— Eu sei o que é jantar. Eu só... eu só não sei por que diabos você está me pedindo isso.

— Já respondi a essa pergunta. Para conversar.

— Sobre o que?

— Você saberá assim que jantarmos.

— Não podemos conversar aqui?

— Não.

É uma única palavra, mas é tão fechada que sei que ele parou de responder às minhas perguntas.

Ainda assim, tenho que perguntar. — E se eu não quiser?

— Como eu disse, sua segurança depende de sua capacidade de seguir ordens, Lia.

Eu engulo na ameaça sutil em seu tom. Sua mensagem é clara. Se eu não jantar com ele, ele agirá de acordo com a ameaça. Pior, ele pode até terminar o que começou há uma semana.

— Teria sido mais fácil levá-la a um canteiro de obras inacabado ou emboscá-la em seu prédio, mas estou oferecendo um jantar em um restaurante com pessoas ao redor. Você é inteligente o suficiente para perceber a diferença, não é?

A diferença entre me machucar e não. Minha habilidade de permanecer viva e o completo oposto. Enquanto tudo em mim se revolta contra a ideia de ir a qualquer lugar com ele, meu instinto de sobrevivência corre para frente. O jantar é definitivamente muito melhor do que ser morta em uma garagem e ter todos os vestígios desaparecidos pela manhã.

Além disso, ele despertou algo dentro de mim mais cedo, meramente sentado na plateia. Achei que fosse coincidência, mas agora que ele está parado na minha frente, minhas pernas formigam com a necessidade de me mover, de fazer algo, qualquer coisa. Se eu tiver que fazer isso, também posso descobrir por que alguém como ele, um criminoso perigoso, foi capaz de arrancar essa reação de mim.

— Eu preciso me trocar, — eu digo, evitando seu olhar com tato, não apenas por causa de sua intensidade, mas também porque ele parece me espreitar sempre que fazemos contato visual.

— Então troque.

— Você precisa sair para eu fazer isso.

— E permitir que você peça ajuda ou escape? Acho que não.

— Não vou pedir ajuda. Se fosse uma opção, eu já teria feito.

— Você já teria feito isso, — ele repete, passando as palavras pela língua com aquele sotaque pecaminoso.

— Sim, e eu também não vou escapar. Existe apenas uma porta.

— Há uma janela no banheiro pela qual você pode escalar.

Deus. Ele já passou por todo esse lugar, não foi?

— Eu não vou escapar. Apenas vá. Espere do lado de fora da porta.

Ele puxa a cadeira e se senta, suas longas pernas esticando à sua frente antes de cruzá-las nos tornozelos.

— Não estou indo a lugar nenhum, Lia. Agora, se troque.

Capítulo Cinco

Lia

Minha reação automática é gritar ou de alguma forma fugir dele. Mas sou lógica o suficiente para saber que isso não o deterá. No mínimo, poderia e iria, me colocar em perigo.

No entanto, se ele pensa que estou me trocando na frente dele, ele tem outra coisa vindo. Ele pode ser um monstro terrível, mas eu não serei sua presa voluntária.

Eu solto os grampos do meu cabelo, em seguida, removo e os jogo na penteadeira ao lado dele, não tão gentilmente. Estou suada de ensaio e precisando desesperadamente de um banho, mas isso vai ter que esperar porque não há nenhuma maneira de esse estranho e meu corpo nu existirem na mesma sala. Meus cabelos escuros se afrouxam, caindo sobre meus ombros, e resisto à necessidade de suspirar de alívio.

Ele está observando cada movimento meu, como fazia quando se sentava na plateia. Seu olhar se concentra nas minhas ações, em vez do meu corpo de uma forma mecânica, e embora ele não pareça estar me avaliando sexualmente, de repente estou constrangida com a minha saia que mal cobre a fenda da minha bunda e minha malha, que se molda à curva de meus seios.

Abro meu armário com as mãos trêmulas e pego um dos vestidos que mantenho aqui, em seguida, jogo sobre minhas roupas. Ele levanta uma sobrancelha quando o material cai sobre meus joelhos. É justo na parte superior com uma saia cheia.

Dou a ele o que tenho certeza que parece ser um olhar presunçoso enquanto estendo a mão para fechar o zíper. O perverso deve ter acreditado que me veria nua e até se sentou para o show, mas eu simplesmente aboli seu plano. Ele se levanta e eu me empurro contra o armário, minha dança da vitória chegando a uma parada brusca.

— Eu pensei que você disse que ia se trocar. — Ele para a um pé de distância.

Ele está tão perto, como naquele dia em que segurou a arma na minha testa, e mesmo que a arma esteja ausente, é como se seu cano frio estivesse lá novamente. Meus sentidos estão tão intensificados que sinto cada inspiração de ar e os arrepios explodindo em meus braços nus. Seu cheiro sobe direto para minha cabeça e nada me prepara para a mistura sutil de madeira e couro. Na superfície, é um cheiro inofensivo, mas nele, é uma tradução de sua letalidade.

Apesar da minha necessidade de me encolher, levanto meu queixo. — Eu troquei.

— Isso você fez. — Ele me agarra pelo ombro e me gira. Então ele segura minha mão que ainda está no zíper, enviando um arrepio pela minha espinha. Espero que ele o puxe para baixo e me force a tirar o vestido, mas ele usa meus dedos para fechá-lo. O som reverbera no silêncio

da sala e eu engulo em seco enquanto seus lábios descem para a concha da minha orelha. — Seria sensato não me provocar. Eu não gosto e vou garantir que você também não goste.

Ele solta minha mão e rapidamente me vira de volta para encará-lo. É completamente injusto que um demônio como ele tenha um físico tão intimidante e um rosto bonito para acompanhar.

— Devemos? — Ele aponta para a porta.

Depois de calçar minhas sapatilhas, pego meu casaco e bolsa e o sigo.

Felizmente, quase todo mundo foi embora. Eu não quero que eles me vejam na companhia deste estranho. Mas eu preciso saber por que diabos ele teve permissão para entrar em nosso ensaio. Apenas produtores e seus associados selecionados podem comparecer. Nem mesmo nossa família e amigos podem entrar. Embora ele estivesse sentado ao lado de Matt, nosso produtor executivo. Isso significa que ele o conhece?

Eu fico um passo atrás dele, sentindo que preciso observá-lo e saber quando ele fará seu próximo movimento. Ele para abruptamente e eu bato nele, minha cabeça colidindo contra uma parede de músculos. Eu estremeço, dando um passo para trás.

O estranho inclina a cabeça para o lado. — Ande ao meu lado. — Quando eu não faço um movimento para obedecer, ele continua. — Ou posso segurá-la com um braço em volta da sua cintura.

— Eu vou fazer isso, — eu deixo escapar, caindo no mesmo ritmo ao seu lado. Eu não olho para ele durante todo o caminho até chegarmos ao estacionamento.

Uma Mercedes preta espera por nós lá. É a imagem da qual eu vi naquela noite, mas não há buracos de bala em lugar nenhum. A porta do passageiro se abre e o homem magro com cabelo comprido sai e abre a porta dos fundos. Vê-lo traz de volta memórias da semana passada e leva tudo de mim para não ceder à náusea.

— Eu tenho meu carro, — eu sussurro.

— Dê-me suas chaves e estará no seu prédio.

— Não, obrigada. — Não há nenhuma maneira no inferno de eu deixar ele ou seus homens, perto de mim mais do que o necessário.

Ele me observa por um momento antes de continuar a me guiar até seu carro. Ele gentilmente me conduz para dentro e segue atrás de mim. O homem de cabelo comprido senta no banco da frente, e o outro homem, o loiro volumoso, Kolya, está ao volante.

Eles são seus guardas ou algo assim? Que tipo de homem ele é se precisa de guardas?

O carro sai do estacionamento e fico de olho na cidade pela janela, tentando memorizar o máximo de curvas e voltas possível. Se de alguma forma eu acabar sendo sequestrada, preciso saber para onde diabos ele está me levando.

— Por que você não perguntou sobre meu nome?

As palavras ditas com calma pelo estranho me puxam para fora da minha observação. Ele está me observando com um interesse particular que faz minha pele arrepiar.

— Faz diferença se eu sei disso ou não? — Tento manter o veneno longe da minha voz.

— Suponho que não, mas vou te contar de qualquer maneira. É Adrian Volkov.

Eu brevemente fecho meus olhos para controlar a dor. Agora que sei seu nome, ele nunca vai me deixar ir. Por alguma razão, sinto que assinei meu destino. Primeiro, minha certidão de óbito e agora, meu destino. O que mais ele vai tirar de mim?

O carro para em frente a uma lanchonete de aparência aconchegante. Não sei por que esperava que ele me levasse a algum restaurante sofisticado com lista de espera. Isso é surpreendente, mas não de um jeito bom.

Ele sai primeiro e me oferece a mão. Estou prestes a ignorar, mas ele agarra minha palma e me puxa para fora. Entramos no restaurante e os guardas permanecem do lado de fora no carro.

O interior do restaurante é tão acolhedor como o exterior. A suave iluminação amarela dá um tom quente às banquetas vermelhas. As mesas são de madeira escura e há várias citações criativas sobre comer pela alma penduradas nas paredes. Algumas pessoas estão espalhadas, conversando alegremente. Eu me pergunto se eles vão me ajudar se eu disser que o

homem que segura minha mão úmida é um assassino em série ou se eles próprios serão mortos.

O estranho, Adrian, me leva a uma mesa nos fundos que é separada de outras pessoas e longe de portas e janelas. Percebo que é de propósito quando ele me empurra para o final da cabine que fica perto da parede.

Ele se acomoda na minha frente, e quando o garçom chega, ele nem mesmo toca no menu enquanto diz. — Uma garrafa fechada do seu melhor vinho.

— Salada, — eu sussurro, optando por não verificar o menu sozinha. Quanto mais cedo eu sair daqui melhor.

— Que tipo, senhorita?

— A mais simples que você tem.

O garçom acena com a cabeça e sai. Estou perfeitamente ciente de que Adrian está me observando, seus dedos casualmente entrelaçados na mesa. Eles são magros, masculinos e têm veias visíveis na superfície. E agora estou olhando para elas.

Não posso acreditar que estou cobiçando os mesmos dedos que apontavam uma arma para minha testa. Ou talvez eu esteja assistindo por causa desse fato. Sei que existem pessoas como ele, mas sempre me perguntei como elas poderiam acabar com vidas tão facilmente. Eles não sentem ou se tornaram insensíveis a isso como eu sinto por odiadores?

No entanto, quando tive essa pergunta, nunca pensei que algum dia estaria tão perto de alguém de sua espécie.

Adrian bate o dedo uma vez contra a superfície de madeira. — Você tem um rosto expressivo. Você sabia disso, Lia?

— Não, eu não.

— Sim, você faz. Talvez não seja visível para os outros, mas é quase impossível para você esconder suas emoções.

— É por isso que você me trouxe aqui? Para me dizer que tenho um rosto expressivo?

— Eu disse a você porque eu trouxe você aqui. Falar.

— Então fale.

— Eu prefiro que você fale. Me conte mais sobre você.

— Porque eu faria isso?

— Porque isso vai determinar se você sairá deste restaurante respirando ou não.

Meu peito sacode e aperto um guardanapo em meus punhos para impedir que minhas mãos tremam. — Por que você está fazendo isso? Você já me deixou ir.

A profundidade escura de seus olhos cinzentos é semelhante a céus nublados, vazios, compostos e frios. — Eu só deixei você ir até novo aviso. Agora é a hora desse aviso. Você vai me contar sobre você?

Não há como ganhar com esse idiota, não é? Ele já veio com um propósito e não vai parar até que seja cumprido.

— O que você quer saber? — Eu cedi para que ele acabasse com isso e me deixasse ir.

— Não quero saber de nada nesse tom. Repita a pergunta sem a parte da raiva.

— Você gosta disso?

— O que?

— Ser o Ceifador sobre a vida dos outros.

— Se eu puder evitar, não. Ser o Ceifador não me dá realmente respostas... apenas corpos.

Um nó sobe na minha garganta e eu endureço com sua ameaça silenciosa. O garçom volta com uma garrafa de vinho e minha salada. Adrian acena para ele sair quando ele opta por abrir a garrafa.

Assim que o garçom sai, ele o faz com movimentos firmes. Ele não se apressa ou fica nervoso, como uma pessoa típica que tem confiança em si mesma e ao seu redor. Embora eu geralmente seja o mesmo em meu próprio mundo, pareço perder toda a minha confiança em sua companhia.

Estar sob a mira de uma arma fará isso, eu acho. Adrian me serve um copo e outro para si mesmo, e embora eu não planejasse beber, preciso de um pouco de coragem líquida agora.

Eu tomo um longo gole, então suspiro. — O que você quer saber?

— Qual é o seu sobrenome?

— Tenho certeza de que você poderia ter descoberto por conta própria. Está tudo na sala de ensaio.

— Ou eu poderia facilmente fazer uma verificação de antecedentes em você para descobrir tudo.

Minha cabeça vira com isso. Ele está me dizendo, sem declarar, que é poderoso o suficiente para descobrir o que quer de mim.

Tomo outro gole de vinho. — Isso significa que você ainda não fez isso?

— Não faria diferença para você se eu fiz isso ou não.

— Claro que sim.

— Não, não seria. Isso faz diferença para mim porque eu iria adquirir informações. Você, entretanto, não tem nada a perder ou ganhar.

— Tenho tudo a perder com você.

Ele bate seu dedo indicador contra a mesa, os lábios se contraindo, mas como da outra vez, ele não sorri. — Você é inteligente o suficiente para reconhecer isso. Continue sendo inteligente e responda à minha pergunta.

— Morelli. — Eu enfio o garfo na salada e levo à boca, mastigando com agressividade.

— Lia Morelli. Você nasceu nos Estados Unidos ou na Itália?

— Itália.

— Ambos os pais italianos?

— Mamãe era americana. Papai era italiano.

— Ambos mortos?

— Sim, — eu estalo, engolindo o que resta no copo de uma vez. — Seu questionamento acabou?

— Esse é um. — Ele toma um gole vagaroso de seu vinho.

— Um?

— Um golpe. Eu disse para você não falar comigo nesse tom.

— Em que tom devo falar então? Existe uma porra de manual sobre como falar com um *assassino*? — Eu assobio a última palavra sob minha respiração.

— Dois. E embora não haja manual, você deve usar essa sua cabeça inteligente e não me provocar.

Pego a garrafa e despejo até o copo quase transbordar. Algumas mesas ao redor ficam boquiabertas com minha falta de educação, mas já passei do ponto de me importar. Estou furiosa, e quanto mais ele investiga meu passado, mais rápido as feridas que mantive escondidas doem, rasgando os pontos, então vou libertá-las.

— Como seus pais morreram? — Ele pergunta muito languidamente, obviamente não lendo meu humor. Ou talvez ele pergunte apesar disso.

Ele provavelmente está tendo prazer com isso.

Suspirando, digo. — Um acidente.

— Que tipo de acidente?

— Asfixia por gás. — As palavras saem da minha garganta em um sussurro de dor. Meus dedos tremem em torno da taça de vinho quando a levo aos lábios. Eu não quero pensar sobre aquele tempo, mas meus demônios rodopiam do fundo, envolvendo seus tentáculos firmemente em volta da minha garganta.

— Respire, Lia. — Uma mão se estica contra a minha, puxando-a junto com o copo para pousar na mesa.

É quando eu percebo que estou enrolando minha outra mão e a umidade está ardendo em minhas pálpebras.

Eu fico olhando para ele, para a calma eterna que está em seus olhos, apesar do caos que ele infligiu com apenas algumas perguntas. — Por que você está fazendo isso?

— Para conhecer você.

— Você não pode forçar alguém a falar sobre sua vida. Isso não é conhecê-los.

— É para mim.

— Então eu não deveria conhecer você também?

Ele puxa sua mão da minha. — Se você quiser.

— Isso significa que posso lhe fazer perguntas?

— Certo.

— O que você faz exatamente? — Provavelmente não deveria tentar descobrir mais sobre ele, mas já sei seu nome. Se eu quiser sobreviver a ele, preciso examinar mais a fundo quem ele é e o que faz.

— Eu sou um estrategista.

— Um estrategista que mata? — Eu baixo minha voz.

Seus lábios se curvam em um pequeno sorriso enquanto ele inclina o copo para mim. — Exatamente.

— Um estrategista para quem?

— Não acho que faria diferença se você soubesse.

— Você disse que eu poderia fazer perguntas.

— Eu nunca disse que iria responder a todas elas.

— Isso não é justo.

— Justo é para gente fraca, Lia. Você está em um mundo monstruoso há tempo suficiente para perceber que a justiça não existe de verdade.

— Ela existe, mesmo que pessoas como você façam o possível para apagá-la.

Ele levanta uma sobrancelha enquanto gira seu vinho. — Pessoas como eu?

— Você sabe.

— Não, na verdade não. Por que você não me esclarece?

— Criminosos.

– Criminosos. Analogia interessante.

– Não é uma analogia quando é verdade. – Eu empurro meu assento de couro falso, desistindo da salada e tomando um gole de vinho. Está ajudando a aliviar os nervos que estiveram em alerta máximo desde que conheci este homem.

– De acordo com você, talvez.

– De acordo com o mundo. Você matou pessoas.

– Pessoas como eu, criminosos por suas palavras.

– Isso não faz de você um herói.

– Um herói é a última coisa que quero ser. Abnegação nunca foi minha praia.

– Então você prefere ser o vilão?

– Um vilão é o herói de sua própria história, então por que não?

– O vilão sempre perde.

– Nos filmes da Disney. Em suas apresentações de balé, talvez. Na vida real, porém, o vilão é quem sempre vence.

Este homem não tem absolutamente nenhum respeito pela moralidade ou pelos padrões sociais. Embora eu não esteja chocada com a existência de tais pessoas, eu só as conheci no balé. As meninas malvadas e perversos meninos. Nunca conheci uma pessoa com uma mentalidade destrutiva que não hesitasse em usar uma arma. Isso o torna ainda mais perigoso.

Eu levanto meu queixo. — Mas você não seria eventualmente morto por um vilão como você?

— Provavelmente. Até então, farei o que faço de melhor.

— Que é?

— Nada com que você deva se preocupar. Ainda. Agora, voltando para você, primeira bailarina, quando você veio para os Estados Unidos?

Esvazio metade do copo, precisando de mais relaxamento dos meus nervos. — Quando eu tinha cinco.

— Com quem?

— Minha avó me criou.

— A americana, eu suponho.

— Sim.

— Ela ainda está viva?

— Ela faleceu há alguns anos.

— Eu sinto muito. — Ele não parece nem um pouco sentido. É mais parecido com aquelas condolências apáticas que as pessoas oferecem.

— Se você sentisse, pararia de me fazer essas perguntas.

— Algum outro membro da família? — Ele continua como se eu não dissesse nada.

— Nenhum.

— Amigos?

— Não. — Eu termino o vinho, me recusando a contar a ele sobre Luca. Esse é o meu segredo do mundo.

Ele desliza seu copo sobre a mesa, e eu sou mais uma vez atraída pelos dedos masculinos e como eles casualmente os envolvem, como sua indiferença é tão impressionante quanto suas ações. — Eu entendo agora.

Eu sirvo mais vinho para me impedir de cobiçá-lo. — Entende o quê?

— A solidão em seus olhos. Você conseguiu transformá-la e traduzi-la com sua linguagem corporal no palco. Isso é muito criativo.

— Eu não estou solitária. — Minha voz abaixa no final, traindo minha defesa.

— Se você diz.

— Eu não estou. Eu tenho... tenho três milhões de seguidores no Instagram.

— Uau. Impressionante.

— Pare de zombar de mim.

— Não era essa a reação que você esperava? Validação apresentando seus seguidores falsos?

— Eles não são falsos. Eles são pessoas reais.

— O que eles sabem sobre você além de suas selfies de pré-performance e treino?

— Você tem me perseguido?

— Seu Instagram é público. Não houve perseguição envolvida. Mas sim, Lia, eu já passei por isso e acho que é bastante... chato.

Meu sangue ferve, borbulhando para a superfície, mas eu murmuro. — Eu não me importo com o que você pensa.

— Mas você se preocupa com o que os outros pensam. É por isso que você mantém essa página. Seja pela necessidade de algum tipo de validação distorcida ou por atenção. Embora eu não ache que você esteja conscientemente perseguindo o último.

Como esse homem lê tanto os detalhes? Como ele vai tão fundo que eu nem mesmo pensei? Conscientemente, pelo menos.

— Você está tentando provar o quanto você tem um poder sobre mim? É isso?

— Não estou tentando provar nada. Como eu disse, estou apenas começando a conhecer você, Lia.

— E depois? Depois de me conhecer, o que planeja fazer comigo?

— O que te faz acreditar que pretendo fazer algo?

— Eu não sou uma idiota. Eu sei que esta é apenas uma fase antes de você passar para a próxima etapa.

Ele faz uma pausa com a taça de vinho a meio caminho dos lábios. — O que você acha que eu vou fazer?

— Me foder?

— Eventualmente.

A única palavra, embora dita com calma, quebra meu mundo e o estilhaça em um milhão de pedaços de sangue. Meu estômago afunda com uma mistura de sentimentos. Há um cheiro forte de decepção, mas não é tudo. Borboletas malévolas arranham minha pele com uma sensação sombria de fascínio.

Todos os pesadelos que tive depois daquela noite começam a rolar em minha mente. As imagens sombrias e borradas se transformam em duas figuras em uma cama enquanto uma delas se choca com a outra. Nunca quis identificá-los, mas agora, um deles é tão claro quanto o rosto na minha frente.

Ele.

Seu corpo forte está batendo o que parece ser tanto prazer quanto dor na pessoa deitada abaixo dele. Um deles ainda não tem rosto, e eu quero desesperadamente que seja eu.

— Mesmo se eu disser não? — Eu murmuro.

— Se eu fosse um estuprador, teria invadido seu apartamento no meio da noite e levado o que eu queria. Eu não teria te convidado para jantar.

— Devo apreciar o gesto? — Há uma ligeira dificuldade no final do meu discurso. Esta é provavelmente a minha terceira taça de vinho.

Merda.

Na minha tentativa de relaxar meus nervos, fui em frente e fiquei bêbada na companhia de um monstro que não hesitaria em usar isso contra mim. Este é o pior absoluto. Não só tenho uma baixa tolerância ao álcool, mas também perco minhas inibições em todos os sentidos possíveis, mesmo quando ligeiramente embriagada.

Adrian leva o copo à boca, quase sem beber. Ele não se serviu de nada além do primeiro. — Não é obrigatório, não.

— Eu... eu quero ir para casa. — Eu fico em pés instáveis, então caio de volta no assento. Ainda estou recuperando o fôlego quando uma grande presença aparece ao meu lado.

Ele agarra meu braço e puxa suavemente a taça de vinho dos meus dedos. — Eu acredito que você bebeu o suficiente por uma noite.

— Eu quero sair.

— Então vamos embora. — Ele coloca algumas notas na mesa e envolve um braço forte em volta da minha cintura enquanto me leva para fora do restaurante.

Não sei se é o álcool ou tudo o que aconteceu esta noite, mas sinto que estou levitando. Minhas narinas se enchem com seu cheiro masculino e seu domínio firme sobre mim só aumenta isso. Mas em algum lugar no fundo da minha mente, ainda reconheço que ele é perigoso. Que ele é um monstro escondido sob uma fachada composta e roupas de cavalheiros.

Eu me afasto dele. — Eu posso andar sozinha.

Ele me solta e, antes que eu possa me ajustar, eu tropeço. Adrian me segura pelo cotovelo e me puxa para ele para que minha frente fique plana contra seu peito duro.

Eu sou tão pequena comparada a ele, mal alcançando seus ombros largos. Sou magra e minúscula em contraste com seu grande físico e aura monstruosa. Como se o idiota pudesse usar outra coisa para me intimidar, além da minha vida. Estamos parados no que presumo ser a entrada dos fundos do restaurante, porque não é a mesma que usamos quando entramos. O lugar está vazio, exceto por alguns carros no estacionamento. Apenas um único poste de luz está à vista. Mesmo na semiescuridão, os olhos de Adrian são intensos, mas têm aquele brilho de absoluta calma. Eu me pergunto o que seria necessário para perturbar esse olhar.

Para *perturbá-lo*.

— Por que você esperou uma semana para me encontrar? — Eu murmuro.

— Estava ocupado.

— Ocupado coletando informações sobre mim?

— Provavelmente. Por quê? Você tem pensado em mim, *Lenochka*? — Sua voz cai com a última palavra.

Não digo a ele que ele é o único em quem estive pensando, da maneira mais aterrorizante possível, e que, quando o vi novamente na plateia, algo dentro de mim se desbloqueou. Que acho que tive meu melhor desempenho até agora, só porque sabia que ele estava lá.

Em vez disso, digo. — Todo mundo pensa em seu Ceifador.

Ele acaricia uma mecha de cabelo atrás da minha orelha. O gesto é gentil, mas o tom está longe disso. No mínimo, está carregado, escuro, sufocante.

— Então não me transforme no seu.

— Como... Mmmm. — Minha pergunta é interrompida quando ele bate seus lábios nos meus.

Sua mão segura meu rosto no lugar enquanto sua língua força seu caminho dentro da minha boca. Eu coloco minhas mãos em seu peito, com a intenção de empurrá-lo, de dar um tapa nele, mas em vez disso, meus dedos se enrolam em seu casaco enquanto um som indefeso escapa da minha garganta. Sua língua invade minha boca, conquistando-a, em seguida, gira contra a minha com uma necessidade selvagem.

O homem beija com tanta confiança enquanto caminha e fala, mas não há nada de sua calma por trás disso. Nada para manter seu rosto estoico no lugar. Ele dá o máximo que pode, inclinando minha cabeça para trás para que ele possa aprofundar a invasão completa. Eu não sou virgem. Mas esse beijo sozinho é mais intenso do que qualquer sexo que eu já fiz. Reivindicador também. Quando ele se afasta, um gemido desesperado ecoa no ar.

Meu.

Olhando em seus olhos sombreados no escuro, estou totalmente ciente de que as coisas mudaram entre nós depois daquele beijo. Acabei de

assinar outra coisa. Não tenho ideia do que, mas agora está nas mãos dele e não vou conseguir recuperá-lo de jeito nenhum. Assim como meu destino e minha morte.

Capítulo Seis

Adrian

Lia tenta permanecer acordada.

Ela luta com unhas e dentes por isso balançando a cabeça, beliscando-se e, eventualmente, dando tapinhas nas bochechas.

Mas é inútil.

Ela adormece encostada na porta do carro porque, na tentativa de permanecer acordada, também foi religiosa em manter distância de mim. Eu assisti sua luta inteira da minha posição com meu dedo indicador batendo contra minha coxa. Eu não tive que fazer nada, exceto esperar o inevitável.

As pessoas, em geral, pensam que podem mudar as coisas com a força de sua determinação. Que os sinais de perigo empurrariam seus cérebros e isso é o suficiente para impulsionar seu sistema para frente. O que eles não conseguem entender é que o cérebro pode se contradizer e enviar sinais diferentes. Afinal, a exaustão do corpo pode e irá anular os enredos do cérebro.

Pego Lia pelo cotovelo e a puxo para perto. Ela nem se mexe enquanto sua cabeça pende sobre o peito, no que deve ser uma posição

desconfortável. Eu a manobro para que sua cabeça esteja apoiada na minha coxa.

O cheiro de rosas enche minhas narinas. Ela não apenas cheira como elas, ela sente como elas também. Bonita, pequena e capaz de ser arrancada por qualquer transeunte. Elas florescem rápido e morrem com a mesma rapidez. Para a sorte dela, esse transeunte não é outro senão seu pior pesadelo. Um pequeno suspiro sai de seus lábios e eu quero alcançar meus guardas, Kolya e Yan, e apagar aquele som de suas cabeças. Eu não gosto que eles possam ouvi-la ou vê-la assim.

Embora eu não deva me importar particularmente, algo mudou. Não sei se começou quando a vi naquela noite ou depois de sua apresentação hoje, ou se o acordo foi selado quando ela gemeu em minha boca enquanto eu devorava seus lábios. Eles estão vermelhos agora, um pouco machucados, um pouco rachados, assim como ela.

Lia Morelli é muito mais do que seu arquivo contém. As fotos mostram uma mulher pequena com feições angelicais, mas nenhuma delas exibe o olhar assustador em seus olhos azuis ou a solidão comendo sua alma. Há uma certa fratura nela, uma ferida que ela esconde dos olhos vigilantes. Mas ela está cega para a realidade de que feridas não tratadas apodrecem e apodrecem.

Tirar vantagem das feridas das pessoas é minha especialidade. Esmagá-los é o que faço de melhor. Filho de meus pais por completo. No entanto, eu não deveria querer me envolver com Lia. Será porque compartilhamos

uma característica? Ou porque ela está escondendo sua natureza quebrada com uma fachada frágil?

Quando a observei dançar, brilhando sob os holofotes, não vi sua beleza etérea ou rosto angelical. Eu não vi sua elegância ou sua técnica perfeita. Eu vi a escuridão tentando apodrecer na luz. Eu vi uma pessoa tentando ao máximo escapar de quem ela realmente é. E foi isso que levou a uma cadeia de eventos consecutivos.

— Tem certeza de que deseja ir para a casa dela, senhor? — Kolya encontra meu olhar do banco do motorista, falando em russo.

— Não seria melhor levá-la conosco? — Yan concorda.

— E fazer o que? Torturar ela? — Eu falo na mesma língua

Eu afasto uma mecha perdida de seu rosto e mantenho meus dedos em seu cabelo macio que é da cor de mel escuro. Ela estremece como se sentisse o impacto de minhas palavras. Sim, seria mais fácil torturá-la, mas isso não vai me dar as respostas de que preciso e é por um motivo simples.

— Ela não sabe de nada, — digo aos meus guardas.

Kolya ergue um ombro. — Ela pode estar fingindo.

— Ela não tem o que é preciso para me enganar, então não. — Eu inalo seu perfume de rosa e me lembro de seu gosto, um pouco como o medo, mas muito como a rendição. Ela se submeterá a mim ou terei que... recorrer a outros métodos?

Eu deslizo meu dedo sobre seus lábios machucados e eles se separam, permitindo que meu polegar se aninhe entre eles. Desejo escuro enrola em volta do meu intestino com uma necessidade desesperada de ter esses mesmos lábios em volta do meu pau enquanto eu o empurro dentro de sua boquinha apertada.

— Então o que você está planejando fazer com ela? — Kolya faz a pergunta de um milhão de dólares.

— Depende.

— De que?

— Em seu valor.

A verdade é que eu deveria tê-la usado agora, se ela sabe ou não, não importa. No entanto, uma parte rebelde de mim quer ver para onde ela irá. Até onde ela irá. Tenho a sensação de que vou me arrepender de minha decisão de qualquer maneira, então posso muito bem saciar minha curiosidade primeiro. O carro para no estacionamento do prédio de Lia. Yan abre a porta e eu saio com Lia em meus braços. Ela é leve, pequena e muito macia. Sua cabeça cai contra o meu peito, o braço caindo sem vida para o lado.

— Descansem um pouco, — digo aos meus homens e vou até o elevador. Eu digito o código de seu andar e, depois de chegarmos a seu apartamento, insiro alguns outros dígitos até que um sinal sonoro enche o corredor.

Não existe um código que meus hackers não consigam obter. Lidamos com situações mais graves do que seu prédio chique. Uma luz automática acende na entrada assim que entro. Eu fico com ela aninhada em mim. Seu peso, ou a falta dele, me atinge novamente. Ela é leve como uma pena, quase como a de uma criança, e às vezes, quando ela dança, parece que ela não tem ossos, ou o mínimo possível em comparação com pessoas normais.

Segurando-a com força, observo seu apartamento. É espaçoso e tem uma vista direta sobre a cidade com suas luzes cintilantes. O piso brilhante é impecável e ela tem sofás rosa macios. Incontáveis fotos de bailarinas estão penduradas nas paredes, mas seus rostos estão sombreados ou invisíveis. Meu olhar examina cada parede e cada superfície, mas não há fotos dela. Nem uma só.

Vários prêmios estão expostos em prateleiras de vidro, mas não há vestígios de seu rosto. Hmm. Isso grava algumas teorias em minha mente. O mais importante de tudo é que ela não gosta de ficar presa consigo mesma. Não demoro muito para encontrar o quarto dela. Eu a coloco na cama e puxo seu casaco por seus braços. Suas bochechas estão vermelhas e seus lábios estão separados.

Quando eu a tiro do casaco, ela murmura algo ininteligível em seu sono antes que sua respiração se equilibre. Eu a observo por um momento antes de meu olhar voar para o resto do quarto. Este também é espaçoso, embora a mobília seja mínima.

Dois frascos de comprimidos em sua mesa de cabeceira chamam minha atenção. De acordo com seus relatórios médicos, ela toma pílulas para

dormir e antidepressivos. Enquanto sua depressão vai e vem por capricho, como ela disse ao psicoterapeuta supervisor, sua insônia é persistente. O que ela pagou uma porrada de dinheiro para esconder de seus relatórios, no entanto, foi o consumo de algo muito mais forte do que seus antidepressivos.

Minha atenção se volta para ela. Ela dorme completamente quieta e em uma posição reta. Seus pés são paralelos e seus braços estão em cada lado dela. Esta mulher ainda está viva, mas já dorme como uma morta. Seus olhos se movem por trás de suas pálpebras e seus lábios e queixo tremem. Um gemido de dor escapa de sua boca enquanto ela coloca as duas mãos no edredom de cada lado dela.

Lá.

A razão pela qual ela pagou dinheiro para apagar seu registro e até mesmo recorreu à morfina alguns anos atrás. Seu corpo arqueia para fora da cama em um ângulo de aparência desconfortável antes que ela caia de volta em sua posição anterior. Seus gemidos de dor aumentam de volume, ganhando um tom turbulento.

É por isso que ela mora em um apartamento à prova de som. Embora eu tenha toda a intenção de observá-la, não acho que isso acrescente nada ao que já sei. Normalmente, eu quero experimentar o que aprendi em primeira mão para ter uma melhor compreensão da situação, mas seus gemidos e lágrimas quebrados não me trazem o efeito desejado. O que estou vendo é diferente do rosto angelical que ela comemora no Instagram ou dos personagens com os quais ela se funde quando está no palco.

Esta é ela, sem censura. A verdadeira Lia Morelli, que fugiu de seu passado, mas permite que ele continue a assombrá-la. Eu toco seu ombro para acordá-la e suas mãos sobem e agarram meu pulso. Seus olhos se abrem, sombrios no início, como um céu sombrio, mas então ela se concentra em mim e, embora seu aperto afrouxe, ela não me deixa ir.

— Você, — ela murmura com aquela ligeira calúnia.

— Eu.

— Você vai me foder agora?

Eu levanto uma sobrancelha. — Isso é uma oferta?

— Você precisa de uma? — Seus olhos estão meio caídos e eu não tenho dúvidas de que ela provavelmente não se lembrará de nada desta conversa pela manhã.

— Não, *Lenochka*. Eu não vou.

— Então por que você não segue o que planejou o tempo todo, Adrian Volkov?

O som do meu nome vindo de seus lábios macios me faz querer enchê-los com meu pau e ver que tipo de outros sons ela fará.

— Não me tente. — Não há nada que eu queira mais do que arrancar seu vestido e as roupas por baixo e afundar dentro dela. Se eu a tirar do meu sistema, minha visão ficará muito mais clara.

Ela se senta, liberando meu pulso, estende a mão para a parte de trás do vestido e abaixa o zíper. Seu processo é confuso, na melhor das hipóteses,

pois ela o puxa dali e o joga no chão. Lia chuta para longe a saia fina que ela usou durante o ensaio, deixando-a em uma coisa apertada que mal cobre sua boceta e a fenda de sua bunda.

Seus mamilos atingem o pico contra o material rosa e estou tentado a puxá-los para ver se ficam mais duros. Melhor ainda, chupar eles em minha boca e os sentir apertar contra minha língua.

Ela se deita na cama, o cabelo caindo em cascata sobre o travesseiro e as pernas nuas levemente separadas. Quando ela fala, sua voz está rouca de excitação. — Estou tentando você, então.

— É assim mesmo?

— Você vai me levar de qualquer maneira. Então faça isso e me deixe em paz.

— Por que você quer que eu a deixe em paz, Lia? — Incapaz de resistir, eu agarro seu mamilo sobre o pano, passando a ponta do meu polegar sobre o botão. Ele endurece, cutucando o tecido, exigindo mais.

— Porque... ahhh... — Ela arqueia para fora da cama, empurrando na minha mão.

Seu gemido de prazer é a coisa mais erótica que eu já ouvi e um estímulo direto para meu pau que está lutando contra minhas calças.

— Porque o que? — Eu examino, torcendo ambos os mamilos em direções opostas.

— Porque você... ahh... você... — Ela estende a mão entre nós e abre o pedaço fino de tecido que cobre sua boceta. Eu assisto com um crescente tesão enquanto ela esfrega seu clitóris em círculos. Seu ritmo corresponde ao meu em seus mamilos, caindo em sinergia comigo.

Ela mal está olhando para mim com a forma como suas pálpebras estão meio fechadas, mas ela naturalmente segue minha liderança sem que eu tenha que lhe dar ordens.

— Você... me faz fazer coisas que eu não... normalmente faço... ohhhh...
— Seu corpo convulsiona na cama, os olhos revirando e o lábio preso entre os dentes.

Ver seu orgasmo é uma obra de arte, ainda melhor do que sua performance no palco. Todo o seu corpo ganha vida e ela se solta completamente. E que se foda se isso não é excitante.

Leva alguns momentos para ela descer do alto, mas ela continua esfregando lentamente, os olhos escurecendo com a luxúria tão tangível que posso sentir o gosto no ar.

— Você não vai me foder?

Eu levanto uma sobrancelha. — Você não acabou de ter um orgasmo?

— Mmmm, — ela geme baixinho enquanto eu belisco seus mamilos uma última vez antes de liberá-la. Seu olhar fica sóbrio. — O que? Por que?

— Porque eu não sou um estuprador, *Lenochka*. — Eu afasto uma mecha de cabelo de seus olhos. — Durma. Eu lidarei com você pela manhã.

Ela balança a cabeça. — Não é estupro se eu quiser.

— Você quer? Achei que você só queria se livrar de mim.

— Isso também. Se você me foder, tudo acabará.

— Quem disse que vai?

Sua testa franze, mas eu não elaboro minhas palavras. Ela disse que eu a faço fazer coisas que ela normalmente não faz.

Que faz dois de nós então.

Capítulo Sete

Lia

Mãos fortes me envolvem, me carregando, me segurando. Estou prestes a cair em um sentimento, algo que nunca experimentei antes. Algo que eu tinha em minhas fantasias de garotinha. Mas então, meus pulsos são mantidos acima da minha cabeça em um aperto de aço. Meus olhos se abrem e encontro uma figura sombria pairando sobre mim, me prendendo ao colchão.

Está escuro, mas posso distinguir os contornos de seu rosto. Essas feições duras e aquela fachada calma. Aqueles olhos intensos e a postura de sua mandíbula. Meu estranho escuro. O assassino. O algoz.

Adrian.

Meu corpo fica completamente frouxo embaixo dele enquanto ele abre minhas pernas com o joelho. Sua mão livre rasga minha calcinha e então ele bate dentro de mim com uma força selvagem. Eu grito, minhas costas arqueando para fora da cama. Ele bate em mim como se tivesse a intenção de me machucar, como se ele estivesse me punindo com cada impulso cruel. Sua virilha bate contra minha carne com o poder selvagem de seus quadris, enchendo o ar com uma intenção sinistra e batendo contra meu peito.

— Você gosta disso, não é, Lia? — Sua voz é como veludo, mas com um tom oculto. — Você gosta de ser pega duramente como uma vagabunda suja.

Eu balanço minha cabeça, abrindo minha boca para falar, mas ele estica a palma da mão sobre ela, abafando minhas palavras.

— Sim, você gosta. Você estava se tocando para mim agora. Veja como sua boceta está estrangulando meu pau.

Eu balancei minha cabeça novamente, as lágrimas ardendo em meus olhos. Eu me recuso a pensar que sou esse tipo de pessoa. Recuso a pensar em mim mesma como alguém que se entrega a tais atos perversos.

Mas com cada palavra que sai de sua boca pecaminosa, meu núcleo formiga e minha cabeça fica tonta. Estar imobilizada assim adiciona um tipo assustador de antecipação. Qualquer som que eu fizer sai abafado, assustador.

Mas ele não me liberta.

No mínimo, seu controle fica rígido e seu ritmo ganha um ímpeto selvagem. Ele me fode como se fosse meu dono desde o momento em que nos conhecemos. Como se ele estivesse pegando o que era seu o tempo todo. Minhas paredes apertam e um choque elétrico começa no meu núcleo e atinge toda a minha espinha antes de submergir todo o meu corpo.

— Mmm... — eu gemo.

— Isso. — Sadismo sombrio reveste suas palavras. — Suas verdadeiras cores estão aparecendo. Você gosta de ser possuída e tomada. Você gosta

de ser fodida como se fosse a primeira e a última. É isso que você se esforça para sentir no palco também, não é? — Ele se inclina e prende o lóbulo da minha orelha entre os dentes e sussurra palavras quentes. — Para se soltar completamente.

Minhas costas arqueiam para fora da cama em preparação para o orgasmo. O prazer detonante está ao meu alcance. Só mais um pouco e estou prestes a alcançá-lo.

Eu me assusto acordada.

Por um segundo, eu não sei o que aconteceu. Adrian não está em cima de mim e meus dedos estão esfregando minha boceta dolorida. Puta merda. Isso foi... um sonho?

Meu cabelo gruda nas minhas têmporas com suor, e meu coração bate tão irregularmente que estou surpresa que não pule do meu peito. Não é novidade que meus sonhos são viscerais. Eu costumava ter alucinações com eles também. É por isso que eu tive que criar um mecanismo de enfrentamento e testar meu limiar de dor para saber se eles eram reais ou não. Minhas bochechas esquentam com o fato de que eu estava me tocando naquele sonho. Eu removo minha mão da minha parte mais íntima com um empurrão, o ato me envergonhando até os ossos.

— Deve ser desconfortável parar logo antes de um orgasmo.

Eu congelo, meus olhos se arregalam enquanto lentamente viro minha cabeça para o lado. Não há nenhuma maneira no inferno que eu ouvi estar

correto. Deve ser algum jogo da minha imaginação. Talvez eu esteja associando isso ao meu sonho.

Talvez eu esteja presa naquele sonho novamente. Porque nada poderia explicar a cena na minha frente. Adrian se senta na cadeira da minha penteadeira, ao lado da cama, com as pernas cruzadas na altura dos tornozelos. Seu casaco está apoiado no braço e as mangas de sua camisa estão enroladas até os cotovelos, revelando antebraços tensos totalmente cobertos com tinta preta.

A luz suave da manhã vem da varanda, mas não torna suas feições menos duras ou desgastantes. Não tira nada do rosto com que eu estava sonhando. Ele bate o dedo indicador na coxa em um ritmo moderado. O olhar em seus olhos é sombrio, focado e diz mais que mil palavras sem que ele precise pronunciar um som.

Mas não, isso não é real. Eu coloco a mão para baixo e aperto minha coxa. A dor explode na minha pele e eu estremeço. Adrian não desaparece.

Oh Deus. Por que ele não está desaparecendo?

Seu olhar se concentra na minha mão que ainda está na minha coxa e algo passa por ele antes que ele deslize de volta para o meu rosto.

— O que você está fazendo aqui? — Minha voz é quase um sussurro enquanto luto para processar a cena.

— Eu te levei para casa depois que você ficou bêbada na noite passada.

Sento e gemo quando uma dor de cabeça quase abre minhas têmporas. Memórias da noite passada lentamente voltam, como se eu estivesse me observando através de um globo de neve.

Meus olhos se arregalam. Eu o beijei. Bem, ele me beijou, mas eu o beijei de volta. Então entramos em seu carro, e então... preto.

Eu fico olhando para mim mesma sob o edredom, e fico mortificada ao descobrir que estou apenas em minha malha e seus botões estão abertos, revelando minha boceta dolorida. Minhas roupas estão espalhadas ao lado da cama. Puxando a coberta até meu queixo, eu luto contra o calor em minhas bochechas enquanto meu olhar voa de volta para ele. *Adrian*. O diabo que encontrou seu caminho em meu apartamento.

Ele permanece calmo, indiferente até, como se ele não tivesse apenas me testemunhado naquele estado ou me visto ter um orgasmo. Eu faço uma pausa, meu coração trovejando. *Espere*. Ele me assistiu ter um orgasmo? Isso também foi um sonho, deve ter sido. Não há nenhuma maneira no inferno de ter um orgasmo na frente dele.

Certo?

— Você estava aqui o tempo todo? — Eu pergunto com cautela, quase com medo.

— Correto.

— Como é que você entrou?

— Você me disse o código.

Por que não consigo me lembrar disso? E por que diabos eu fiquei bêbada em primeiro lugar? Já sei por quê, para relaxar, mas valeu a pena esse preço?

— Algo mais aconteceu?

Ele levanta uma sobrancelha. — Tal como?

— Como... como...

— Me pedindo para foder com você e se tocando até o orgasmo quando eu não fiz?

Posso sentir a cor sumir do meu rosto e gostaria de poder me tornar um com o chão.

Adrian se levanta e minha cabeça se levanta quando ele fica ao meu lado. — Agora que você não está bêbada, posso aceitar.

— Eu não quis dizer isso, — eu deixo escapar.

— Não quis dizer isso?

— Sim, essas palavras não faziam sentido.

— Você costuma se tocar e ter orgasmo com palavras sem sentido, Lia?

— Ele pega minha mão, a mesma que estava entre minhas pernas, e a leva até o rosto. A vergonha aquece minhas bochechas quando ele inala meu perfume profundamente em seus pulmões. — Não é essa a contradição final?

Eu puxo minha mão da dele, rápido e apressado, como se eu estivesse salvando-a de pegar fogo. Seu braço cai para o lado com um descuido

infinito, mas ele não se move, não sai. Ele permanece lá, observando, *assomando*.

Meus sentimentos se dispersam por todo o lugar; meu coração ainda está zumbindo, trovejando, sem nada para ancorá-lo em sua caixa torácica.

— Eu não quero isso, — murmuro.

— Parece que a bêbada é mais honesta do que a sóbria.

— Você vai me fazer participar de atividades sexuais com você?

— Fazer você? — Ele repete, uma leve diversão brilhando em seus olhos. — Você se lembra do que eu disse ontem à noite?

Eu vasculho meu cérebro com o que ele pode ter mencionado, e minhas bochechas queimam ainda mais com cada lembrança de meus atos lascivos. Não acredito que perguntei se ele me foderia. Deus, quase implorei por isso. Onde estava meu perímetro de sobrevivência? Se ele tivesse obedecido, eu o teria deixado me foder?

Eu deixo a resposta para essa pergunta. Eu realmente não quero saber o que eu teria feito naquela situação.

— Você se lembra? — Ele insiste com aquela calma que eu não acredito por um segundo. Este homem é capaz de destruir vidas sem piscar.

Eu concordo.

— Use suas palavras, Lia.

— Eu me lembro, — murmuro.

— O que foi que eu disse?

— Você não é um estuprador.

— Correto. O que mais eu disse?

Eu fico olhando para ele, confusa.

— Depois disso, o que eu disse? Eu sei que você lembra.

— Que você lidaria comigo pela manhã. — As palavras saem da minha boca em um sussurro.

— É manhã. — Ele agarra o cobertor e eu aperto meu aperto em torno dele. Se eu deixar para lá, se eu cair em sua teia cuidadosamente tecida, nunca vou encontrar uma saída.

Eu posso sentir o cheiro de sua atração, a maneira como ele está me trazendo cuidadosamente para o meio de seu mundo letal. Primeiro, eu o vi matar alguém a sangue frio, depois ele me permitiu ir embora, mas até isso foi calculado. Foi uma manobra para que eu pensasse nele durante toda a semana, olhando embaixo da minha cama e pela janela. Trancando minhas portas e verificando-as várias vezes depois. Olhando pelo meu maldito espelho retrovisor, em busca de sua sombra.

Aparecer durante um ensaio particular foi sua maneira de me dizer que pode chegar a qualquer lugar que quiser. Me encontrar em qualquer lugar que eu vá.

O jantar também foi um movimento calculado para que eu me soltasse para que ele pudesse se aproximar sem me assustar pra cacete. Para me

mostrar que ele é um homem normal que pode ter jantares e encontros. Mas não há nada normal sobre ele. Nunca pensei que ele fosse normal e nunca irei. Este homem é do tipo que vai, sem qualquer hesitação, ir atrás do que quer.

E agora, sou eu.

Meu queixo treme enquanto mantenho meu aperto firme no cobertor. Não sou idiota, sei que ele pode arrancar a qualquer segundo. Ele não apenas tem o dobro do meu tamanho, ele também é um assassino, alguém que está acostumado com a força bruta enquanto eu estou acostumada com elegância e sutileza.

— Você fez tudo isso para me foder? — Eu murmuro.

— Tudo isso?

— Me dando tempo. O jantar, o beijo. Não me tocando quando eu estava bêbada?

— O jantar foi, como eu disse, para te conhecer. O beijo foi porque eu queria provar seus lábios. Não toquei em você quando você estava bêbada, porque preciso de sua presença quando estiver transando com você. Quanto à sua primeira pergunta, dei-lhe tempo para deixá-la lidar com o fato de que estava indo atrás de você.

— Eu pensei que você me deixou ir.

— Você é inteligente o suficiente para não acreditar nisso. Durante toda a semana, você ficou nervosa, esperando, ganhando tempo até que eu voltasse à sua vida.

— Você... você estava me observando?

— Sim.

— Você é um perseguidor?

— Sou pior, *Lenochka*, mas você já sabia disso quando se tocou, me mostrando um lado seu que ninguém viu.

— Eu não estava lúcida o suficiente para perceber o que estava fazendo.

— Minhas bochechas esquentam mesmo quando eu digo as palavras.

Ele estala e eu congelo quando um músculo lateja em sua mandíbula. — Não minta. Não para mim.

Minhas juntas doem pelo quanto estou cerrando os punhos e posso sentir minhas entranhas se dissolvendo em si mesmas. Não há nada, absolutamente nada, que eu possa fazer para impedir ele. Se eu lutar, ele vai me dominar. Se eu tentar escapar, ele vai me pegar e provavelmente me machucar.

Minha única opção possível para não se machucar é jogar em sua mão, deixá-lo fazer o que quer e esperar que ele me deixe em paz. Depois que ele me pegar, ele vai perceber, como todo mundo, que eu não sou alguém pra guardar. Eu sou um diamante que os outros admiram de longe, mas uma vez que eles cavam, tudo o que encontram é pedra negra.

Adrian puxa o cobertor. — Solte.

Eu cavo minhas unhas nele, autoconsciente sobre liberar minha única tábua de salvação.

— Eu não vou te foder. — Ele faz uma pausa. — Ainda.

Isso não me alivia tanto quanto deveria. Na verdade, isso cria um buraco vazio no fundo do meu estômago. Eu gostaria que ele me fodesse e acabasse com isso. E como não estou bêbada, não posso pedir isso a ele. Então eu faço a única coisa que posso na minha situação.

Eu deixo ir.

Capítulo Oito

Lia

Eu deito na cama com nada além de meu collant que está aberto na minha parte mais íntima. Adrian me observa, mecanicamente a princípio, como se não tivesse interesse no que vê. Como se eu fosse um mero objeto que pousou em seu caminho. Mas se fosse esse o caso, por que ele iria me querer? Por que ele insiste em me levar?

— Você faz isso com todos que testemunham você matando? — Pergunto para dissipar a tensão que está se formando no ar e batendo contra meu peito.

— Isso? — Seu olhar desliza para o meu rosto por um breve segundo.

— Você sabe.

— Você é puritana demais para dar um nome, Lia?

— Foder, — eu murmuro. — Eu não sou muito puritana para falar quando necessário.

— Eu não estou te fodendo, no entanto.

— Então o que você planeja fazer?

— Alguma coisa similar.

— Você faz algo semelhante a foder com todos que testemunham seus assassinatos?

— Não. Eu os mato.

Minha garganta fecha com seu tom apático. Ele realmente não tem consideração pela vida humana, não é? Ele deve pensar em todos como peças colaterais de um tabuleiro de xadrez, das quais ele pode se livrar quando achar conveniente.

Ele enganchou os dedos no decote da minha blusa e puxou para baixo de uma vez, revelando meus seios nus. Estou respirando pesadamente, meus punhos cerrados no colchão de cada lado meu. Ele estende uma grande mão em minha direção, uma mão que pode me estrangular ou me partir em duas. Eu não penso enquanto o agarro, minhas palmas menores embalando as dele em uma tentativa desesperada de impedir ele de agir em seu objetivo.

Pode ser por causa da maneira selvagem como ele está olhando para meus seios. Eu não gosto disso. Mas o que eu mais não gosto é como meus mamilos instantaneamente atingiram o pico em botões apertados sob seu olhar impiedoso.

Adrian levanta uma sobrancelha, mas não me força a deixá-lo ir, embora ele pudesse me dominar em um segundo. Minhas mãos estão envolvendo as dele, mantendo-as a alguns centímetros de distância da minha pele. Enquanto nos observamos em uma dança de vaivém, não sei se estou lutando contra ele ou contra mim mesma.

Ou talvez eu esteja lutando contra minha reação aterrorizante a ele. Ele não está me tocando, mas seu calor está rastejando sob minha pele. Ele está apenas olhando para meus seios, mas provocou um arrepio em meus ossos. Um que eu não quero reconhecer, mas está lá, escondido entre meu coração e minha caixa torácica.

Tudo o que posso pensar é em como gozei enquanto ele acariciava meus mamilos sobre o meu collant ou como sonhei com ele mergulhando dentro de mim com uma aspereza crescente. Eu não quero saber o que vai acontecer se ele realmente me tocar. Esse pensamento é como ácido nos meus nervos, derretendo, paralisando e terrivelmente assustador. Mas, ao mesmo tempo, quero que tudo isso acabe, e quanto mais eu o negar, mais terei que sofrer.

Com uma respiração profunda, eu solto sua mão, deixando meus braços caírem ao meu lado. Seus dedos longos e masculinos envolvem um mamilo tenso e o torcem, suavemente no início, então duramente com a intenção de machucar. Eu inspiro pelo nariz e expiro pela boca para não sentir. Mas é inútil.

Meus mamilos enviam uma onda de prazer direto para o meu núcleo. É tão forte que todo o meu corpo sente. Todas as minhas terminações nervosas ganham vida sob seus cuidados e não há maneira de parar o ataque, mesmo se eu quisesse. Não ajuda que meus mamilos sejam sensíveis, propensos a estimulação fácil.

Sempre gostei de brincar com os mamilos, mas dificilmente consegui por causa dos meus seios pequenos. No entanto, Adrian não parece se

importar. Ele os está estimulando de uma forma enlouquecedora, como se os tivesse tocado por toda a vida.

— Isso foi uma pequena rebelião agora, Lia? — Ele belisca ambos os mamilos com força e eu arqueio para fora da cama, gritando.

— Mmm...

— Isso não é uma resposta.

Eu balancei minha cabeça.

— Use suas palavras. — Sua voz, embora baixa, é firme e controlada, sem espaço para ser desobedecida.

— N-Não.

Ele torce novamente, com mais força desta vez, como se planejasse rasgar a pele, e eu solto um grito angustiado misturado com um gemido. — Eu disse para não mentir para mim. Outra falta e terei que lidar com sua desobediência.

— Sim, sim... ahhh... — Eu choramingo quando ele massageia os mamilos doloridos com as pontas dos polegares.

Sua mensagem é clara. Se eu obedecer, serei recompensada. Se eu não fizer isso, ele fará com que eu sofra. Ele continua torcendo e beliscando meus mamilos, em seguida, passa a ponta do polegar sobre as pontas como se os acalmasse, dando-lhes um leve alívio antes de voltar a torturá-los novamente.

Estou tão estimulada que acho que vou chegar ao orgasmo apenas brincando com os mamilos. Seria a primeira vez e, por algum motivo, acredito que ele seria capaz de fazer isso. Meu núcleo lateja com rajadas de excitação que combinam com o ritmo de seus dedos. Às vezes forte e rápido, outras vezes lento e agonizante.

Ele libera meu seio esquerdo e dói, formigando com a perda de seus dedos. Adrian levanta a malha até meu estômago, traçando seus dedos ao longo da minha barriga. Eu recuo, um arrepio de corpo inteiro passando por mim.

— Você é sempre tão sensível?

Eu franzo os lábios e ele achata a palma da mão na minha barriga, beliscando meu mamilo com força. — Ahh... isso dói.

— Então é melhor me responder quando eu fizer uma pergunta.

— Não, — eu sussurro.

Um brilho feroz se refugia em seus olhos cinza tempestuosos. — Ninguém tocou em você de maneira adequada para deixá-la sensível?

— Eu não sou virgem... ahhh... — Eu gemo quando ele passa a ponta do polegar sobre o pico dolorido.

— Isso não responde à minha pergunta. — Seu tom endurece e também seu toque, como se seu humor tivesse azedado. — Se eu quisesse saber sobre o perdedor que rasgou sua boceta e encharcou seu pau com seu sangue virginal, eu teria descoberto e ensinado a ele como realmente tocar você. Embora provavelmente o mataria logo depois... bem, você sabe como

me sinto sobre as testemunhas. Então me diga, Lia, alguém já tocou em você direito antes? Alguém apertou seus botões da maneira que você deseja?

Estou tremendo e suando, tanto com a ameaça por trás de suas palavras quanto com a calma nelas. Minhas coxas esfregam uma contra a outra devido ao efeito insondável que ele está tendo sobre mim.

Quando eu falo, minha voz é quase inaudível através do meu gemido.
— Não.

— Mas você desejou, não é? Quando te manuseavam delicadamente como uma boneca de porcelana, você desejava a aspereza, a pontada de dor.

Eu balancei minha cabeça violentamente contra o travesseiro, a mortificação consumindo minhas entranhas.

Ele belisca meu mamilo com força suficiente para provocar um gemido de dor. — O que eu disse sobre mentir para mim?

— Eu não sou doente como você, — digo entre sons guturais.

— Oh, mas você é. — Ele trilha sua mão para baixo e segura minha parte mais íntima. — Mmm. Você está encharcada, *Lenochka*.

O calor sobe aos meus ouvidos e eu viro minha cabeça, tentando esconder meu rosto e minha vergonha absoluta no travesseiro.

— Olhe para mim.

Eu não olho, me recusando a deixá-lo ver partes de mim que ele não tem que ver.

Adrian torce meu mamilo ao mesmo tempo que passa dois dedos por minhas dobras. — Eu disse, olhe para mim.

A autoridade pura em seu tom juntamente com o prazer e a dor, me fazem espiar para ele, os lábios entreabertos em um som sem palavras ou um grito. Não tenho ideia de qual som sairá se eu soltar.

— Você não se esconde de mim quando estou tocando você, Lia.

— Eu não estou... ahhh... — Minha voz termina em um gemido quando ele enfia aqueles dois dedos dentro de mim.

— Não acabe com essa mentira.

— Mmm... — Minhas costas arqueiam para fora da cama com a sensação de ser preenchida por ele. Já se passou muito tempo desde que fui tocada tão intimamente. Embora eu não esteja simplesmente sendo tocada agora. Estou sendo totalmente possuída. Assim como quando ele me beijou, Adrian me segurou por um fio invisível. Ele está puxando, puxando e arrastando-me para o seu lado como se eu fosse uma boneca de marionete.

— Você é tão apertada. Você sente suas paredes apertando em torno dos meus dedos?

Eu quero desviar o olhar da luxúria controlada brilhando em seus olhos, mas não posso. E não é só por causa de seu comando. Algo em mim destravou quando seus dedos entraram em mim. É selvagem e severo e

fora de controle. É tão implacável quanto as cordas da marionete me puxando sem direção ou local de pouso claro.

Estou caindo nessa teia. Eu posso sentir as cordas cravando em minha pele, afundando-se profundamente com cada uma de suas gramas impiedosas. Ele empurra em mim e eu gemo. Ele belisca meu mamilo e eu suspiro. O ritmo é avassalador, selvagem, mas não confuso. É medido e com intenção clara. Assim como tudo sobre Adrian. Ele torce meus mamilos uma e outra vez enquanto ele entra em minha boceta. A base de sua palma bate contra meu clitóris a cada movimento e vejo estrelas brancas.

— Você ouve sua excitação, *Lenochka*? Você ouve o quanto você anseia por isso? Como seu corpo está se desfazendo? — Ele bate os dedos mais algumas vezes, como se quisesse deixar claro. Eu deveria estar envergonhada com o som do meu prazer, o som de sua palma batendo no meu clitóris em um ritmo cada vez maior.

Mas eu aceito isso. Minhas costas empurram para fora do colchão, encontrando seus dedos em meus mamilos e dentro de mim. Meu coração está quase saindo da minha pele para combinar com seu ritmo, de alguma forma ser igual nesta situação fodida. Em algum lugar do meu cérebro, sei que isso está errado. Eu sei que não deveria estar tentando alcançar esse pico, mas essa parte está enterrada muito fundo para flutuar até a superfície. Adrian esfrega a palma da mão contra o meu clitóris enquanto torce meu mamilo e enrola os dedos dentro das minhas paredes apertadas. O ataque triplo me desfaz.

Eu grito enquanto abraço a queda. Eu não evito isso enquanto deixo minha voz expressar o êxtase me atingindo de todas as direções possíveis.

— Ahhh... estou... estou... ahhh! — Minha boca permanece aberta enquanto um halo me submerge e me transporta para uma experiência fora do corpo. É como se eu estivesse voando pelo telhado e me vendo tremer nos braços de Adrian. Seus dedos estão dentro de mim, por toda parte, e eu levanto meus quadris para que possa surfar na onda.

Montar nela. Acho que vou permanecer suspensa assim por toda a eternidade. Talvez eu tenha morrido e minha alma esteja olhando para o meu corpo. O corpo que está preso em uma teia sem saída. Mas Adrian me puxa de volta para a terra dos vivos quando ele puxa seus dedos de mim e os coloca na minha boca.

— Chupe até limpar.

— O-O quê?

— Você me ouviu.

— Mas... Mmm... — Minhas palavras são interrompidas quando ele enfia os dedos dentro da minha boca. Os mesmos dedos que estavam apenas em mim. Os mesmos dedos com os quais ele me deu prazer.

Meu rosto arde de vergonha. Não apenas em me provar, mas também em quanto da minha excitação existe. Quanto eu deixei ir quando deveria ter sido a última coisa que faria em sua companhia.

— Mova sua língua, Lia. — Seu tom é terno, mas com um tom firme que deve ser obedecido.

Eu lambi seus dedos, meu rosto queimando e minhas coxas tremendo. O orgasmo que acabei de ter não parece ter terminado. Sobe à superfície, sondando e se apegando à crença de que haverá outra coisa. Algo mais intenso. Algo que me manterá naquele halo suspenso por mais tempo. Um halo onde não tenho que pensar em nada. Um halo onde só posso sentir. Os penetrantes olhos cinza de Adrian nunca deixam os meus enquanto eu lentamente lambo seus dedos, enrolando minha língua em torno deles. Eles são uma obra de arte e são tão masculinos e magros quanto parecem.

— Você sente seu abandono, *Lenochka*? Você agora vê por que você não pode mentir para mim?

Continuo lambendo e chupando porque, embora tenha começado como uma ordem, uma parte de mim está gostando perversamente desse ato. E essa parte quer mais. E *ele*. Adrian puxa seus dedos e eu os solto com um *pop*, uma linha de saliva grudando neles. Ele então começa a usá-los para separar meus lábios. O gesto é mais possessivo do que qualquer coisa que ele acabou de fazer. Mais do que o orgasmo ou a brincadeira do mamilo. Mais do que suas ordens e suas demandas inegociáveis.

— Me responda.

— S-Sim...

Ele desliza o polegar pelo meu lábio inferior antes de esmagá-lo contra os meus dentes. Um olhar estranho passa por suas feições. É fugaz, mas consegue enviar um arrepio pelos meus ossos. Espero que ele enfie os dedos de volta na minha boca ou suba em cima de mim e me foda. Mas ele

libera meu mamilo e boca ao mesmo tempo, em seguida, desliza o edredom para me cobrir.

Observo com total perplexidade enquanto ele se dirige para a cadeira, pega o casaco e sai. Eu permaneço lá, imóvel, meu corpo e coração em alerta máximo até que ouço o clique suave da porta da frente. Ele saiu?

Eu fico parada por alguns minutos, pensando que deve ser uma piada de mau gosto. Que ele vai voltar e terminar o que começou ou me dizer o que diabos ele está planejando. Ele não volta. Eu deveria estar me sentindo aliviada, e *estou*, finalmente me livrei do idiota. E, ainda assim, as cordas da marionete se apertam na minha nuca e um som vazio ecoa no meu peito.

Capítulo Nove

Adrian

Porra.

Faça isso uma porra dupla.

Kolya e Yan estão parados na frente do meu carro. O guarda mais jovem passa a mão pelo cabelo comprido enquanto fuma um cigarro. Ele o oferece a Kolya, que balança a cabeça e o repreende em russo. — Fumar faz mal à saúde.

— O que é você, meu pai?

— Eu teria arrancado esse hábito de você se eu fosse.

Yan zomba, pois não tem absolutamente nenhum respeito pelos mais velhos do que ele. Ele tem dezenove anos, imprudente ao extremo, e Kolya tem que limpar tudo para que ele não seja morto pelos outros guardas seniores. Especialmente aqueles que meu pai deixou para trás. Ao me ver, Kolya se move para abrir a porta, mas eu me adianto a ele. Eu sento no banco de trás e desabotoo os primeiros botões da minha camisa. Kolya e Yan estão dentro antes que eu possa piscar.

— Para onde? — Meu segundo em comando pergunta.

— A casa do *Pakhan*.

Ele balança a cabeça e acelera o carro sem fazer perguntas. Embora eu não tenha o hábito de ir ao café da manhã na casa de Sergei. Preciso de uma distração da mulher que acabei de deixar lá em cima. Uma parte de mim quer parar o carro, abrir a porta e voltar. Essa parte quer terminar o que comecei, ouvir sua voz erótica enquanto ela se desfaz em todo o meu pau. Essa parte também quer apagar a memória de qualquer filho da puta que a tocou no passado para que seu corpo só se lembre de mim.

Mas essa parte não está focando no motivo pelo qual estou fazendo isso em primeiro lugar. Eu não vou entrar na pele de Lia para transar com ela. Estou entrando na pele dela para obter informações. No meu dicionário, a informação é mais mortal do que qualquer arma. É uma arma de destruição em massa, e se há algo que aprendi com minha mãe psicopata, é que preciso agarrar o touro pelos chifres.

As pessoas pensam que quem tiver o maior e mais bem equipado batalhão vence. O que eles não conseguem entender é que se um batalhão não reunir informações suficientes sobre o inimigo, eles nunca irão longe. Eles podem ganhar uma batalha ou duas. Eles podem matar milhares ou alguns, mas aquele com mais informações é o vencedor da guerra.

Ser criado para nunca aceitar perdas me tornou um mestre na obtenção de informações. Eu sou ainda melhor do que meus pais monstros juntos. Eu zombo disso internamente. Por que eu os chamaria de monstros quando me tornei pior do que eles? Mas, novamente, os monstros podem se reconhecer, mas eles não necessariamente gostam um do outro. Eles estão mais interessados em cavar as sepulturas uns dos outros. Em vencer.

É nisso que eu deveria estar focado, vencer. Minha principal missão com Lia Morelli é adquirir informações. Mas as linhas borraram em algum lugar entre seus gemidos eróticos e a maneira como ela olhou para mim enquanto se desfez em torno dos meus dedos, e mais uma vez quando ela os lambeu como se estivesse fazendo isso por toda a eternidade.

Nunca estive tão duro como naquele momento. Eu perdi minha missão de vista, como eu fiz quando ela abriu os lábios e se soltou completamente. É por isso que saí. Eu preciso jogar minhas cartas direito e isso não vai acontecer enquanto eu estiver por perto.

— Você descobriu alguma coisa? — Yan pergunta. Ele sempre tem um jeito terrível de abordar o assunto.

Kolya balança a cabeça para ele.

— O que? Isso é o que você queria perguntar também.

— Cala a boca, Yan, — repreende meu guarda sênior.

— Não vejo por que deveria.

— Yan... — Solto um longo suspiro. — Eu disse para você ler a atmosfera antes de perguntar. Você já aprendeu alguma coisa comigo e com Kolya?

— Aprendi que você é muito silencioso. Se eu não falar, ninguém vai.

Kolya o encara.

— O que? — Yan pega um cigarro e o acende. — Você tem me entediado desde o nascimento.

Normalmente, eu diria a ele para apagar o cigarro, mas eu não estava nem aí agora.

— Então por que você ainda está aqui? — Kolya pergunta.

Yan bate o punho em seu peito. — Fui pessoalmente escolhido a dedo para guardar o Chefe. Essa honra não vem facilmente.

— Obviamente, um erro da parte de quem escolheu você, — Kolya murmura baixinho.

Yan fica nervoso e começa a enumerar ‘todas as merdas’ pelas quais passou recentemente nas Forças Especiais Spetsnaz para que pudesse voltar para me servir. Kolya enfrenta isso com fria indiferença, porque Yan só passou dois anos lá, o que não é nada comparado ao tempo em que meu segundo em comando serviu. Eu deixo seu vai-e-vem entrar por um ouvido e sair pelo outro. Tento usar esse tempo para implementar meu próximo plano, mas tudo que fico pensando são lábios carnudos, seios empinados e uma boceta macia e rosa.

Mas isso não é tudo. É a maneira como ela gemia. A maneira como ela olhou, atordoada depois que ela teve um orgasmo. Eu quero essa visão em meu cérebro, não como uma coisa impulsiva, mas como uma constante que posso visitar novamente até que ela esteja completamente fora do meu sistema. Kolya e Yan ficam em silêncio quando chegamos à mansão de Sergei. Eu saio, abrindo o primeiro botão da minha camisa. Desde que passei a noite passada observando e explorando o apartamento de Lia, não consegui dormir.

Isso não é a primeira vez. Passei a noite toda assistindo minhas telas e enviando e-mails para meus hackers, indo e voltando até obter as informações de que precisava. Meus horários anormais de sono começaram depois daquele dia, o dia em que minha própria mãe quebrou meu braço porque a ajudaria a colocar meu pai ao seu lado. Eu não confiava que ela não faria isso de novo, que para se tornar a esposa de Geórgui Volkov, ela não me usaria, repetidamente, para ficar em seu favor.

Ela teve sucesso e se tornou a dona da casa, mesmo quando a maioria dos guardas de meu pai a odiava. Desde aquela noite, porém, sempre dormi com um olho aberto para o caso de ela aparecer na minha porta e tirar a vida que deu como prometeu.

Yan fica na entrada com vários outros guardas de alto escalão dos outros líderes de brigada. Ele está oferecendo ao soldado de Mikhail um cigarro e provocando o de Kirill, perguntando como aquele guarda de aparência feminina, Aleksander, se tornou o segundo em comando de Kirill e não ele. Yan às vezes age como um palhaço, cutucando e provocando, mas seu único objetivo é obter detalhes deles.

Ele pode ser imprudente, mas entende bem minha filosofia e planeja de acordo. É uma das poucas razões pelas quais o mantenho por perto. Kolya me segue para dentro da sala de jantar do *Pakhan* e está claro que somos os últimos a chegar.

Sergei está sentado à cabeceira da mesa, Vladimir à sua esquerda, enquanto minha cadeira à sua direita está vazia. Mikhail, Igor, Kirill e Damien ocupam o resto dos assentos. Seus guardas seniores ficam atrás

deles como paredes resistentes, todos carrancudos, às vezes para nada, outras vezes uns para os outros, dependendo se seus chefes estão fazendo barulho.

— Adrian. — Sergei não esconde sua perplexidade ao me ver. — Que surpresa agradável.

— Eu pensei que deveria tomar o café da manhã com você, *Pakhan*.

— Sim, sim. Venha.

— Muito benevolente da sua parte nos mostrar seu rosto nobre, Sir Volkov, — Damien murmura.

— É uma surpresa, de fato. — Kirill toma um gole de seu café, me observando por baixo dos óculos. Posso sentir sua cabeça girando em mil direções para analisar por que apareci hoje.

Eu ignoro os dois e me sento. Logo depois, uma empregada entra correndo com uma xícara de café preto e a coloca na minha frente antes de sair. Existem diferentes pastéis, junto com ovos, presunto e bacon na mesa, e não tenho dúvidas de que é para apaziguar a gula de Damien, porque sua boca está mastigando algo enquanto falamos.

— Onde nós estávamos? — Igor continua ignorando minha interrupção. Ele é um pilar da irmandade e existe desde a época de meu pai.

Ele tem algumas das características do meu pai, ou seja, crueldade, mas ao contrário de Georgy Volkov, Igor Petrov é mais sábio e sabe quais cartas jogar e quais manter escondidas. Ele, Kirill e Vladimir são os que eu mais

assisto. Eles estão calmos na superfície, mas quando eles atingem, ninguém vê o que está acontecendo.

— Fortalecendo nossa aliança com os italianos, — Mikhail resmunga com clara impaciência.

— Acho que devemos assistir um pouco mais antes de tomar qualquer decisão, — diz Kirill casualmente.

Damien aponta o garfo para ele. — Assistir é para perdedores, Kirill.

— Assistir nos permite ler os outros, — retruca este último.

— A ação nos permite cuidar deles. — Os olhos de Damien brilham com a promessa de violência.

— Deixe seus punhos fora da equação pelo menos uma vez, Orlov, — Igor o repreende.

— Meus punhos nos trouxeram novos territórios, então que tal você seguir meu exemplo e despertar seus próprios punhos, meu velho. Você também, Mikhail. Você está dominado pelo seu negócio de prostituição.

— Você fodido...

— Orlov, — Sergei repreende, interrompendo Mikhail.

— O que? — Damien engole a boca cheia de massa e lambe os dedos. — Apenas afirmando fatos, *Pakhan*.

— Aprenda um pouco de respeito.

— O respeito é conquistado, não aprendido. — Ele pega um muffin e aponta para mim com ele. — Olhe para Volkov aqui sendo uma princesinha muda, mas todos nesta mesa vão parar e ouvir quando ele realmente falar.

Levo meu café aos lábios e tomo um gole, sem prestar atenção nele. Talvez aparecer aqui tenha sido um erro, afinal. Eu poderia ter trabalhado com Kolya, Yan e o resto dos meus guardas para afastar a tensão. Agora, sou forçado a participar de suas intermináveis e, como sempre inúteis, brigas.

— Você tem algo a dizer, Adrian? — Kirill pergunta em sua voz suave.

— A cerca de?

— Os italianos. Você tem procurado por eles, não é?

— Estou começando a conhecer a dinâmica da família Luciano, sim, mas não estou perto o suficiente para fazer qualquer declaração. — Eu fico olhando para Sergei. — O *Pakhan* saberá se eu fizer algum progresso.

— Não gosto de apressar você, — diz o Vor. — Mas precisamos dos Luciano, Adrian.

— Eles estão fazendo acordos com o cartel colombiano e precisamos entrar, — elabora Vladimir, como se eu já não soubesse disso.

Só porque eu não assisto às reuniões matinais, não significa que não estou a par dos assuntos da irmandade. Tenho uma linha direta com Sergei, como fiz anteriormente com seu irmão, Nikolai. Nada é discutido nesta mesa antes que o *Pakhan* peça minha opinião sobre isso.

Igor entrelaça os dedos na frente dele, encontrando meu olhar como se eu fosse o único na sala com quem ele se preocupa. — Se os Luciano tiverem acesso total aos cartéis sul-americanos, eles terão mais poder. Eles já limpam seu território exterminando as outras famílias de Nova York, exceto alguns Rozettis espalhados. Lazlo Luciano tem fome de poder o suficiente para vir até nós e garantir que ninguém respire na presença deles.

Damien bate com o punho na mesa, sacudindo as xícaras de café. — Deixe ele vir e eu irei apagá-lo e aos seus malditos soldados.

Kirill solta um suspiro exasperado. — A guerra é a última coisa em que pensar, não a primeira.

— Talvez devêssemos matar todos antes que os colombianos se envolvessem. — Damien arregala os olhos como se tivesse a ideia mais genial.

— Declarar guerra aos nossos aliados é uma maneira segura de fazer todo mundo se revoltar contra nós, — Vladimir explica calmamente, lentamente, como se estivesse falando com uma criança.

— Nós vamos matá-los também. — Damien sorri.

— Cale a boca, Orlov, — Mikhail rosna.

— Ou o que? Você vai soltar seus soldados chicoteados por xoxotas em mim?

— Meus soldados chicoteados por xoxotas, e até mesmo minhas prostitutas, têm mais bom senso do que você.

— O ponto é, — Igor interrompe a briga de Damien e Mikhail. — Precisamos dessa parceria com os italianos.

— Eu terei algo para você em breve, *Pakhan*, — eu digo.

— Quando? — Sergei não esconde seu prazer.

— Antes do negócio com os colombianos.

— Agora estamos falando. — Kirill sorri. — Qual é o seu método?

Eu tomo meu café com calma, deixando sua borda amarga revestir minha garganta. — Isso não importa. Os resultados que trago sim.

— Como sempre. — Sergei levanta seu copo de suco em minha direção e eu levanto minha xícara.

Kirill ainda está me observando, sem dúvida querendo descobrir meu método, mas ninguém saberá que estou com os italianos. Se fosse há poucos dias, eu teria contado a eles tudo sobre Lia Morelli, mas depois de hoje, ela permanecerá trancada entre mim e eu.

Ela agora é meu segredo. Sujo. Perigoso. E totalmente fodido.

Capítulo Dez

Lia

Minha vida continua. Ou pelo menos é o que eu gostaria de acreditar uma semana depois.

Em minha tentativa de me recompor, finjo que minha vida continua. Que eu não testemunhei um assassinato, não beijei o assassino, depois fantasiei sobre transar com ele e gozei de seus estímulos. Em dobro. Porque aquele orgasmo quando eu estava bêbada? Sim, não era inteiramente eu. Eu estava apenas adicionando um pouco de atrito à avalanche que ele já havia causado ao brincar com meus mamilos.

Posso culpar tudo isso pelo quão sensíveis eles são ou pelo quão bêbada eu estava, mas o fato é que fui excitada por ele, por sua presença e selvageria calma. Mas não foi só isso. Eu pedi a ele para me foder. Em meu estado de embriaguez, quase implorei a ele para pegar o que queria. Sim, eu pensei que iria acelerar o processo para ele me deixar em paz, mas uma parte oculta de mim ansiava por essa depravação.

Talvez até demais. Eu respiro fundo enquanto caio nos braços de Ryan. É nosso último movimento para o ensaio de hoje e estou pronta para ir para casa, me aconchegar em um cobertor e ouvir um pouco de música. Com sorte, vou dormir sem minhas pílulas.

E sem ter pesadelos. Os dedos de Ryan deslizam pelo meu quadril, me sentindo enquanto ele me coloca no chão. Ele sempre faz merdas assim, me tocando quando não deveria. Me acariciando como se meu corpo pertencesse a algum tipo de animal exótico que ele deseja estudar.

— Me deixe ir, — eu cerro sob minha respiração.

— Faz parte da coreografia, doçura.

— Não, não faz. — Eu o afasto, mas ele enfia os dedos no meu quadril.

— Devemos agir como se estivéssemos apaixonados, então que tal você se tornar um pouco mais cooperativa?

— Chama-se atuar, Ryan. Não é real.

— A verdadeira atuação é derivada da vida real. — Ele lambe os lábios, esfregando sutilmente sua ereção contra minha barriga. — Você deveria tentar algum dia, viver.

Eu o acotovelo, nojo enrolando no fundo do meu estômago. Eu sou uma hipócrita. Tenho sonhado com um maldito assassino desde que ele saiu do meu apartamento, há uma semana, mas não sinto nada além de nojo pelo meu parceiro de dança. Mas Ryan tem sérios problemas de comportamento. Não importa o quanto eu o afaste, ele toma isso como um convite para voltar para mais. Embora eu o respeite como dançarino por sua postura e técnica impecáveis, eu o abomino como ser humano.

Ele se inclina para sussurrar em meu ouvido. — Você deve confiar em mim, já que eu sempre te pego, doçura.

— Enquanto atua. — Tento afastá-lo novamente.

— O que está acontecendo aqui? — Hannah, sua última aquisição, se interpõe entre nós, olhando para mim.

Ryan me deixa ir com um sorriso malicioso. — Eu disse a você que estamos apenas atuando, Lia. Não há necessidade de sentir tanto.

A atenção de todos desliza para mim, alguns rindo e outros horrorizados, enquanto Hannah parece que quer me estrangular.

Eu aponto para a semi ereção de Ryan que é visível através de suas calças. — Acho que é óbvio quem estava sentindo isso.

Eu me viro para sair, pegando Stephanie balançando a cabeça para Ryan. Eu disse a ela outro dia que estou ficando desconfortável liderando com Ryan, e ela prometeu falar com os produtores e Philippe para que não fôssemos emparelhados para a próxima apresentação. Mas tenho que suportar ele por *Giselle* e considerar um sacrifício pela arte.

— Onde você pensa que está indo, *chérie*? — Philippe, que estava muito ocupado com o pessoal para prestar atenção ao que aconteceu, enlaça seu braço no meu.

— Casa.

— *Non, non*. Não essa noite. Prometemos que sairíamos para beber pelo espírito de equipe.

— Estou cansada e preciso de alguns cuidados posteriores. — Porque por mais que eu odeie admitir, meu tornozelo ainda lateja. Dr. Kim disse

que é fadiga e me deu relaxantes musculares, mas estou paranoica como o inferno sobre usar minhas pernas quando não é para o propósito de balé

— Faça os cuidados posteriores aqui e depois se junte a nós.

— Philippe...

— Não aceito não como resposta. Sentimos falta de você entre nós fora do ensaio.

Ele é o único que pensa isso. E talvez Stephanie, porque ela arrasa.

Eu espio todas as adagas atiradas em minha direção por causa do óbvio favoritismo de Philippe. Ele me chama de sua estrela, sua musa e a protagonista de todas as suas obras-primas. Algo que cavou um buraco mais profundo entre mim e os outros dançarinos. Se ele não fosse abertamente gay e tivesse um casamento feliz, eles diriam que estou dormindo com ele como fazem com os produtores.

— Vamos lá, mude o clima. — Stephanie pega meu outro braço. — Você está estressada. Eu posso sentir isso.

Ela pode dizer isso de novo. Não tenho conseguido dormir, provavelmente desde... bem, desde que Adrian entrou na minha vida. Não que meus padrões de sono fossem melhores antes dele.

— *Oui, oui*. O estresse não é bom para minha musa. — Philippe agarra meu queixo entre os dedos e o balança suavemente como se eu fosse um bebê. Você sabe o que? Uma noite fora é melhor do que pensar demais até desmaiar no meu apartamento vazio. Só preciso ficar com Philippe e Stephanie.

— Tudo bem. — Eu sorrio um pouco. — Estou dentro.

— Você não vai se arrepender. — Philippe rola o *R* exageradamente com seu sotaque.

Vou para o meu camarim, me certificando de trancar as duas portas, tomo um banho rápido e coloco ataduras nos tornozelos enquanto me sento para secar o cabelo e me maquiar. Opto por uma sombra suave e brilhante. Tem sido uma obsessão estúpida minha desde que eu era uma garotinha. Brilho e coisas lindas. Eles significam esperança, eu acho. Isso é o que eu sempre quis e a única coisa que me manteve indo.

Eu pinto meus lábios em uma cor nude e aplico um pouco de rímel. A maquiagem é muito mais domada do que estou acostumada para apresentações oficiais, mas ainda me dá essa confiança. A esperança. Dizer que minha vida voltou ao normal seria uma mentira. Tenho vigiado a porta do meu apartamento desde aquele dia em que Adrian saiu, esperando que ele voltasse. Eu também observei o público, mas ele não apareceu nos meus ensaios novamente. Nem uma vez.

Uma parte do meu cérebro, a parte lógica, está de alguma forma feliz por ele ter me deixado em paz, mas a outra parte sabe, apenas sabe que não é tudo. Longe disso. Na verdade, aquele encontro pode muito bem ter sido o começo. Eu sei que ele vai voltar e, desta vez, minha vida vai se despedaçar. A crueldade de me deixar no limite é demais. Eu quero gritar e berrar, mas isso não trará um resultado diferente. Vai acontecer como ele planejou o tempo todo.

Preciso encontrar uma forma de me livrar dele, de expurgá-lo da minha vida de uma vez por todas, porque no pouco tempo que ele passou, ele bagunçou tudo. Incluindo meus malditos sonhos.

Depois de colocar um vestido preto simples com um decote profundo, visto meu casaco e calço minhas sapatilhas, em seguida, vou procurar Stephanie e Philippe. Os outros já se dirigiram para o clube e aqueles dois esperaram por mim. O diretor nos leva a um clube no centro da cidade, música francesa com uma melodia suave tocando no aparelho de som. Stephanie se senta ao lado dele enquanto eu estou sozinha no banco de trás.

— Espere para ver, *chérie*. Eu reservei toda a sala VIP para nós.

— O que estamos comemorando? — Stephanie pergunta.

— Lia sendo a Giselle dos meus sonhos, *bien sûr*. Os produtores enlouqueceram depois de ver sua demonstração naquele primeiro dia.

Coloco uma mecha de cabelo imaginária atrás da orelha. — Falando dos produtores, quem era o novo cara?

— O novo cara? — Philippe encontra meu olhar no espelho.

— Aquele homem alto, — eu falo casualmente, tentando não trair minha necessidade de informação. Em uma das minhas noites sem dormir, eu pesquisei Adrian Volkov no Google e encontrei algumas contas do Instagram e Twitter de um cara russo, mas eles não se pareciam em nada com o Adrian que conheci.

Pode ser um nome falso que ele me deu, mas duvido muito. Provavelmente, pessoas como ele escondem sua presença da internet porque isso pode expô-los ou implicá-los.

— Ah. — Uma lâmpada parece acender na cabeça de Philippe. — O russo.

— Sim, — eu deixo escapar, o que me dá um olhar de Stephanie, que é muito perspicaz. Espero que não esteja escrito em meu rosto ou eu não esteja corando até os ouvidos.

Philippe faz uma pausa, perdido em pensamentos. — Ele é um dos associados do produtor executivo ou parceiro de negócios ou o que quer que seja. Matt o trouxe, se bem me lembro. Quem tem dinheiro tem muitos amigos com dinheiro que não têm nenhum apreço pela arte.

Portanto, mesmo Philippe não sabe muito sobre ele.

— Ouvi dizer que ele é da máfia, — sussurra Stephanie, como se não quisesse que ninguém ouvisse.

Meu coração bate mais forte quando murmuro de volta. — Ele é?

— Eu penso que sim. Parecia que Matt estava com mais medo dele do que realmente considerando ele um parceiro de negócios.

Eu deixei a informação girar em minha cabeça, grata pelas observações de Stephanie. Eu estava muito focada em Adrian para notar o comportamento de Matt ou de qualquer outra pessoa. — Como você sabe disso?

— Os gostos caros de Matt e sua esposa estão colocando-os em apuros. Mas estar envolvido com a máfia é outra coisa. Ouvi dizer que a vida não vale absolutamente nada para eles.

Ela pode dizer isso de novo. Adrian certamente não hesitou quando acabou com aquele homem.

— Calma Stephanie, — repreende Philippe.

— Apenas dizendo. — Ela muda a música para o Concerto para Piano no. 2 De Tchaikovsky, ignorando os sons de desagrado de Philippe.

Eu afundo ainda mais em meu lugar, absorvendo a informação que acabei de aprender. Adrian é da máfia. Pode ser outro boato, mas por algum motivo, acredito. A parte que mais me incomoda é sua relação com Matt. Não acho que seja uma coincidência. Mas o que mais poderia ser?

Chegamos ao clube antes que eu possa encontrar respostas para minhas perguntas, não que elas tenham sido respondidas quando se trata de Adrian. Stephanie e eu passamos um braço em cada um de Philippe enquanto ele faz uma grande entrada no clube chamado Blue Diamond. Uma música forte nos cumprimenta assim que entramos. O lugar está lotado de pessoas bebendo e se esfregando. Luzes azuis lançam um tom de fantasia sobre eles enquanto o DJ faz sua magia com os últimos sucessos da moda. Alguns dançarinos de balé também estão na pista, dançando e sacudindo o traseiro. Enquanto muitos de nós preferimos música clássica, outros são camaleões e ouvem e dançam qualquer coisa.

Philippe oscila, girando Stephanie e eu, depois grita por cima da música. — *Alors*, sorria um pouco. Temos a noite toda. Bar aberto, por minha conta.

Mais como um presente de seu marido, já que Blue Diamond é dele. É por isso que Philippe consegue reservar a sala VIP sempre que deseja. Steve, seu marido, nos recebe com um suspiro exasperado, provavelmente por causa da atitude exibicionista de Philippe. Por mais que o diretor às vezes seja uma rainha do drama, Steve é tudo menos isso. Ele é um homem grande com uma barba aparada e músculos salientes sob sua camiseta de manga curta, de onde aparecem tatuagens de cobras. Ele se fez sozinho e passou da luta clandestina para ser o dono deste clube e de algumas outras redes nos Estados Unidos.

— Sentiu minha falta, *mon amour*? — Philippe murmura, fazendo cócegas na barba do marido.

Steve dá um tapinha em sua mão e faz um gesto para que o sigamos escada acima. — Eu disse para você parar de atrair atenção.

— O romance está realmente morto com você, *mon amour*. Eu deveria ter arranjado um amante francês.

Steve resmunga. — Como se alguém no mundo fosse tolerar suas travessuras.

— Você faz.

— A contragosto.

— Eu também estou tolerando seu mau humor, não estou? — Ele o nivela com um olhar enquanto me abraça ao seu lado. — De qualquer forma, trouxe minha musa. Tome conta de nós.

— É bom ver você, Lia. — As palavras de Steve são calorosas, mas sua expressão é a mesma de sempre. Já se passaram alguns anos desde que o vi e ele sempre foi atencioso, mesmo que seja de uma forma um tanto distanciada. Eu simplesmente amo a brincadeira do velho casal, dele e de Philippe.

Depois de se certificar de que estamos confortáveis na sala VIP privada no andar de cima, Steve nos deixa para cuidar dos negócios de gerenciamento. Sento com Stephanie e Philippe em um sofá isolado dos outros, que oferece uma visão direta da pista de dança abaixo. Os dois pedem uma dose após a outra, mas eu só me permito um copo de tequila porque de jeito nenhum vou ficar bêbada de novo. Já se passou uma semana, mas cometi mais erros do que posso contar na última vez que permiti que a bebida me governasse.

Eu evito ativamente os outros dançarinos enquanto ouço a conversa dos meus dois companheiros. Os outros sabem que não devem se juntar à mesa de Philippe a menos que ele os convide, então estou um tanto segura. Assim que Philippe vai ao banheiro, ou para uma ‘rapidinha com Steve,’ como Stephanie diz com escárnio, Ryan se aproxima, vestido com calça italiana da moda e uma camiseta roxa. Ele balança as pernas um pouco, seu foco em mim. — Venha dançar com a gente, Lia.

— Não, obrigada.

— Vamos lá, vai ser divertido.

— Ela disse não, obrigada, Ryan. Qual parte disso você não entende? —
Stephanie diz a ele com um sorriso.

Seus lábios se torcem enquanto ele bufa e sai. Dou a Stephanie um olhar agradecido que ela responde com um aceno de cabeça, obviamente sabendo que minhas reclamações não foram em vão. Continuamos observando a multidão dançando até Philippe voltar, praticamente pulando e com os olhos brilhando. Ele definitivamente transou ou ficou chapado. Ou ambos.

— Vamos dançar, *mes belles*.

Stephanie se levanta. — Estou sempre pronta para fazer alguns ajustes.

Philippe provocadoramente dá um tapa na bunda dela. — Trabalhe, *bébé*.

— Vou apenas assistir daqui. — Eu sorrio.

— De jeito nenhum. Você não veio até aqui para se sentar como uma estátua, *chérie*. — Philippe diz enquanto ele e Stephanie me arrastam escada abaixo, apesar dos meus protestos. Eu me movo lentamente, tentando não colocar pressão no meu pé.

Philippe me gira, depois Stephanie e os dois balançam a bunda, me convidando para entrar. Eu apenas rio da cena, me sentindo um pouco alegre simplesmente por observá-los. Eles podem ser tão divertidos juntos. Não é à toa que eles tiveram uma química perfeita trabalhando um com o outro, todos esses anos.

Ainda não estou confortável com a dança, no entanto, então grito por cima da música. — Vou pegar uma bebida!

— Volte logo! — Philippe grita.

Eu aceno, embora eu realmente pretenda voltar lá para cima e vê-los fazerem papel de idiota. Mas assim que eu chegar lá, me arrependo. O lugar está vazio, exceto por duas bailarinas que estão se beijando no banco de trás, apalpando os seios uma da outra. Mas não é isso que me faz querer fugir.

É Ryan. Ele está esperando por mim no sofá onde estávamos sentados quando chegamos aqui. Seus olhos estão errados. Eu não sei o que é sobre eles, mas eu não gosto do que vejo lá. Viro para descer e me juntar a Philippe e Stephanie, mas ele me agarra pelo braço e me puxa para trás com tanta força que bato em seu peito.

— Que diabos, Ryan?

— Eu pensei que você não queria dançar, mas você fez muito bem agora.

Tento soltar meu pulso de seu aperto. — Me deixe ir.

— Ou o que?

— Ou eu grito.

Ele cobre minha boca com a palma da mão e me puxa para ele, esfregando sua ereção contra meu estômago enquanto me força a me mover com ele. — Agora, você não vai.

— *Mfahhm...* — eu tento gritar contra sua mão.

— É apenas uma dança do caralho, Lia. Pare de ser uma maldita esnobe e faça isso.

Eu não quero fazer isso, porque o jeito que ele está olhando para mim não parece ser apenas uma dança. A sensação de sua ereção é ainda mais perturbadora do que antes.

— Você é uma porra de uma provocadora. Você sabia disso?

— *Mmmfop!* — Ele ainda está me impedindo de falar, então tento chutá-lo, mas ele se afasta no último segundo e pisa no meu pé, a sola do sapato quase esmagando meus ossos.

— Ahhhhh! — Eu grito em sua palma. Não, não, não...

— Faça isso de novo e vou quebrar suas malditas pernas, Lia. Você vai se comportar bem, não vai?

Eu aceno, lágrimas de desespero e dor se agarrando às minhas pálpebras.

— Você vai vir comigo, calma e bem.

Estou prestes a acenar com a cabeça, apenas para que ele liberte meu pé. Qualquer coisa para protegê-lo. Mas antes que eu possa fazer qualquer coisa, uma sombra aparece atrás de Ryan. Dedos fortes envolvem seu rosto e pescoço. Dedos que só aparecem em meus sonhos hoje em dia. Dedos que eu reconheceria em qualquer lugar. Se não fosse pela dor lancinante do sapato de Ryan, eu acharia que isso é outro sonho, mas está longe disso. As

luzes azuis lançam um brilho assustador em seu rosto enquanto ele arranca Ryan de mim.

Adrian.

Capítulo Onze

Lia

Adrian está aqui.

Esse pensamento não está totalmente implementado em minha mente quando a realidade do que está acontecendo bate em mim. Eu nem mesmo me concentro no fato de que meu pé latejante está livre do sapato de Ryan. A visão na minha frente é mais chocante. Mais exigente da minha atenção.

Adrian está atrás de Ryan, envolvendo as duas mãos fortes em volta do pescoço e da mandíbula. Seus dedos estão seguros e confiantes, sem mostrar qualquer hesitação ou dúvida. Sob a luz azul, seus olhos estão vazios, sem emoção, assim como naquele dia em que atirou na cabeça daquele homem como se estivesse matando uma mosca.

— O que é isso? — Ryan luta contra Adrian, tentando acotovelá-lo, mas não adianta. — Você sabe quem eu sou...

Suas palavras são cortadas quando Adrian aperta seu pescoço e fala com um sotaque russo neutro. — Eu calaria a boca se fosse você, a menos que você queira seu pescoço quebrado no próximo segundo.

O rosto de Ryan fica vermelho enquanto ele luta para respirar. O olhar largo em seus olhos desprezíveis é prova suficiente de que ele entende em

que tipo de confusão em que se meteu. Não tenho dúvidas de que Adrian quebraria o pescoço ou o queixo dele sem piscar. Por mais que eu odeie Ryan e seu comportamento, não desejo a ele, nem a ninguém, a morte. Especialmente pelas mãos de um homem insensível como Adrian.

Os olhos de Ryan encontram os meus, implorando, suplicando. Seus lábios estão azuis, e sua luta e tentativas de soltar Adrian são inúteis. Quanto mais ele luta, mais rápido seu corpo perde oxigênio.

— Adrian... — eu sussurro, tentando soar normal apesar do meu nervosismo crescente. — Deixe ele ir.

— Parece que ele colocou a mão em você. — Embora seu tom seja calmo, combinando com o vazio em seus olhos, suas ações são tudo menos isso. Eles são implacáveis com a intenção de terminar uma vida. — Na verdade, ele não só colocou as mãos em você, mas também os pés e o pau, que vou cortar e dar a ele.

Ele bate na parte de trás da perna de Ryan e eu ofego quando meu parceiro de dança cai de joelhos na minha frente, ofegando como se o ar tivesse sido tirado de seus pulmões.

— Vamos começar quebrando as pernas primeiro. — Adrian pisa nas panturrilhas de Ryan e um soluço feio e atormentado sai dos lábios do dançarino.

Sou arrancada do meu estado de tontura enquanto corro para Adrian e agarro seu braço musculoso, balançando a cabeça freneticamente. — Não faça isso.

Ele não presta atenção em mim enquanto puxa a cabeça de Ryan para trás usando as mãos no rosto. — Ele tentou esmagar seu pé antes.

— Eu não sou ele. Adrian, por favor. Você... você não entende o que nossas pernas significam para nós.

— A única coisa que entendo é que ele é ofensivo e precisa de cuidados.

Meu estômago se revira com essas palavras, cuidado. Tipo, morto. Eu cavo minhas unhas em sua camisa e puxo, sabendo muito bem que minha força não combina com a dele, mas é a única maneira que consigo pensar para fazê-lo libertar Ryan.

— Não... por favor, — murmuro.

A cabeça de Adrian se inclina para o lado, encontrando meu olhar pela primeira vez desde que ele apareceu atrás de Ryan como o ceifador. Seu rosto ainda está sem expressão, mas um músculo se contrai sob sua barba por fazer.

— Por que você o está defendendo depois do que ele fez com você?

— Eu não o estou defendendo. Eu só não quero ser o motivo por trás de alguém que perde a carreira.

— Ele estava pronto para colocara a sua em perigo.

— Eu te disse, eu não sou ele. — Faço uma pausa antes de acrescentar em voz baixa. — Ou você.

Adrian não comenta sobre isso, mantendo seu domínio impiedoso sobre Ryan, como se planejasse quebrar a perna e o pescoço dele ao mesmo tempo.

— Por favor... — eu puxo seu braço. Não tenho ideia de por que acho que teria qualquer tipo de efeito em Adrian quando ele deixou bem claro que é ele quem manda, mas uma parte de mim quer acreditar que posso fazer a diferença.

Que posso evitar matarem as pernas de um dançarino. Jogando minha última carta, fico na ponta dos pés e pressiono um beijo no queixo de Adrian. É suposto ser um gesto para baixar a guarda, mas acabo sendo aquela com a guarda baixa. Todas as emoções que experimentei desde que o conheci voltam à superfície. A frustração, o desconhecido e a maldita saudade que não quero admitir.

Todos esses sentimentos estiveram lá, esperando seu tempo, esperando por este exato momento quando minha boca encontra sua pele. Meus lábios tremem por um segundo a mais antes de eu me afastar, meu coração martelando tão alto que tenho quase certeza de que ele ouviu. O aperto de Adrian afrouxa em torno do pescoço de Ryan e meu parceiro de dança usa a chance para tentar fugir, mas sua perna ainda está presa debaixo dos sapatos de couro de Adrian.

— P-Por favor... — É Ryan quem está implorando agora, as lágrimas brilhando em seus olhos enquanto ele luta para respirar enquanto tenta puxar a perna de baixo de Adrian.

O diabo dos meus sonhos e pesadelos nivela Ryan com um olhar severo. Um arrepio desce pela minha espinha, embora não seja dirigido a mim. Ele poderia matar só com aquele olhar.

— Este é o seu primeiro e último erro. — Adrian cravou a sola do sapato na panturrilha de Ryan, fazendo ele gritar. — Toque ela de novo e vou garantir que você fique paralisado para o resto da vida.

Ryan acena com a cabeça rapidamente, freneticamente. Tenho certeza que ele pode ver o halo negro em torno de Adrian como uma segunda pele. Ou talvez eu seja a única que pode ver sua natureza inalterada.

— Fodido. — Adrian tira o pé e chuta a parte de trás da coxa. Algo pelo qual Ryan soluça alto enquanto se esforça para se levantar.

Ele nos encara enquanto se dirige para as escadas como se esperasse que Adrian viesse por trás novamente, sabendo que desta vez, ele cumprirá sua promessa. Eu roubo um olhar para o casal de bailarinas que estava se beijando quando eu cheguei aqui, mas não há nenhuma alma à vista. Eu inalo, sem perceber que parei de respirar. Embora normalmente não me importe, a última coisa que quero ou preciso é estar associada a um mafioso.

— Não defenda outra escória como ele na minha frente novamente.

Minha atenção voa de volta para Adrian. Meus dedos ainda estão cavando em sua camisa, e meu coração continua a bater forte dentro e fora de sincronia como se eu ainda estivesse assistindo a cena com Ryan tocando na minha frente.

— Você entende?

Eu balanço minha cabeça, respirando fundo para organizar meus pensamentos antes de soltá-lo. — Você não pode tratar as pessoas como se fossem lixo descartável.

— Isso é exatamente o que ele era. — Ele pega minha mão e eu estremeço quando ele a leva à boca e mordisca meu dedo mindinho um pouquinho. O gesto é possessivo e dispara direto entre minhas pernas. — Você está tremendo.

— Estou bem.

— Não diga isso de novo.

— Que eu estou bem?

— Essa palavra não combina com você. É juvenil, quando você é tudo menos isso. — Ele me observa, seus olhos percorrendo meu corpo em uma varredura completa, como se ele estivesse verificando se eu cresci alguma coisa desde a última vez que me viu. — Você está bem?

Eu aceno, completamente perplexa com sua natureza carinhosa. Testemunhar ele matar uma vez e quase repetir isso hoje à noite me permitiu um lugar na primeira fila dessa personalidade brutal que me apavora profundamente, então vê-lo agir preocupado está me dando uma chicotada.

— Como está o seu pé? Tente mover ele.

Eu giro lentamente e solto um suspiro quando percebo que a maior parte da dor passou. — Está bem.

— Você tem certeza ou está tentando me impedir de alcançar aquele filho da puta e paralisar ele?

— Está realmente bem. — Eu fecho a cara. — E pare com isso.

— Parar o que?

— Ameaçar a vida e os sonhos de outras pessoas. Você é como um verdadeiro vilão.

Seus lábios se contraem em rara diversão. — Você pensou que eu era um vilão falso?

— Se eu fiz, você provou que eu estava completamente errada.

— Estou feliz em fazer isso. — Ele ainda está segurando meus dedos perto de sua boca, enviando pequenas faíscas pela minha espinha com cada palavra contra eles. — Se alguém tocar em você novamente, vou garantir que seja a última vez que tocar em alguém.

Eu estremeço, e não tenho certeza se é por causa de suas palavras ou de seu aperto em minha mão ou ambos. Tudo o que tenho certeza é que este homem é muito mais perigoso do que eu pensava.

— Como você vai saber?

— Saber o quê?

— Que alguém me tocou. Você vai me perseguir?

Ele levanta uma sobrancelha.

— Certo. Você já está fazendo isso ou não teria me encontrado aqui. —
Eu puxo minha mão da dele com mais força do que o necessário.

Adrian agarra novamente, seu aperto não é brutal, mas firme o suficiente para esmagar meus dedos um contra o outro.

— Essa é a segunda e última vez que você se afasta de mim.

— As pessoas não gostam de tocar em seus perseguidores.

— É nisso que você acredita, *Lenochka*? Que sou seu perseguidor?

— Não é?

— Não. Perseguidores são covardes que têm medo de se aproximar.
Você me vê observando das sombras?

— Você estava. Se Ryan não tivesse feito o que fez, você teria aparecido ou teria desaparecido no ar como naquele dia?

— Estou ouvindo mágoa, Lia? Você ficou desapontada por eu ter ido embora?

— Eu nunca disse isso.

— Você não precisava. Posso ver no fundo desses lindos olhos. Posso sentir isso em cada arrepio de seu corpo. E você sabe o que mais sua reação me diz?

Eu balanço minha cabeça, não querendo ouvi-lo me psicanalisar. Eu odeio que ele seja tão observador de cada movimento meu e que nada escape dele. Nem mesmo as pequenas coisas que eu não estou ciente.

Sua voz baixa com um tom escuro e sedutor. — Isso me diz que você ficou desapontada por eu ter partido naquele dia. Você queria mais, não é? Você queria que eu rasgasse essa sua boceta apertada e fodesse você no colchão até que meu esperma cobrisse todos os seus poros enquanto você gritava meu nome.

Minhas coxas apertam e a sensação familiar de cair em um buraco profundo me agarra. Eu posso me sentir desintegrando, sendo pega em sua teia novamente.

Erguendo o queixo, recolho o que resta da minha dignidade. — Eu nunca deixaria você me tocar se dependesse de mim.

— É por isso que não depende de você.

— Te odeio.

Ele balança a cabeça como se suspeitasse disso o tempo todo. — Compreensível. Eu também me odiaria se fosse você.

— Você não sente nem uma ponta de remorso?

— Você quer desesperadamente que isso seja um sim, não é? Mas você já respondeu sua própria pergunta quando me rotulou de vilão. Diga, *Lenochka*. Os vilões sentem remorso?

Eu franzo meus lábios. Eu sei o que ele está jogando. Ele quer fazer isso sobre mim. Já que escolhi um nome para ele, não deveria ficar surpresa com suas ações. Se houver alguma coisa, eu preciso esperar por elas e agir de acordo. Mas se ele pensou que pegaria um cordeiro, isso está longe da realidade.

Adrian agarra meu queixo e o levanta com dois dedos, me forçando a olhar em seus olhos impiedosos. — Responda a minha pergunta. Eles sentem?

— Não.

— Correto.

— Mas isso não dá a você acesso gratuito à vida de outra pessoa para causar estragos como quiser. Para entrar como achar melhor e sair quando quiser.

— Isso é exatamente o que a falta de remorso me dá, *Lenochka*. A liberdade de fazer o que eu quiser sem sentir aquela coisinha chamada culpa.

Ele realmente é um monstro. Não há outra palavra para descrever o homem interior. Quando você está lidando com alguém sem nenhuma bússola moral, é impossível vencê-lo. Mas já estou presa em sua armadilha e tenho certeza de que ele não vai me deixar ir. Se eu lutar, ele vai me subjugar e, considerando sua natureza sádica, ele provavelmente vai gostar também.

Se eu fugir, ele me seguirá. Para ter alguma chance de ganhar, preciso começar a falar a língua dele. Para tirar o máximo que puder dele como um seguro para mim. Respirando fundo, eu resisto ao impulso de puxar minha mão da dele e colocar distância entre nós, porque quanto mais ele me toca, mais profundamente fico presa em sua teia e mais forte as cordas de marionete cavam em meu pescoço.

— Se você ficar entediado comigo, você vai me deixar ir? — Eu pergunto com uma calma que não sinto.

— Provavelmente.

Certo. Posso trabalhar com isso. Seu tipo geralmente fica entediado facilmente. Eles estão emocionados com a perseguição, a caça e a capacidade de rastrear alguém. Pegar sua presa é apenas uma recompensa e, quando o fazem, toda a diversão acaba. Eu não vou jogar duro para conseguir me libertar. Eu não vou deixá-lo me seguir, aumentando sua necessidade de perseguir. Se eu quiser me livrar dele, preciso fingir que estou jogando em suas mãos. Eu preciso me tornar tão chata, que ele vai embora e nunca mais volte.

Mas, em vez de ser óbvia sobre isso, sussurro. — Me diga alguma coisa.

— Alguma coisa?

— Qualquer coisa sobre você que o mundo não saiba.

Ele parece considerar isso por um segundo enquanto tira a mão do meu queixo. — Por que?

— Porque eu quero te conhecer como você queria me conhecer. — E preciso do máximo de informações possível sobre ele para descobrir como lidar com ele.

— O que te faz pensar que eu quero que você me conheça?

— Não é assim que essas coisas funcionam?

— Essas coisas? — Ele repete com uma ponta de zombaria.

— Você sabe.

— Não sei.

— Só você e eu.

— Só você e eu. Eu gosto disso.

Minha cabeça levanta com a satisfação em seu tom. Ele realmente parece gostar, mas por quê?

Um brilho raro passa por seu olhar acinzentado enquanto ele mordisca meu dedo mindinho novamente. — Se eu te contar, eu recebo algo em troca?

Um arrepio passa por mim e eu hesito.

— Não conto coisas sobre mim sem receber algo em troca, Lia.

— Certo.

— O que eu disse sobre essa palavra?

— Eu não posso simplesmente me livrar disso.

— Você vai aprender. Em tempo. Ou haverá consequências.

Eu fico olhando para ele, minha boca aberta. — Que tipo de consequências?

— Você vai ver.

— Certo... quero dizer, tudo bem. Então?

— Então o que?

— Você disse que queria algo. O que é?

— Eu te aviso mais tarde.

Eu não gosto do som disso. — Por que você não me diz agora?

— Porque eu não quero.

Urgh. Esse idiota.

Antes que eu possa permitir que minha língua o amaldiçoe e possivelmente destrua qualquer chance de conseguir o que quero, ele diz.

— Eu nasci fora do casamento. Minha mãe era amante de meu pai antes de matar minha madrasta e se casar com ele.

Meus lábios se abrem, não só com a carga de informações, mas também com a maneira apática que ele diz. Como se fosse normal, a vida cotidiana. Ele é realmente um sociopata?

— Mas como...? — Pareço tão confusa quanto me sinto.

— Você pediu uma coisa, Lia. — Ele me puxa para o seu lado. — Agora é minha vez.

Gavinhas de expectativa e medo enrolam dentro de mim enquanto murmuro. — Sua vez... para quê?

— Você descobrirá quando estivermos em seu apartamento.

Capítulo Doze

Lia

Adrian não fala enquanto caminhamos pelo corredor até meu apartamento. Ele não fala quando eu coloco o código, tentando escondê-lo dele depois que eu mudei alguns dias atrás. Ele também não falou durante o caminho aqui, nem seus guardas, que eram os mesmos de rosto solene da última vez. Dizer que estou nervosa seria um eufemismo.

Fui eu quem surgiu com este plano para atraí-lo para que ele me deixasse mais cedo ou mais tarde, mas nunca pensei que o momento real seria tão estressante. Não ajuda que ele pareça tão letal e bonito como sempre. Seu físico é realmente impressionante, seja seu nariz reto ou suas maçãs do rosto esculpidas ou as roupas pretas que adicionam uma borda perigosa a sua estrutura muscular. Ele é o tipo de beleza que só se deve admirar de longe. Sempre que alguém se aproxima, ele os extingue como um animal exótico mortal.

Eu entro no meu apartamento e não me viro para ter certeza de que ele me seguiu, já que passos silenciosos ficam atrás de mim. Paro em frente à mesa comprida e estreita que costumo usar para guardar as chaves.

Soltando um suspiro trêmulo, tiro meu casaco e penduro sobre a mesa. Demoro alguns segundos inspirando profundamente antes de reunir

coragem. — Estamos dentro do meu apartamento. Você disse que me deixaria saber quando... Ohhh.

Minhas palavras terminam em um suspiro misturado com um gemido quando ele agarra um punhado do meu cabelo e me inclina sobre a mesa. Minha bochecha encontra a superfície fria e meu coração aperta no meu peito enquanto meus olhos se arregalam. Não tenho a menor ideia de por que o som que acabei de lançar foi um gemido. Deveria ter sido um grito, um choro, um pedido de ajuda. Qualquer coisa, menos um gemido.

Seu nariz toca meu cabelo de onde seus dedos estão me prendendo no lugar, em seguida, segue até a carne macia da minha garganta. Estremecimentos e arrepios surgem na minha pele, cobrindo um ao outro e permitindo que novos se formem.

Seus lábios quentes encontram a concha da minha orelha e ele mordisca antes de sussurrar em palavras tensas. — Você acha que eu não descobri o que você está fazendo, Lia?

Meus olhos devem dobrar de tamanho enquanto tento olhar para ele, mas seu aperto inflexível me proíbe o menor movimento. — O-O quê?

— Você esteve esperando por este momento a noite toda. Ou... digamos durante parte da noite. Aquele seu cérebro ocupado pensou que você poderia se livrar de mim sendo uma vagabunda obediente?

Meus molares rangem enquanto eu estalo. — Eu não sou uma vagabunda.

— Então porra, não aja como uma. — Suas palavras são tão mordazes quanto sua maldição rara.

— Eu não estou...

— Sim você está. Você quer ser tratada como uma vagabunda, Lia? É isso?

Minhas palavras ficam presas no fundo da minha garganta quando ele levanta meu vestido até minha cintura. O ar frio cobre minhas costas, apesar do calor que está no meu apartamento. Adrian me segura através da minha calcinha de algodão simples e eu suspiro. Ele me tocando não é uma novidade, mas mais como encontrar um antigo amante. E não qualquer amante, o único amante habilidoso que já soube como torcer meu corpo de todas as maneiras possíveis.

Mas eu nunca tive um amante assim antes. Eu nunca fui pega em um labirinto erótico por um mero toque como estou com Adrian. Por que tinha que ser ele, de todas as pessoas?

— Mmm. Você está encharcada. É por causa de ser chamada de vagabunda ou ser forçada a essa posição?

Nenhum. Ambos. Não sei. Sinceramente, não tenho ideia do que está acontecendo agora. Eu deveria sentir vergonha de ser pressionada com meu corpo seminua à sua vista. Eu deveria lutar e ficar longe de suas mãos fortes e assassinas e de todos os estragos que elas causam. Mas eu não posso.

Digo a mim mesma que é para que ele me deixe em paz depois. Digo a mim mesma que é uma aventura como todas as outras, mas essas palavras desaparecem em segundo plano quando ele coloca as mãos em mim. Adrian prende a calcinha em sua mão para que fique em uma linha apertada e esfrega contra meu clitóris em golpes duros e impiedosos. Minhas coxas apertam em uma tentativa infrutífera de parar a loucura, mas Adrian aumenta seu ritmo até que estou tremendo contra a mesa.

O prazer que ele arranca de mim se agarra aos meus ossos e me puxa para baixo. Não é nem mesmo sobre o prazer, é sobre o monstro que o está infligindo. O monstro selvagem e sem remorso que não vai parar por nada para conseguir o que deseja. Enquanto eu desmorono, mordendo meu lábio para parar de gritar, eu percebo que essa é a razão pela qual eu fui pega por ele desde a primeira vez que ele me beijou.

Eu sempre gostei secretamente do tipo de homem que pega o que quer enquanto vira o dedo médio para o mundo. Não tenho ideia do que isso diz sobre mim como ser humano e, em minha defesa, tenho feito muito bem em esconder aquele prazer culpado todos esses anos. Mas antes, eu não tinha essa montanha de homem na minha vida. Eu não esperava encontrar alguém que colocaria essa fantasia em uma aplicação literal. Eu ainda estou cavalgando meu orgasmo quando um tapa reverbera no ar e a ardência se registra na minha bunda. Eu congelo, meu coração quase parando com o ataque repentino de dor sobre o prazer. Adrian apenas... me deu um tapa.

— O que... o que foi isso? — Eu pergunto em um tom ofegante, ainda lutando contra os resquícios do meu orgasmo.

— Isso foi por esconder sua voz de mim. Não faça isso de novo. — Ele me dá um tapa pela segunda vez e eu salto contra a mesa, ambas as minhas mãos segurando a borda com força.

— Certo, eu não vou.

Tapa.

Meu corpo estremece com o ataque e um formigamento estranho irrompe entre minhas coxas. Puta merda.

— Eu disse que não... — Minha voz quebra com a necessidade de conter meus gemidos.

— Mas você usou essa palavra juvenil. — Ele me bate novamente, deixando uma queimadura pulsante na minha pele e um aperto no meu núcleo.

Eu suspiro, o calor subindo para meus ouvidos. — Pelo que foi isso?

— Porque eu queria. Mmm. Você é surpreendentemente responsiva. — Ele brinca com o dedo na minha entrada e eu recuo com o contato quente, ou talvez seja eu quem está gostando. — Você gosta de ser espancada para obedecer, *Lenochka*.

— Não... — Eu gemo a palavra, incapaz de ficar parada.

— Oh, mas você gosta. Veja como sua boceta está me convidando para entrar.

— Pare com isso.

— Parar o que?

— Me torturando.

— Por que eu acho que você gosta? Você odeia o quanto quer, mas não odeia as sensações que isso cria dentro de você.

Eu cavo minhas unhas na madeira, esperando, prendendo a respiração para que ele faça algo. Ele provoca minha entrada, cobrindo-a com meus próprios sucos e empurra o dedo para dentro, mas antes que eu possa realmente sentir, ele sai. Leva tudo de mim para não gemer de frustração. Já se passou muito tempo desde que fiquei assim, sintonizada com as necessidades do meu corpo como se fosse o único caminho para a minha sobrevivência. Inferno, eu nunca estive tão excitada na minha vida, exceto pela última vez que ele me trouxe ao orgasmo.

— Você quer meus dedos, Lia? — Ele pergunta em um tom sedutor, que eu nunca tinha ouvido antes, que está aumentando o estado da minha excitação.

— Mmmm... — Eu solto um som ininteligível.

— O que é que foi isso? Eu não entendi direito.

— Sim... — A vergonha ressoa em meus ouvidos enquanto inspiro e expiro, incapaz de me orientar.

— Essa é uma boa vagabunda.

— Eu não sou... uma vagabunda, — consigo murmurar.

— Então você é uma boa menina?

Meu coração bate mais rápido com essas palavras.

— Se você é uma boa vagabunda ou uma boa menina depende de como você obedece às ordens, Lia.

Meu estômago aperta e as borboletas malévolas da última vez cortam através dele, destruindo qualquer aparência de controle que eu pensei que estava exercendo. Era um desenho animado o tempo todo, sem sentido e sem impacto real. Porque aquele que tem mantido o poder em suas mãos brutais desde o início é o homem que está atrás de mim, confiscando meu ar e minha sanidade.

— Mas você não vai pegar meus dedos.

— O-O que...?

— É hora de eu reivindicar você. — Enquanto ele ainda está me segurando pelos cabelos, ouço o inconfundível desabotoar de um cinto e abrir o zíper de uma calça.

O ritmo do meu coração fica assustador. Pior do que quando tenho sessões de treino intensas. Pior do que qualquer momento assustador que já experimentei na minha vida. E percebo com terror que é porque o medo agora está misturado com algo totalmente diferente. Começa com a parte interna das minhas coxas pegajosas e termina no meu núcleo superestimulado. Ele se inclina sobre minhas costas e estou perfeitamente ciente da enorme ereção cutucando minha bunda.

Oh Deus. Eu não preciso vê-lo para saber que ele é enorme. Já faz muito tempo para mim, então não há nenhuma maneira no inferno que eu vou ser capaz de levá-lo.

Fecho os olhos quando seu hálito quente encontra meus ouvidos e ele murmura. — Vou te foder com tanta força, você não será capaz de se mover, Lia, e quando o fizer, você só me sentirá dentro de você.

Eu não consigo analisar suas palavras enquanto ele puxa minha calcinha e a rasga de mim. Eu suspiro, tanto com a ação bárbara quanto com a fricção que se segue ao meu clitóris. Adrian segura meu quadril e separa minhas pernas com um de seus joelhos, e então ele esfrega a cabeça de seu pau na minha entrada. Eu respiro fundo quando ele arrasta todo o caminho sobre minhas dobras e contra o meu clitóris antes de voltar novamente. Ele faz isso algumas vezes.

Pra cima. Pra baixo. Esfregar. Pra baixo. Pra cima.

Minha cabeça gira em uma mistura tonta de sensações, incapaz de suportar mais a tortura.

— Adrian... — eu gemo.

— Impaciente, *Lenochka*?

— Por favor.

— Por favor, o que? — Sua voz endurece com excitação e autoridade.

— Por favor...

— Eu perguntei, por favor o quê?

— Não me faça dizer isso. — Estou sussurrando as palavras agora, soando devassa aos meus próprios ouvidos.

— Eu quero ouvir você dizer isso.

— Adrian...

— O que?

— Faça.

— Fazer o que?

— Me foda, — murmuro, meus ouvidos explodindo em chamas.

— Eu não ouvi isso.

— Me foda... ahhh. — Eu gemo, então suspiro quando ele se embainha dentro de mim de uma vez, sua virilha batendo contra minha bunda com a força disso.

Eu engasgo com o ar quando ele sai dos meus pulmões. Meus dedos estão brancos e úmidos ao redor da borda da mesa enquanto eu recupero o fôlego e me acostumo com o tamanho dele.

Eu achei que ele era grande? Ele é tão grande que posso senti-lo em todos os lugares dentro de mim, ao meu redor e, especialmente, atrás de mim. Quero virar minha cabeça e olhar para ele, ver se sua expressão está tão confusa quanto a minha agora. Ver se a mera penetração o está afetando como a mim. Ele nem mesmo está se movendo, mas a sensação dele dentro de mim me empurra para aquele limite novamente. O aperto firme de Adrian me proíbe de olhar para ele quando ele começa a se

mover, empurrando lentamente no início, mas é tão profundo que sinto o estiramento das minhas paredes em torno dele.

— Você é tão apertada, Lia. — Ele se esforça para dizer, como se mover dentro de mim fosse uma tarefa árdua. — Tão perfeita pra caralho.

Meu batimento cardíaco ruge em meus ouvidos enquanto ele aumenta sua velocidade, atingindo uma parte secreta dentro de mim que eu não sabia que existia.

— Ahhh... Adrian...

— Você sente isso, *Lenochka*?

— Sim... sim... eu nunca... nunca... ahhh... — Eu paro quando ele bate novamente, então afasta minhas pernas para entrar completamente.

— Você nunca o quê?

— Nunca... me senti assim... — E não é apenas por causa das pontadas agudas de prazer que vêm com cada uma de suas estocadas ou como ele me segurou completamente. É sobre como um monstro como ele é capaz de arrancar emoções tão fortes de mim, como ele não apenas entrou em meu corpo, mas também está forçando a entrada em minha alma.

— E você nunca sentirá nas mãos de ninguém. De agora em diante, você vai esquecer qualquer bastardo que te tocou no passado. — Seu ritmo se torna incontrolável, implacável, enquanto ele bate dentro de mim com uma força que sacode a mesa e minhas entranhas.

Quando ele atinge aquele local novamente, estou gritando com uma voz que nunca soube que possuía. É tão longo e cru, como estar no topo de uma montanha e gritar a plenos pulmões todo o conteúdo do meu coração. E assim, estou livre. Como naquele dia em meu quarto, estou tendo uma experiência fora do corpo em que tudo está preso em um halo. Adrian entra poderoso dentro de mim uma e outra vez, nunca diminuindo a velocidade. Como ele prometeu, ele me fode com tanta força que minha frente desliza para frente e para trás na mesa, esticando meus mamilos duros na superfície áspera. Essa explosão adicional de prazer desencadeia outra onda submersa que me transporta para um espaço alternativo. Eu não poderia lutar contra isso se quisesse. E eu não quero, porque neste momento, me sinto selvagem e livre como nunca na minha vida.

— Adrian...

Ele envolve meu cabelo em seu punho e me puxa para que eu fique suspensa no ar enquanto ele bate em mim. A posição não é exatamente confortável, mas dá a ele mais profundidade e ao meu orgasmo mais força.

— Diga isso de novo. O meu nome.

— Adrian... — Eu consigo soltar um gemido quando meus olhos colidem com os dele. Eles são cinzentos, mas faiscando com luxúria que espelha a minha. É tão forte que posso sentir o gosto no pequeno espaço entre nós.

— Você nunca mais dirá o nome de outra pessoa nesse tom. — A possessividade crua é registrada por um segundo antes que ele esfregue meu clitóris e eu caia novamente.

Desta vez, ele usa meu cabelo para me arrastar para mais perto e bate sua boca em meus lábios doloridos, mergulhando sua língua dentro. Ela gira contra a minha com o mesmo ritmo que ele está me fodendo. Estou delirando, a estimulação tripla é minha ruína. Eu nem sei se vou voltar dessa, mas eu caio de qualquer maneira. É assim que me sinto sobre tudo o que tem a ver com Adrian desde que o conheci. Ele tem um jeito de me fazer abandonar minhas inibições e simplesmente... cair.

É libertador tanto quanto perigoso. Delicioso tanto quanto aterrorizante. Meus olhos estão caindo quando me encontro em seus braços novamente, sua língua no fundo da minha garganta e seu pau batendo em mim com a aspereza de um guerreiro. Ele fica rígido nas minhas costas e grunhe na minha boca enquanto o calor preenche minhas entranhas e, em seguida, escorre pelas minhas coxas quando ele puxa para fora de mim.

Sou arrancada da minha névoa quando percebo que ele acabou de me foder sem camisinha. Puta merda. Como pude não pensar nisso até agora? Estou tomando pílula há anos para regular meu período, então isso vai me proteger da gravidez, mas há algo pior do que isso hoje em dia. Adrian solta meu cabelo, e antes que eu possa dizer qualquer coisa, ele me pega. Eu grito, os braços em volta do seu pescoço para me impedir de cair.

Ele caminha com indiferença absoluta em direção ao meu quarto. Suas calças estão abertas, mas fora isso, todo o resto está em perfeita ordem. Seu rosto está duro e desagradável, e ninguém pensaria que ele atingiu seu pico de prazer agora. No entanto, ele sente mais relaxado do que quando

chegamos. Seus músculos não estão cheios de tensão e seu aperto é um pouco sensível.

— Você não usou camisinha, — murmuro.

Seu olhar desliza para o meu e me sinto encurralada nele. — Então?

— DSTs. Já ouviu falar delas?

— Faz meses que não sou sexualmente ativo e sempre usei preservativos, então estou limpo.

Eu prendo meu lábio sob meus dentes inferiores, minha mente estranhamente indo para a parte onde ele não é sexualmente ativo há meses. Quem foi sua última vítima? Alguém como eu? Isso faz minha pele arrepiar e eu rapidamente ignoro isso.

— Por que você não usou camisinha agora?

Ele faz uma pausa. — Eu esqueci.

— Você esqueceu?

— Sim, eu não posso?

— Não, apenas parece que você é do tipo que nunca esqueceria.

Seus olhos relaxam. — Correto.

— Então por que você fez isso?

— Eu gostaria de saber.

O silêncio em seu tom me dá uma pausa enquanto pergunto. — E se eu não estivesse no controle da natalidade?

— Você obviamente está, então por que tanto alarido sobre isso?

A maneira indiferente com que ele fala me incomoda. É como se ele realmente não se importasse, mesmo se eu não fizesse controle de natalidade. Ele realmente carece de qualquer tipo de remorso? Ele me expulsaria e consideraria o bebê um dano colateral se eu engravidasse?

— Você gostaria de tomar um banho primeiro? — Ele me tira dos meus pensamentos caóticos.

— Primeiro? Por quê? O que vai acontecer depois?

— Estou levando você de novo. — Ele para no meio do meu quarto, esfregando o nariz no meu cabelo e me inalando. — Rosas do caralho.

Arrepios cobrem minha pele e minhas coxas se contraem, porque mesmo que eu não tenha descido da primeira alta, a necessidade de outra me atinge com uma força estrondosa. Ainda assim, vou pelo caminho lógico. — Eu... eu pensei que era uma coisa única.

— Você pensou errado, *Lenochka*. — Sua voz é calma como o diabo e igualmente letal.

E eu sei, só sei que minha vida nunca mais será a mesma.

Capítulo Treze

Adrian

Eu me puxo do lado de Lia. Ela está dormindo há uma hora. No início, seu corpo estava relaxado, empurrando levemente contra o meu, quase se aconchegando, mas então ela voltou à sua postura rígida. A postura da morte.

Parece ser a norma para ela, algum tipo de hábito que ela desenvolveu ao longo dos anos e acabou caindo inconscientemente. As pessoas geralmente encontram sua zona de conforto, sua caixa feita por si mesmas e se enfiam nela. Mas essa é a coisa sobre Lia. Embora uma parte dela esteja confinada, escondida do mundo, outra parte completamente diferente sobe no palco e voa como se tentasse tocar os céus.

Ela é uma contradição por completo. Vou tentar dissecar centímetro por centímetro. Eu a observo por um instante, observando seus traços suaves, seu lábio inferior cheio rosado, e suas bochechas coradas. Elas têm a mesma cor desde que eu a fodi contra a mesa. Não era para acontecer assim, na entrada, como se eu não tivesse controle sobre mim mesmo.

Mas é isso. Eu não tinha meu controle de aço. Não tive vontade de parar, não depois do que aconteceu no clube. Eu ainda estava furioso com a frustração reprimida por não estrangular aquele filho da puta que colocou

as mãos sobre ela, que não apenas a tocou, mas também o fez intimamente e depois a ameaçou. Naquele momento, eu nunca quis ver a vida abandonar os olhos de alguém tanto quanto desejei estrangulá-lo.

Apesar do meu passado, eu realmente não tenho uma forte sede de sangue como Damien, ou mesmo Kirill e Vladimir. Matar alguém é apenas um meio para um fim para mim. Eu não tenho prazer no ato, no entanto, também não sinto repulsa por isso. É apenas uma necessidade. Mas aquele filho da puta loiro? Sim, eu teria gostado de cada segundo do ar deixando seus pulmões.

Se alguém me perguntasse o que aconteceu comigo naquela hora, eu também não saberia. Em um momento, eu estava observando das sombras, como um perseguidor, como Lia gosta de apontar e no próximo, eu estava vendo vermelho como nunca na minha vida. Não sou do tipo que vê vermelho. Sempre acreditei que a raiva estava abaixo de mim é uma emoção que só vai nublar minha visão e me impedir de tomar a decisão certa. Na verdade, além de quando a tia Annika morreu, acho que nunca senti fortes emoções. Depois disso, toda a raiva e irracionalidade que veio com ela pareceu desaparecer do meu sistema e ser substituída por uma cabeça fria.

Até aquela cena no clube. Até que tudo que eu podia ver era a porra do vermelho. Esta mulher não só bagunça meus padrões, mas também está provocando uma parte de mim que me despedi quando era criança. Uma parte que vou sufocar até a morte antes que me invada novamente. Tive que provar a mim mesmo e a ela que estou no controle e sempre estarei. É

por isso que a coloquei contra a mesa assim que entramos. Ela pensou que poderia se livrar de mim e eu pensei isso também. Por um momento, antes de colocá-la no chão, tive a ideia de que foderia a raiva dela e apagaria o caos relacionado a ela.

Eu não fiz. Se qualquer coisa, ele se tornou mais sombrio, mais duro e mais escuro. Com cada impulso em sua boceta apertada e cada gemido de seus lábios rosados, eu senti um fio invisível se formar entre nós. Não sou do tipo que cria laços com minhas parceiras sexuais. Elas estão lá simplesmente para eu usar e devolver o prazer, se eu achar necessário. Elas sabem que sou rude, insensível e exigente, mas continuam voltando para mais.

Elas sabem que sou frio e facilmente entediado, e é por isso que me retiro após a liberação. Não foi o que aconteceu com Lia. Pela primeira vez em meus quase trinta e um anos, peguei uma mulher novamente logo depois que terminei com ela. Uma obsessão sombria se apoderou de mim, e eu precisava ouvir ela gemer e ver seu corpo pequeno tremer enquanto ela se desenrolava em torno de mim. Tive que gravar em meu cérebro a forma como seu rosto se contorcia de prazer enquanto ela gritava meu nome e cravava as unhas em meus ombros quando era demais.

Na verdade, tudo que eu quero agora é acordar ela e continuar de onde paramos. Quero tocar cada centímetro de seu corpo, estudar e provocar ele a alturas que nem ela teria pensado ser possível. Então... eu acabaria por destruí-lo. Que desperdício de merda.

Pego uma mecha de seu cabelo entre meus dedos, eu inalo, deixando o cheiro de rosas invadir meus pulmões e abrir um lugar lá. Tudo nela é suave, até mesmo sua personalidade. Mas ser suave não significa que ela seja ingênua. Lia sabe quando se defender se necessário, mas ela escolhe cuidadosamente suas batalhas. Como um sobrevivente faria. Considerando seu histórico, a tática faz todo o sentido. Não que eu tenha dado a ela alguma escolha. Era o meu caminho ou a morte. E embora seja assim que costumo lidar com tudo na minha vida, me encontro adotando uma abordagem diferente com ela.

Uma que eu não entendo totalmente. Eu me levanto da cama e vejo os comprimidos na mesa de cabeceira. Eles mudaram de posição da última vez, o que significa que ela os tem tomado nos últimos dias. Sem me preocupar em vestir minha cueca boxer, vou para a cozinha e pego uma garrafa de água da geladeira. Eu paro com ela a meio caminho da minha boca enquanto estudo as notas presas à porta.

Comprar mantimentos.

Você não escorregou e quebrou o tornozelo. Isso foi um pesadelo.

Tente ligar para L novamente.

Eu removo os dois últimos, estudando sua letra cursiva limpa. Ela está se lembrando de seus pesadelos. Hmm. Isso significa que seu caso está piorando desde a última vez que ela viu seu terapeuta? Meu dedo toca na última nota e meu corpo fica frio como uma pedra, mesmo com o calor no apartamento.

Tente ligar para L novamente.

Quem diabos é L e por que ela está escrevendo o nome como uma inicial como se o estivesse mantendo como um segredinho sujo? Ele é um ex-amante dela? Amigos com benefícios? Quanto mais penso nisso, mais rápido o vermelho do clube ameaça retornar. Eu bato o bilhete de volta na geladeira antes que eu possa amassá-lo e dar minha sessão de espionagem. Embora eu não dê a mínima, eu sei que ela dá, e então ela iniciaria uma de suas sessões de psicanálise que acabaria machucando-a mais do que o necessário.

Ela logo verá meu lado sem censura. Em quanto tempo, é a questão. Meu olhar voa sobre a sala de estar, observando os lugares onde farei Kolya e Yan instalarem câmeras quando ela estiver fora. Também há um recanto em seu quarto, bem acima de sua penteadeira, onde seria o local perfeito para inserir uma câmera de vigilância. Ela está certa. Eu sou um perseguidor.

Mas é isso ou torturar ela para obter respostas. O que sou eu senão o vilão perfeito? Prefiro fazer as coisas com suavidade, não com severidade. Seria uma pena tirar sangue daquela pele de porcelana, no entanto marcá-la é uma história completamente diferente. Ver minhas impressões de mãos vermelhas em sua bunda trouxe a besta dentro de mim, aquela que anseia por mais marcação, mais reivindicação. Apenas mais.

Depois de beber a garrafinha de água, joga no lixo e volto para o quarto. Lia ainda está dormindo em sua posição de morte, mas o lençol escorregou,

revelando um mamilo rosa perfeito. E assim, estou ficando duro de novo. Porra.

Deito ao lado dela, apoiando a cabeça no cotovelo para observá-la atentamente. Incapaz de resistir, eu me inclino e tomo o mamilo nu em minha boca, lambendo minha língua contra ele como um adolescente com uma obsessão por peitos.

No início, Lia permanece imóvel, mas então sua posição de morta se quebra e seus lábios se abrem. — Mmmm...

O som vai direto para o meu pau, endurecendo-o ao ponto da tortura. Eu mordo seu mamilo o suficiente para causar um leve desconforto, esperando que ela abra os olhos, mas ela geme novamente, sua mão movendo-se sob o lençol. Eu puxo para baixo para vê-la tocar sua boceta, esfregando o clitóris daquela forma suave, mas erótica, que ela fez para se aliviar daquela vez.

De novo não. Eu posso ter assistido da última vez, mas não haverá mais nenhum toque quando eu estiver por perto. Envolvendo minha mão em torno da dela, eu a acalmo, minhas pontas dos dedos roçando suas dobras molhadas.

— Mmmm, — ela murmura, tentando puxar sua mão livre e continuar sua tarefa.

Eu mordisco seu mamilo mais uma vez, e desta vez, ela engasga acordada, seus profundos olhos azuis olhando para lugar nenhum antes de ela lentamente se concentrar em mim.

— O que...? — Ela para quando vê minha boca em torno de seu mamilo e minha mão sobre a dela em sua boceta.

Uma tonalidade vermelha se espalha por sua pele clara, cobrindo seu pescoço e rosto e até mesmo suas orelhas. Seus sentimentos de vergonha auto implicados são interessantes, e encontro-me querendo gravá-los mais profundamente em minha mente. Ou talvez, o que eu realmente quero é vê-la corada e à minha mercê.

Falo contra seu mamilo, fazendo-a se contorcer com cada uma das minhas respirações contra a ponta molhada e sensível. — Você estava se tocando de novo, *Lenochka*, mas esses dedos macios não a satisfazem mais, não é? Eu posso dar a essa boceta o que ela realmente anseia.

Ela coloca a outra mão no meu ombro. É para resistir a mim, para me impedir como aquele cérebro inteligente dela dita, mas ela e eu sabemos que isso não pode durar muito.

— Você vai ser uma boa vadia ou uma boa menina, Lia?

Ela respira fundo, tentando retirar a mão que está em seu clitóris debaixo da minha. Mas eu a mantenho preso e ela engasga quando eu empurro um pouco.

Eu a monto em um movimento rápido, meus joelhos de cada lado de suas pernas separadas. Lia deixa o braço cair para o lado e sussurra. — Quando você vai terminar?

— Não aja como se isso fosse uma tarefa árdua, Lia. Essa é outra forma de mentir e você sabe que não gosto disso.

Ela me encara, seus traços minúsculos se contraindo com o movimento.

— Você é um sádico.

— Então isso faz de você uma masoquista, *Lenochka*.

— Eu-Eu não sou.

— Sim você é. Você pode sentir sua excitação revestindo ambas as nossas mãos?

Ela tenta olhar para a parede oposta, mas eu a puxo de volta com um aperto firme em seu queixo. — Não faça isso de novo. Mantenha sua atenção em mim quando eu estiver tocando você.

— Então agora, eu só tenho permissão para olhar para você?

Eu gosto disso. Na verdade, eu gosto muito disso, é perturbador pra caralho, e eu geralmente não considero nada perturbador.

— Se você pode evitar, sim, — eu digo em um tom indiferente que não trai o pensamento que eu estava tendo.

— Você é um desastre... ahh, — ela choraminga enquanto eu alinho meu pau com sua entrada.

— Então você não deve ficar no meu caminho, *Lenochka*. Eu vou arruinar você, quebrar você e bagunçar pra caralho.

— Você já não está fazendo isso?

— Não de verdade, não. Você seria inteligente em não provocar esse lado meu. — Eu solto seu queixo e coloco a mão atrás de suas costas, levantando-a para uma posição sentada, em seguida, joga suas pernas para

que fiquem posicionadas ao lado dos meus joelhos enquanto eu bato dentro dela ao mesmo tempo.

Porra. Ela sente como na primeira vez. Não, é ainda melhor, suas paredes mais convidativas e seu corpo mais acostumado ao meu. Lia grita, o som se transforma em um gemido suave enquanto eu pego seu calor apertado tão profundo que nossas virilhas batem uma contra a outra com nossas mãos entre elas. Lia olha para onde nos unimos, seu rosto ficando profundamente carmesim, e ela começa a desviar o olhar.

— Não. Olhe para nós.

— Não me obrigue, — ela implora entre gemidos.

— Você me chamou de desastre, mas este é o verdadeiro desastre, Lia. Você e eu.

Ela obedece, seus lábios se separam, e um brilho ilumina no fundo de seus olhos, tornando-os mais leves, quase como se ela estivesse em êxtase. Usando seus dedos, eu a faço provocar seu clitóris, meu polegar adicionando pressão. Sua mão é minúscula em comparação com a minha, pequena e sofisticada como tudo nela. Ele treme com meus cuidados, mas ela não tenta puxá-la enquanto esfregamos seu clitóris do jeito que ela gosta enquanto eu empurro dentro dela ao mesmo tempo.

Ela joga a cabeça para trás, o que faz com que mechas de seu cabelo com perfume de rosa rocem meu rosto. Eu a inspiro e memorizo o abandono completo em seus traços enquanto eu a fodo em um ritmo que a deixa choramingando por uma liberação. Ela gozou mais vezes do que qualquer

um de nós pode contar esta noite, mas Lia ainda quer mais. Ela ainda se desfaz ao meu redor quando eu recuo e entro de volta.

Seus dedos param debaixo dos meus e ela geme o único nome que ela tem permissão de agora em diante. — Adrian... sim... sim... Adrian...

O som de seu sussurro gutural me envia colidindo com minha própria liberação. Minhas costas e bolas apertam enquanto eu me esvazio dentro dela de uma vez. Que se foda os preservativos.

Ela cai contra mim, sua cabeça aninhada no meu peito. Um brilho de suor cobre nossos corpos enquanto inspiramos um ao outro. Em breve, ela tentará se afastar de mim como fez antes, mas agora, seu corpo está completamente frouxo contra o meu. Agora, ela parece dócil e contente e até solta um pequeno suspiro. Eu escolho este momento de paz para oferecer a ela outro pedaço de verdade. A única verdade que me abala até os ossos.

— Você perguntou quando eu terminaria. A resposta é nunca. Eu nunca vou terminar com você, *Lenochka*.

Capítulo Quatorze

Lia

Eu nem sei como consegui sobreviver ao ensaio de hoje. Devido à foda completa como eu nunca experimentei em toda a minha vida, acordei dolorida e grogue e... em uma névoa de prazer. Achei que não seria capaz de me mover, muito menos ensaiar.

Mas em algum momento no início da manhã, senti Adrian limpar entre minhas pernas com um pano quente. A sensação por si só foi o suficiente para me fazer gemer em êxtase absoluto. Depois que acordei, fui enrolada em um edredom limpo, e o que estava manchado com as evidências de nossas atividades sexuais estava na máquina de lavar.

Encontrei o café da manhã na minha mesa de cabeceira. Café sem açúcar, minha torrada sem sal com queijo biológico e uma maçã. Também havia analgésicos com garrafa de água. Eu deveria me perguntar como ele sabe o que como no café da manhã, mas não seria muito difícil descobrir, já que isso é tudo que tenho na minha cozinha. Apesar de querer questioná-lo, fiquei estranhamente tocada pelo fato de que ele me trouxe o café da manhã na cama. Ninguém nunca fez isso por mim antes, e em minha própria casa, nada menos.

Mas o fato é que ele desapareceu. Não havia nenhum vestígio dele ou de suas roupas. Se não fosse pela dor tenra entre minhas pernas e suas impressões de mãos vermelhas na minha bunda, eu teria suspeitado que ele nunca esteve aqui em primeiro lugar. Que tudo o que aconteceu ontem à noite foi outro castigo cruel criado na minha cabeça.

Mas ele estava aqui. Eu ainda posso sentir seus impulsos impiedosos e toque selvagem que estranhamente se tornou carinhoso depois. Meus mamilos ainda doem de como ele os mordeu, acariciou e torceu. Minha bunda ainda queima de como ele me bateu enquanto me fodia, como se soubesse o quanto isso me deixa louca. Mas depois que ele exauriu meu corpo até que eu estivesse exausta, ele foi embora.

Novamente.

Nós nem mesmo conversamos ou algo parecido com pessoas normais depois que ele anunciou que nunca terminaria comigo. Ele apenas me usou e foi embora. No entanto, é considerado uso se eu aproveitei cada segundo? Se eu me tocava em pensamentos sobre ele enquanto estava dormindo?

Deus. Talvez eu esteja quebrada além do reparo por gostar disso, por me deleitar com seu manuseio rude e foder sem remorso quando eu odeio o homem. Eu deveria estar feliz por ele ter desaparecido, não desapontada. Eu segui os movimentos durante o ensaio de hoje, tentando distrair minha cabeça de quaisquer pensamentos sobre Adrian Volkov. Philippe e Stephanie me deram uma bronca sobre como saí sem avisar ontem à noite. Pedi desculpas, mas não é como se eu pudesse contar a eles o que

realmente aconteceu, ou que possivelmente tive o melhor sexo da minha vida apenas para acordar em um apartamento vazio. E não, eu ainda não estou zangada sobre isso.

Porém, uma coisa mudou ou uma pessoa. Ryan. A partir desta manhã, ele não tentou me tocar fora do ensaio. Ele também não olhou nos meus olhos por muito tempo, como se tivesse medo do que eu, ou outra pessoa, farei com ele. Pelo menos ele aprendeu a lição e manterá a distância que deveria fazer há muito tempo.

— Lia.

Eu me viro ao ouvir a voz de Stephanie. Ela me alcança para que estejamos paradas na frente do meu carro, minhas chaves penduradas em meus dedos. Ela pega um cigarro e o acende, inalando e exalando uma grande nuvem.

— O que é, Steph? Por favor, não me diga que é outra noite fora.

— Não, mas isso foi um movimento idiota ontem. — Ela põe a mão no quadril.

— Eu sinto muito. Eu não estava me sentindo bem. — E eu realmente não estava até que Adrian me fodeu como um selvagem antes de desaparecer.

Ele vai fazer disso um hábito e continuar indo embora depois de cuidar de suas necessidades sexuais como se eu fosse uma espécie de vagabunda? Maldito seja. Por que diabos estou tão presa a essa parte, afinal? Afinal, permiti que tudo acontecesse para que ele fosse embora.

Ele é um assassino, Lia. Um maldito assassino. Espero que o nojo me invada com esse lembrete. Espero sentir náusea por permitir que um assassino me toque tão intimamente. No entanto, nada vem. Eu estou tão quebrada?

— O que seja. — Stephanie me encara como se não acreditasse em mim.
— De qualquer forma, descobri algo que achei que você estaria interessada em saber.

— O que?

— Aquele mafioso russo sobre o qual você estava perguntando ontem. Associado de Matt?

Meu aperto fica mais forte nas minhas chaves enquanto tento manter a calma. — O que você descobriu?

Stephanie se aproxima, examina os arredores e, em seguida, segura a boca pela metade antes de sussurrar. — Aparentemente, ele é um superior na Bratva. Tipo, muito mais alto.

Eu engulo. Mesmo que esta informação não deva ser uma surpresa, ela atinge de forma diferente do que eu esperava quando aprendi sobre isso.

— Como você sabe? — Eu murmuro de volta, com medo de tirar o melhor de mim.

— Eu ouvi Matt mencionar isso para um de seus assecclas.

Stephanie é uma verdadeira bisbilhoteira e adora fofocar demais.

Ela dá um passo para trás e dá outra tragada no cigarro. — Agora, garota, me diga por que você está interessada em saber sobre ele?

— Eu-Eu não estou.

— Uh-huh. Minta para outra pessoa. Eu posso ver aquele brilho em seus olhos sempre que ele é mencionado.

Merda. Eu sou tão óbvia? — Não é realmente nada. Eu só... acho ele assustador.

— Isso é porque ele é. — Ela esfrega meu braço. — Há um grupo com a qual nunca devemos nos misturar. Ele pertence esse grupo.

Tarde demais, Steph.

Eu ofereço a ela um sorriso tranquilizador e vou para o meu carro. Quando chego em casa, estou com fome, exausta e minha mente está frita com o número de teorias que tenho evocado sobre Adrian. Ele me disse que é um estrategista, então de acordo com o que Stephanie disse, ele traça os movimentos da Bratva. Deus. Ele faz parte da maldita máfia russa. Um arrepio percorre minha espinha com o pensamento. Não sei nada sobre a máfia, exceto sobre a trilogia *O Poderoso Chefão*, e esses filmes estão muito longe da realidade. A coisa real deve ser mais perigosa.

Limpando meus dedos úmidos em minha saia, eu digito meu código e entro. Jogo minha bolsa e as chaves na mesa da entrada, tentando não pensar no que aconteceu naquela mesma mesa ontem à noite. Como ele possuía cada centímetro de mim e me deu um tipo sombrio de prazer que nunca serei capaz de esquecer. Balançando a cabeça, penduro meu casaco e congelo. Entre meus dois outros casacos, há um diferente. Cinza. Masculino. *Dele.*

Chuto meus sapatos para longe e entro, o peso que caiu sobre meu estômago desde esta manhã aumentando a cada passo que dou. Meus pés param no piso aquecido na cena à minha frente. Adrian está colocando alguns pratos na pequena mesa de jantar situada entre a cozinha e a sala de estar.

Ele está vestido com sua calça e camisa pretas de costume, os primeiros botões abertos, revelando seu peito duro e musculoso no qual enterrei meu rosto na noite passada. Suas mangas estão enroladas até os cotovelos, revelando o desenho intrincado de suas tatuagens. Ambos se estendem em mangas desde os ombros até acima dos pulsos. Surpreendentemente, não há nenhuma em seu peito ou nas costas como eu esperaria de um gangster.

— Você está de volta, — diz ele sem levantar a cabeça de sua tarefa. Há uma fritada e uma tigela grande de salada, bem como algumas maçãs cortadas.

— O que você está fazendo? — Murmuro, incapaz de entender a situação.

— O que parece que estou fazendo? Preparando seu jantar. — Ele ainda não encontrou meu olhar. — Vá lavar as mãos.

Meus pés me levam em direção a ele como se eu estivesse flutuando no ar e agarro seu bíceps. — Eu disse, o que você está fazendo no meu apartamento, Adrian? Como é que você entrou?

Ele continua colocando os pratos de uma forma meticulosa, geométrica, até. — Eu vi você colocar o código ontem. Não que tivesse sido um problema se eu não tivesse.

— Isso se chama arrombamento.

— Você sempre sente necessidade de rotular tudo, *Lenochka*? — Desta vez, seus olhos cinzentos, da cor dos invernos rigorosos, colidem com os meus. — Isso faz você se sentir melhor?

— Estou nomeando as coisas como são chamadas.

— Certamente, faça o que te deixar confortável. Agora vá lavar as mãos para que possamos comer.

— E se eu não quiser?

Ele solta um suspiro. — Esta é uma das situações em que você escolhe suas batalhas. Do contrário, ficarei feliz em sentar você no meu colo e enfiar comida em sua garganta.

Eu olho para ele, então corro para o banheiro para lavar minhas mãos. Quando volto, ele já está sentado com um prato do que parece ser uma fritada de presunto.

Com um suspiro, me sento diante dele e enfio um garfo na minha salada que é colocado na minha frente, enquanto a fritada é para ele. Eu odeio que ele saiba o que eu como e não aja como as outras pessoas que estão constantemente me dizendo: — *ei, um pouco de comida reconfortante não vai doer*. — Eu não cheguei tão longe me permitindo luxos.

Para estar no topo, sempre há um preço terrível a pagar. Eu nem mesmo fumo como muitas das outras bailarinas, então não tenho como matar meu apetite, exceto por pura determinação. Por um momento, comemos em silêncio. Nós dois demoramos. Eu, porque me deixa satisfeita mais rápido. Adrian, porque ele parece o tipo que saboreia sua comida, deliberadamente dando cada mordida. Tento não observar como seus dedos masculinos envolvem o garfo e a faca. Ele é tão sofisticado, como alguém da classe alta, não um mafioso.

— A salada está do seu agrado? — Ele pergunta.

Eu levanto um ombro. — Está bem.

— Gostaria de uma taça de vinho?

— Então vou ficar bêbada como da última vez? Não, obrigada.

Seus lábios se contraem no que se assemelha a um sorriso, mas não exatamente lá. — Sua versão bêbada é mais honesta.

— Ou mais estúpida.

— Eu irei com honestidade.

Eu levanto minha cabeça, meu garfo brincando entre os tomates e a alface. — Você quer honestidade, Adrian?

Ele coloca os talheres ao lado do prato e toma um gole de água. — Claro, vamos ouvir.

— Eu acho que você é doente e distorcido. Você é do tipo que se diverte subjugando alguém mais fraco do que você, fechando todas as portas na cara dela para que seja forçada a jantar com você. Você está *tão* sozinho?

Embora eu ache que minhas palavras vão despertar a raiva, ele apenas bate o dedo na mesa duas vezes. — Se você gosta de me rotular de doente e distorcido, nós iremos com isso. Mas você está errada. Se há alguém solitário entre nós, é você, Lia.

— Eu não estou solitária.

— Teremos que concordar em discordar.

— O que te deu a ideia de que estou solitária?

— Além da óbvia falta de amigos e da vida monótona, você também escolheu o balé quando sabia muito bem que ele faria te odiarem quando subisse ao topo. Você não lutou contra o processo de ser invejada e fofocas. No mínimo, você o usou para se enterrar mais fundo em sua bolha solitária, onde ninguém pode alcançá-la.

Meus lábios se abrem com sua análise cuidadosa e terrivelmente precisa da minha vida. Este homem vai me engolir se eu não tomar cuidado.

— Você fez, — eu contraponho com mais veneno do que o necessário.

— Eu fiz o que?

— Você alcançou dentro da minha bolha.

Ele pega seus utensílios e corta sua comida. — Isso é porque você não teve escolha no assunto.

— E se eu quiser ter uma escolha?

— Muito tarde. — Ele me encara com aqueles olhos enervantes. — Eu já reivindiquei você como minha e não há como voltar atrás.

Meus dedos tremem com essa palavra. *Minha*. Mas não é por medo, é outra coisa que não consigo identificar, então deixo escapar. — Isso se chama coerção.

— Sempre com os rótulos, Lia. Está ficando entediante.

— Eu te disse. Estou dando nomes às coisas.

— Não muda nada, exceto oferecer a você algum senso de justiça frágil.

— A justiça não é frágil.

— Oh, mas é. Aqueles que acreditam nela falham ou são agredidos por duras verdades.

— Então no que você acredita?

— Padrões.

Estou surpresa com isso. Depois de dar uma mordida na salada e engolir, falo. — Como alguém acredita em padrões?

— Os padrões são uma ferramenta poderosa que me permite ver o resultado antes que aconteça.

Eu zombo. Claro que alguém como Adrian gostaria desse tipo de poder.

— Você não concorda, Lia?

— Não particularmente. Não estou surpresa que você se sinta atraído por esse tipo de coisa.

— Você está começando a me conhecer. Isso é progresso.

— Eu não te conheço, Adrian, e prefiro que continue assim.

— Por que? Porque você pode enterrar a cabeça na areia e fingir que nada disso está acontecendo? Você percebe que isso é inútil, certo? Quanto mais você resiste, mais dor você causa.

— Me deixe se preocupar com isso. O que quer que eu sinta ou não sinta não é da sua conta.

— Cuidado com esse tom, Lia. — Sua voz abaixa com uma ameaça revelada.

— Ou o que?

— Ou eu irei levar meu cinto ao seu traseiro.

— Você...

— Continue. — Seus olhos brilham com puro sadismo. — Certamente, me dê uma razão para puni-la.

Fogo explode em meu peito e tento engoli-lo, sem sucesso. Jesus. Este homem é um verdadeiro demônio. Encho a boca com a salada para não jorrar o que quer que saia.

— Mais lento, — ele repreende. — Ou você terá indigestão.

— Como se você se importasse.

- Claro que sim. Eu não sou tão sem coração.
- Sim, certo.
- Eu realmente não sou, nas circunstâncias certas.
- Você quer dizer aqueles que você coloca para fora?
- Correto.
- Então é o seu jeito ou a rodovia?
- Mais ou menos.

Eu mordo meu lábio inferior, então rapidamente o liberto quando o encontro olhando com atenção total e um brilho assustador de luxúria.

— O que vai acontecer quando você terminar comigo? — Eu faço a pergunta que está me incomodando no fundo da minha mente.

— Eu disse que não vou.

— Certamente você ficará entediado. Todo mundo faz.

— Eu não sou todo mundo, e seria sábio não me comparar com ninguém que você conhece.

Como se eu fosse encontrar alguém como ele. Luca é um pouco evasivo, como Adrian, mas não é tão intenso, e eu sempre o considerei um amigo, então ele realmente não conta.

Eu limpo minha garganta. — A questão é que essa fase vai acabar. Como tudo sobre a vida.

— Vou pensar sobre isso quando se tratar disso.

— É isso que você fez as outras? Você pensou sobre o destino delas quando chegou a hora.

— As outras?

— Aquelas que vieram antes de mim.

— Eu nunca fiz isso com ninguém antes de você, *Lenochka*.

Raios de emoção e medo passam por mim. Por alguma razão perversa, gosto que isso também seja uma novidade para ele, que sejamos pelo menos iguais nesse aspecto. Mas saber que sou a primeira, que ele quebrou um padrão para mim quando os aprecia tanto, também é o suficiente para me fazer imaginar o pior.

Afastando esse pensamento, eu pergunto. — O que isso significa?

— O que significa o que?

— *Lenochka*?

— Luz brilhante.

Meus lábios se abrem, não acreditando que ele acabou de me chamar assim. Certamente, deve ser um jogo da minha imaginação. — Você acha que eu sou uma luz brilhante?

— Foi o que eu disse.

— Mas você acha que estou sozinha.

— Isso não a deixa triste. Uma rosa brilha mais forte sozinha do que quando está em um campo.

— É por isso que você me agarrou? — Minha voz abaixa enquanto eu encaro a tigela de salada.

— Possivelmente.

— Só para você saber, as rosas mais bonitas têm os espinhos mais mortais.

Ele se levanta. O movimento não é abrupto, mas afundo na cadeira, parcialmente arrependida do que disse e parcialmente orgulhosa disso. A parte orgulhosa vence, porque levanto o queixo. Que se foda ele. Se ele achar que vou apenas me encolher porque ele me disse para fazer isso, ficará desapontado.

Ele está ao meu lado, seu tamanho se elevando sobre mim como a desgraça. — Você acha que isso me assusta?

— Eu não disse isso para assustar você. Estou apenas relatando fatos.

— Aqui está um fato para você, Lia. Espinhos mortais me emocionam.

Eu engulo. — Mas eles machucam você.

— Vale a pena. — Ele aponta para o meu prato de comida esquecido. — Você já terminou?

— Sim, por quê?

— Porque eu vou te foder até você gritar, meu espinho mortal. — E com isso, ele me pega e me carrega em seus braços em direção ao quarto.

Capítulo Quinze

Lia

Por duas semanas, caímos em uma espécie de rotina. Vou para o ensaio e, quando chego em casa, encontro Adrian esperando com comida para viagem ou comida caseira que ele traz. Eu sei que ele não cozinha aqui, porque ele disse que os traz de sua casa. Então ele me carrega para o quarto e me fode até eu adormecer. Às vezes, ele faz isso na mesa, me fazendo sentar em seu colo enquanto ele possui cada centímetro de mim. Outras vezes, ele me agarra assim que entro, levanta minha saia e me fode na entrada.

Mas não termina aí. Nunca termina aí. Depois disso, ele me leva para o quarto ou para o chuveiro. Às vezes, costas com frente, como se ele não pudesse parar de me tocar, como se ele me desejasse de novo assim que terminar.

Quando eu não aguento mais, o que basicamente significa que estou chorando durante meus orgasmos, ele me limpa ou me carrega para o chuveiro. Ele se certifica de que estou totalmente confortável e às vezes me veste, embora apenas com uma camisola ou uma camiseta longa para que possa me tocar como quiser durante a noite. Tento manter distância dele, fugindo para o meu lado da cama ou dormindo de costas para ele. Mas no

momento em que ele me estimula, estou ali com ele se contorcendo e implorando por uma libertação que eu não tive muito tempo antes.

É uma loucura como me tornei viciada no prazer que só ele pode conjurar. Como eu anseio por sua manipulação áspera e foda selvagem. Talvez ele esteja certo. Talvez eu seja uma masoquista. Porque tudo que consigo pensar é no que ele fará todas as noites. Como ele vai me levar, me espancar e colocar meu mundo em chamas. De manhã, porém, ele sai. Todas as malditas manhãs, ele sai como um ladrão. Como se eu fosse sua vagabunda e ele não quisesse ser visto comigo.

Desde a primeira vez que jantamos na lanchonete, ele nunca mais me levou para sair. Eu também não pedi isso, porque isso significaria que eu quero algum tipo de relacionamento com ele. Eu não quero.

A única coisa que estou esperando é que ele fique entediado e me deixe em paz. Ele não parece estar ficando entediado, no entanto. Na verdade, seu apetite pelo meu corpo parece estar crescendo ao longo dos dias, a ponto de me levar novamente quase imediatamente após gozar. Não sei se ele é facilmente estimulado ou tem uma resistência forte, mas sei que tenho estado lenta, mas seguramente, emulando seu ritmo.

Ele me fez me acostumar com ele, até viciada, de modo que todas as minhas linhas ficaram borradas. Digo a mim mesma que é errado, que não deveria querer um homem como Adrian tão carnalmente ou com tanto abandono. E, no entanto, também sei que não posso impedir. Para minha perdição, não é apenas por causa de suas ameaças e do controle invisível sobre mim.

Desde que ele entrou na minha vida, meus ensaios se tornaram mais suaves e fáceis. Eu nunca entendi um personagem tanto quanto Giselle. De certa forma, estou projetando minha situação nela. O fato de que não tive escolha em cair nas mãos de um homem muito mais poderoso que pode me machucar.

A única diferença é que eu sei no que estou me metendo. Algo que é apenas físico. A única conexão de Adrian comigo é estimular meu corpo para que ele possa satisfazer seu desejo sexual louco. Mas tenho usado o que temos para entender o caráter de *Giselle*.

Até Stephanie e Philippe perceberam. O diretor tem me dito que é sua performance favorita por mim, e pela primeira vez, eu concordo. Pela primeira vez, não acho que poderia fazer melhor. Stephanie e Philippe continuam me importunando sobre como eu não entro mais na diversão noturna deles. Mal sabem eles que eu me divirto. E honestamente? Prefiro passar noites tranquilas em casa do que em um clube.

Bem, tão tranquilas quanto elas podem ficar com todo o sexo. Fora isso, as noites com Adrian são calmas. Ele mantém suas palavras no mínimo, mesmo quando é ele quem inicia a conversa. Conversamos sobre meu ensaio, ou ele me pergunta como estou indo, e eu acabo falando mais do que o necessário. Balé e música clássica são meus únicos temas de obsessão, as únicas coisas sobre as quais posso falar para sempre para acalmar meus nervos. Desde que Adrian descobriu isso, ele me pergunta como foi meu dia como se fôssemos um casal de velhos.

Certa vez, quando respondi e perguntei como foi seu dia, ele ergueu uma sobrancelha e disse. — Tem certeza que quer saber?

Não. Eu não quis. Eu realmente não queria o lembrete do que ele é e o que ele faz. É mais fácil tê-lo dentro de mim todas as noites quando finjo que ele é apenas um estranho com quem tenho uma química incompreensível. Apenas um estranho.

No caminho para casa do ensaio, paro em uma boutique para comprar calcinhas novas. Adrian rasgou a maior parte das minhas, mesmo quando eu disse a ele que iria removê-las sozinho. Eu vacilo na frente de uma fileira de lingerie vermelha, estendendo a mão para inspecionar seu decote e a renda invisível. Eu puxo minha mão antes de tocá-las. Deus, o que estou fazendo? Estou realmente pensando em usar lingerie para Adrian?

Estou prestes a me virar e ir para a seção de roupas íntimas confortáveis quando alguém aparece ao meu lado. A princípio, acho que é apenas um daqueles estranhos que chega perto demais, mas então reconheço sua jaqueta de couro e o chapéu preto que ele usa muito baixo, enquanto segura um telefone na orelha. Então, minhas narinas se enchem com um cheiro familiar: alvejante.

— Luca? — Eu sussurro.

— Não olhe para mim e fique inspecionando as roupas, Duquesa. Você está sendo seguida.

Eu fico olhando para a frente, correndo meus dedos sobre a lingerie vermelha. Estou realmente sendo seguida? Eu sabia que Adrian era um

perseguidor maldito. Eu vi um carro preto e uma sombra de seu guarda, Yan, algumas vezes, mas pensei que fossem únicos. Eu deveria ter pensado melhor.

— Pegue o seu telefone e finja que está falando nele, — diz Luca em sua voz indiferente.

Eu faço o que ele diz, uma mão na calcinha e a outra segurando o telefone no meu ouvido. Luca sempre toma cuidado para não ser pego em público. É por isso que só conversamos por telefone recentemente. Ou antes de Adrian entrar em cena, pelo menos.

— Por que você não me ligou de volta? — Eu não escondo a mágoa da minha voz. Eu realmente precisava de um amigo nas últimas semanas e ele é o único que tenho.

— Eu estava fora do país. Além disso, você está cheia de armadilhas, Duquesa. Você é tão difícil de se aproximar quanto o presidente.

— O que?

— Adrian tem você toda grampeada. Seu telefone, sua casa. Até seu carro.

A informação me atinge profundamente. Mesmo que Adrian seja um perseguidor, por que ele se daria ao trabalho de grampear tudo? Ele me tem, não é? Por que ele precisaria registrar todos os meus movimentos? Em seguida, outra realização me atinge.

— Espere... como você sabe sobre Adrian?

— Eu sei tudo sobre você, Duquesa. Prometemos ter as costas um do outro, lembra?

Eu lembro. Desde o momento em que escapamos de nossas velhas vidas, dissemos que teríamos um novo começo que não é definido por quem éramos. Luca escolheu um caminho completamente diferente do meu.

— Ele é... — Eu engulo. — Ele é perigoso, Luca.

— Eu também sou perigoso.

— Não. Ele é realmente perigoso.

— Achei que você precisaria da minha ajuda para se livrar dele. Você está defendendo ele?

Eu faço uma pausa. Eu quero me livrar de Adrian, mas recorrer aos métodos de Luca não é o caminho a percorrer. Isso não é diferente de agir como Adrian. Embora Luca tenha me mantido fora de seu mundo, sei que ele está envolvido em negócios obscuros com pessoas obscuras. Ele é muito parecido com Adrian, mas eu o conheço desde que éramos crianças. Eu sei que ele não vai me machucar.

— Eu não o estou defendendo, — murmuro.

— Então você quer se livrar dele?

— Não gosto de prejudicar as pessoas, Luca.

— Às vezes você precisa ou eles vão te prejudicar.

Eu permaneço em silêncio, meditando sobre suas palavras favoritas. Luca sempre teve essa filosofia sobre a vida e as pessoas.

— Eu vou me livrar de Adrian.

Suas palavras causam um aperto estranho no meu peito. — Eu disse que não quero machucar ninguém.

— Não é só por sua causa, Duquesa. Lembra das pessoas para quem trabalho? Eles querem que ele vá embora.

— Mas por que?

— Porque ele sabe muito sobre as coisas, e se ele se for, a irmandade ficará enfraquecida.

Ele realmente é um superior se pessoas como os empregadores aleatórios de Luca querem que ele vá embora. Em que tipo de negócio Adrian está envolvido? Eu fiz como minha missão não me envolver nessa parte da vida dele, mas essa é a decisão mais sábia?

— Antes de me livrar dele, preciso que você fique de olho nele, Duquesa.

— O que? — Eu assobio.

— Você me ouviu. Eu quero saber se algo suspeito surgir. Você é atualmente a pessoa mais próxima dele e a única que pode descobrir seu sistema.

— Seu sistema?

— Ele tem um sistema onde observa tudo e todos, prevendo as coisas antes que aconteçam.

Padrões. Lembro que Adrian disse que acredita neles. É por isso que ele é um estrategista.

Eu balancei minha cabeça um pouco, juntando minha mão na lingerie.

— Eu não vou ser sua espiã, Luca.

— Por que não?

— É Adrian. Ele vai saber.

— Ele não vai.

— Como você pode ter tanta certeza?

— Ele está cego por você.

Meus lábios se abrem. — Cego por mim? Você deve estar brincando.

— Eu não estou. Pela primeira vez na vida, o meticoloso Adrian Volkov está deixando uma mulher se aproximar. Se isso não é uma fraqueza, não sei o que é.

Eu não gosto disso, a ideia de eu ser a fraqueza de Adrian. Quanto mais Luca fala, mais quero calá-lo.

— Tudo que você precisa fazer é agir como sempre fez. Não tente encontrar suas escutas e não saia de debaixo de seu polegar.

— Não.

— Lia... — sua voz suaviza. — Você esqueceu o que prometemos?

- Não, mas também não me inscrevi para fazer parte deste jogo.
- Você foi colocada há muito tempo.
- O que?
- Você quer que eu diga quem está por trás da morte de seus pais?

Uma batida rápida toma conta do meu peito como se um animal selvagem tivesse sido acordado. Meus membros tremem e a caixa preta parece se fechar sobre mim como quando eu era criança. — Você sabe?

- Eu disse que iria descobrir e mantive minha palavra.
- Quem é esse? — Minha voz treme enquanto os ruídos daquele dia voltam, o silêncio, os gritos, os passos abafados. Meus ouvidos zumbem com a aspereza deles e leva tudo em mim para permanecer de pé.
- Não é assim que acontece, Lia. Dê-me o que eu quero e eu darei a você o que você precisa.

Com isso, ele se vira e sai. O significado por trás de suas palavras permanece comigo. *Eu vou te dar o que você precisa.* Luca formulou perfeitamente. Ele, entre todas as pessoas, sabe que descobrir a verdade por trás da morte dos meus pais é o que me assombra desde que eu era pequena.

É por isso que tenho pesadelos viscerais e tomo essas pílulas. É por isso que estou com muito medo de viver e com muito medo de morrer. E para me libertar, para escolher um destino final, preciso espionar o próprio diabo.

Capítulo Dezesseis

Adrian

Eu estou correndo contra o tempo. Na verdade, estou sem tempo desde o primeiro encontro com Lia no estacionamento. Se fosse qualquer outra pessoa, eu teria terminado assim que começou. Mas isso não.

Durante as últimas quatro semanas, estive negociando comigo mesmo para seguir em frente, extorquir o que quero dela e ir embora. Para jogá-la aos lobos, conforme o plano original. Mas toda vez que a vejo, afundo dentro dela e a possuo, fico faminto por mais. Eu pensei que já a teria fodido para fora do meu sistema agora, mas está provando ter o efeito oposto. Cada vez que a toco, fico faminto por mais, e uma parte de mim continua querendo dar o próximo passo e oferecer a ela outra das minhas verdades. Uma que a deixará mais desconfiada ou se entregará totalmente a mim.

Agora, estou pensando seriamente em outras opções sobre como lidar com ela. A reunião noturna com Sergei e Igor é mais longa do que eu gostaria. Ambos precisam de relatórios de progresso sobre os italianos, algo que ainda não coloquei em discussão por causa de uma certa bailarina que não deveria estar envolvida nesta vida. Mas eu já a arrastei para dentro. Pode ter começado no dia em que ela me viu matar ou no dia em

que fui vê-la brilhar no palco, ou seu destino pode ter sido selado na primeira vez que a beijei ou transei com ela. De qualquer forma, Lia Morelli está dentro.

Ela pode não ter uma única pista sobre o que está acontecendo, mas a vida dela e a minha estão mais entrelaçadas do que ela jamais saberá. Eu ainda mantenho o fato de que ela está longe o suficiente da irmandade e de tudo nela. Ela está fazendo as coisas dela com o balé e eu estou fazendo as minhas nos bastidores. Lidar com Sergei e Igor não é difícil. Eles sabem que eu não falho. Até aqui. Se eles querem algo sobre os Luciano, eles vão conseguir. Apenas o método pode ter mudado.

Yan solta um suspiro entediado assim que entramos no carro. Kolya, no entanto, encontra meu olhar através do espelho retrovisor com uma testa franzida. — Eles estão ficando mais insistentes.

— Vou mantê-los ocupados. — Eu fico olhando para o meu relógio. Já passa das dez, então Lia provavelmente está dormindo.

Que se foda longas reuniões.

Eu ligo para Boris, aquele que está observando Lia, e ele atende após um toque, falando em russo áspero. — Chefe.

— Alguma coisa fora do comum hoje? — Eu pergunto na mesma língua.

— Era o normal. — Ele faz uma pausa. — Ela passou por uma loja de lingerie antes de ir para casa.

Eu não posso evitar a sobrancelha que se levanta ou a ereção que pressiona contra minha calça ao pensar nela em lingerie. Minha *Lenochka* estava comprando lingerie. Isso é interessante. Ela sempre usou roupas íntimas lisas e nunca saiu de seu caminho para estar apresentável para mim. Não que eu me importe, mas o fato de que ela está colocando um esforço nisso agora está me intrigando mais do que deveria.

— Mais alguma coisa, Boris?

— Nada fora do comum, chefe.

Eu desligo, batendo meu dedo contra minha coxa. Lia comprou lingerie e eu não estava lá para desembulhar e ela. Sergei e Igor têm o pior momento de todos.

— Senhor.

Eu levanto minha cabeça com a voz de Kolya. Yan está fumando e eu nem percebi quando ele acendeu o cigarro. Eu suspiro. — Apague isso, Yan.

— Está quase terminado. — Ele faz uma pausa, então acrescenta como uma reflexão tardia. — Senhor.

— Yan. — Kolya dá uma cotovelada nele.

— Tudo bem. Que seja. — Yan dá uma última tragada e joga pela janela, resmungando. — Sobre o que você quer falar, Kolya? Certamente, somos todos ouvidos.

Meu guarda sênior o ignora, focando em mim. — A paciência de Sergei e Igor não pode durar muito tempo.

— Eu sei. — Eu fico olhando para as luzes da cidade pela janela.

— Se você sabe, por que não age sobre isso?

— Kolya, seu bastardo! Você está sugerindo que ele machuque Lia? — Yan soa desaprovador. — Ela não fez nada.

— Se eu a machucar ou não, não é da sua conta. E desde quando você é o advogado dela, Yan? — Meu tom é mais mordaz do que o normal.

— Ela é... inocente, chefe. Ela não fez nada para merecer... — ele para.

— Eu? — Eu termino por ele.

— Eu não disse isso.

— Você não precisava.

E de certa forma, ele está certo, mas ser inocente não a isenta de seu destino. No entanto, pessoas como Yan ainda tentarão aliviar sua consciência. Eu nunca tive isso, uma consciência é claro, então não me preocupo com isso.

O carro para no estacionamento de Lia, mas eu não saio imediatamente. Em vez disso, eu me concentro em meus dois guardas. — Eu preciso de mais homens em Lazlo Luciano, tantos quanto possível.

— Já estamos de olho nele, — diz Kolya.

— Não é o suficiente. Preciso de um relatório completo de seus hábitos diários, dos lugares que frequenta e até mesmo de como ele acorda e se deita. Quero saber suas refeições e seu estilo de vida e fazer com que os hackers investiguem os telefones e laptops dele e de sua esposa. Não deixe seu subchefe suspeitar, porque ele é mais paranoico do que Lazlo e reagiria ao menor gatilho. Eu não quero cometer erros.

— Mas por que? — Yan vira a cabeça para trás em minha direção. — O que essa informação nos daria?

— Estou formando outro plano. — E com isso, estou fora do carro.

Não demoro muito para chegar ao apartamento de Lia. Estou totalmente preparado para a escuridão e encontrá-la dormindo. Não perguntei a Boris se ela jantou e não tive tempo de verificar as câmeras de vigilância durante a reunião com Sergei e Igor. A luz automática apaga-se na entrada assim que entro. Há uma música sinfônica baixa tocando ao fundo. Estou surpreso ao encontrar sua pequena figura deitada no sofá. Lia está dormindo de lado, com a mão embaixo da orelha e coberta com um cobertor de lã felpudo.

Seus lábios estão ligeiramente separados e suas pernas estão dobradas atrás dela. Ela parece tão macia, tão frágil, minha *Lenochka*. Ela pode ser marcada com a mesma facilidade, também, e essa parte de mim, a parte para a qual eu não deveria estar dando peso, está exigindo isso.

Eu desligo a música usando o controle remoto e pretendo levá-la para o quarto, mas assim que o som acaba, seus olhos se abrem. Ela se senta ereta, e quando seu olhar encontra o meu, o pânico e algo mais gira nas

profundezas do azul hipnotizante. Eu odeio esse olhar. Eu quero apagá-lo para que não seja a primeira reação dela a mim.

Já se passou mais de um mês e ela ainda me considera o vilão que ela me pintou na primeira vez. Embora eu não me importasse com seus rótulos no início, agora quero que ela baixe a guarda quando estiver perto de mim, sem que eu tenha que tocá-la sexualmente. Lia pode se deleitar com meu toque e até mesmo desejar a depravação, mas ela ainda está se cercando de arame farpado e os espinhos mortais que ela mencionou outro dia. Fios e espinhos que pretendo erradicar.

— Adrian, — ela diz suavemente, colocando o cabelo atrás das orelhas.
— Achei que você não viesse.

— Estou aqui, não estou?

Seu comportamento endurece, toda suavidade purgando de suas feições delicadas. — Por quanto tempo? Até a manhã?

— Por quanto tempo eu quiser.

— Você não pode entrar e sair quando quiser. Eu não sou sua puta.

— Então o que você é?

Eu posso dizer que meu tom apático a irrita, já que suas bochechas ficam vermelhas. — Eu não quero ser nada sua.

— Tem certeza de que não é o contrário?

— Pare de colocar palavras na minha boca, seu bastardo louco e doente.

— Um golpe.

— Por te chamar do que você é?

— Por estar com raiva de si mesma por razões ilógicas e descontar em mim. Agora venha aqui.

— Não.

— Dois. Se você não seguir as instruções no próximo segundo, a contagem continuará aumentando.

Ela me encara, cruzando os braços sobre o peito.

— Três. Vejo que a surra não tem mais efeito em você. Você se acostumou com seus castigos, *Lenochka*?

— Você precisa de ajuda, certo?

— Quatro. E você também, porque posso ver essa expectativa em seus lindos olhos.

— Isso se chama ódio.

— Cinco. — Eu paro por um segundo. — Seis. — Outro. — Sete.

Seu rosto fica ainda mais vermelho e posso dizer que ela está lutando contra o orgulho para se salvar. Que ela sabe que eu não vou recuar e que só vai acabar mal para ela se ela mantiver a atitude.

Finalmente, ela se levanta com dificuldade, os olhos brilhando com fogo. — Certo. Dê suas palmadas e me deixe em paz.

— Ah não. — Eu desabotoo meu cinto e o puxo para fora. — Estou aprimorando meus métodos.

Capítulo Dezessete

Lia

Uma onda de adrenalina enrijece meus membros e uma necessidade urgente pulsa em minhas veias.

Correr. Esconder. Correr e se esconder.

Mas estou congelada no lugar. Nenhum músculo se move enquanto eu olho para o cinto na mão de Adrian. Ele o envolve em torno de seus dedos masculinos duas vezes, fazendo um show do que ele tem reservado para mim.

Minhas pernas travam no lugar e as impressões de suas mãos na minha bunda da noite passada começam a latejar, formigar, queimar. Percebo agora que não deveria tê-lo provocado, não deveria ter me sentido confiante o suficiente para pensar que venceria isso e sairia ilesa. Estamos em lados diferentes do tabuleiro, ele e eu, e não há espaço para jogarmos o mesmo jogo.

Depois do que Luca me disse, eu deveria ter me comportado da melhor maneira possível, deveria ter voado fora do radar para observar Adrian, mas minhas frustrações levaram a melhor. Porque mesmo que ele seja meu dono todas as noites e tenha cuidado de todas as minhas necessidades,

chega de manhã e eu tenho sido nada menos que uma vagabunda com quem ele passou suas noites

É por isso que eu o desafiei, e é por isso que agora vou pagar. É então que percebo que estou balançando a cabeça lentamente, ainda focada em seu cinto. Ele parece maior do que a vida, vestido com uma camisa branca e calças cinza escuro que combinam com a cor de seus olhos implacáveis. Adrian sempre foi uma força a ser reconhecida, um belo mestre da manipulação. É como se ele tivesse nascido com um rosto bonito para ajudá-lo a baixar a guarda das pessoas antes de atacar.

Atualmente, sou uma dessas pessoas. Porque não tenho dúvidas de que ele está vindo atrás de mim e que estou completamente presa, sem saída.

— Fique de joelhos de frente para o sofá, Lia. — O tenor firme de sua voz envia um choque ondulante pela minha espinha rígida.

Eu continuo balançando minha cabeça, uma pontada de terror faiscando em meu peito. Se sua mão trouxe uma agonia incomensurável por apenas me espancar, seu cinto vai ser pura tortura.

— Você pode receber sua punição agora ou... — ele para de falar, seu olhar vagando pelas minhas coxas nuas. Estou vestindo uma camisa de algodão que fica abaixo da minha bunda, mal escondendo minha calcinha. Os botões de cima estão abertos e o material do decote combina com as meias fofas que cobrem meus pés.

— Ou o que? — Murmuro, me contorcendo sob seu intenso escrutínio.

Seu olhar desliza de volta para o meu rosto. — Ou você pode pegar mais tarde, depois que a contagem aumentar.

— Você realmente acha que é uma escolha?

— É porque você tem duas opções. Cabe a você escolher o menos doloroso.

— Ambos são dolorosos.

— Correto, mas um é definitivamente mais misericordioso do que o outro.

— Você é tudo menos misericordioso, Adrian. Você está doente.

— E seus rótulos estão ficando chatos e repetitivos, *Lenochka*. — Ele agarra um punhado do meu cabelo e eu grito quando ele me vira e me empurra de joelhos. Eles afundam no tapete enquanto ele puxa a camisa pela minha cabeça de uma vez.

Eu suspiro quando arrepios aparecem na minha pele. Meus mamilos se transformam em botões sensíveis, latejando e pulsando em um ritmo que corresponde ao do meu núcleo. Adrian joga a camisa de lado e me empurra contra o sofá para que meus mamilos doloridos encontrem a superfície. Eu sufoco um gemido com a sensação torturante. Não importa o quanto eu lute contra mim ou contra ele, no momento em que ele me toca como se fosse meu dono, um prazer doentio corre em minhas veias. Ele estende a mão entre mim e o sofá, em seguida, aperta um mamilo dolorosamente duro, torcendo-o entre o polegar e o indicador até que eu solte um gemido quebrado.

— Sempre sensível e responsiva, minha *Lenochka*. Você gosta quando eu torturo seus mamilos rosados até que você fique encharcada?

— Mmmm...

— Você gosta da preparação para o que está por vir e da antecipação que isso cria em sua boceta? — Ele torce meu mamilo novamente e o movimento, juntamente com suas palavras grosseiras, quase me leva ao limite.

— Oh... Deus... Adrian...

— Sim eu. Só eu. — Sua voz abaixa enquanto ele agarra um punhado do meu cabelo e me puxa de volta por ele. Estou suspensa no ar, ambas as mãos segurando o sofá enquanto ele olha para mim, ainda beliscando meu mamilo. — Diga.

— Dizer... o-o quê?

— Que eu sou o único por quem você se molha. O único que você permite torturar seus mamilos e foder sua boceta apertada até que você esteja exausta.

Minhas coxas apertam com o efeito de suas palavras, mas eu não poderia falar, mesmo se tentasse.

Seus dedos cavam em meu couro cabeludo e seu domínio se torna impiedoso, inegociável, enquanto seus olhos escuros prendem os meus em uma gaiola íntima. — Diga, é só você, Adrian.

— É... apenas... você... Adrian...

— Eu sou o único que pode tocar em você, não é, *Lenochka*?

— Sim...

— O único com quem você se soltou completamente?

— Sim.

— O único que te pune?

— Sim... — Eu brevemente fecho meus olhos, horrorizada com o quão verdadeiras minhas palavras são.

Quão... libertador.

Adrian me empurra para baixo pelo cabelo para que minha bochecha encontre a superfície quente do sofá, então me solta. Mas ele não desaparece, ficando atrás de mim como uma ameaça e uma promessa. Ele envolve a mão em volta da minha calcinha, e eu grito quando ele a rasga em um puxão selvagem que cobre a parte interna das minhas coxas com excitação.

— Quer parar de estragar minha calcinha? — Eu expiro.

— Vou estragar tudo que ficar no meu caminho. — Suas palavras faladas com calma enviam uma dor aguda nas minhas costas, a intenção não dita me amarrando em nós.

Estou bem ciente do fato de que Adrian é perigoso, um assassino e implacável nisso. Então, não tenho dúvidas de que ele vai me arruinar se eu entrar em seu caminho. Esse pensamento envolve dedos fantasmagóricos em volta do meu pescoço. Se Adrian descobrir que estou

espionando ele, ele não hesitará em me estrangular, me despedaçar. Me matar.

Seu punho aperta meu cabelo novamente, chamando minha atenção para o presente. — No que você está pensando?

— Eu tenho muito poucas calcinhas restantes, — eu deixo escapar.

— Você pode comprar novas. — Sua voz abaixa enquanto ele sussurra perto do meu ouvido. — Agora, conte.

Um assobio ecoa no ar antes do primeiro golpe cair na minha bunda. Eu grito, meu grito quicando nas paredes. Puta merda. Isso dói como nada que eu já senti. É como se minha pele estivesse rompendo, mas não está. A dor está presa entre o ar e seu cinto.

— Vamos começar de novo, Lia.

— M-Mas por quê?

— Eu disse para você contar.

Seu cinto desce na minha bunda de novo e é ainda pior do que o primeiro, queimando minha pele e esculpindo um lugar abaixo dele.

— Devo começar de novo? — Sua voz é indiferente, mas não poderia ser mais cruel.

— Um... — eu choramingo.

Swish. Slap.

— Dois! — Eu grito, as lágrimas se acumulando nos cantos dos meus olhos e minha respiração irregular saltando para fora do sofá.

Slap.

— Ahhh... três... — Minha voz falha enquanto minhas pernas tremem e meu estômago vira.

É quando eu sinto isso. A contração profunda em minha barriga e um dedo áspero forçando seu caminho por minhas dobras.

— Mmm. Eu sabia que você precisava de dor com o seu prazer, Lia.

— Não... não... — Eu quero apagar a evidência que ele está deslizando seus dedos, a excitação, o formigamento profundo que eu senti apenas algumas vezes antes de começar quando ele me empurrou de bruços na mesa e me pegou sem se conter.

Só que, agora, parece ter se intensificado, atingindo um novo patamar que nunca pensei que existisse. Oh Deus. Existe realmente algo errado comigo? É por isso que estou reagindo ao seu castigo perverso e domínio sádico dessa maneira?

— Negue o quanto quiser, Lia, mas sua boceta sabe o que quer.

Swish. Slap.

Swish. Slap.

Minha bunda lateja e minha excitação continua revestindo seus dedos. Descaradamente. Implacavelmente.

— Quatro... cinco... — Minha voz termina em um grito gutural quando ele me chicoteia novamente. — Seis!

Eu estou chorando uma bagunça agora. Minhas lágrimas molham o sofá e escorrem pela minha boca, me fazendo sentir o gosto de sal. Um brilho de suor cobre minha pele e minha bunda em chamas. Eu queria que fosse só isso. Eu gostaria de estar chorando apenas por causa da dor, mas minha boceta pulsa com uma necessidade tão violenta quanto as chamas explodindo em minha bunda. A necessidade de liberar as garras.

O som da correia no ar adiciona mais tormento e expectativa ao próximo golpe. Quando ele encontra minha carne, eu soluço. — Sete...

Eu quero suspirar de alívio que acabou, mas a dor na minha boceta me proíbe. Se a chicotada funcionou em alguma coisa, definitivamente me deixou quente, formigando e extremamente inquieta. O cinto atinge o chão e Adrian solta meu cabelo. Acho que ele finalmente terminou, mas o sinto caindo de joelhos no tapete atrás de mim.

Antes que eu possa ver o que ele está fazendo, suas mãos agarram minhas nádegas doloridas e ele as afasta. Eu gemo por causa da dor, alívio e outra coisa.

— Adrian... — eu soluço. — Eu... por favor.

— Por favor o quê, Lia?

— Não sei.

— Claro que você sabe. Você simplesmente não quer admitir.

— Por favor...

— Por favor, faça você gozar?

Eu franzo os lábios, sentindo o gosto das minhas lágrimas.

— Diga, Lia.

Eu balancei minha cabeça ligeiramente.

— Quanto mais você me desafia, mais eu nego você.

— Eu não posso dizer isso.

— Sim você pode. Você precisa confessar o seu prazer comigo ou você não terá nada disso.

Eu olho para ele atrás de mim. Ele é tão largo em comparação com o meu corpo minúsculo, é assustador e excitante. Esse homem vai tirar de mim como se sempre tivesse sido destinado, ele vai me possuir apenas porque ele quer, mas ele também está disposto a retribuir com a mesma intensidade. No entanto, ele tem um preço alto por isso, minha submissão completa.

— Devo fazer você gozar ou deixá-la quente e incomodada?

Eu engulo.

— Vou amarrar você para que não se toque a noite toda, Lia.

Meus lábios tremem. — Não...

— Diga a porra das palavras.

Eu sugo uma entrada de ar instável. — Por favor...

— Por favor, o que?

— M-Me faça gozar, — eu sussurro.

— Eu não ouvi isso.

— Eu quero gozar.

Seu rosto se enrugou com um sorriso lindamente cruel que bate direto no meu peito latejante. — Assim. Boa menina, *Lenochka*.

E com isso, ele mergulha entre minhas pernas, sua língua quente deslizando das minhas dobras para o meu clitóris inchado.

Sagrado...

— Adrian... ohhh... — Minha voz é roubada de mim quando ele enfia sua língua dentro e fora da minha abertura. Suas grandes mãos massagearam minha bunda, adicionando um forte toque de dor ao prazer que ele está provocando em meu núcleo.

Ele me fode com a língua como se fosse uma extensão de seu castigo, mas, ao mesmo tempo, é a coisa mais erótica que já experimentei. O ataque de sua língua dentro e fora de mim, lambendo, mordendo, chupando, juntamente com a queimadura na minha bunda é muito cru, muito quente. É demais.

Quando ele mordisca meu clitóris, grito meu orgasmo, gozando na língua de Adrian. É o mais forte que já tive. O mais contundente também. Eu sinto que nunca vou descer, que tudo está zumbindo e zumbindo e meu pobre coração vai parar, incapaz de absorver tudo. Eu quero desabar aqui e

agora, mas estou mais tentada a olhar para ele, para cimentar este momento ao ler sua expressão.

Ainda segurando minha bunda, Adrian abre o zíper da calça e libera sua ereção furiosa. Eu engulo com o tamanho dele. Seu pau é como o resto dele, lindo e assustador. Ele dá um único golpe violento que me deixa sem fôlego. Eu adoro quando ele se toca com aquela masculinidade certa. Uma gota de pré-sêmen percorre seu comprimento e me encontro com vontade de lambar meus lábios e ele.

Ainda segurando seu pau com uma mão, ele segura meu queixo, deslizando o polegar sobre meu rosto coberto de lágrimas. — Eu adoro quando você chora porque seu corpo minúsculo não pode conter o prazer que eu dou a você. Isso me faz duro como pedra fodida ver suas lágrimas de excitação. Você chorou durante o sexo por outros bastardos?

— Não, — eu sussurro, estranhamente excitada por suas palavras. Estou doente por estar feliz por ele gostar das minhas lágrimas de prazer?

Seus olhos cinza escurecem com possessividade crua enquanto ele pressiona minhas bochechas. — Essas lágrimas são só minhas, não são, *Lenochka*?

— Sim...

— E elas sempre serão.

— Sim...

Ele se inclina para que o calor de seu peito fique a alguns centímetros de minhas costas e sua respiração quente faça cócegas na lateral do meu rosto.

— Eu vou te foder e você vai chorar por mim.

Minha espinha lateja, e o orgasmo que ainda não me liberou volta com força destruidora. Adrian bate dentro de mim de uma forma implacável que tira o fôlego dos meus pulmões e os pensamentos da minha cabeça.

— Porra, — ele geme quando está embainhado dentro de mim, e eu o recebo com um gemido, porque não importa quantas vezes ele faça isso, estar emaranhada com ele sempre parece novo. Como se esta fosse nossa primeira vez, ou pior, como se nós dois ficássemos mais viciados a cada toque, cada foda, cada união de nossos corpos.

Adrian agarra um punhado do meu cabelo e minha bunda agredida enquanto empurra bem dentro de mim, atingindo aquele ponto sensível repetidamente. Estou tão perto do limite que estou soluçando de novo. Lágrimas escorrem pelo meu rosto e meus gemidos ecoam no ar. Ele solta meu cabelo e desliza seus dedos fortes e magros em minha bochecha, tirando as lágrimas antes de pressionar seu dedo médio e indicador contra meus lábios. Eu abro, deixando-o deslizar para dentro.

— Essas lágrimas e gemidos são meus pra caralho, *Lenochka*.

Eu chupo seus dedos em resposta enquanto ele os desliza para dentro e para fora da minha boca, combinando com o ritmo de seu pau dentro de mim. No momento em que ele dá um tapa na minha bunda em chamas, estou gozando de novo, apertando em torno dele com um grito sem

palavras. Adrian se junta a mim logo depois, seu corpo ficando rígido antes do calor familiar de sua semente me encher.

Então, em meio ao prazer carnal, tudo fica preto.

Capítulo Dezoito

Lia

Estou vagamente ciente de braços fortes me carregando em seu casulo. Braços que eu reconheço mesmo com meus olhos fechados. Sou colocada em um colchão macio e um pano quente passa entre o vale dos meus seios, roçando meus mamilos antes de deslizar para o meu núcleo pegajoso.

— Mmmm. — Eu suspiro em meu estado de semi-sono enquanto me deleito na sensação calmante.

Eu provavelmente nunca admitiria isso em voz alta, mas os cuidados posteriores de Adrian são viciantes. É tão terno em contraste com seu toque brutal. Tão paciente também. Ele leva seu doce tempo limpando todos os meus poros como se ele encontrasse prazer em me tocar dessa forma.

Estou prestes a cair no sono, como de costume, quando sua voz forte filtra o silêncio. — Com quem você estava falando na loja de lingerie, Lia?

Meus olhos se abrem, minha respiração engatando quando o encontro de pé sobre a minha posição deitada, os contornos de seu rosto sombreados pela escuridão. — O-O quê?

— O homem que você estava tocando aquela lingerie vermelha na frente. Quem diabos é ele?

Merda!

— A-Adrian...

Sua mão envolve meu queixo. — É melhor que você divulgue informações livremente ou irei encontrá-lo e arrancar seu coração enquanto você assiste.

— Não, Adrian... por favor.

— Quem é ele? — Seu tom é assustador, áspero.

Eu balanço minha cabeça freneticamente.

— Fui eu.

Nossa atenção se volta para a figura deslizando para dentro do meu quarto da varanda. Eu suspiro quando Luca aparece, segurando uma arma.

— Parece que você vai morrer mais cedo ou mais tarde, Volkov. — E então ele atira, a bala alojada diretamente no peito de Adrian, e ele cai de cara no meu colo, sangue explodindo em sua camisa branca.

— Nããão! — Eu grito, me levantando.

Meus olhos se abrem e rapidamente observo o que está ao meu redor. Estou no meu quarto, a luz da manhã se filtrando pelas cortinas de musselina da varanda. Luca não está à vista. Também não há sangue.

Por favor, me diga que foi um pesadelo. Por favor.

Eu pego meu telefone com dedos trêmulos, indo direto para o número de Adrian. Ele salvou na primeira vez que estive aqui no caso de eu

precisar dele, mas é sempre ele quem me envia mensagens para perguntar o que eu quero para o jantar.

Esta é minha primeira vez em contato com ele. Meu polegar instável desliza sobre seu nome e coloco o telefone no meu ouvido. Estou tremendo, meus membros suados enquanto ouço tocar. Por favor, diga que ele está ocupado trabalhando ou fazendo o que quer que faça quando sai do meu apartamento.

Passos pesados vêm de fora do quarto antes que Adrian apareça na porta, vestindo apenas sua cueca boxer. Um brilho de suor cobre sua pele beijada pelo sol, fazendo com que as mangas cheias da tatuagem brilhem no brilho da manhã. Seus gloriosos músculos do abdômen e do peito ondulam a cada movimento.

Suas longas pernas se cruzam enquanto ele aponta para o telefone em sua mão. — Você me chamou?

No início, não acredito no que estou vendo. Acho que é outro jogo doentio da minha imaginação. Que este é o pesadelo e o anterior é realidade. Eu cavo minhas unhas no meu pulso e solto um suspiro de alívio quando a dor sobe para a superfície. Sem pensar, pulo para fora da cama. Então eu grito, tropeçando nos lençóis quando uma dor ardente explode na minha bunda. Puta merda. Isso machuca.

Adrian está ao meu lado em um segundo, me agarrando pelo braço para me impedir de cair. Eu seguro seu antebraço enquanto recupero o equilíbrio e estudo seu peito e lado, certificando-me de que foi realmente um pesadelo.

— Pega leve, *Lenochka*. Não queremos que você machuque essas pernas talentosas. — Sua voz é divertida.

Meus lábios se abrem com o fato de que, pela primeira vez, eu não pensei sobre minha obsessão em manter minhas pernas seguras na minha pressa para ter certeza de que ele estava bem.

É quando a situação atual me ocorre. — Você está aqui.

— Não é óbvio?

— Mas você sempre sai de manhã.

— Eu não tenho trabalho cedo hoje.

— Oh. — É por isso que ele estava saindo cedo o tempo todo? Ou isso é apenas mais uma desculpa?

— Oh não é uma palavra. Use as reais.

Eu coro com a maneira óbvia que ele está verificando abertamente minha nudez. Eu me pego observando ele também, a maneira como seus músculos estão perfeitamente tensos ou como os cabelos finos vão até a cintura de sua cueca boxer.

— O que... — eu engulo. — O que você estava fazendo?

— Flexões.

O suor faz sentido, mas ainda não consigo tirar meu olhar dele. Adrian tem perfeição física que é tão diferente do que eu testemunhei antes. Estou acostumada a ver modelos e dançarinos que não se intimidam em tirar suas roupas e trocar de roupa em lugares semipúblicos. Mas esse tipo de

beleza é bonito, estético, até. Adrian é robusto, duro e vem com uma vantagem que é complementada por sua personalidade calma, mas implacável.

— Por que você me ligou?

Eu forço meu olhar a deslizar até seu rosto. — Huh?

Seus lábios se contraem no que se assemelha a um sorriso. — O telefonema, Lia.

— Uh... nada.

— As pessoas não ligam para nada.

Eu busco algo no meu cérebro porque realmente não quero dizer a ele que estava prestes a hiperventilar devido a um pesadelo visceral que tive com ele.

— Lia... — É uma única palavra, mas o aviso é claro. Adrian é um maldito ditador às vezes, eu juro. Ele não tolera que suas perguntas sejam ignoradas e continuará exigindo uma resposta até que eu finalmente a dê.

— Eu ia perguntar o que você vai trazer hoje à noite para o jantar, — eu deixo escapar.

— Posso enviar o que você quiser, mas provavelmente não vou estar aqui.

Eu luto contra o puxão de decepção que afunda no meu estômago.

Adrian levanta uma sobrancelha. — Você não vai me perguntar por quê?

— Eu não me importo, — eu digo com tanta teimosia que me deixa atordoadada.

— Como quiser. — Ele envolve seus braços em volta da minha cintura, me puxando contra seu peito. Meus mamilos sensíveis endurecem contra sua pele e eu sugo uma respiração fraturada pelos meus lábios entreabertos.

Essa atração entre nós nunca vai acabar? Haverá um dia em que estarei nas proximidades de Adrian e não desejarei estar mais perto?

— Você não teve um pesadelo na noite passada, — ele murmura.

Isso é porque eu tive esta manhã.

Eu franzo a testa. — Como você sabe que tenho pesadelos? Espere... você me observa quando eu durmo?

— Eu faço.

Minha boca se abre, e quando não encontra palavras para dizer, ela fecha novamente. Não deveria ser uma surpresa, já que ele me limpa todas as noites, mas eu não gosto que ele me estude na minha forma mais feia.

— Sabe, para alguém que afirma não ser um perseguidor, você tem um comportamento de perseguição óbvio, Adrian.

— Um perseguidor nunca admitiria abertamente observar você dormir. No mínimo, eles manteriam isso em segredo pelo maior tempo possível.

Eu estreito meus olhos para ele. — Você ainda é um perseguidor.

— Se você diz.

— Você realmente não se importa, não é?

— Não, e nem você deveria, *Lenochka*. O mundo não significa nada se você decidir que não.

— Eu não sou você, Adrian. Eu me importo.

— Por que você faria isso quando só iria machucar você? — Sua mão desliza em círculos nas minhas costas, provocando arrepios na minha pele.

— Você é melhor que isso.

— Não, eu não sou.

— Sim você é.

— Como você sabe?

— Eu só sei. — Um olhar estranho passa em seus olhos. É breve e desaparece rapidamente quando ele diz. — Desde quando você começou a ter pesadelos?

— Nenhuma data específica. Todo mundo tem.

— Não como você. Eles parecem mais... crus.

— É porque eles são. Às vezes, demoro longos minutos para diferenciar a realidade de um pesadelo. Às vezes, o que eu tenho um pesadelo se torna realidade. — Meus lábios tremem com isso, lembrando como ele foi baleado por Luca. Isso também acontecerá no futuro?

— Presumo que isso começou há muito tempo?

Eu me sacudo desses pensamentos. — Desde criança. Como você sabia?

— Eles parecem arraigados, e os eventos da infância podem produzir esse tipo de subconsciente selvagem.

— Você é meu psiquiatra agora?

— Não seu psiquiatra, não. Estou apenas tentando entender melhor essa parte de você.

Não sei por que isso aquece meu coração, por que tudo em mim se torna ainda mais terno com essas palavras. Ele não deveria se importar, ele realmente não deveria, então por que ele se importa?

— Não há nada para entender, não quando eu mesma não entendo.

— Hmm. Veremos.

Eu paro, observando a expressão fácil em seu rosto. — E você?

— Eu?

— Você sabe sobre traumas de eventos da infância porque você mesma passou por algo?

— Talvez.

— Isso é um sim ou não?

— Nenhum.

— Não é justo se você é o único que sabe coisas sobre mim, Adrian.

— Eu te disse. Justiça não existe. Além disso, não foi você quem deixou claro que não quer nada comigo?

— Eu mudei de ideia.

— Por que?

— Bem, obviamente você não está me deixando em paz, então posso pelo menos conhecê-lo melhor.

— Então você pode escapar de mim?

— N-Não.

— Você está mentindo, e essa é um golpe do dia. — Ele estreita os olhos. — Mas não importa, porque você não será capaz.

A promessa de suas palavras me atinge nos ossos e leva algumas inalações de oxigênio para me orientar. — Então me diga.

— O que você quer saber?

— Sua infância. Algo aconteceu nela?

— A verdadeira questão seria o que não aconteceu.

— Sua madrasta era má?

Um olhar distante e nostálgico enche seus olhos. — Foi o contrário. Minha mãe era a vilã e minha madrasta era a princesa da Disney na vida real que não foi salva.

Essa é a primeira vez que ele fala tão abertamente sobre sua família. — Por que sua mãe era a vilã?

— Os vilões não precisam de motivos.

— Sim, eles precisam. Você mesmo disse que eles são heróis em suas próprias histórias e, portanto, querem algo.

— Você se lembra de tudo que eu disse, *Lenochka*?

— Tenho uma memória forte. — Minhas bochechas queimam. — Então?

— Então o que?

— Por que ela era a vilã?

— Poder. Foi seu primeiro e último objetivo, e tia Annika atrapalhou, e embora não fosse por escolha, ela ainda pagou o preço.

— Que preço? — Minha voz está baixa, assombrada como a expressão em seus olhos.

— A vida dela. Ela morreu quando eu tinha sete anos.

Então me dou conta. A julgar pela forma como ele parece nostálgico ao falar sobre sua madrasta e até a chama de tia, ele deve tê-la amado. Ele deve ter tido algum tipo de vínculo com ela. Quase posso imaginar um Adrian mais jovem segurando a luz de sua madrasta porque sua mãe e seu pai mafioso não emanavam nenhuma.

Após a morte dela, presumo que uma parte dele morreu também. Seu lado humano. É por isso que ele agora é um monstro insensível que não se importa com as demandas de ninguém além das suas.

— Você sente falta dela? — Eu sussurro.

— Ela está morta.

— Você ainda pode sentir falta dela.

— Eu não.

— Por que não?

— Porque eu não tenho ideia do que essa palavra significa.

— Você não sabe?

— Não no sentido prático, não.

— Eu posso explicar. É quando...

— Eu não quero que você explique, — ele me corta.

— Mas...

— Largue isso, Lia. — A mordida em seu tom sugere que ele parou de pensar em minhas perguntas.

Eu olho para ele. — Você é insuportável.

— Se você diz. — Sua mão abaixa até que ele segura minha bunda. Eu estremeço, segurando seu bíceps musculoso para me equilibrar. — Você está dolorida. Deixe-me cuidar disso.

Ele se senta na cama e me puxa para seu colo. A posição é tão vulnerável e faz com que o calor suba para minhas bochechas e eu me contorça. — Eu posso deitar na cama.

Eu choramingo quando Adrian segura minha bunda agredida na bochecha. — Ou você pode ficar parada.

Ele pega a pomada que mantém na minha mesa de cabeceira. Minha atenção é roubada pelas tatuagens intrincadas em seus braços, a maneira

como elas giram em torno de sua pele, adicionando outra camada misteriosa à sua personalidade.

— O que significam as tatuagens? — Eu pergunto antes que eu possa me impedir. Sempre quis saber, mas imaginei que ele não responderia. Esta manhã, ele se sente mais perto de alguma forma. Pode ser porque ele não saiu antes de eu acordar ou porque ele me contou sobre si mesmo como os casais normais fazem.

Espera. Não somos um casal. Certo?

Adrian abre a pomada e espalha o creme frio nas minhas costas. Eu estremeço, mas logo gemo quando ele esfrega suavemente.

— Na Bratva, cada tatuagem tem um significado. — Sua voz é tão fria quanto seus golpes repetidos.

— Como?

— A rosa vermelha significa que eu já matei antes.

Eu engulo o lembrete.

— O que é, *Lenochka*? Achei que você quisesse saber.

— Eu quero, — eu deixo escapar. — É o mapa da Rússia?

— Correto.

— Você ama isso, Rússia?

— Que tipo de pergunta é essa? Quem não ama seu país?

— Quero dizer, você ama isso o suficiente para tatuar em você mesmo?

— Não. É por outro motivo.

— O que é?

— As férias que nunca tive quando era criança.

— É por isso que você tem uma bússola em cima dela?

— Isso é para me lembrar de quão longe eu vim.

— E quanto ao crânio.

— Isso é porque eu sou um ladrão.

— Um ladrão?

— Hmm. Como explicar isso. A Bratva também é chamado de Vory, o que significa que somos ladrões.

— Então, é uma irmandade de ladrões?

Ele mergulha o dedo nas minhas dobras. — Algo parecido.

Eu suprimo um gemido. — Você gosta disso? Sendo um ladrão.

— Gosto da descarga de adrenalina que isso traz.

— Então você gosta do estilo de vida?

— Sim eu gosto.

Uma pontada de decepção me atinge com suas palavras assertivas. Eu não sei por que uma parte de mim esperava que ele não tivesse escolha em ser quem ele é, que ele possa desistir se quiser. Mas eu estava apenas me

enganando. Adrian escolheu esta vida de boa vontade porque gosta, e não há nada que o deterá disso.

Deixando o assunto ir, eu caio nas sensações que ele está provocando em mim, como ele está acariciando minha bunda e deslizando seus dedos por minhas dobras e pela minha abertura. Meus olhos se fecham enquanto descanso minha bochecha contra sua coxa nua.

Respirações quentes fazem cócegas em meu ouvido enquanto ele sussurra. — Não adormeça, Lenchka.

— Mmm. Eu não estou...

— Bom. Porque eu vou te foder tão forte que você vai me sentir dentro de você até amanhã.

Capítulo Dezenove

Lia

Adrian cumpriu sua promessa. Passar pelo ensaio é uma tortura. Posso senti-lo a cada movimento, a cada salto e a cada maldito passo. Eu tive que usar shorts masculinos para cobrir os vergões nas minhas coxas. Cada vez que os toco, lembro-me da noite passada e da quantidade de prazer que tive com isso.

O tipo escuro. O tipo que fica silencioso nos cantos e é mantido em segredo.

Então me lembro de como me senti quando pensei que ele havia levado um tiro. Eu não deveria ter tido essa reação. Eu não deveria ter ficado preocupada, angustiada e malditamente confusa. Ele é um mafioso, um assassino. Mas esses fatos parecem desvanecer-se dia a dia, goste ou não. Depois desta manhã, sinto-me mais perto dele do que nunca. Como se uma ponte estivesse se construindo entre nós lenta mas seguramente. Pode ser frágil, mas está lá. Algo mudou.

Eu podia sentir quando ele me fodeu contra a parede do chuveiro e quando preparamos o café da manhã juntos como se fosse uma ocorrência normal. Eu senti quando ele me sentou no balcão apenas para que ele

pudesse me beijar. E eu com certeza senti quando ele me beijou novamente antes de sair.

Essas não são coisas que um homem faria com sua prostituta. Meu longo dia finalmente acabou quando Philippe anunciou que estava encerrado. Este é um dos nossos últimos ensaios antes da estreia na próxima semana. Nunca fiquei tão animada com uma apresentação. Sobre assumir uma personagem tão complexa como Giselle.

Ryan me solta, se vira e vai para o camarim sem olhar para trás. Eu amo o tipo de relacionamento que formamos desde a noite no clube, profissional. É assim que deveria ser desde o início.

Hannah fica na minha cara assim que ele sai de vista. — O que diabos você fez com ele, vadia?

Eu me permito um sorriso provocador. — Por que você não pergunta a ele o que ele fez?

— Ele não vai falar comigo!

— Não parece ser meu problema. Ele teve o que estava vindo para ele.

— Eu me inclino para sussurrar. — Vocês se merecem.

E com isso, eu a deixo e vou para Stephanie.

Ela sorri, entrelaçando seu braço com o meu. — Venha conosco para esta grande abertura de empresa que o Matt nos convidou.

— Eu não sei, Steph.

— Não me deixe sozinha com Philippe e como ele muda aleatoriamente para o francês quando está bêbado, como se o mundo fosse fluente no idioma.

— Então amaldiçoa quando você fala em inglês?

— Exatamente, garota. Vamos, seremos apenas nós três.

— Tudo bem. — Não tenho nada para fazer, de qualquer maneira, e preciso parar de pensar em Adrian por uma noite. Ou tentar. Depois desta manhã, quero vê-lo novamente mais do que nunca.

— Sim! Eu te amo para sempre. — Stephanie caminha comigo.

Eu sorrio de volta como uma resposta.

Ela para na frente do meu camarim e belisca minha bochecha. — Você está brilhando mais ultimamente.

— Eu não estou.

— Sim você está. É o seu amante a razão pela qual Giselle é tão obsessiva?

— E-Eu não tenho um amante.

— Claro que você tem. Ele é a razão pela qual você corre para casa todas as noites e recusa os convites meus e de Philippe.

— Isso é... como você sabia?

— Está claro se alguém se concentra bastante. Ultimamente, você parece estar firme no chão em vez de flutuar em algum lugar que ninguém a veja. Você precisa me apresentar ao Sr. Coisa Quente.

— Não é sério, — murmuro. Adrian não é meu amante e nunca será. O que somos nós, afinal? Não podemos ser amigos com benefícios porque não somos amigos.

Parceiros sexuais? Provavelmente, mas os parceiros sexuais não medem esforços para que Adrian se certifique de que estou totalmente confortável?

— Que tal você convidá-lo para a nossa inauguração?

— Huh?

— Sim! — Ela bate palmas. — Seria a oportunidade perfeita para ele ver sua Giselle e para nós espionarmos o homem que conquistou seu coração.

— Ele não tem meu coração, — digo defensivamente, em seguida, paro com o pensamento que Stephanie plantou na minha cabeça.

Devo convidar Adrian? Já que ele é parte da razão pela qual moldei minha Giselle, tenho certeza de que terei um desempenho ainda melhor sabendo que ele está lá. Ou pior. Eu não deveria correr esse risco, mas, ao mesmo tempo, uma parte de mim o quer lá. No meio de mil estranhos, eu quero entrar no palco, sabendo que Adrian está entre eles.

— Acho que posso perguntar a ele, — digo a Stephanie, que grita.

— Estou comprando um ingresso VIP para você. — Ela pisca para mim e corre pelo corredor.

Eu rio de seu entusiasmo e entro para me trocar. Meia hora depois, estou usando um vestido azul com decote em V duplo, complementando o visual com um colar de prata de lei delicado, a única lembrança que tenho da mamãe. Meu coração puxa com a lembrança dela e coloco essas memórias negras no fundo do meu cérebro. Eu uso saltos baixos e deixo meu cabelo cair em ondas soltas pelos meus ombros antes de colocar meu casaco e encontrar Stephanie e Philippe. Ela enfia um ingresso VIP na minha mão, sorrindo como uma idiota.

— *Chérie*. — Philippe beija minha bochecha enquanto caminhamos para seu carro. — Estou feliz por você ter se juntado a nós.

— Não vou criar um hábito.

— Estou feliz com o que posso conseguir. Não estrague minha diversão.

Sáimos do teatro juntos em meio aos olhares de outros dançarinos. Aprendi a ignorar a inveja deles há muito tempo. Adrian estava certo, de certa forma. Se eu me importar muito, serei a única a sofrer. Matt, que é alto e obeso, nos encontra no local do evento. Aparentemente, é a abertura de alguma subsidiária de uma grande corporação chamada V Corp. Nosso produtor tem sócios aqui e possui algumas ações. Enquanto nos guia para dentro, ele continua nos lembrando de ter o melhor comportamento como se fôssemos crianças.

O salão é enorme e majestoso, como se espera de uma grande corporação. O ouro brilha em todos os lugares como se eles quisessem enfiar o fato de que eles têm dinheiro goela abaixo de todos. Homens em smokings e mulheres em vestidos estão espalhados por toda parte,

conversando alegremente. Fico feliz que Philippe e Stephanie ignorem a comoção, optando por atacar as longas filas do buffet e do bar aberto. Subo em um banquinho e espero que eles parem de discutir sobre qual comida engorda e se juntem a mim.

— O que você quer, senhorita? — O barman pergunta.

— Nada. — A voz vindo da minha direita me dá uma pausa.

O jovem barman empalidece antes de se retirar para a esquina, indo atender o cliente mais distante de mim.

Eu olho para cima para encontrar Yan, o guarda mais jovem de Adrian com o cabelo comprido, parado ao meu lado, seu rosto tão estoico como de costume. — Você precisa sair, senhorita.

Essa é a primeira vez que ele se dirige a mim no mês que conheço Adrian. Ele tem um sotaque russo sutil que lembra o de Adrian, mas é menos sofisticado. Espere. Se Yan está aqui, isso significa que seu chefe também está?

Eu odeio a vibração em minha barriga enquanto eu olho ao redor de Yan, procurando pelo homem mais ameaçador e perigoso na sala.

— Senhorita. — Yan repete, desta vez com impaciência.

— Por que eu preciso sair?

— Você tem que ir.

— Quem disse?

— Chefe.

— Bem, seu chefe não pode me dizer o que fazer. E se ele tem algo a dizer, por que ele mesmo não o faz?

O olhar de Yan muda para o lado como se ele estivesse nervoso ou perdido sobre o que fazer. — Você pode me seguir de boa vontade ou terei que carregá-la à força.

Meus lábios se abrem. — Que diabos?

— Pedidos são pedidos.

— Você é um robô?

Ele faz uma pausa como se estivesse ofendido. — Pela força, então.

Yan agarra minha mão e me puxa para baixo do banquinho. Estou quase gritando quando vejo uma cena por cima do ombro de Yan.

Adrian.

Ele está vestindo um smoking preto que embeleza seu corpo alto e musculoso. É a primeira vez que o vejo com roupas tão formais e isso combina com ele na perfeição, fazendo-o aparecer como o último modelo gostoso em uma revista masculina. Seu cabelo está penteado para trás e seus lábios estão inclinados em um sorriso. Um que ele não me dá.

Um que agora é direcionado a uma loira esguia com traços impressionantes e um corpo bombástico para acompanhar. Ela também não precisa estar nua para exibí-lo. Seu vestido vermelho é de mangas compridas e termina logo acima dos joelhos. É modesto e bonito, dando a ela uma aparência elegante que eu nunca poderia tirar. Ela toca o braço de

Adrian enquanto fala, e ele continua sorrindo, obviamente gostando do gesto.

Yan segue meu campo de visão, então murmura. — Porra.

— Quem é ela? — Eu murmuro, minha língua pesada na minha garganta.

— Você não precisa saber.

— É por isso que seu chefe me quer longe daqui?

A falta de palavras de Yan é a única resposta de que preciso. Não sei o que estou pensando quando me afasto dele e marcho em direção a eles. Na verdade, é como se eu não estivesse pensando em nada. Yan chama atrás de mim, mas sou mais rápida, empurrando as pessoas e sendo amaldiçoada mil vezes.

Há uma queimadura no meu peito desde que vi Adrian com aquela mulher. Não sei se é porque ele nunca me leva para sair, mas ele a acompanhou a uma grande inauguração, ou porque ele está sorrindo para ela e nunca faz para mim ou porque ele me deixou esta noite para ela. Provavelmente é tudo isso. Eu paro bem na frente deles. Adrian me encara como se eu fosse uma estranha que ele conheceu pela primeira vez. Pior. É como se eu fosse uma pedra em seu sapato.

— Desculpe? — A loira pergunta, e sua voz é tão suave e elegante quanto ela.

Eu olho para ele. — Explique isso.

— Quem diabos você pensa que é? — As palavras frias e duras de Adrian me apunhalam mais profundamente do que qualquer coisa jamais fez.

Um homem idoso se junta ao nosso círculo. Suas feições são solenes e ele fala com sotaque russo. — Há algo errado?

— Eu não sei, papai. — A loira olha entre mim e Adrian. — Esta mulher surgiu do nada.

O homem idoso, seu pai, me observa com um olhar crítico, enquanto eu fico olhando sem palavras para Adrian, tentando descobrir o que diabos ele acabou de dizer. Deve ter sido uma invenção da minha imaginação. Adrian não apenas insinuou que sou uma estranha na frente de seu par.

— Você a conhece, Volkov? — O homem pergunta.

— Não. — Adrian não olha para mim, sua voz casual.

Se eu pensei que suas palavras anteriores doeram, essas palavras cortaram tão fundo, eu sinto a faca cavando dentro. A ponte que senti se formando entre nós esta manhã se dissolve no ar.

Yan finalmente me alcança e tenta me puxar pelo pulso. Eu saio do meu torpor, tentando me afastar. — Isso não é...

— Leve ela para fora, — Adrian diz a Yan, enfiando a faca mais fundo.

O velho olha para mim novamente. — Você conhece o noivo da minha filha, mocinha?

Eu congelo. *Ele acabou de dizer o noivo de sua filha?*

Meu olhar muda dele para os olhos questionadores de sua filha e depois de volta para os olhos cinzentos e frios de Adrian, e a única resposta que posso dar sob as circunstâncias sai da minha garganta. — Não.

E com isso, deixei Yan me arrastar para fora. Estou muito atordoada, muito chocada, para me mover sozinha, então sigo seus passos sem pensar.

— Você deveria ter vindo comigo da primeira vez, — Yan murmura baixinho.

Talvez sim, mas se tivesse, não teria ficado abalada com este chamado para acordar. Adrian tem uma noiva. Toda loira, linda e russa. Eu fui apenas um jogo para ele todo esse tempo.

Capítulo Vinte

Adrian

Preciso de todo o meu autocontrole para não ver Yan arrastar Lia meio atordoada para fora do local. Se eu fizer isso, se eu olhar para ela, serei tentado a ir atrás dela, e isso é a coisa mais tola que eu poderia fazer nessas circunstâncias. Quando Boris me informou que ela estava aqui, graças ao filho da puta do Matt, que é um associado próximo da irmandade, eu mal tive tempo de dizer a Yan para tirá-la de lá.

Esse plano foi obviamente um desastre, já que ela veio até mim como se tivesse todo o direito de estar ao meu lado. Ela não tem. Mesmo que eu não olhe para ela, Igor e sua filha, *minha noiva*, Kristina, olham, ambos medindo ela até que ela desapareça com Yan.

A atenção de Igor finalmente volta para mim, seu rosto rígido. — Eu preciso de uma explicação, Volkov?

— Não, — eu falo com uma facilidade que não sinto.

— Bom. Porque eu não vou permitir que você desrespeite minha filha.

Eu aceno em uma demonstração de respeito, mas ele não acena de volta enquanto se vira e sai. Kristina continua a olhar para mim, depois para a porta pela qual Lia saiu, seu rosto permanecendo tão sem emoção quanto o

de seu pai. Como uma princesa da máfia, ela nasceu pronta para se casar dentro da irmandade. Bonita e impecável, o papel de Kristina na vida é honrar seu pai e se tornar uma esposa obediente.

Quando Sergei sugeriu esta aliança há um ano, não vi por que não, especialmente porque Igor e sua brigada estão cercados por um muro alto que ninguém consegue penetrar. Achei que isso me aproximaria de seu reinado metódico. Se eu tivesse que me casar um dia, Kristina parecia a escolha mais segura e lógica. Eu posso ver as dúvidas em seu rosto, mas ela não as expressa. Ela não foi criada para fazer. Para Kristina, ser a esposa obediente é tudo o que importa. Ao contrário da minha *Lenochka*, cujos sentimentos geralmente estão estampados em seu rosto, os de Kristina estão presos sob uma fachada improvisada.

— Se você a mantém como amante, me avise. — Ela finge um sorriso. — Tenha uma noite agradável.

E com isso, ela se vira e sai como se nada tivesse acontecido. Leva tudo o que tenho para continuar com o evento enfadonho. Embora eu deteste a socialização vazia que essas festas representam, preciso do networking e das informações que elas fornecem.

No entanto, é difícil, quase impossível, se concentrar quando me lembro do choque e da dor naqueles olhos azuis. Conjurando essas emoções nela foi tudo o que inicialmente me esforcei, mas agora parece uma faca enferrujada no meu estômago. Depois de cerca de trinta minutos conversando sem sentido com homens influentes cujo único valor são suas redes, meu telefone vibra no bolso. Eu me desculpo e verifico.

Yan: Ela está no apartamento.

Eu deveria descontar nele por não a acompanhar logo, mas é inútil. Eu não poderia mantê-la no escuro por muito tempo.

Adrian: Fique de guarda.

Yan: Entendido.

A noite parece mil anos. O produtor de balé de Lia vem falar comigo, apresentando o diretor francês. Ele diz que sua primeira bailarina está aqui em algum lugar, mas ele não consegue encontrá-la. E ele nunca vai.

Depois que a noite finalmente termina, eu ignoro a pequena reunião que Sergei está tendo com os outros líderes e vou embora. Kolya dirige em alta velocidade até eu chegar ao apartamento de Lia. Yan sopra a fumaça de seu cigarro e acena com a cabeça em sua posição em frente à porta. Eu aceno para ele se juntar a Kolya no andar de baixo, mas ele hesita.

— O que? — Eu não me preocupo em esconder minha impaciência.

— Você disse que falaria sobre um novo plano para Lazlo.

— Não é hora de discutir isso, Yan.

— Só estou dizendo que precisamos fazer algo a respeito dessa situação.

— Ele inclina a cabeça em direção à porta do apartamento. — Ela não parecia estar muito bem.

Ele sai antes que eu possa dizer qualquer coisa. Eu coloco o código e entro. A luz acende quando a porta se fecha atrás de mim.

— Ela é realmente sua noiva? — O tom apático de Lia me cumprimenta. Ela está parada na entrada da sala de estar, cruzando os braços sobre o peito e ainda usando o vestido azul que lhe dá um toque mais suave. Seu rosto está vermelho, mas seus olhos estão em chamas com uma mistura de emoções voláteis.

Eu começo a tirar meu casaco.

— Eu não faria isso se fosse você, — ela diz.

— Por que não?

— Se você está indo embora ou ficando, depende da resposta à minha pergunta.

Jogo o casaco na mesa da entrada, sem me preocupar em pendurá-lo, e avanço em sua direção. Ela se assusta quando eu a agarro pelo queixo, meu aperto duro e firme, proibindo-a de se mover.

— Você parece ter alguns conceitos errados, então entenda isso, Lia. Se eu vou embora ou fico, só depende de mim. Você não tem uma palavra a dizer sobre isso, nunca teve e nunca terá.

Seus olhos estão arregalados, lábios pálidos e queixo trêmulo. Ela está obviamente assustada, mas ela encontra meu olhar enquanto repete. — Ela é sua noiva?

— Se ela é ou não, não é da sua conta.

— Claro que é da minha conta! Eu não serei a outra mulher! — Ela se esforça, tentando se livrar do meu aperto.

Eu envolvo a mão em sua cintura e bato sua frente contra mim, tirando o fôlego de seus pulmões. — Você é o que diabos eu digo que você é.

Ela balança a cabeça. — Não... não, Adrian. Não...

— Não o quê?

— Não me coloque aí.

— Colocar você onde?

— Nesta maldita posição. — Ela bate no meu peito com os punhos fechados. — Eu não sou sua puta.

— Eu possuo sua boceta, Lia. Eu possuo você. Os títulos não importam.

— Isso importa a mim!

— Por que? Você acha que se for minha puta, vai me querer menos? Você vai abrir menos suas pernas para mim? Você é uma vagabunda para mim, Lia.

Ela levanta a mão e me dá um tapa no rosto. Duro. O som reverbera pelo apartamento silencioso enquanto a dor marca minha pele. Minha visão fica vermelha, mas não é com a necessidade de machucá-la por me bater. É por lembrar o que significa ser atingido. Minha maldita mãe.

Eu fecho meus olhos por um breve segundo, apertando minha mandíbula. Quando eu os abro novamente, os olhos de Lia se arregalaram ainda mais e as lágrimas grudam em suas pálpebras como se ela estivesse percebendo exatamente o quão fodida está.

Literalmente e figurativamente.

Ela abre a boca para dizer algo, mas meus lábios colidem com os dela. Ela os afina em uma linha, suas pequenas mãos empurrando contra meu peito. É a rebelião dela contra mim, que não dura quando eu mordo seu lábio inferior. Ela tenta lutar comigo, para segurar sua raiva, mas eu inclino sua cabeça para trás para mergulhar minha língua dentro e me banquetear com ela. Ela choraminga enquanto seus punhos ficam moles contra meu peito e uma lágrima desliza por sua bochecha, agarrando-se aos meus lábios até eu sentir o gosto de sal.

Mas isso não é a única coisa que gosto. Também há seu desespero, traição e luxúria. Eu pego tudo isso enquanto a beijo, sugando sua alma de seus pulmões. Usando meu queixo, empurro seu pequeno corpo para trás. Seus lábios se separam com um suspiro quando sua bunda se achatou contra a parede. Eu puxo seu vestido e aperto sua calcinha em um punho, puxando até que se rasgue em pedaços.

Leva um segundo para que eu tenha que desabotoar minhas calças enquanto levanto sua perna e a coloco em volta da minha cintura. Então estou batendo dentro dela com uma urgência que nunca senti antes. Minhas costas estalam em uma linha enquanto eu empurro em seu calor apertado com um ritmo que a deixa ofegante por ar contra meus lábios.

Sua perna me aperta enquanto mais lágrimas deslizam por seu rosto, encharcando nós dois. Vou levar suas emoções e tudo o que ela tem a oferecer. Meus dedos cavam em sua coxa enquanto eu a penetro, alimentando seus gemidos misturados com fungadas. Do jeito que ela me segura, mesmo quando me odeia. Eu bato em seu ponto sensível

repetidamente até que ela comece a chorar de orgasmo. Ela aperta meu pau como um torno e eu esvazio dentro dela com um rosnado profundo, minha respiração áspera ecoando no ar.

Demoro um segundo para voltar ao mundo dos vivos. Lia vira o rosto para longe de mim enquanto ainda chora, seu corpo estremece enquanto ela sussurra. — Eu nunca vou te perdoar por me colocar nesta posição.

— Você é minha. Acostume-se. — Eu puxo para fora dela e vejo meu esperma descendo por suas coxas até os tornozelos.

Essa visão sempre será minha porra favorita. Eu a agarro pelo cotovelo para testar seu equilíbrio, mas ela se afasta de mim, usando a parede como âncora. Rangendo os dentes, me enfio para dentro, então me viro e saio do apartamento antes de perder a calma que mal estou segurando. Antes de confiscá-la do mundo e mantê-la para mim.

Talvez seja isso que eu deva fazer, de qualquer maneira. Porque esta noite, tomei decisões irrevogáveis. Lia não é a outra mulher. Ela é a mulher. E eu não sou meu pai de merda.

Capítulo Vinte e Um

Lia

Estou entorpecida no último dia de ensaio da *Giselle*. Na verdade, estou entorpecida desde o momento em que Adrian me fodeu contra a parede e depois me deixou chorando no chão. Logo depois que ele me fez a outra mulher. Sua *puta*.

Isso foi há três dias. Três dias desde que descobri que ele tem uma noiva. Uma loira linda. Uma russa como ele. Uma da qual ele não deveria ter desviado o olhar. Não tenho uma opinião negativa sobre mim, mas até eu posso dizer que o tipo dela, elegante, loira e com pernas que vão por quilômetros é o que combina com ele. Eu tenho feito isso desde aquele dia, mas não tenho vivido. Só fico pensando em uma maneira de deixar de ser aquela mulher. Aquela vadia desprezível que está roubando um homem noivo.

Eu o odeio tanto por me colocar nesta posição. Ainda mais do que quando ele me atraiu sob seu polegar e me fez ansiar por ele. Apesar da escuridão dessa situação, fui capaz de deixá-lo ir, de deixá-lo invadir meu mundo. Mas esta situação é completamente diferente e contra todos os princípios que tenho. E por causa disso, preciso me afastar dele. Conhecendo o caráter dominador de Adrian, ele não vai acabar comigo só

porque eu exijo. Se eu lutar, ele vai me subjugar e até mesmo me punir por isso. Tenho que ser inteligente sobre isso e fazer algo que o deixará enojado o suficiente comigo para que ele deixe minha vida em paz.

Mas não importa o quanto eu vasculhei meu cérebro nos últimos dias, não encontrei uma maneira. Estou feliz que Adrian me deixou sozinha durante este período, mas saber que ele eventualmente vai voltar me deixa inquieta. Sempre que entro em meu apartamento e não o encontro lá, uma mistura de alívio e decepção irritante me atinge. Eu gostaria que ele já tenha se cansado de mim, mas ele deu a entender que nunca me deixaria naquele dia.

Se ele tivesse dito essas palavras naquela manhã, eu me sentiria diferente. Um pouco assustada, mas provavelmente animada. No entanto, agora, tudo o que sinto é amargura, porque mesmo os momentos que compartilhamos naquela manhã não eram reais. Ele tem uma porra de noiva.

Na minha garagem, vejo Yan em sua Mercedes bem em frente ao meu carro. Ele está me observando abertamente. Às vezes sozinho, outras vezes com outro guarda carrancudo que não é Kolya.

Eu geralmente o ignoro, mas hoje, meus nervos estão à flor da pele. Estou ansiosa com a abertura de Giselle, e toda a coisa com Adrian está me fazendo perder o sono, acordando assustada a qualquer som, esperando que ele apareça.

Eu marcho até Yan e ele sai do carro antes que eu o alcance, ficando em uma posição ereta. — Você precisa de alguma coisa, senhorita?

— Sim, me deixe em paz.

Sua expressão não muda. — Eu não posso.

— Por que diabos não?

— Ordens do chefe.

— Diga ao seu chefe para ir se foder.

— Receio que não posso, mas diga você mesma a ele, se quiser.

Meu aperto na minha bolsa aperta enquanto eu olho para ele. Um olhar que ele devolve com um neutro.

— Por que ele está fazendo isso comigo, Yan?

— Honestamente? — Ele levanta um ombro. — Ninguém além dele sabe.

— Você é o guarda dele.

— Acredite ou não, isso não me dá acesso ao seu cérebro complicado.

Eu paro com o sarcasmo. Sempre pensei que os guardas de Adrian eram tão estoicos quanto ele, mas Yan parece ser diferente. Apesar de estar calmo na minha presença, ele não é tão solene quanto Kolya. Além disso, ele é bonito de se olhar.

— Você sabe o que ele planeja fazer? — Eu pergunto.

— Na verdade, não.

— Ele nunca vai me deixar ir?

Ele estremece. — Não sei.

— Mas ele tem uma noiva. — Meus lábios tremem com a palavra. É para doer tanto sempre que penso nisso ou digo em voz alta?

— É tradição, senhorita. Ele deveria se casar com a irmandade. Kristina Petrov é filha de um dos líderes e foi escolhida a dedo para ser a esposa do Chefe, para gerar seus herdeiros e assim por diante.

O tom de Yan é indiferente, com o objetivo de me fazer sentir melhor, mas apenas consegue cavar a faca mais fundo. Kristina Petrov não é apenas a mulher mais adequada para Adrian, mas, aparentemente, ela é a candidata perfeita também.

— Então por que ele a está traindo comigo?

— Ele não está.

— Ele obviamente está.

Ele faz uma pausa. — É um tanto normal ter...

— Amantes? — Eu mordo, terminando por ele.

Ele dá um aceno hesitante.

— Eu não sou amante de ninguém, — murmuro por entre os dentes cerrados. — Se eu tiver que lutar com Adrian com unhas e dentes para não ser uma, eu o farei.

— Por favor, não. — Ele pega um maço de cigarros. — Posso?

— Claro, estou acostumada com o cheiro. — Eu faço uma pausa. — O que você quis dizer com o que acabou de dizer?

Ele acende um cigarro e dá uma longa tragada, depois o solta pelas narinas. — Se você usar de violência contra ele, você será recebida com violência. Não preciso dizer quem vai ganhar nesse caso.

— Você sugere que eu fique em silêncio?

— Eu nunca disse isso. Apenas... seja inteligente, senhorita. Essa é a única maneira de você conseguir algo dele. Chefe é um homem prático e, embora às vezes pareça robótico, ele pesa tudo e sempre escolherá a lógica acima de tudo.

Eu medito suas palavras na minha cabeça, descobrindo que são verdadeiras. Atacar Adrian com força total iria explodir na minha cara.

— Obrigada, — eu digo. Pelo menos Yan não está tão insensível quanto seu chefe.

Ele levanta as duas mãos no ar. — Eu não disse nada. Não me coloque em apuros.

Eu sorrio um pouco antes de entrar no meu carro e, quando saio, Yan segue logo atrás de mim em sua Mercedes. Depois da conversa que acabamos de ter, não me sinto tão sufocada. Ele está apenas fazendo o que foi ordenado a fazer. No ensaio, faço os preparativos e os movimentos finais. Os figurinistas e maquiadores estão todos reunidos para garantir que não haja pontas soltas. Philippe me diz para fazer uma última

demonstração com Ryan porque ele quer ver como ele compreende as emoções.

Fazemos algumas rotinas em que Philippe critica sua preguiça. Ryan diz que teve uma câibra e vai cuidar disso com o médico da companhia. A equipe zumbe ao redor do teatro vazio e os outros dançarinos ficam atrás das cortinas, nos observando. Stephanie, Philippe e alguns de seus assistentes estão no palco quando estamos prestes a executar a rotina uma última vez.

Limpo o suor da testa com as costas da mão. Eu sobrecarreguei meus tornozelos hoje e irei visitar a Dra. Kim mais tarde. A cena é um solo entre mim e Albrecht, interpretado por Ryan. É quando eu escolho salvar sua vida, mesmo depois que ele me condenou à morte. Ele não fez de propósito, mas minha vida acabou assim que eu soube que ele tinha uma porra de noiva. Uma princesa.

É onde o amor prova o que realmente é, um sentimento masoquista onde você deseja o melhor para a pessoa que você ama, apesar do que eles fizeram a você. *Besteira.*

Eu giro na ponta por alguns segundos, então pulo nos braços de Ryan uma fração de segundo mais cedo. Ele estende as mãos, mas perde por um momento. É uma única respiração. Apenas uma. O tempo congela por um momento e tudo se transforma em ruído branco. Ambos os nossos olhos se arregalam quando eu caio em uma posição não natural. O choque percorre minha perna e, em seguida, um som assustador e feio ecoa no ar.

Pop.

Capítulo Vinte e Dois

Lia

É um pesadelo. Eu espero que isso acabe. Para a realidade voltar. Tive mil pesadelos sobre quebrar meu tornozelo, meu quadril, minha perna. Mas não importa o quão sangrentos ou assustadores eles sejam, eu acordo. Escrevo notas sobre eles para me lembrar que não são reais.

Não dessa vez.

Agora, a dor lancinante é um lembrete constante de que isso está longe de ser um pesadelo. Isso é realidade. Deito na cama do hospital, minha perna engessada e apoiada no alto de um suporte. Quebrei minha tíbia e o osso perfurou a pele. Nunca vou esquecer a visão da haste branca ensanguentada projetando-se em minha carne dilacerada. Foi necessária uma cirurgia para colocar o osso de volta no lugar, uma em que entrei em estado de choque e saí entorpecida.

Me agarrei à esperança de que toda a provação terminasse com a cirurgia. Que a Dra. Kim me dissesse que era apenas cansaço, que eu deveria tomar meus comprimidos e tudo ficaria bem. Ela não fez isso.

Em vez disso, ela disse as palavras que quase sempre encerram a carreira de um dançarino ou atleta. — Conseguimos colocar o osso de volta no lugar e suturar a ferida para que a cicatriz fosse mínima. Felizmente, a

fíbula não foi quebrada, mas haverá uma deformação permanente perto de seu joelho. Com a reabilitação, você será capaz de andar normalmente novamente e correr às vezes, mas não por muito tempo. Uma recuperação completa é, infelizmente, virtualmente impossível.

Em outras palavras, nunca mais poderei ser bailarina. Ainda não estou entendendo totalmente, e não é apenas por causa das palavras da médica. Acho que ouvi o fim da minha carreira com aquele *pop* e o silêncio e suspiros que se seguiram de todos os presentes. Mas, naquele ponto, eu ainda estava orando pelos pesadelos que me assustaram por toda a minha vida. Eu quero o pesadelo.

Alguém me deu o pesadelo.

Dra. Kim me pergunta se ela deve chamar alguém próximo, mas eu não tenho ninguém. As pessoas têm amigos e família, eu tenho balé. Sacrifiquei minha juventude e minha vida por isso. Eu sobrevivi à morte de meus pais e me mudei de um país para outro com isso.

Quando as pessoas iam para a discoteca, eu ia para os ensaios. Quando eles dormiam, eu cronometrava meus alongamentos e os cuidados com meus tornozelos. Quando outros comiam comida de verdade, eu me contentei com maçãs ou salada. Nunca considerei isso um sacrifício ou uma tarefa árdua, porque estava fazendo algo que amava. Algo em que eu era muito boa. Eu estava vivendo meu sonho e me livrando do meu excesso de energia voando onde ninguém poderia me pegar. Agora, minhas asas estão quebradas. Agora, o sonho acabou.

E eu não consigo forçar esses sentimentos à superfície. Nem uma única lágrima sai das minhas pálpebras enquanto olho para o teto branco do quarto de hospital. Há uma batida suave na porta antes que ela se abra. Philippe e Stephanie com os olhos marejados entram. Eu fico olhando para eles como se eles estivessem em um globo de neve e eu estivesse olhando através de um vidro embaçado.

— Oh, Lia! — Stephanie corre para o meu lado, segurando minhas mãos flácidas nas dela trêmulas, as lágrimas agora escorrendo livremente pelo seu rosto. — Eu sinto muito, muito mesmo.

— *Chérie...* — Philippe parece aflito, à beira de quebrar também.

Sua compaixão e emoções ricocheteiam em meu peito e desaparecem. Eles não são capazes de penetrar em meu estado de entorpecimento ou provocar a dor que precisa ser liberada.

— Podemos obter uma segunda opinião... — Stephanie para de falar quando Philippe balança a cabeça para ela.

— Posso ficar sozinha? — Eu sussurro em um tom apático que não reconheço.

— Você vai ficar bem? — Stephanie pergunta.

Eu dou um aceno superficial.

— Nos ligue se precisar de alguma coisa, — diz Philippe com uma voz cheia de simpatia.

Não consigo mover nenhum dos meus membros, então fico olhando para eles até que saiam e fechem a porta atrás deles. Meu olhar voa para minha perna engessada apoiada no ar. Minha perna quebrada inútil que acabou com tudo. Nunca consegui mostrar ao mundo minha Giselle. Ela foi morta antes mesmo de nascer. E com sua morte, todos os meus sonhos e meus mecanismos de enfrentamento pereceram.

Eu puxo a perna até que ela caia do suporte na cama. A dor explode com isso, mas é como se eu estivesse presa em uma realidade alternativa.

Meus movimentos são robóticos, mecânicos até, quando me sento e arranco o tubo intravenoso do meu pulso. Gotas de sangue escorrem pelo meu braço, mas mal posso sentir a dor. Eu jogo minha perna boa para o chão e fico em cima dela, deixando minha perna quebrada cair com um baque doloroso.

Arrastando ela atrás de mim, eu cautelosamente manco até a janela e abro. O ar frio do inverno joga meu cabelo para trás enquanto puxo uma cadeira e a uso para subir na borda, trazendo meu gesso comigo. Explosões de dor pulsam mais forte a cada movimento, mas eu as ignoro.

Tudo vai acabar em breve. O ar gelado atravessa minha frágil camisola de hospital enquanto olho para os carros em movimento. Parecem formigas desta altura. Pelo menos dez andares acima. Seria fácil terminar tudo, para não me sentir entorpecida e insensível.

Um passo. Uma respiração. E tudo estará acabado. Eu estarei livre.

— Lia.

O som do meu nome com aquela voz espalha meus pensamentos por uma fração de segundo. Eu olho por cima do ombro para encontrar Adrian parado a uma curta distância de mim. No início, acho que ele é uma ilusão. Que tudo isso é a maneira que meu cérebro usa para vê-lo uma última vez antes que tudo acabe. Mas a dor no meu gesso prova que isso é real. O fato de que ele está aqui, parecendo maior do que a vida, como de costume, com sua expressão calma e suas roupas pretas e casaco marrom.

— Desça, Lia. — Sua voz é terna, gentil, em total contradição com a sombra que se projeta sobre seu rosto.

Eu balancei minha cabeça uma vez. — Por quase vinte anos, vivi apenas para o balé. Agora que acabou, não tenho mais nada pelo que viver. Você mesmo disse, estou sozinha e não tenho amigos ou família. Eu só tinha balé.

— Você pode encontrar outras coisas pelas quais viver.

Eu zombo. — Não, não posso.

— Você pode. As circunstâncias moldam você, mas não ditam o seu destino. — Sua voz baixa com um tom suave. — Você faz.

Eu balanço minha cabeça novamente enquanto uma única lágrima quente desliza pela minha bochecha. — Acabou.

— Não se você tiver uma palavra a dizer sobre isso. Seja balé ou qualquer outra coisa, você sempre pode reescrever sua própria história. — Ele estende a mão, os cantos dos olhos suavizando pela primeira vez desde que o conheci. — Vou te ajudar.

— Por que você ajudaria? — Estou chorando agora, e mesmo o ar gelado é incapaz de fazer as lágrimas menos quentes e ardentes.

— Porque eu quero.

— Eu não serei sua amante, Adrian. Nunca.

— Você não será.

— Mas você tem uma noiva.

— Não mais.

Meus lábios se abrem. — O-O quê?

— Eu me livrei dela. — Ele dá um passo à frente. — Agora, desça.

Eu fico olhando para sua mão, para a promessa que ele está oferecendo e o que ele fez. Eu disse que não queria ser sua amante e ele ouviu. Ele se livrou dela. Adrian, de todas as pessoas, conseguiu me tirar do meu estado de entorpecimento e provocar minhas lágrimas.

Minha dor total.

Minha mão treme quando a coloco na dele. Assim que nossa pele toca, ele me puxa para baixo, envolvendo os dois braços em volta da minha cintura e me segurando para que eu não coloque nenhum peso nas minhas pernas. Eu enterro meu rosto contra sua camisa através da pequena abertura em seu casaco. Um soluço dilacerante sobe, travando na minha garganta antes de sangrar por dentro.

Por um momento, ficamos assim enquanto eu choro em seu peito, minha voz ficando rouca e minha cabeça latejando. Por tudo isso, Adrian

me segura em seus braços fortes, acariciando círculos suaves nas minhas costas e sendo a âncora silenciosa que eu não sabia que precisava.

— Dói... — Minha voz falha.

— Vou chamar o médico.

— Não essa dor. — Eu bato o punho fechado contra o meu peito. — Aqui. Dói tanto que sinto que estou sendo aberta por mil facas.

Adrian envolve a mão na parte de trás da minha cabeça, acariciando meu cabelo. — Pode parecer que você não aguenta, como se fosse melhor morrer, mas isso não é verdade. Vai cicatrizar, talvez não imediatamente ou em um futuro próximo, e pode não cicatrizar completamente, mas a ferida vai fechar e você vai olhar para trás neste dia como o momento em que mudou.

— Mas terei cicatrizes para o resto da vida, — soluço, batendo no peito novamente. — Bem aqui.

— Cicatrizes significam que você está viva e forte o suficiente para sobreviver. — Ele beija o topo da minha cabeça. — Vou adorar cada uma de suas cicatrizes até que você seja capaz de enfrentá-las, *Lenochka*.

Eu levanto meus olhos para encará-lo através da minha visão embaçada. — Por que você faria?

Há uma suavidade em seu olhar, a coisa mais próxima que eu vi de afeto neles. — Eu te disse. Porque eu quero.

— E se você parar de querer?

— Isso não vai acontecer. Você tem minha palavra.

Não sei se é por causa do meu desespero ou da rara ternura em seu rosto, mas neste momento, acredito em Adrian. Acredito que esse homem, esse assassino, é minha única esperança de consertar minha vida. Ou o que resta dela.

Capítulo Vinte e Três

Adrian

Lia está dormindo profundamente depois que a enfermeira injetou tranquilizantes nela. Sua mão frágil não tem peso na minha, quase como se ela mal existisse. Lágrimas ainda caem em seus longos cílios que vibram contra suas bochechas pálidas. Mesmo que ela esteja dormindo, seus lábios permanecem torcidos e sua testa está franzida em desconforto.

Estendo a mão e aliso o espaço amassado em sua testa com o polegar. Espero que ela não tenha pesadelos esta noite, embora isso seja completamente ilusório. Desde minha juventude, aprendi a parar de desejar as coisas, porque elas não se tornariam realidade. Eu cresci e fiz as coisas acontecerem sozinho. Sabendo disso, por que estou desejando um resultado diferente para a carreira de Lia?

Yan me ligou assim que ela quebrou a perna e foi transportada para o hospital. Mas eu estava em uma reunião com Igor e Sergei e não pude responder. Meu *Pakhan* e meu ex-sogro em potencial estão descontentes comigo por terminar meu noivado com Kristina de forma tão abrupta e sem um motivo convincente. Todos na irmandade sabem que não faço um movimento, a menos que tenha estudado seu impacto nas gerações

vindouras. Terminar o noivado não foi uma 'coisa minha' a fazer, considerando que Kristina é a escolha mais lógica para minha esposa.

No entanto, parece que estou sacrificando essa parte de mim, a metódica e lógica, com mais frequência do que nunca, desde que Lia entrou em cena. Eu tenho um plano, no entanto. Um que dará a Sergei e Igor o motivo de que precisam e, ao mesmo tempo, me dará Lia.

Esse plano também inclui Lazlo Luciano. Após a estreita vigilância que coloquei sobre ele, tenho um bom controle sobre sua vida e seus objetivos. Ele considera a maioria das famílias italianas de Nova York como suas inimigas, especialmente os Rozettis, uma vez que tem um rancor de toda a vida contra eles. Eles sentem o mesmo por ele porque ele fez de sua missão eliminá-los da face da terra. O rancor pode ser usado a meu favor. É minha oportunidade perfeita para receber as boas graças de Lazlo sem levantar suas suspeitas.

Devido à natureza sensível do meu plano, onde cada detalhe precisa estar em seu devido lugar, tive que ouvir os resmungos de Sergei e Igor a tarde toda. É por isso que não pude atender as ligações de Yan. Assim que terminei, descobri sobre o acidente de Lia e vim aqui. Se eu tivesse chegado aqui mesmo um segundo depois, eu teria vindo para pegar seu cadáver.

Eu lentamente fecho meus olhos, meu aperto em sua mão antes de soltá-la e deixá-la descansar na cama. A ideia de perdê-la traz uma dor que pensei que nunca mais sentiria depois da morte de tia Annika. Vou garantir que o destino de Lia seja diferente do de minha madrastra. Sua carreira provavelmente acabou para sempre. Falei com o médico assistente

dela e ele mencionou que é impossível se recuperar da natureza de sua fratura no sentido profissional.

O que me leva à razão por trás de seu acidente. Eu me levanto e dou um beijo na testa de Lia antes de me virar para a porta. Depois de sua tentativa de suicídio, prefiro não sair do lado dela. No entanto, meu próximo curso de ação precisa acontecer, se não por mais nada, pelo menos por sua amada justiça. Eu quis dizer isso quando disse que não acredito na justiça, mas acredito no olho por olho.

Sangue por sangue.

Além disso, quanto antes eu terminar com isso, mais rápido poderei voltar aqui e cuidar dela. No momento em que saio de seu quarto, Yan, Kolya e Boris ficam eretos, suas expressões mais fechadas do que o normal. Kolya e Boris estiveram comigo o dia todo, mas Yan não saiu do lado de Lia.

— Você viu com seus próprios olhos? — Eu pergunto a Yan, não que eu precise de um motivo para prosseguir com meu plano.

— Sim senhor, — ele rosna. — Aquele filho da puta fez isso de propósito.

Eu fico olhando para Kolya. — Você conseguiu a filmagem?

Ele acena com a cabeça e me mostra seu telefone. Meus três guardas e eu observamos enquanto a cena se desenrola diante de nossos olhos. Não é que eu duvide das palavras de Yan, mas quero ver por mim mesmo, o momento exato em que o filho da puta assinou seu atestado de óbito.

A expressão de choque no rosto de Lia me deixa doente. Ela devia saber que seria o fim quando ela estava caindo, e essa dor, esse desespero, me faz cerrar os punhos de cada lado do meu corpo.

— Você o localizou? — Pergunto a Kolya com uma calma que não sinto.

— Ele está em um clube. Um dos nossos homens, Fedor, está de olho nele.

— Na porra de um clube, — Yan rosna. — Eu vou torturar o bastardo até a morte.

Eu balancei minha cabeça uma vez. — Você fica aqui, Yan.

— Mas, chefe...

— Fique aqui e a proteja até eu voltar.

— Por que Boris não pode fazer isso? Eu quero matar o filho da puta.

— Yan. É uma ordem.

Ele abre a boca para dizer algo, mas Kolya balança a cabeça para ele antes que ele e Boris me sigam. Meus dedos doem com a quantidade de aperto que faço durante a viagem para confrontar Ryan. Meu guarda, Fedor, nos liga e diz que deixou o clube sozinho e o está seguindo para casa, e como meus homens estão vigiando, sabemos o caminho que ele vai tomar.

Kolya traça estratégias com ele para que possamos interceptar Ryan no beco pelo qual ele sempre dirige. Fedor bate em seu carro por trás e já estamos esperando por Ryan nas sombras. Ryan sai, xingando e

verificando seu carro. Ele não balança em seus pés, então ele não deve ter bebido muito.

Saio do veículo ao mesmo tempo que Fedor, que acena para mim. Boris e Kolya ficam um de cada lado de Ryan para que nós quatro o cerquemos. O filho da puta se vira, sua expressão pálida quando ele encontra meu olhar. Eu vejo o momento exato em que ele sabe que está fodido. As pessoas sabem quando a morte está chegando. Às vezes, eles podem sentir isso e a esperança deixa seus olhos gananciosos. Alguns lutam, alguns sabem que é inútil. Outros lutam mesmo quando sabem que é inútil. Como Ryan.

— O que... o que você quer de mim? — Ele olha para mim, então para meus homens, parecendo que está pronto para mijar nas calças. — Eu não fiz nada.

Eu fico na frente dele, recuperando minha arma com o silenciador acoplado a ela. — Sim, você fez, Ryan. Eu deveria ter matado você naquela noite no clube. Um erro que não repetirei.

— Não, por favor... eu... eu mantive distância...

— Então você decidiu não pegar ela no último segundo.

Seus olhos se arregalam.

— Você achou que eu não saberia? Eu vi o sadismo em seus olhos quando você decidiu que não a pegaria.

— Não... todos testemunharam... ela pulou um segundo antes do tempo.

— Você poderia ter pegado ela. Você simplesmente optou por não fazer isso. — Eu aponto a arma para ele. — Essa é a porra do seu golpe final.

— Não, por favor, por favor...

— Vamos começar com as pernas, então vou fazer você implorar para ser morto. Só depois de pagar por cada lágrima que ela derramou, você terá a misericórdia da morte.

Eu atiro na tíbia, bem onde a perna dela quebrou. Ryan grita como uma criança quando o sangue explode de seu ferimento. Quando ele cai de joelhos, atiro em sua coxa. Ele geme, sua voz feia ricocheteando nos prédios e alimentando minha necessidade de infligir mais dor. Dor maior do que a que Lia vai estar passando.

Esta vai ser uma longa noite. Quando eu terminar com essa escória, ele vai desaparecer como se nunca tivesse existido. Assim como sua carreira. Esta é a minha forma de justiça do caralho.

Capítulo Vinte e Quatro

Lia

Passo as duas semanas seguintes em casa, me recuperando. Ou, mais precisamente, tentando sobreviver à minha mente. Todos os dias, eu acordo de um pesadelo repetindo o momento em que caí, o momento exato em que o som assustador da minha perna quebrando ecoando no ar. E todas as vezes, mãos calmantes me envolvem, me puxando para perto de um peito forte. Um peito com o qual me acostumei, junto com a compaixão que vem com ele.

Uma compaixão que nunca acreditei que Adrian fosse capaz. Ele não saiu do meu lado durante os primeiros dias, mas depois teve que voltar ao trabalho. Não quero pensar no fato de que ele vai voltar para torturar e matar pessoas, que depois de cuidar de mim, ele voltou para a destruição. Mas não é como se eu pudesse impedi-lo. Adrian deixou claro que gosta do que faz, e não há nada que eu possa fazer ou dizer que o faça mudar de ideia. Não o ter por perto é difícil. É ainda mais difícil do que eu gostaria de admitir.

Desde que peguei a mão de Adrian e chorei em seu peito, algo mudou entre nós. A ponte que eu pensei que estava arruinada tem sido construída lentamente desde aquele dia. Pode ter algo a ver com sua atenção ou apoio

silencioso, mas ele se tornou um pilar em minha vida. Ele me distrai da minha cabeça e de cada emoção vil que vem com isso.

Mas quando ele vai embora, todas essas emoções voltam. As paredes se fecham sobre mim como se pretendessem me prender nos confins da caixa escura da minha infância. Fico dando uma espiada nas minhas roupas de balé, nos sapatos e nos collant, e tento não desmoronar de novo. Excluí minha conta do Instagram e todas as minhas redes sociais para obter uma folga do mundo exterior e da imprensa.

Stephanie e Philippe têm telefonado e tentado visitar, mas evitei seus avanços e mudei meu número. Eles estão associados ao mundo para o qual não posso voltar. Vê-los e falar com eles só traria esse fato para a frente da minha cabeça. Além disso, depois da minha lesão, toda a equipe teve que começar de novo e atrasar a abertura. Aposto que Hannah está em êxtase por interpretar *Giselle* em vez de mim.

Eu me inclino contra minha muleta, de frente para o armário, olhando para todos os meus collant, tutus, meia-calça e sapatilhas de balé. Não sei quanto tempo fico aqui, olhando para as evidências do meu fim de carreira, mas é tempo suficiente para que minha lesão sob o gesso formigue.

Então eu corro para dentro e trago o que consigo das peças de roupas, jogando os cabides e os sapatos. Tento rasgar o collant com as mãos e perco o equilíbrio, caindo no chão. Eu rastejo para uma gaveta, abro e pego a tesoura. Em seguida, cortei todas as peças da roupa de balé, destruindo a musselina, o tule e tudo o que um dia considerei lindo. Eu mato o resto do sonho que foi assassinado por mim.

Talvez isso me ajude a me libertar. Talvez as paredes do meu apartamento parem de se fechar sobre mim como se fossem monstros. Cada canto deste lugar me lembra balé, dança, ensaios por conta própria até me exaurir. Quando ganhei este lugar pela primeira vez com meu salário extravagante, me senti orgulhosa de ter um lugar meu, de ter feito isso com minhas habilidades. Mas agora, parece meu inferno feito sob encomenda. Um do qual não posso escapar.

Preciso matar todas as memórias associadas ao balé para poder viver. Assim, posso encontrar outro caminho para mim. Mesmo que a ideia traga lágrimas ardentes aos meus olhos. Devido à minha lesão, meu contrato foi rescindido com o New York City Ballet e, embora eu tenha recebido uma compensação generosa transferida para minha conta bancária, não poderia me importar menos com isso.

Tenho uma pequena fortuna que é capaz de me sustentar por muito tempo, mas nunca foi pelo dinheiro para mim. O balé era meu mecanismo de defesa contra minha cabeça bagunçada. Agora que não tenho mais, como vou ficar sã? A porta da frente se abre, mas não paro de cortar as roupas. Só quando uma sombra cai sobre mim é que finalmente olho para cima. Acho que é Adrian, mas é dia e ele nunca aparece antes do anoitecer.

Yan me encara com uma expressão suavizada. Não é exatamente pena, mas é algo mais sutil. Não pergunto por que ele tem o código do meu apartamento, já que Adrian deve ter dado a ele em caso de emergência.

— Nem tente me impedir. — Minha voz está quebradiça. — Eu preciso fazer isso para tirá-lo do meu sistema.

— Quer que eu ajude?

Meus lábios se abrem. — Você iria?

— Se você quiser.

— Você pode tirar todos eles?

Ele dá um breve aceno de cabeça e metodicamente derruba cada cabide, saia, collant, tutu e sapato. Ele até puxa as gavetas com minha maquiagem glitter e joias, me envolvendo com elas. Enquanto ele faz isso, eu corto tudo à vista, cortando tudo em pedaços. Yan fica ali me olhando com sua fisionomia eterna.

Quando acabo quase tudo, fico letárgica, minha raiva e tristeza diminuindo lentamente. Yan ainda está em sua posição normal, as mãos cruzadas na frente dele.

— Você acha que eu sou louca? — Eu murmuro.

— Eu acho que você está apenas com dor.

Eu fungo, embora não haja lágrimas. Eu chorei o suficiente para uma vida inteira no dia em que Adrian me salvou da minha própria mente e me abraçou. Ele me segurou como se quisesse me proteger, como se me proteger fosse sua missão na vida.

— Você pode se livrar deles? — Eu pergunto a Yan.

— Vou fazer.

— Os prêmios também. Eu quero que eles vão embora.

— Se você quiser.

Eu paro, olhando para a tesoura em minha mão. — Onde Adrian vai durante o dia?

Odeio admitir que sinto falta dele e de suas palavras, não importa quão poucas sejam. Desde o dia no hospital, ele é a única pessoa que pode me tirar da cabeça.

É uma estranha mudança de dinâmica. Antes, a única vez que Adrian e eu podíamos nos dar bem era quando ele estava me fodendo ou me punindo sexualmente. Mas durante as últimas semanas, seu toque nunca foi nessa direção. Ele apenas me segurou, certificou-se de que eu comia e me ajudou a tomar banho e trocar de roupa. Ele sentou comigo debaixo do meu cobertor de lã enquanto eu assistia a um filme estúpido e então manobrou minha cabeça em seu colo para que eu ficasse mais confortável. Seus dedos acariciaram meu cabelo para trás de uma forma que quase me fez ronronar como um gatinho. Tenho me alimentado desse cuidado como um animal faminto que nunca teve afeto.

— Ele trabalha, — diz Yan.

— Eu sei disso, gênio. Onde? Com quem?

— Ele trabalha principalmente em casa com Kolya.

Eu paro com essa informação. Além do primeiro encontro no restaurante, Adrian e eu só nos encontramos aqui, então nunca considerei a noção de que ele tem uma casa separada.

— Ele não vai fazer coisas da máfia?

Yan sorri com isso. — Ele faz aquelas coisas da máfia em casa. Ele não sai a menos que seja absolutamente necessário.

Por algum motivo, isso me deixa mais à vontade. Pelo menos ele não corre o risco de ser baleado nas ruas como todos aqueles chefes da máfia sobre os quais li.

E sim, eu devo ter pesquisado sobre a história da máfia em Nova York. Mas os artigos estão cheios de coisas sobre a máfia italiana e seus sucessos. Há pouca ou nenhuma informação sobre a Bratva. Não estou surpresa, no entanto. Levando em consideração a natureza secreta de Adrian, presumo que o resto de sua organização seja semelhante a ele.

Mas ainda não consegui tirar da minha cabeça aquelas imagens de mafiosos assassinados e recentemente comecei a ter pesadelos com Adrian sofrendo de algo semelhante. Espere. Isso significa que estou preocupada com ele?

— Senhorita.

Eu fico olhando para Yan. — Sim?

— Me deixe te ajudar.

— Eu posso me levantar sozinha. — Eu fico de joelhos, puxo minha muleta e coloco todo o meu peso sobre ela para ficar de pé. O corpo de Yan está voltado para mim, pronto para me segurar se eu cair, mas consigo ficar de pé, mantendo meu gesso no chão.

— Então e *ela*? — Eu sussurro.

Ele levanta uma sobrancelha. — Ela?

— Kristina Petrov. — Não falei com Adrian sobre seu noivado desde aquela noite no hospital, e parte do motivo é porque eu queria viver nessa paz por um tempo. Não pensar no fato de que peguei o noivo de outra mulher.

— Eu acredito que ele acabou com isso.

— Você *acredita*? Tipo, você não tem certeza?

— É melhor se você perguntar a ele sobre isso.

— Me diga, Yan. O que está acontecendo?

Ele passa a mão pelo cabelo comprido. — Você não ouviu isso de mim.

— Juro.

Ele sorri de novo, e fico impressionada com o quão bonito ele realmente é. Se ele não tivesse escolhido a vida da máfia, ele teria sido um modelo perfeito.

— Então? — Eu insisto.

— Lembra quando eu disse a você que se espera que o Chefe se case com Kristina?

Eu concordo.

— Só porque ele quer sair disso, não significa que ele pode. Não apenas Igor, o pai de Kristina, é um membro poderoso da Bratva que não aceitará desrespeito, mas o próprio *Pakhan* também é contra o fim do noivado.

Meu coração encolhe e qualquer sombra de paz que consegui sentir nas últimas semanas desmorona. — E daí? Ele vai se *casar* com ela?

— Não sei. Ele está pensando em soluções para escapar disso, mas se não encontrar um motivo que satisfaça Igor e o *Pakhan*, ele ficará em uma posição ruim e poderá perder seu poder dentro do Bratva.

Meu estômago se agita e seu conteúdo quase derrame no chão. Ou Adrian se casa com Kristina ou perderá o poder. Eu sei exatamente qual opção ele escolherá. Ele vive para ter poder, controle e padrões. Ele nunca vai sacrificar seu trabalho por alguém como eu.

Além disso, eu não deveria querer que ele fizesse. Não é como se eu o amasse ou algo assim. Meu peito aperta enquanto eu agradeço suavemente a Yan e manco de volta para o quarto. Ele traz sacolas grandes da cozinha e se livra das roupas rasgadas e de tudo que está no armário.

Enquanto me sento na cama, a única coisa que consigo pensar é em como Adrian vai se casar com Kristina. A bela russa Kristina, que foi feita basicamente para ser sua esposa. Uma emoção sombria ferve sob minha pele, uma que nem mesmo eu reconheço, mas há uma coisa que eu reconheço. Eu preciso impedi-lo de se casar com ela.



Mais uma semana se passa e eu caio em uma rotina repulsiva. Minha falta de propósito está corroendo minha alma. Estou tão acostumada a condicionar ou ensaiar, e agora que tudo acabou, sinto um buraco corroer minha alma.

Tento ir ao parque e Yan me acompanha, às vezes com outro guarda chamado Boris. Eu odeio quando Boris se junta a nós, porque Yan não age tão despreocupado como quando estamos apenas eu e ele. Então eu volto para casa e começo a cozinhar para ocupar meu tempo. Adrian não gosta disso, no entanto, porque minha perna ainda está engessada e ele diz que fico em pé por muito tempo.

Mas preciso fazer algo; caso contrário, vou enlouquecer esperando que ele volte. Eu me familiarizei com seus passos. Eles são mais pesados e mais poderosos que os de Yan, mas ainda são silenciosos o suficiente, considerando sua constituição. Como agora mesmo. Seu cheiro às vezes o precede, ou talvez eu tenha me acostumado tanto com ele que posso sentir o cheiro, mesmo de uma longa distância. Eu posso me perder naquele cheiro de madeira e couro, como se fosse o único que eu já senti.

Eu me levanto da minha posição em frente à TV e vou encontrá-lo. Adrian está tirando o casaco e pendurando-o na entrada, revelando sua camisa branca e calça preta. Não se passou um dia em que ele não estivesse incrivelmente bonito de uma forma robusta. Perigoso também.

Mas acho que uma parte de mim anseia por esse perigo, ou eu não teria me apaixonado por ele tão facilmente. E eu preciso desse perigo para me fazer esquecer o buraco negro que está corroendo minha alma.

Hoje em dia, eu não consigo vê-lo por muito tempo ou tocá-lo o suficiente. Bem, eu não toco nele, de qualquer maneira, já que ele é o único que faz isso. Mesmo que ele não saia antes de eu acordar, ele geralmente passa a noite inteira em seu telefone, digitando. Às vezes, ele sai para falar com Yan e Kolya. Ele mal dorme ao meu lado e parou de iniciar o sexo.

Desde o dia em que ele invadiu minha vida até a noite do meu acidente, ele nunca passou uma noite sem me foder. E agora que o toque sexual se foi, sinto um vazio como nada antes. Passei anos sem sexo com outras pessoas, mas nunca tive o impacto que estes últimos vinte e um dias tiveram. Na verdade, já se passaram vinte e cinco desde aquele dia em que ele me fodeu contra a parede.

E não, não estou contando. Não ajuda que ele está ficando mais atraente, demais para o seu próprio bem. Ou talvez eu esteja apenas ficando sexualmente frustrada.

Adrian solta um suspiro quando me vê na entrada inclinando minha perna inútil contra a outra. — Você não deve colocar pressão sobre a sua lesão, Lia.

— Certo.

Ele estreita os olhos.

— Está bem. Jesus. Você é a polícia do vocabulário?

— Só quando se trata dessa palavra. — Ele me alcança em duas passadas e me pega, carregando a mim e a muleta em seus braços. É o mais

perto que consigo chegar dele ultimamente, e é provavelmente por isso que tenho o hábito de cumprimentá-lo na porta todos os dias.

Eu envolvo meus braços em volta do seu pescoço e procuro seus duros, mas etéreos olhos cinza e a luz neles. Existem linhas de exaustão em seu rosto, e preciso de tudo para não suavizar o vinco entre suas sobrancelhas.

Yan se recusa a divulgar muito sobre os negócios de Adrian, mas posso dizer que ele está se sobrecarregando ultimamente. Na verdade, vir aqui está levando mais tempo e esforço do que ele provavelmente deveria dar. Quero perguntar sobre Kristina, mas o medo de sua resposta sempre me impede. E se eu sempre fui uma amante e ainda não soube disso?

Adrian me coloca no sofá e coloca a muleta ao meu lado. — Espere aqui. Eu vou jantar.

— Eu pedi comida para viagem. Está no balcão.

Ele levanta uma sobrancelha. — Você finalmente está me ouvindo, *Lenochka*?

Eu levanto um ombro. — Eu não gostava do cheiro da comida quando estava cozinhando.

Adrian me observa por um segundo, e é intrusivo, como se ele estivesse arrancando o exterior e tentando ver o que está dentro. Acho que nunca vou me acostumar a ser o assunto de seu interesse. Sempre é estranho, mas estranhamente cativante, para um homem frio como ele se importar comigo. Ele é frio para o mundo, mas não para mim.

Então ele entra na cozinha. A TV está ligada, transmitindo algum programa de culinária, mas toda minha atenção está nos seus movimentos ágeis, na maneira fácil e proposital com que ele se move pela sala, arrumando a comida com pratos e talheres.

Logo depois, eu manco até a mesa e ele se senta ao meu lado com os recipientes entre nós. Eu pedi libanês porque eu comia na minha adolescência, e isso permaneceu em minha mente desde então. Já que posso comer qualquer coisa e isso não se limita mais a salada, tenho me enchido como um porco. Eu nem sei de onde tirei esse apetite repentino. Adrian não comenta sobre a minha escolha de cozinha, comendo sem qualquer barulho. Agora que penso nisso, ele nunca mencionou que não gosta de nada.

— Há algum alimento que você não come? — Eu pergunto.

— Na verdade não. — Ele encara o telefone que está em seu colo.

— Não é um comedor exigente?

— Eu não tive esse luxo quando estava crescendo.

Lembro-me do que ele disse sobre sua mãe ser uma amante que matou sua madrasta. Que ela era uma vilã.

— Você era pobre?

Ele mastiga devagar e engole. Acho que ele usa esse tempo para considerar sua resposta antes de pronunciá-la em voz alta. — Na verdade. Minha mãe era médica, mas ela não gostava de cozinhar, então eu tive que preparar minha própria comida.

- Eu sinto muito.
- Eu não. É melhor assim. — Seu olhar desliza do telefone para mim.
- Você é uma comedora exigente?
- Eu odeio frutos do mar.
- Mesmo?
- Eu não aguento isso. Eu sinto que estou comendo as baratas do mar.

Isso fez um pequeno sorriso abrir em seu lindo rosto. Eu adoro quando sou a razão por trás de seu sorriso. Pode ser porque eles são tão raros como o inferno ou porque ele parece letalmente atraente.

— Sem baratas. Observado. — Nós começamos uma conversa fácil sobre comida e diferentes culturas e estou impressionada com o quanto Adrian sabe. Ele é definitivamente mais viajado do que eu. Depois que terminamos de comer, ele leva os recipientes vazios para a cozinha, descartando-os enquanto ainda olha para o telefone. Finalmente toca e ele atende após alguns segundos, seu tom firme. — Volkov.

Ele escuta por um momento e seu rosto relaxa enquanto responde com um forte sotaque russo.

— Diga uma hora e um lugar, Don.

Don?

Tipo, a máfia italiana?

— Vejo você então, — diz ele, desligando.

Quando ele volta para a sala, ele parece menos tenso do que antes.

— Você tem que ir a algum lugar? — Eu pergunto.

— Hoje não. — Ele faz uma pausa. — Mas a partir de amanhã, talvez eu não apareça por alguns dias.

— Por que? — Minha voz está assustada.

— O negócio.

— Tem certeza de que não é por causa de sua noiva?

Ele franze a testa. — Eu disse que ela não é mais minha noiva.

— É tão fácil quanto você faz parecer?

— Por que não seria?

— Me diga, Adrian. Eu sou sua amante?

— Por que? O que você vai fazer a respeito?

— Eu implorei para você não me colocar nessa posição.

Seus olhos escurecem, e posso vê-lo querendo me colocar no meu lugar usando seu poder dominador como das outras vezes. Eu me preparo para isso, mas ele apenas solta um longo suspiro. — Você não é.

— Como posso ter certeza?

— Você vai ter que confiar em mim.

— Sim certo. — Eu me levanto abruptamente e o mundo gira. Uma forte sensação de náusea me atinge e eu agarro meu estômago com a força disso.

Adrian está ao meu lado em um segundo, me agarrando pelo braço. — Lia? O que é...?

— Acho que vou vomitar, — digo entre os dentes cerrados.

Adrian me levanta em seus braços e corre para o banheiro, então cuidadosamente me ajuda a me abaixar na frente do vaso. Eu pego e esvazio meu jantar em jatos violentos. Mãos fortes acariciam minhas costas em círculos calmantes enquanto meu estômago libera sons horríveis.

Quando termino, Adrian está agachado ao meu lado e diz com absoluta calma. — Vamos levá-la ao médico.

— Por que?

— Eu acho que você está grávida.

Capítulo Vinte e Cinco

Lia

Eu fico olhando para o pequeno ponto cinza no monitor de ultrassom, meus lábios se separando. Adrian estava certo. Eu estou grávida. Cinco semanas. Primeiro, a obstetra-ginecologista confirmou por meio de um exame de sangue, e agora ela está nos mostrando o bebê.

Fiquei chocada, entorpecida, como no dia em que saí da cirurgia para saber que não poderia mais ser uma bailarina. Mas no momento em que vejo essa vida? Algo dentro de mim muda. No começo, eu queria exigir um aborto por causa do balé. Mas eu não tenho mais balé, e se eu tenho filhos ou não, isso não afetará minha carreira encerrada. Mas agora, enquanto observo a pequena figura na tela, sentimentos fortes como eu não sentia desde o dia em que minha carreira terminou me invadem de uma vez.

Esse bebê é meu. Algo que eu concebi. Uma vida tenaz que sobreviveu a todo o estresse que passei até agora. Eu fico olhando para Adrian, que está parado ao lado da minha cama de hospital, também observando o que logo se transformará em um feto, em sua calma absoluta. Ele tem sido como uma rocha durante toda a noite, me carregando, cuidando dos procedimentos e sendo a âncora que todos esperam.

No entanto, ele não mostrou uma única reação desde que o médico confirmou sua suspeita. Embora não fosse realmente uma suspeita, já que ele anunciou antes do médico. Meus olhos se arregalam. Ele... fez isso de propósito?

O pensamento troveja pelo resto de mim como um incêndio. Quando eu disse à médica que estou tomando pílulas anticoncepcionais, ela mencionou que a pílula não é cem por cento eficaz, especialmente se eu não a tomar na mesma hora todos os dias. Mas a gravidez teria sido muito mais provável se ele realmente trocasse minhas pílulas.

Os sentimentos em que eu estava me aquecendo apenas alguns segundos atrás lentamente evaporam enquanto me concentro no homem ao meu lado. E não qualquer homem, um assassino e um mafioso. Eu não posso deixar alguém como ele gerar meus filhos. Como diabos eu me permiti ficar nem um pouco feliz com a ideia?

O médico me oferece a foto da ultrassonografia, mas eu não pego, com medo de olhar aquela vida mais uma vez. Adrian agradece, puxando-o de sua mão. Eu faço os movimentos enquanto me cubro e pego minha muleta para me levantar.

Adrian tenta me ajudar, mas eu me contorço. Ele me lança um olhar e me agarra pelo cotovelo, proibindo-me de ficar longe dele até que ele me ajude a sentar em uma cadeira em frente à mesa da médica.

Em vez de sentar-se, ele permanece ao meu lado. — O ferimento dela vai causar um problema com a gravidez?

A médica, uma senhora de meia-idade com traços suaves e cabelo branco penteado em um corte curto, diz com uma voz melodiosa. — De jeito nenhum. Felizmente, a lesão não aconteceu durante um de seus últimos trimestres. Quando você tira o gesso, Sra. Morelli?

— Em três semanas, — murmuro.

— Deve estar tudo bem, mas até lá, por favor, preste atenção extra aos seus níveis de estresse. As primeiras gestações são geralmente as mais frágeis.

Adrian dá um breve aceno de cabeça, agenda uma consulta próxima e me leva para fora do escritório. Eu me afasto dele assim que estamos no corredor, mancando o mais rápido que minha muleta permite.

Ele me alcança, me agarra pela cintura e me cola ao seu lado. Então ele fala em um tom baixo e ameaçador. — Essa é a segunda e última vez que você se afasta de mim. E caminhe devagar para não colocar muita pressão em sua perna.

— Pare com isso, — eu assobio, torcendo contra ele.

— Parar o que?

— Pare de agir como a pessoa mais carinhosa viva quando você planejou isso o tempo todo.

— Isto?

Paro perto de uma escada de incêndio e aponto o dedo para o envelope em sua mão. — Você trocou minhas pílulas para fazer isso acontecer.

Sua expressão permanece a mesma, como se eu não tivesse dito nada. —
Você estava grávida antes de eu ter que fazer isso.

Meus lábios se abrem. — Você... você planejou isso?

— Sim.

— Você realmente trocou minhas pílulas?

— Eu disse que não precisava. Como disse a médica, as pílulas anticoncepcionais não são cem por cento eficazes.

Seu tom metódico e apático, junto com suas palavras, quase me deixou em um estado de histeria e pura raiva negra. Leva tudo de mim para não gritar como se eu tivesse enlouquecido. — Você está se ouvindo? Como você pode fazer isto comigo?

— Eu não fiz.

— Você estava planejando.

— Pela terceira vez, não precisei.

— Mas você queria. Por que diabos você ainda quer me engravidar?

— Porque é a única maneira de te manter por perto. — Ele verifica o relógio. — Falando nisso. Acho que podemos fazer isso.

— Fazer o que?

Ele coloca o telefone no ouvido enquanto lentamente, mas com firmeza, me guia para o elevador. — Eu preciso de um padre. Acorde-o se precisar...

estamos indo para a igreja... certifique-se de que Emily tenha tudo de que precisa antes de chegarmos lá.

A porta do elevador se fecha e seguimos para o estacionamento enquanto ele faz mais duas ligações, falando em russo.

Quando ele termina, estou respirando com tanta dificuldade que mal consigo me concentrar no que está acontecendo ao meu redor. — O que você está fazendo, Adrian?

— Nós vamos nos casar.

As palavras o deixam com extrema facilidade, como se fossem a ocorrência mais normal, como se ele não tivesse apenas sugerido que fizéssemos votos quando mal nos conhecemos.

— Por favor, me diga que você está brincando.

Ele me encara. — Eu disse que não faço isso.

Estou prestes a me soltar, mas ele me segura no lugar, seus olhos escurecendo com um aviso. — Fique quieta e pare de agravar sua lesão.

— Eu não vou casar com você! Isso é para casais devotados, não para... para... nós!

— Você está grávida do meu filho. Não precisa haver nenhum outro motivo.

— Claro que sim.

— Não para mim.

— Eu preciso de mais, Adrian.

— Pena que você não pode decidir, *Lenochka*.

Lágrimas de frustração brotam dos meus olhos e respiro fundo. — Nós nem discutimos sobre a criança, e agora você está falando sobre um casamento?

— Por que? — Ele inclina a cabeça para o lado. — Você estava pensando em não ficar com ele?

Eu estava? Não, na verdade não. Mas eu nem consegui pensar corretamente sobre como vou fazer isso. Idealmente, eu quero Adrian longe de mim e da criança até que eu clareie minha cabeça. Casamento é a última coisa que quero agora.

— As pessoas têm filhos fora do casamento, — tento negociar.

Seus olhos brilham com uma ameaça mais aterrorizante do que eu já testemunhei antes. Sua mandíbula se aperta quando ele fala em voz baixa. — Meu filho não nascerá fora do casamento. Isso está claro pra caralho?

Minha espinha fica ereta com a mudança em seu comportamento. Esta é a primeira vez que a fachada calma rachou e eu realmente o vi tão bravo, tão insensível e sem qualquer sombra de luz em seus olhos cinzentos. É quando me lembro do que ele disse. Adrian era filho de uma amante. Merda. Não é à toa que ele não quer colocar seus filhos na mesma posição. Mas isso não dá a ele o direito de me forçar a este casamento.

— Pelo menos me dê tempo para pensar sobre isso. — Eu suspiro com resolução.

– E depois? Você acha que pode dizer não?

Claro que ele não vai me permitir essa opção. Então, tento apelar para qualquer fragmento de humanidade dentro dele. – Eu mal estou sobrevivendo ao fim da minha carreira, Adrian.

Se esperava alguma simpatia, não encontro nada em seu rosto fechado.

– Você vai sobreviver melhor quando tiver algo para ocupar seu tempo.

– Uau, ótimo. Obrigada por pensar em mim.

– Abandone o sarcasmo, Lia. Não combina com você.

– Então agora você sabe tudo sobre mim?

– Não tudo, não, mas eu sei que isso vai acontecer esta noite.

Tento me libertar dele, mas isso só consegue apertar seu aperto em torno de mim. – Apenas me dê tempo. Me deixe processar isso.

– Você terá todo o tempo necessário para processá-lo depois.

A porta do elevador se abre antes que eu possa dizer uma palavra e Adrian me carrega para o carro que me espera. Kolya e Yan estão na frente, e este último me lança um olhar simpático enquanto seu colega vai embora.

A notícia da gravidez se tornou o menor dos meus problemas, agora que ele a está usando para me fazer casar com ele.

– Adrian...

Ele me encara com um olhar exasperado. – O quê, Lia? O que é?

– Não me obrigue a fazer isso.

- Você prefere que eu volte para Kristina e me case com ela?
- O-O quê? O que ela tem a ver com alguma coisa?
- É você ou ela, e se você bancar a teimosa e disser que eu deveria ir com ela, vou fazer você me ver casar com ela e, em seguida, foder para colocar um herdeiro dentro dela.

Eu suspiro, a imagem se formando na minha cabeça como se fosse realmente uma realidade. Posso imaginar claramente o glorioso corpo nu de Adrian entrando na bela loira alta, e a bile sobe para minha garganta, ameaçando esvaziar meu estômago novamente. Ele... não seria tão cruel a ponto de fazer isso, certo?

A pergunta deve estar escrita em meu rosto, porque Adrian agarra minha mão e se inclina para sussurrar em palavras ásperas. —Vá em frente, Lia. Faça a escolha tola se estiver pronta para arcar com as consequências. Mas entenda isso, eu nunca vou deixar você ir. Vou fazer você me assistir com Kristina todas as noites antes de eu te foder. Ela terá que adotar seu filho como filho dela também, porque não permitirei que meu filho seja tratado como um bastardo. Então, o que vai ser? Esposa ou amante?

Uma lágrima rola pelo meu rosto, agarrando-se aos meus lábios enquanto provo o sal. Não tenho dúvidas de que ele cumprirá sua palavra, de que me atormentaria de tal forma que me arrependeria de ir contra ele.

- Você é um monstro, — eu respiro.

— E você vai se casar com esse monstro. — Ele me solta com um empurrão e eu me colo no banco de trás, meu coração quase disparando no meu peito.

Ele realmente não me deixou escolha. Ele sabe que eu nunca seria a amante, não importa o que aconteça. Que eu preferiria passar por qualquer loucura que ele esteja planejando, em vez de ser sua peça secundária enquanto outra mulher é sua esposa.

E não só isso, mas o idiota levaria meu filho também. Quando chegamos a um grande prédio antigo, a náusea enche meu estômago. Estamos em uma igreja. Ele realmente vai me fazer casar com ele esta noite. Adrian me carrega para fora do carro e me leva até a porta dos fundos. Uma loira com um terninho de saia elegante nos cumprimenta com um sorriso.

— Sr. Volkov. — Ela acena para mim. — Senhorita.

— Você tem tudo pronto, Emily? — Ele pergunta com seu sotaque russo inegociável.

— Sim senhor. Tudo está conforme as instruções.

— Faça isso rápido. — Ele me coloca de pé. Estou pensando em maneiras de escapar de alguma forma quando respirações quentes fazem cócegas em meu ouvido e ele sussurra. —Se você resistir, quanto mais tentar correr, eu vou te pegar e faremos do meu jeito. Garanto que é a última coisa que você deseja, Lia.

E com isso, ele se vira e sai, absolutamente certo de que não vou fazer isso. E para ter mais certeza, alguns carros pretos se alinham no perímetro

da igreja, todos eles cheios de homens vestidos de preto, como Yan e Kolya. Ele trouxe seus guardas para a cerimônia. Não é romântico?

Emily me leva para dentro e me apresenta a duas de suas ajudantes. Estou de volta ao estado de entorpecimento, pois deixo que me tratem como a boneca de Adrian. O idiota. O idiota do caralho.

Cada vez que penso que estamos entrando em algum tipo de entendimento, ele faz algo para provar sua natureza monstruosa. Às vezes tenho a impressão de que ele pode gostar de mim, mas será sempre o seu jeito ou a estrada. Emily e suas ajudantes não perdem tempo. Elas lavam meu cabelo e puxam-no para cima em uma torção elegante antes de prenderem cuidadosamente um longo véu nele. Depois disso, elas aplicam um toque natural de maquiagem, pintando meus lábios de um rosa suave.

Logo, estou vestida com um vestido de noiva de seda branca com uma saia grande que cobre meu gesso. Sua cauda é longa e circular, combinando com o comprimento do véu. O vestido tem um decote de joia com um V de renda nas costas que mostra a minha pele. É elegante e se encaixa perfeitamente em mim, como se tivesse sido feito especialmente para mim, o que eu não colocaria além de Adrian.

— Isto é feito sob medida? — Eu pergunto a Emily, que está mexendo no véu.

— Sim senhorita. — Ela sorri. — Estamos muito felizes por termos feito em tão pouco tempo.

— Quanto tempo?

— Cerca de um mês.

Desde antes de eu saber do noivado. Adrian mandou fazer este vestido enquanto ele estava noivo de Kristina. Ele pretende se casar comigo desde então. Eu não sei o que pensar sobre isso. Devo ficar lisonjeada? Nervosa? Ambos?

Emily disse que eu deveria ficar com meu sapato baixo, pois isso me manterá confortável. Além disso, está coberto pelo vestido, de qualquer maneira. Após finalizar o visual, ela pega uma câmera e sorri. — Sorria.

Não sei se faço quando ela tira a foto. Eu fico olhando para o meu reflexo no espelho comprido e é como se eu não me reconhecesse. Estou linda com as bochechas ligeiramente vermelhas, como uma noiva corada. Mas é exatamente o oposto. Aquele vermelho é de raiva, do jeito que Adrian está tirando tudo e não me dando escolha.

Embora ele tenha me dado uma, ser sua esposa ou amante, mas isso é apenas outra maneira de me manipular. Ele nunca teve a intenção de seguir minha decisão, não depois de passar quase um mês preparando um vestido de noiva para mim. Ou talvez ele o tivesse jogado fora e mandado fazer outro para Kristina. Uma coisa é certa, agora sei que ele nunca vai me deixar ir.

— Você está pronta para ir, senhorita. — Emily sorri. — Quer que eu te ajude?

— Não, obrigada.

Eu me inclino na minha muleta, a cabeça erguida enquanto saio da sala. Se vou me sacrificar, não o farei com lágrimas nos olhos ou como uma donzela em perigo. Porque não há cavaleiros com armaduras brilhantes. O que me espera no final do corredor é um monstro. Um que eu deixei entrar de bom grado em meu corpo e quase permiti destruir minha alma.

Não mais.

Adrian colocou uma jaqueta preta em sua roupa e está na frente de um padre de aparência sonolenta, com Kolya e Yan ao seu lado. Fora isso, a igreja está vazia. Eu manco em direção a ele e me recuso a olhar para o leve espanto em seus olhos, em como sua expressão se ilumina um pouco antes de se fechar completamente como o resto dele. No momento em que estou ao alcance, ele aperta minha cintura e, apesar da minha muleta, ele cuidadosamente me puxa para perto de modo que seu peito quase bate contra o meu.

Os céus de inverno tempestuoso em seus olhos perfuram os meus quando ele ordena ao padre. — Comece.

Não quero olhar nos olhos dele ou ser pega pela falta de empatia neles. Às vezes, eles são muito apáticos, muito negros. Como agora. No entanto, há algo mais lá, algo semelhante à possessão carnal. Eu tiro meu olhar do dele para me concentrar no padre, um velho com uma cabeça meio careca que fala com um forte sotaque russo.

— Pule isso, — Adrian ordena novamente quando ele começa a falar sobre casamento e seus valores.

— Você, Adrian Volkov, aceita Lia Morelli como sua esposa, para estar sempre com você, na riqueza e na pobreza, na doença e na saúde, na felicidade e na tristeza, deste dia até a sua morte?

— Eu aceito, — Adrian diz com tanta convicção que eu quero esfaqueá-lo por fazer tais votos de forma tão imprudente.

O padre se vira para mim. — Você, Lia Morelli, aceita Adrian Volkov como seu esposo, para estar sempre com você, na riqueza e na pobreza, na doença e na saúde, na felicidade e na tristeza, de hoje até a sua morte?

Eu fico olhando para Adrian, com a promessa de retaliação em suas feições fechadas se eu não disser as palavras que ele quer. Ele realmente não deveria ter me ameaçado, porque agora, estarei totalmente de acordo com o plano de Luca. Se não por mais nada, então para me livrar dele e da influência negativa que ele tem em minha vida.

Desde que ele entrou, perdi o controle total e preciso recuperá-lo. Durante as últimas semanas, eu estava planejando dizer a Luca que não espionaria o homem que está cuidando de mim, mas Adrian me mostrou suas verdadeiras cores esta noite.

— Eu aceito, — eu digo humildemente, sem nenhuma emoção.

— Tem certeza, senhorita? — O padre pergunta, e Adrian o encara como se refletisse se ele deveria ou não cortar sua cabeça.

— Eu aceito, — eu digo. Porque vou fazer Adrian se arrepender de tudo que ele me fez viver desde o dia em que o vi pela primeira vez em meu estacionamento. Enquanto eu estava pronta para ignorar isso com a

conexão que pensei que havíamos formado, nada pode perdoar o que ele fez comigo esta noite.

Ainda mal terminei minha carreira, mas agora estou grávida e também forçada a me casar com ele. Adrian pega duas pequenas caixas de Kolya e desliza um anel de diamante no meu dedo. É grande, perfeitamente cortado e elegante. Ajuste simples e perfeito. No entanto, não encontro alegria em olhar para ele. Na verdade, parece um peso imaginário na minha mão. Ele coloca o outro anel, uma aliança simples de ouro branco, na minha palma e eu desligo minhas emoções enquanto deslizo em seu dedo.

— Eu os declaro marido e mulher, — diz o padre em tom pesaroso. Talvez ele saiba exatamente que tipo de homem Adrian realmente é e esteja com pena de mim. — Você pode beijar a noiva.

Adrian me puxa contra seu peito enquanto me agarra pela nuca. — Você é minha agora, Sra. Volkov.

Eu odeio ter o sobrenome dele ligado ao meu. Por algum motivo, parece que vendi minha alma ao diabo. Pior, eu realmente casei com ele. Mas, embora Adrian considere isso uma vitória, para mim, é apenas o começo. Ele me forçou a ser sua esposa? Ótimo.

Mas é pelas mãos de sua esposa que sua vida vai acabar. Eu não fecho meus olhos enquanto ele pressiona seus lábios nos meus. Seu beijo me consome e pretende me dominar, derrubar todas as minhas paredes.

Mas já perdi tudo. Agora, tudo que posso fazer é vencer.

Capítulo Vinte e Seis

Adrian

Está feito.

Lia agora é minha esposa, ligada a mim para o resto da vida, queira ela ou não. Se eu não estivesse com tanta pressa, eu teria feito isso em outras circunstâncias, depois que sua perna estivesse curada. Teria acontecido de qualquer maneira, mas meus métodos poderiam ter sido mais suaves.

No entanto, ela não só engravidou mais cedo do que eu esperava, como também finalmente fez uma aliança com Lazlo Luciano, sem precisar envolvê-la. Planejei por semanas a fio, criando as circunstâncias perfeitas para que de alguma forma acabasse no mesmo clube que Lazlo durante uma reunião com uma das outras famílias italianas, os Rozettis.

Tive que transformar Yan em um assassino, fazê-lo matar um dos outros italianos para salvar Lazlo, que sempre esteve no centro das guerras territoriais. Mesmo que os Luciano tenham governado com punho de ferro, eles têm uma história sangrenta com os Rozettis, então não foi a primeira vez que um deles tentaria matá-lo. Ao matar um de seus capos e salvar a vida de Lazlo, garanti a mim mesmo uma linha direta com o Don dos Luciano. Ele confirmou quando me convidou para ir à sua casa por telefone.

Hoje foi produtivo.

Meu olhar voa para Lia, que está sentada ao meu lado no carro. Ela parou de implorar e de tentar escapar de seu destino, o desespero substituído pela quietude. Talvez o nó a tenha feito perceber que não há saída para ela. Embora eu duvide que ela vá aceitar isso tão facilmente. Ela nunca se acostumou a me ter em sua vida e agora, dei um passo adiante. Mas, como eu disse, ela terá todo o tempo do mundo para processá-lo. Depois que ela estiver a salvo de todos, exceto de mim.

Eu levo meu tempo observando-a enquanto as luzes do lado de fora refletem em seus traços suaves. Suas mãos estão frouxas em seu colo. Elas são tão delicadas quanto o resto dela, quebráveis, até.

Igualzinho à perna dela.

Quando seu sonho se estilhaçou na sua frente, senti um aperto no estômago. Um que eu não experimentei desde a morte da tia Annika. Eu queria protegê-la do mundo e de todos nele, e sabia que a única maneira de fazer isso seria colocá-la sob minha proteção, oficialmente. Ela se tornou um alvo também, mas enquanto ela estiver em minha mira o tempo todo, eu poderei cuidar dela. Porque de jeito nenhum alguém vai tirá-la de mim.

Posso não ser capaz de compreender totalmente a extensão da minha obsessão por ela, mas a necessidade de protegê-la e possuir cada centímetro dela é uma fera furiosa e insaciável. Lia ainda é aquela flor delicada. No entanto, sempre houve uma força fervente por trás de sua aparente fragilidade. Uma energia interna zumbindo sob a superfície, esperando por uma chance de se libertar. Eu senti isso quando ela está

embaixo de mim enquanto estou transando com ela, e também durante seus pesadelos.

Ela engarrafa as coisas até que finalmente explodam, seja na forma de paixão ou pesadelos, ninguém sabe. O vestido tem um caimento perfeito, abraçando suas curvas suaves e realçando sua elegância. Esse visual provavelmente é o meu preferido dela, não só por causa do vestido de noiva, mas também pelo que ele significa. Ela é minha noiva. Minha esposa. Porra minha.

Uma sensação sombria de obsessão toma conta de mim, me incitando a arrancar aquele vestido e afundar em seu calor apertado. Leva tudo de mim para parar esses pensamentos e me concentrar no que resta fazer esta noite.

— Este não é o caminho para o meu apartamento, — diz ela humildemente, com a voz baixa.

— Não vamos voltar para o seu apartamento. Nunca.

— O que?

— O contrato termina em um mês, de qualquer maneira. Além disso, como minha esposa, você vai morar na minha casa.

Suas mãos se fecham em punhos. — Quando você ia me informar de tais fatos?

— Eu apenas fiz.

Seu brilho cortante corta para mim como uma espada de dois gumes. — E se eu disser que não quero sair do meu apartamento?

— Então você estaria mentindo, e eu disse para você não fazer isso. Você esteve sufocando lá nas últimas semanas, ficando mais deprimida a cada dia porque isso a lembra do balé.

— E sua casa será a solução mágica?

— Provavelmente. Também é mais seguro. — E eu posso deixá-la sem observar obsessivamente as câmeras e dividir meus guardas em todo lugar para mantê-la segura.

Seus lábios franzem como se ela quisesse discutir mais, mas pensasse melhor. — Eu quero minhas coisas do meu apartamento.

— Eles estarão na minha casa amanhã.

— Por que não podemos ir agora?

— Porque nós temos outro lugar para estar.

Uma carranca delicada vinca suas feições. — Não vamos para a sua casa?

— Ainda não.

— Por que não?

— Você precisa prestar homenagem ao meu *Pakhan* primeiro.

Seu rosto empalidece e sua garganta balança ao engolir suavemente enquanto sua voz abaixa. — Eu tenho?

— Sim. Já nos casamos sem a presença dele e não podemos deixar de dar esse passo. Você não precisa falar. Basta beijar sua mão quando ele a oferecer, isso é tudo.

— Isso significa que vou fazer parte da sua organização agora? — Ela parece assustada, apavorada até, mas o que ela não entende é que dar esse passo foi apenas uma questão de tempo. Teria acontecido de qualquer maneira, e quanto mais cedo ela aceitar, melhor.

— Você é parte de mim, Lia. Isso é tudo com o que você precisa se preocupar.

Seus lábios se abrem como se fosse dizer algo, mas ela os franze novamente e olha pela janela até chegarmos à casa de Sergei. Eu a ajudo, então a levanto em meus braços enquanto ela luta com seu vestido longo e a muleta. Espero que ela lute, mas ela não luta, seu corpo minúsculo permanece inerte contra o meu enquanto eu a carrego para dentro.

Apenas Kolya nos segue enquanto os guardas de Sergei acenam com a cabeça quando eu entro. Lia observa os arredores como um animal encurralado em busca de uma fuga, sua testa franzindo mais profundamente quanto mais eu subo as escadas e desço o corredor. Enquanto seus braços estão em volta do meu pescoço, sua atenção está em outro lugar. Terei que lidar com suas tentativas de se afastar de mim, seja no corpo ou na mente, mais tarde.

Eu a coloco de pé a poucos passos do escritório de Sergei, e Kolya lhe entrega a muleta. Antes que eu possa dizer qualquer coisa, a porta se abre e Vladimir sai. Ele faz uma pausa ao nos ver e passa o olhar por Lia em uma

observação mecânica. Mesmo que não haja outra intenção por trás disso, estou tentado a arrancar os olhos dele.

Lia fica do meu lado e eu gosto do fato de que ela me escolheu como proteção. Aos seus olhos, Vladimir é um homem corpulento e barbudo com uma carranca permanente, que parece estar pronto para matar todos em seu caminho. Como o conheço há muitos anos, não o vejo como uma ameaça. No entanto, este é o primeiro encontro de Lia com ele, e a impressão inicial que as pessoas geralmente têm de Vladimir é que ele é mortal, provavelmente o de aparência mais perigosa entre a elite.

— É por isso que você pediu um encontro com Sergei? — Ele pergunta em russo.

— Sim, mas não vejo por que você deveria estar aqui, — respondo no mesmo idioma.

— Eu vim para outros assuntos. — Ele encara Lia uma última vez, então balança a cabeça e sai.

Eu pego a mão fria de Lia na minha e a levo até a porta. — Nem uma palavra, — eu a lembro antes de bater.

— Entre, — diz Sergei em russo.

Eu empurro a porta e ela manca em sua muleta, me seguindo. Paramos no meio do grandioso escritório de Sergei, que originalmente era de seu irmão, o falecido *Pakhan*, Nikolai. Ele não mudou nada sobre isso, como se estivesse mantendo a memória de Nikolai viva por meio da decoração sombria e das incontáveis edições de livros em russo. Sergei está sentado

na sala de estar com Igor em frente a ele. Eu o chamei também, porque ele precisa ver isso por si mesmo.

Depois que rompi o noivado com sua filha, Igor exigiu minha punição do *Pakhan*, mas como sou o ‘menino de ouro’ de Sergei, como Kirill gosta de me chamar, ele me deu a chance de me explicar. Eu prefiro ação a palavras.

As feições de Igor se contorcem com óbvio desgosto enquanto ele estuda Lia em seu vestido de noiva e os anéis ao redor de cada um de nossos dedos. Ela permanece no lugar, mas suas feições empalidecem quando ela o reconhece.

— Eu pensei que você não a conhecesse? — Igor não esconde seu tom acusatório ao falar em inglês com sotaque.

Os dedos de Lia enrijecem nos meus.

— Eu não conhecia, — eu minto. — Nós tivemos um caso de uma noite.

Posso sentir Lia me espiando, mas, felizmente, ela mantém suas palavras para si mesma. Qualquer passo em falso na frente desses homens e tudo acabará. Não importa se eu coloquei um bebê nela ou me casei com ela. Qualquer demonstração de desrespeito, e eles vão pegar aquele bebê e matar Lia.

— Como você ousa? — Igor bate seu copo de vodca na mesinha de centro.

— Kristina disse que tudo bem se eu tivesse amantes na época, — digo.
— Você pode confirmar isso com ela, se quiser.

— E daí Volkov? — O olhar crítico de Sergei desliza para Lia, medindo-a como se ela fosse uma empregada que ele não aprova. — Você escolheu se casar com sua aventura de uma noite em vez da filha de Igor. Esta é a sua explicação?

Posso dizer quando Sergei fica com raiva. Ele fica estranhamente calmo, como agora. Essa é a diferença entre ele e Nikolai. O falecido *Pakhan* iria em uma onda de matança, mas seu irmão mais novo irá matá-lo com silêncio. Seu ponto é lógico. Sergei está se ofendendo em nome de Igor, a quem ele não só conhece há quarenta anos, mas também é o amigo mais próximo da irmandade.

— Não, — eu falo em minha assinatura, tom uniforme. — Eu casei com ela porque ela está esperando meu herdeiro.

Ambos os olhares voam para o estômago dela, como se pudessem ver uma criança ali e questioná-lo sobre suas origens. A atenção faz Lia se contorcer, então eu retiro o envelope da minha jaqueta e o entrego a Sergei. Quanto mais cedo terminarmos com isso, mais rápido poderei tirá-la daqui.

O *Pakhan* coloca sua bebida na mesa e estuda a ultrassonografia e o relatório do médico, então suspira. — E é realmente seu?

— Por que eu daria a ela a hora do dia se não fosse? — Lia se encolhe como se eu a tivesse esbofeteado.

Eu luto para manter a calma. Não quero que ela pense que não é nada para mim, mas se ela acredita, eles também acreditarão. E eu preciso tirá-la de seu radar. Não será fácil, considerando a posição que tenho na

irmandade, mas se eles pensam que ela está aqui apenas por causa da criança, eles não terão nenhuma expectativa dela e eu posso mantê-la a salvo desta vida. Mesmo que seja apenas parcialmente.

— Não queria desrespeitar Kristina forçando-a a criar um filho que não é dela, Igor, — digo a ele. — Ela merece mais do que isso.

Ele toma um gole de sua bebida, recusando-se a me responder, mas tanto ele quanto Sergei conhecem minha opinião sobre a criação de um filho bastardo. Eu vivi isso e nunca, em nenhuma porra de circunstância, colocaria meu filho ou filha naquele destino.

— Pelo menos Kristina é russa. — Sergei não esconde o desprezo de sua voz. — Esta parece americana.

— Não se preocupe, *Pakhan*. Meu filho será criado à maneira russa.

— É óbvio. — Ele estuda sua muleta. — O que há de errado com ela?

— Eu quebrei minha perna, — ela diz com uma voz clara.

Eu aperto meu aperto em sua mão para que ela pare de falar. Ela realmente não quer atrair a atenção deles, de forma alguma.

Sergei levanta uma sobrancelha. — Então você tem uma voz. Fizemos o possível para falar inglês para você, e só agora você está nos deliciando com suas palavras.

— Adrian disse que é melhor não falar, mas não gosto que falem como se eu não estivesse na sala.

Foda-me.

A força que está sempre espreitando dentro dela explode, e embora seus dedos estejam tremendo nos meus, traindo seu medo dos dois líderes Bratva, ela ainda mantém sua coluna ereta e os encara de frente. Eu realmente preciso manter o contato dela com a irmandade ao mínimo. Eu já vi esse olhar antes, a determinação e teimosia em um mundo cheio de homens. Minha mãe teve assim que se livrou de tia Annika e se casou com meu pai. Também havia ganância. Mas sua ambição foi destruída antes que ela pudesse fazer qualquer coisa. Qualquer um que desafie o *Pakhan* é condenado à morte, não importa quem seja.

— Vejo que Adrian tem muito a lhe ensinar, — diz Sergei em um tom sombrio. — Ela fica melhor quando muda.

Lia abre a boca, provavelmente vai dar uma réplica, mas eu aperto seus dedos até que ela estremece.

— Farei isso, *Pakhan*.

Ele acena para mim, e eu a cutuco para que ela manque na minha frente enquanto saímos do escritório. É hora de ensinar a minha noiva sua primeira lição.

Capítulo Vinte e Sete

Lia

Assassino nem mesmo começa a explicar a atmosfera assim que deixamos o escritório do *Pakhan*.

Adrian não disse uma palavra durante toda a viagem, mas ele não precisava. Não que seja surpreendente. Ele é o tipo que deixa sua raiva crescer, o tipo que distribui dor para provar um ponto. O tipo que faz você se aproximar dele e o força a se casar, depois diz aos chefes que você não significa nada.

Eu não sei qual parte me cortou mais. Sua coerção ou como ele falou sobre mim na frente de seus superiores. O silêncio no carro é sufocante, alimentando minha raiva fervente e a ira fervente de Adrian. Kolya e Yan também estão quietos, não ousando olhar para trás.

Parece uma eternidade até que o segundo em comando de Adrian pare do lado de fora de um grande portão de metal que se abre com um rangido alto. Logo depois, estaremos descendo uma longa e interminável entrada de automóveis e paramos em frente a uma mansão.

É grandioso, maior do que a vida, escuro e frio. Assim como seu dono. Então esta é minha nova gaiola dourada. Eu costumava ter pelo menos

alguma aparência de controle no meu apartamento, mas agora, Adrian parou de fingir ou fazer um esforço por mim. Sua atitude carinhosa e as maneiras suaves com que me tratou foram apenas uma fachada, uma fase de preparação para que ele pudesse me trazer aqui. Em sua caverna de monstros.

Adrian sai antes que o carro pare corretamente. Eu recuo ao som da porta batendo do seu lado, apesar de me armar com raiva até aqui, apesar da minha nova decisão de arruinar sua vida enquanto ele destruiu a minha.

Quando ele abre minha porta e tento agarrar minha muleta, ele me puxa com um puxão firme. Tento resistir a ele, mas ele me joga por cima do ombro como um Neandertal e entra na casa. Meu grande véu cai por suas costas e roça o chão. O sangue sobe à minha cabeça com a posição e a humilhação de ser vista dessa forma por todos os seus malditos guardas que nos seguiram da igreja. Eu nem consigo me concentrar nos meus arredores enquanto ele percorre a distância em passos largos, como se estivesse em uma missão.

Torcendo, eu bato em suas costas. — Me deixa ir!

Ele não responde, nem quando eu cravo minhas unhas em sua jaqueta, e nem mesmo quando eu mordo e me contorço. É como se ele não sentisse meus golpes, como se fossem a rebelião de uma criança.

— Me solta! — Eu grito.

Sua mão desce com força na minha bunda e eu grito quando o tapa ecoa no ar. Mas meus músculos não bloqueiam até que suas palavras afiadas perfurem meu peito. — Você se ferrou hoje à noite, Lia, então será sensato calar a boca. Você não quer me testar agora.

Eu fico mole em seu aperto, e não é apenas devido à sua ameaça.

Se eu quiser sair deste casamento ilesa ou o mais ilesa possível, preciso ser inteligente ao lidar com ele e escolher minhas batalhas. A raiva de Adrian não parece diminuir, mesmo depois que eu paro de lutar. Na verdade, seus passos aumentam enquanto ele me carrega pelo corredor e chuta a porta de uma sala para abri-la, em seguida, bate.

Ele me coloca na cama, e se eu não estou imaginando coisas, eu diria que ele foi gentil para não machucar minha perna. Mas é claro que estou imaginando coisas. O lado carinhoso de Adrian é apenas uma maldita ilusão que ele usa para seu próprio favor como quiser. De que adianta pensar nisso, quando ele manchou minha vida inteira com o casamento de hoje e tudo o que se seguiu?

A gravidez é a única coisa que não lamento, porque senti e continuo a sentir, uma conexão instantânea com meu bebê. No entanto, Adrian está longe de ser o pai ou marido modelo. Ele está apenas usando a criança e o casamento para me esmagar.

Ele puxa o paletó e o joga para trás, depois desabotoa a camisa, revelando seu peito musculoso e tenso e seu abdômen cortado e ondulado. Eu olho para longe dele porque me recuso a ser pega em sua beleza física,

em como realmente estou atraída por ele. Todos esses sentimentos são reações hormonais e físicas. Eles não significam nada.

Eu me inclino sobre minhas mãos na cama, manobrando cuidadosamente meu vestido e meu gesso no colchão para que eu fique sentada com as duas pernas esticadas na minha frente. Ele pode me mostrar o seu pior esta noite, mas vou separar meu corpo de minha mente e meu coração. É hora de acordar e ver Adrian como ele realmente é, um monstro insensível.

Ele remove o cinto e o amarra em torno de sua mão forte e, quando fala, sua voz é acompanhada por uma ameaça sutil. — O que eu disse a você antes de entrarmos no escritório de Sergei?

Eu levanto meu queixo e franzo os lábios.

Ele se aproxima, ou mais como, ele espreita, semelhante a um grande gato com uma alma negra. — O que foi que eu disse, Lia?

— Eu não ia deixar você falar sobre mim como se eu fosse um objeto e ficar quieta sobre isso. Posso ter perdido meu sonho, mas não perdi meu orgulho e autoestima. Não vou permitir que você ou seus chefes estúpidos me humilhem.

— Resposta errada.

Ele estende a mão para mim e eu recuo por puro instinto de sobrevivência. Tudo em mim me diz para escapar desse homem, para ficar o mais longe possível dele. Mas aonde quer que eu vá, ele fica lá como uma

sombra permanente. Tem sido assim desde a primeira vez que o vi matar um homem a sangue frio.

Adrian envolve as duas mãos em volta da minha cintura e me vira, me forçando a deitar de barriga para baixo com a cabeça no travesseiro. Ele rasga o zíper nas minhas costas e puxa o vestido, deixando a seda branca cair ao lado da cama. Como ele tem um sutiã embutido, estou apenas com minha calcinha e meu véu que agora está dobrado ao meu lado.

Quando Adrian se senta ao lado da minha perna boa, eu olho com o canto do meu olho para encontrá-lo enrolando o couro largo em volta da mão mais algumas vezes. A visão liquefaz minhas entranhas, tanto em medo absoluto quanto em antecipação enlouquecedora.

— Você parece ter esquecido como as coisas vão, Lia. Mas ficarei feliz em arrancá-lo de você até que você aprenda o seu lugar.

— E o que eu sou? Sua esposa muda? A esposa que você forçou a se casar com você?

— Continue dizendo mentiras a si mesma se você acha que isso vai te ajudar a lidar melhor, mas você e eu sabemos que você quer isso. Você quer ser minha para foder e punir, para possuir e depravar.

— Eu nunca concordei com nada quando se trata de você, Adrian. Você me coagiu a tudo desde o início.

Sua mandíbula se contrai e uma sombra escurece seu rosto. — Coagi você? Eu forcei você a esperar por mim todas as noites ou gozar em torno do meu pau ou língua ou dedos? Eu a coagi a desejar o chicotear da minha

mão ou cinto? Você está praticamente tremendo de antecipação, Lia, então não ouse dizer que eu te coagi. Na verdade, liberei suas fantasias sexuais. Você sabe, eu sei, e seu psiquiatra também saberia, se você não tivesse vergonha de admitir.

— Então agora você se considera meu salvador?

— Eu nunca disse ser. O que eu sou, entretanto, é seu marido e você é minha.

— Eu nunca serei sua. Não de bom grado.

Adrian agarra meu cabelo e véu, puxando minha cabeça para trás com um aperto impiedoso. — Você é minha, Lia. Na verdade, você sempre foi, então é melhor você admitir.

— Não.

Seu hálito quente e ameaçador faz cócegas na lateral do meu rosto. — Diz. Diga que você é minha.

— Não.

— Lia... você realmente não quer me irritar mais do que eu já estou.

— Você vai me chicotear de qualquer maneira, então faça isso e me deixe em paz.

— Oh, eu não vou te deixar sozinha. Não, a menos que você admita totalmente que é minha.

— Nunca. — Eu mantenho seu olhar escurecido rapidamente com o meu determinado. Pode não ser sábio provocá-lo, mas esse não é o meu

objetivo. Estou apenas me protegendo para que ele não pegue as pequenas partes que ainda possuo. Se eu desistir deles, ele vai pisar neles e em mim, então me jogar de lado para morrer em um quarto trancado.

— Muito bem. Parece que você está com pressa para começar sua punição. — Adrian deixa minha cabeça cair no travesseiro e passa a ponta do cinto pelas minhas costas nuas. Eu tremo quando a memória do meu corpo dele começa a funcionar.

Se há algo que não posso negar sobre meu relacionamento fodido com ele, é definitivamente a conexão física. Temos mais química do que eu poderia imaginar, e odeio isso agora. Eu odeio que ele tenha esse poder sobre mim ou o quanto eu anseio por seu toque depois de semanas passando fome. Eu odeio sentir falta de seu tratamento insensível com meu corpo. Odeio amar nossa diferença de tamanho e a facilidade com que ele pode me dominar, me derrubar e me possuir.

Sua mão envolve minha calcinha e ele a arranca. Eu suspiro quando o material arruinado roça minhas dobras antes que ele a jogue fora. Não importa quantas vezes ele faça isso, quantas calcinhas destruídas eu tenho. Não envelhece e ele nunca deixa de me excitar.

— Quando eu ordeno que você faça algo, você não pensa sobre isso, você não tenta me desafiar, você faz isso, porra. Está claro? — Suas palavras são tão calmas quanto os movimentos de seu cinto para cima e para baixo nas minhas costas e a curva da minha bunda.

— Então você deveria ter comprado um brinquedo, não eu.

Um assobio ecoa no ar antes que o cinto caia na minha bunda. Eu grito quando a queimadura se instala na minha pele e atinge o meu núcleo. Já faz muito tempo desde que ele pegou seu cinto ou me tocou sexualmente, e meu corpo, que tem se revoltado contra a falta de estimulação por semanas, agora está ressuscitando das cinzas como uma fênix.

— Não me responda.

— Eu não vou deixar você me quebrar, — eu digo entre as respirações estranguladas. — Se você queria um animal de estimação obediente, deveria ter arranjado uma esposa diferente.

Minha autoestima é a última coisa que tenho, e lutarei até a morte antes de deixar Adrian tirar isso também.

— Você é minha esposa, Sra. Volkov, e vou chicotear e foder esse fato em seu corpo até que aja como tal.

Swish. Slap.

Swish. Slap.

Eu suspiro, meus lábios tremendo com a ferocidade por trás dos golpes. Ele realmente quer me punir e não está segurando nada. Mas a parte mais embaraçosa é que eu não sinto apenas a batida na minha bunda. Está fervendo sob minha pele e enviando pulsações ao meu núcleo dolorido.

— Você não vai responder, seja na minha frente ou de qualquer outra pessoa da irmandade. — *Slap.* — Você vai manter seus pensamentos para si mesma. — *Slap.* — Você não irá contra mim em público novamente.

Slap!

Estou soluçando ao final de suas palavras, minha voz rouca, meu coração batendo tão forte que estou com medo de que caia no colchão e me deixe vago de uma vez por todas.

— Está claro, Lia?

— Sim... sim... — Estou dizendo a ele o que ele quer ouvir para que ele acabe com a tortura. Não se trata apenas dos vergões. É sobre o atrito assustador em meu núcleo que aumenta com cada um de seus golpes impiedosos.

— Bom.

Eu solto um suspiro quando sua grande palma toca minha pele agredida e ele lentamente massageia minha bunda. Isso geralmente significa que ele parou de me torturar ou perto disso. Sua mão lentamente separa minhas coxas o máximo que pode com o gesso, e não posso evitar o gemido que escapa quando seus dedos roçam minhas dobras encharcadas.

— Vejo que você perdeu seus castigos, Lia.

Eu enterro meu rosto no travesseiro para abafar minha voz. Não quero que ele me ouça de forma tão devassa e, acima de tudo, não quero que ele saiba que tem esse poder sobre mim.

— Negue o quanto quiser, mas seu corpo pertence a mim. — Ele me segura com força. — Esta boceta pertence a mim. — Ele dá um tapa na minha pele em chamas e eu choramingo. — Essa bunda também me

pertence. Mas se ainda houver alguma dúvida em sua mente, por favor, diga, e eu vou puni-la fora de você.

Minha respiração está cortada e fraturada, e não é apenas por causa da dor. São suas palavras. Malditas sejam elas e me condene por deixá-las ter esse efeito sobre mim.

— Eu não deveria continuar punindo você, *Lenochka*?

— Não...

— Então você me pertence?

Eu franzo meus lábios. Ele levanta a mão e a coloca na minha bunda. Eu grito quando minha pele em chamas explode de dor.

— Você pertence a mim porra?

— Não nunca...

— Lia... não me faça quebrar você.

— Você vai me quebrar mais se eu disser essas palavras, — eu soluço, todos os meus receptores de dor pulsando ao mesmo tempo.

Ele me dá um tapa de novo e eu gemo, meu corpo balançando para o lado, mas ele me segura pelos cabelos. — Diga que você é minha.

— Não.

Slap. — Diga. Isso.

Minhas lágrimas encharcam o travesseiro e sinto que vou desmaiar. Como se seus próximos ataques fossem me nocautear. Mas eles não fazem.

Tudo o que eles conseguem fazer é torturar minha bunda e meu núcleo. Ele está usando a mão agora, mas minha pele está tão sensível e estimulada que até mesmo o menor golpe reverbera por todo o meu corpo.

— Pare com isso... Adrian... por favor...

— Não até que você diga que é minha. — Sua voz é áspera, inegociável.

— Eu não posso... — eu soluço.

— Sim você pode.

— Não! Você já tirou muito de mim. Não vou entregar meus últimos pedaços. Então, se você quiser me chicotear até a morte, faça-o. Não direi essas palavras, mesmo com meu último suspiro.

Espero que ele faça o que sugeri apenas para provar um ponto, mas Adrian solta um longo suspiro e joga o cinto fora. O som que faz ao atingir o chão envia um pequeno choque no meu peito. Um farfalhar de roupas vem atrás de mim e posso imaginá-lo se livrando da camisa e da calça.

Ele envolve minha mandíbula com a mão e me levanta com ela. A posse absoluta e a escuridão assustadora no gesto me deixam ofegante. — Eu vou te foder como minha esposa e você vai gritar por mim.

Adrian plantou o joelho entre minhas pernas e me segurou pelo quadril enquanto seu pau entrava, seu peito cobrindo minhas costas ao mesmo tempo, de modo que sua cabeça ficava a poucos centímetros da minha. Apesar de estar molhada e mais do que pronta, sua entrada em meu corpo sempre dói como se fosse a primeira vez. Minha bunda queima quando sua virilha bate contra ela.

— Ahhh... isso dói...

— Não mais do que a porra da sua teimosia, aparentemente.

— Adrian...

— O que?

— Faça alguma coisa.

— Como isso? — Ele alcança embaixo de mim e torce meu clitóris inchado.

— Ohhh...

— Ou isto? — Ele empurra dentro de mim, e mesmo que sua virilha ainda bata contra a minha pele torturada, adiciona fricção e um tipo de prazer carnal.

— Sim... ohhh... sim...

— É isso, — ele murmura contra a minha boca, seus olhos semicerrados.

— Geme para mim. Deixe-me ouvir aquele som gutural que é feito apenas para mim.

É quando isso clica. Adrian sempre amou quando eu solto sons durante o sexo. Parece que fica mais duro e seu ritmo aumenta a um nível enlouquecedor, como agora. O tapa de carne contra carne e minha própria excitação ecoa no ar enquanto ele mantém meus olhos e tudo em mim como refém.

Mas mesmo enquanto ele confisca meu corpo, como ele o rouba de mim, há apenas uma coisa que eu posso roubar dele em troca. Estou

respirando com dificuldade quando ele se move em um ritmo que sabe que vai me tirar do sério. Mas quando o orgasmo atinge com força destruidora, eu mordo meu lábio inferior com tanta força que o metal explode na minha língua.

O rosto monstruosamente lindo de Adrian se contorce e eu mantenho seu olhar enquanto mudo os sons que ele tanto gosta de ouvir. Ele tirou minha liberdade. Estou tirando o prazer dele. Adrian pode ter começado como o único com poder, mas estou lentamente encontrando o meu. Posso não ter armas ou um exército de guardas, mas vou matá-lo em silêncio.

Seu aperto aperta minha mandíbula enquanto ele para nas minhas costas e um líquido quente enche minhas paredes. Ele puxa para fora de mim, mas apenas para que ele possa bater de volta com energia renovada. Oh Deus. Como ele poderia ficar duro de novo tão cedo? Normalmente, ele fica duro rápido, mas não tão rápido.

— Vamos refazer e, desta vez, você vai gritar, Lia.

— Nunca, — eu murmuro.

— Então, vamos ficar nisso a noite toda até você fazer. Você vai se curvar a mim, esposa.

Não nesta vida, marido.

Capítulo Vinte e Oito

Lia

Um mês depois, o gesso foi removido e Adrian e eu estamos no consultório da Dra. Kim para começar minha reabilitação para que eu possa andar novamente. Não me preocupo em perguntar a médica se o veredicto sobre a impossibilidade de uma recuperação total ainda é o mesmo. Ela está olhando para mim como se eu fosse um cachorrinho chutado, retransmitindo as palavras sem ter que pronunciá-las. Vou ir além disso, porém, porque tenho outra vida para me preocupar agora.

Antes de sairmos de casa esta manhã, eu estava na frente do espelho para me vestir e fui pega em um transe pelo meu estômago. Ainda está plano, mas posso sentir o bebê mais a cada dia que passa. A vida que tem se tornado um pouco imperceptível está finalmente aparecendo, me lembrando de por que estou aqui em primeiro lugar. Para produzir um herdeiro.

E embora a objetificação, a coerção e a humilhação ainda doam, não me arrependo da criança. Este bebê é a única coisa que está me fazendo segurar a vida, sobrevivendo no dia a dia, sabendo que não estou mais vivendo para mim mesma sozinha. Eu vou ser mãe. E se a minha fosse

alguma indicação, as mães se sacrificam por seus filhos. As mães protegem seus filhos das monstruosidades do mundo, com suas vidas se for preciso.

Vamos ao Obstetra também, e ela nos diz que o bebê está saudável. Adrian coloca a mão na parte inferior das minhas costas, me levando para fora do prédio e para o carro que está esperando do lado de fora. Não perco o gesto possessivo sempre que estamos em público, como se ele estivesse marcando seu território para todo mundo ver. Tento ignorar sua presença, seu toque e seu cheiro de madeira e couro que se tornou mais forte nas últimas semanas. Mas é impossível apagar Adrian, não importa o quanto eu tente. Não só porque ele me obrigou a casar com ele, mas também por causa de tudo o que ele faz.

A maneira como ele cuida de mim, como ele se senta ao meu lado no sofá e coloca meus pés em seu colo para massageá-los. Desde que o gesso foi removido, ele está cuidando de esfregar óleo na minha perna. Eu nem gosto de olhar para a horrível cicatriz logo abaixo do meu joelho, mas ele assume a tarefa com facilidade sem esforço.

Eu odeio como ele segura meu cabelo e acaricia minhas costas sempre que tenho enjoos matinais. Ou como ele diz à chefe de sua equipe, uma mulher tenaz chamada Oglá, para não cozinhar alimentos com cheiros fortes. Eu odeio que ele me faça gozar antes de me foder, como meu prazer é sempre priorizado antes do dele, e como ele nunca me fez dar prazer a ele. Eu odeio como ele me limpa depois de terminar e, em seguida, joga uma camisola sobre a minha cabeça para que eu não fique com frio.

Mas, acima de tudo, odeio a maneira como ele me segura, mesmo quando me afasto dele, como se me fazer dormir em seus braços fosse sua posição favorita. Aparentemente, é minha também, porque meus pesadelos desapareceram lentamente desde que saí do meu apartamento. Teria sido mais fácil apagar Adrian se ele fosse o monstro sem coração que eu o pinto para ser na minha cabeça. Embora ele seja sem coração, ele não é quando se trata de sua prole. Seu cuidado e todos esses gestos são apenas sua forma de facilitar o nascimento de seu herdeiro. Assim que isso acontecer, ele provavelmente me rebaixará para segundo plano.

Meus pés vacilam na calçada a uma curta distância do carro quando vejo alguns moradores de rua amontoados perto da esquina, implorando por dinheiro. Meu coração dói por eles, mas ao mesmo tempo, invejo a liberdade que eles têm. Eles podem não usar um enorme anel de diamante e viver em um palácio guardado por cem homens, mas pelo menos têm liberdade e a capacidade de ir a qualquer lugar.

— É alguém que você conhece? — Adrian pergunta do meu lado, sua voz baixa, mas firme.

Desde a nossa noite de núpcias, ele tem estado um pouco distante, dando ordens ou parecendo frígido como agora. Perdemos as conversas um tanto despreocupadas que costumávamos ter no meu apartamento. Mas isso provavelmente tem mais a ver com o tratamento silencioso que venho usando contra ele. Eu balancei minha cabeça.

— Use a porra da sua voz, Lia. — Ele se inclina para sussurrar em um tom ameaçador. — Este não é o quarto, então você não precisa começar uma rebelião.

Eu fico olhando para ele bem na cara. Ele não ganhou aquela guerra. Eu fiz. Como prometido, ele me fodeu uma e outra vez naquela noite. Foi o mais longo que já passamos e, embora eu tenha perdido a conta de quantas vezes tive orgasmo, nunca o deixei ouvir minha voz até que desmaiei. Tem sido a mesma coisa todas as noites ou dia na verdade, desde que ele me procura o tempo todo. Adrian tenta me fazer gemer ou gritar, mas eu mordo meu lábio ou o travesseiro ou minha mão se for necessário.

Ele perdeu o direito de ouvir minha voz naquela noite.

— Achava que era melhor como muda. — Eu empurro passando por ele e me sento no carro, deixando a bolsa cair no meu colo.

Adrian se junta a mim logo depois, e o som de sua porta fechando faz um tijolo se assentar no fundo do meu estômago.

— Esse é um, Lia, — ele murmura.

Meu coração bate forte, não importa o quanto eu não queira ou o quanto eu lute contra isso. Meu corpo está sintonizado com ele de maneiras que nem eu consigo entender. Estou viciada em seu toque áspero e punições implacáveis.

Eu me desfiz em um momento, e essa sensação de levitação nunca mudou. Na verdade, tem aumentado ao longo das semanas. Mas é apenas uma conexão física. Uma sem sentido. Eu vou superar isso algum dia. Eu

tenho que fazer. Zombando, eu me concentro à frente enquanto Yan apaga seu cigarro e desliza para o banco do passageiro. Kolya dá a partida no carro e sai para a rua movimentada.

— Dois. — Adrian pega minha mão e mordisca meu dedo mínimo antes de sugá-lo em sua boca. Um calafrio todo toma conta de mim e tento me libertar, mas ele morde com mais força, então fala contra minha pele. — Eu te disse para não se afastar de mim de novo. Três.

Desistindo da luta inútil, eu olho pela janela para a cidade agitada. Minhas consultas com os médicos são a única hora que tenho para sair da gaiola que Adrian construiu para mim, e é minha única chance de ver as pessoas e a vida que está acontecendo ao meu redor. É estranho como eu nunca me concentrei nisso quando costumava dirigir de ida e volta para o ensaio, mas os humanos não percebem o que estão perdendo até que seja arrancado deles.

Se eu soubesse, teria prestado mais atenção. Luca não entrou em contato desde aquela época na loja de lingerie. Também não posso ligar para ele, porque Adrian não só me deu um novo número de telefone, mas tenho certeza de que ele também está rastreando. E como não saio sozinha, presumo que seja difícil para Luca encontrar uma oportunidade para entrar em contato.

É por isso que preciso fornecer a ele essa abertura, porque se há alguém que pode ajudar a me tirar do aperto de aço de Adrian, é Luca. Vejo uma tenda sob a qual pessoas estão servindo sopa quente para os sem-teto. A imagem do homem em frente ao hospital me vem à mente e uma ideia me

ocorre. Demoro alguns minutos para organizar meus pensamentos de uma forma que não envie sinais de alerta de Adrian. Se ele sentir o cheiro do que estou fazendo, ele vai me trancar em uma cela até eu dar à luz.

De frente para ele, tento ignorar que ele ainda está lambendo e mordiscando meu dedo, e como seu toque está enviando pequenas explosões de prazer pela minha espinha e barriga. — Eu estava conversando com o ginecologista obstetra quando você foi buscar a receita.

— Você estava?

— Sim. Ela disse que eu poderia estar desenvolvendo depressão.

— Ela é obstetra ou psicoterapeuta?

Eu levanto um ombro. — Não é preciso ser um gênio para descobrir.

— Você sempre teve depressão, Lia. Você não o está desenvolvendo.

Meus olhos se arregalam. — Como você sabia disso?

— As pílulas em seu apartamento.

Certo. Eu acho que não importa que eu os tenha escondido dele. Adrian observa cada movimento meu e nota tudo, o que é mais um motivo para ter cuidado com ele.

— Por que você nunca me perguntou sobre elas? — Eu pergunto em um tom baixo.

— Você prefere que eu tenha feito?

— Não, mas é o que a maioria das pessoas faz sempre que descobrem que tenho problemas de saúde mental.

— Eu não sou a maioria das pessoas.

— Você... você não acha que estou quebrada?

— E daí se você for. É o que faz de você quem você é.

Meus lábios se abrem. É como se ele estivesse dizendo que gosta de mim do jeito que eu sou. Quebrada e tudo.

— Você não tem que esconder seus comprimidos de mim, Lia.

— Eu estou... não os escondo.

— Sim, você faz. Mas você não os usa desde a gravidez. Nem as pílulas para insônia ou os antidepressivos. Seus pesadelos também diminuíram visivelmente. Você não tomou um durante a semana passada e seus comprimidos permanecem intocados. Então, como é perceptível para o ginecologista obstetra que você está desenvolvendo depressão?

Caramba. Eu sabia que ele observava tudo, mas não percebi que ele estava tão sintonizado comigo, até mesmo com os meus pesadelos.

— Eu disse a ela que estou me sentindo confinada, — eu deixo escapar.

Ele faz uma pausa, parecendo genuinamente preocupado quando deixa minha mão cair em seu colo, mas não a solta. — Você está?

Eu zombo. — Estou presa dentro de quatro paredes vinte e quatro horas por dia, sete dias por semana, sem nada para fazer. O que você acha?

- Você caminha no jardim.
- Você me faz fazer isso.
- Para ajudar a sua circulação.
- O que seja. Ainda não conta como entretenimento.
- Você pode ler.

Eu torço meu nariz. — Não, obrigada.

Seus lábios se contraem em um pequeno sorriso. Não é a primeira vez que ele sugere que eu leia. Ele mencionou que isso o ajudou a atravessar a infância, mas eu disse a ele que nem todos nós nascemos para ser leitores ávidos. Agora ele sorri sempre que o assunto é tocado novamente.

Eu não quero ser pega em um de seus raros sorrisos que aparecem uma vez na lua azul, mas eu faço. Sempre que ele mostra esse lado de si mesmo, o lado levemente despreocupado e relaxado, eu paro e fico olhando, deixando minha mente vagar para como seria nosso relacionamento se fôssemos um casal normal. Se nosso primeiro encontro não tivesse sido quando ele matou alguém a sangue frio, e se ele não tivesse me forçado a casar com ele antes de anunciar tão cruelmente que meu único valor é seu filho que está crescendo em meu útero. Mas não somos um casal normal. Nós nunca fomos e nunca seremos.

- O que você quer fazer, *Lenochka*?

Eu me animo com sua pergunta e com o uso do meu apelido. Isso significa que ele está baixando um pouco a guarda, e não tomo como garantido quando Adrian me pergunta o que eu quero.

Então, suavizo minha voz, porque qualquer teimosia ou tom alto terá o efeito oposto absoluto sobre ele. — Eu quero sair.

— No momento, estamos fora.

— Assim não. Eu quero estar em campo aberto.

— Por que?

— Para respirar corretamente.

Percebo meu erro quando seus olhos escurecem. Apenas insinuei que não respiro em sua companhia ou em sua casa e, embora isso seja verdade, não quero que ele fique com raiva e feche qualquer negociação.

— Quero dizer, ar de fora, — me recupero rapidamente. — Eu quero respirar o ar de fora.

— Risco de segurança. Não.

Meu coração despenca, mas mantenho meu tom complacente enquanto imploro. — Vou tomar cuidado.

— Não importa o quão cuidadosa você seja. Se alguém quiser chegar até mim, eles o farão através de você, já que você é o ponto mais fácil e fraco que eles podem atingir. Ser minha esposa já te colocou como alvo, Lia.

Suas palavras me ferem, me cortando ao meio. Achei que ele nunca me machucaria mais do que passar naquele dia no escritório de Sergei, mas ele

apenas enfiou a faca enferrujada mais fundo. *Então, eu sou seu ponto mais fraco agora.*

Meus lábios tremem, mas eu os coloco em uma linha, mesmo enquanto o que resta do meu coração sangra. — Eu preciso fazer algumas atividades ou vou perdê-lo. Seu precioso bebê não poderá nascer se a mãe dele for maluca.

— Diminua seu tom de voz. — Sua mandíbula apertada. — E você ouviu uma palavra que eu disse sobre segurança?

— Eu ouvi. Não se preocupe. Eu preciso sair, Adrian. Você já cortou minhas asas. O mínimo que você pode fazer é me dar algo pelo que ansiar.

Ele me agarra pelo queixo e eu engulo quando seus olhos impiedosos colidem com os meus. — Levante sua voz novamente e vou colocá-la no meu colo e arrancar esse desafio de você. Está claro, *Lenochka*?

— Me dê algo, — murmuro, com lágrimas escorrendo pelas minhas pálpebras. — Por favor.

Eu gostaria que fossem lágrimas falsas, que eu estivesse apenas fingindo isso, mas a verdadeira dor irrompe e meu coração e orgulho doem por ter deixado ele me ver desse jeito. Por deixá-lo me machucar novamente, me chamando de sua fraqueza.

— Você vai sair com meus guardas. Apenas uma vez por semana e para um local que eu especificar.

Meus lábios se abrem. — Mesmo?

— Eu já menti para você antes?

Não. Ele garante que todas as suas promessas sejam cumpridas, sejam boas ou más.

Na realidade... Ele fez isso quando não me contou sobre seu noivado com Kristina. Uma mentira por omissão ainda é uma mentira, e ainda não superei isso. Mas se eu disser isso, ele vai apenas torcer, e não estou com humor para reconhecer seu noivado anterior, acho que nunca estarei. Eu odeio o complexo de inferioridade que inflama em minha alma sempre que penso na bela loira em seu braço em vez de mim.

— Eu vou deixar você saber para qual local você irá.

— Eu... — eu engulo. — Eu quero fazer um trabalho de caridade.

Ele levanta uma sobrancelha. — O que?

— Sabe, aquelas organizações que servem comida aos sem-teto?

— Eu sei o que significa trabalho de caridade, Lia. E você não está fazendo isso.

Eu coloco a mão em seu peito, minha palma se expandindo nas duras cristas abaixo. Esta é a primeira vez que inicio um toque afetuoso primeiro. Um rosnado baixo escapa de seus lábios e seus músculos ondulam sob minha pequena mão, então ele me olha como se quisesse me devorar. Eu me deleito com a sensação de ter tanto efeito sobre ele. Pode ser apenas físico, mas ainda é fortalecedor do mesmo jeito.

— Eu preciso ter um propósito depois do meu acidente, Adrian. E se estou lutando por uma causa nobre, não vou sentir como se meus dias e noites fossem vazios.

Ele levanta uma sobrancelha. — Suas noites estão vazias?

Minhas bochechas esquentam, lembrando uma memória recente dele me amarrando para me foder até que eu estivesse exausta. — Você sabe o que eu quero dizer.

— Não, eu não sei. Então, por que você não me explica?

Eu suspiro, optando por oferecer a ele uma pequena fração da verdade que mesmo eu não quero admitir, mas sei que ele vai gostar. — Depois que terminarmos de fazer sexo, sei que vou passar o dia seguinte sozinha e, às vezes, penso nisso a noite toda. Isso é o que eu quis dizer com noites vazias.

Ele faz uma pausa e acredito que ele vai negar para mim, mas então ele acena com a cabeça. — Certo. Mas eu escolho qual organização.

Eu sorrio, sentindo o triunfo da vitória em meus ossos. É isso. Minha chance de escapar. Por uma vida o mais longe possível de Adrian.

Capítulo Vinte e Nove

Lia

Eu tenho um pouco de liberdade no mês seguinte. Não é muito. Mas Adrian mantém sua palavra e me permite fazer parte de um abrigo que serve comida quente para moradores de rua nos dias difíceis. Estamos caminhando lentamente para a primavera, mas o ar ainda está frio.

Estou ansiosa pelos dias em que poderei sair sem Adrian. Yan e Boris me acompanham, mas eles se mantêm em segundo plano. Quando somos apenas Yan e eu, dividimos sanduíches no almoço e então tento sondá-lo sobre seu chefe, perguntas que ele não responde. Eu deveria estar acostumada com isso agora, mas prefiro falar com Yan do que não falar nada.

É triste, mas ele é basicamente o único amigo que tenho. Outro dia, meus pés pararam diante de um pôster de Giselle. O balé ainda é dirigido por Philippe e coreografado por Stephanie. Nada mudou, exceto para a primeira bailarina, que agora é Hannah Max. Ah, e eles trocaram Ryan por outro dançarino. Não tenho ideia se ele saiu, e não tenho mais vontade de entrar em contato com essa parte da minha vida.

Quando olhei para aquele pôster, levei tudo em mim para não chorar. Para me forçar a dar meia-volta e não me deixar levar pela forma como o

mundo se movia e eu não. Tenho certeza de que Philippe e Steph tentaram me encontrar, mas não pertencemos mais ao mesmo mundo. Eles estão no centro das atenções. Eu estou em uma gaiola dourada. E se eu tentar envolvê-los na minha vida, vou colocá-los em perigo com Adrian.

— Se for de algum consolo, — Yan caminhou ao meu lado depois que tirei meu olhar do pôster, — sua Giselle é muito mais bonita e mais assustadora do que a dela.

Eu me odiei naquele momento. Não porque eu discordasse, mas porque queria que Adrian dissesse essas palavras em vez de Yan. Balançando a cabeça com a memória, eu sorrio enquanto sirvo mais sopa para a Sra. Matthews, uma senhora idosa que gosta de sua sopa. Ela sorri para mim, então foge para a mesa mais distante, derramando um pouco de sua sopa no chão. O centro onde sou voluntária é provavelmente o maior de Nova York, e temos várias centenas de moradores de rua que aparecem para as refeições.

Eu faço Yan e Boris ajudarem também. Algo que Adrian desaprova porque, como ele gosta de me lembrar, eles estão lá para me proteger, não para servir comida. Qualquer que seja. Tudo o que eles normalmente fazem é ficar ali fumando. É melhor usá-los para servir comida do que para não fazer nada. Embora eles pareçam um pouco fora do lugar com os aventais branco e azul amarrados em seus ternos.

Eles também não se intimidam em chamar os sem-teto por causa de suas besteiras quando eles roubam. Principalmente Yan. Juro que às vezes ele não tem paciência. Quando eu perguntei a ele como diabos ele se dava

com Adrian e Kolya, ele disse que não fazia isso na maioria das vezes e que eles são muito ‘estoicos’ para seu próprio bem. Então ele me pediu para não repetir isso na frente de seu chefe se a vida dele significar alguma coisa para mim. Eu aceno para ele que estou fazendo uma pausa no banheiro. Ele abandona a sopa, tira o avental e joga em Boris antes que ele caminhe ao meu lado.

— Você não tem que me seguir em todos os lugares, Yan. — Eu gemo enquanto faço meu caminho através das mesas com ele quente em meus sapatos.

— Sim, eu tenho, ou o chefe vai pegar minhas bolas.

Eu rio com essa imagem. Adrian é realmente severo e sua calma só aumenta sua crueldade. Eu testemunhei como ele fala com seus homens e, embora seja em russo, posso sentir a autoridade.

— Fico feliz em ver você rir, mesmo às custas da minha miséria, — Yan resmunga.

— Você está sendo dramático. Não é miséria.

— Você o viu? Além disso, ainda não estou certo de que Kolya fique com toda a diversão.

— Ele não é o guarda sênior?

Ele zomba. — Resmungão sênior, talvez.

Eu sorrio. Kolya está sempre dando merda para Yan sobre fumar e, embora eu não me importe, Yan já parou de fumar na minha companhia,

por causa da gravidez, presumo. Ele para do lado de fora da porta do banheiro em sua postura ampla e pronta e vai abri-la.

— Eu posso pelo menos abrir minha própria porta. — Eu aceno para sua mão trêmula. — Vá em frente, fume até eu voltar. — Posso dizer que ele quer, mas sua cautela o está impedindo, então tiro a decisão dele. Abro a porta, deixando-o ver o banheiro vazio. — Viu? Ninguém está aqui.

Depois que o olhar atento de Yan verifica cada canto, ele finalmente concorda. Eu balanço minha cabeça antes de entrar e fechar a porta. Assim que estou parada, uma sombra segue atrás de mim. Abro a boca para gritar, mas uma mão enluvada envolve minha boca e usa meu corpo para fechar a porta.

— Sentiu minha falta, Duquesa? — Eu respiro pesadamente contra a palma da mão de Luca. Ele está vestindo uma jaqueta de couro preta e um boné que sombreia seus olhos. Ele remove lentamente a mão enluvada. — Sussurre ou ele vai ouvir.

— O que você está fazendo aqui? Yan está lá fora.

— Eu posso atirar nele se ele entrar.

— Não!

— Vejo que você está formando ligações. Essa é a pior coisa a fazer, Lia. Ele é o guarda de Adrian, não o seu. Ele está de olho em você em nome de seu chefe e não hesitará em machucá-la se for ordenado.

Eu sei disso, mas ainda não o quero morto. Yan não merece tal destino, mesmo que seu chefe seja um grande idiota.

— Ele não virá aqui a menos que eu demore mais do que o necessário,
— eu negocio.

Luca solta um suspiro exasperado. — Você tem alguma ideia de como é difícil pra caralho ficarmos sozinhos? Estou tentando há malditos meses. Primeiro, você estava escondida em seu castelo negro, então ele a colocou em um abrigo associado ao Bratva, e seus homens a seguem por toda parte. Esta é a primeira vez que o protetor idiota não verifica todos os cantos do banheiro primeiro.

Soltando um longo suspiro, murmuro. — Esta é minha vida agora.

— A propósito, desculpe. — Sua testa franze quando ele faz um gesto vago em direção à minha perna. Luca não oferece simpatia. Ele é mais endurecido do que eu e carece de muitas emoções, então eu sei que não devo dar por garantido.

— Eu ainda estou viva. — Minha voz está embargada enquanto luto contra as lágrimas.

— Às vezes, permanecer viva é o pior de tudo. — Suas feições se contraem antes de relaxar. — Me diga que você tem algo sobre Adrian.

Eu balancei minha cabeça. — Ele não fala sobre seus negócios.

— Mas você é a esposa dele agora. Certamente ele a leva a esses banquetes internos de Bratva.

— Não. — Desde aquele dia, ele nunca me arrastou para sua organização e estou um tanto grata por isso.

— Porra, Duquesa. Achei que tivéssemos concordado que você me traria coisas sobre ele.

— Ele está protegido.

— Então faça-o desprotegido.

— Você acha que isso é fácil?

— Você consegue. Ser sua esposa torna você a pessoa mais próxima dele.

Não, não importa. No mínimo, nos sentimos mais separados do que quando ele costumava vir ao meu apartamento à noite. Pelo menos naquela época, era sobre mim. Agora, tudo é sobre o bebê e meu desprezível papel de produzir um herdeiro. Embora eu ame meu filho, odeio como Adrian o está usando.

— Me diga o que você sabe, — diz Luca.

Menciono detalhes que conheço sobre Sergei e Igor e sua filha, Kristina. Também conto a ele sobre Adrian ligando para alguém chamado Don e conversando com ele. Não mencionei a história da família de Adrian que ele divulgou de bom grado. Luca não precisa saber disso, e é muito íntimo deixar alguém saber disso.

— Tudo isso é notícia velha. — Luca verifica seu relógio. — Eu preciso de mais.

— Mais, como o quê?

— Seu sistema. No que ele está trabalhando.

— Ele nunca me permitiria chegar perto disso.

— Então force a sua entrada, Lia.

— Você ao menos conhece Adrian? Além disso, estou grávida, Luca. — Eu aponto para a protuberância na minha barriga. — Não vou colocar a vida do meu filho em perigo.

Quanto mais ele cresce, menor é o buraco negro em meu peito. E agora, estou ansiosa para olhar para meu reflexo no espelho todas as manhãs, para ouvir música e até mesmo ler alguns livros para que possa estabelecer qualquer tipo de conexão com ele.

Os lábios de Luca se torcem. — Parabéns estão em ordem, eu acho.

— Em vez de me dar os parabéns, me ajude a deixar Adrian.

— Não. Ainda não.

— Por que não?

— Porque eu preciso de olhos nele. Você não pode deixá-lo ainda.

— Luca... — Minha voz falha. — Como você pôde dizer isso?

— Você vai me agradecer por isso mais tarde, quando souber a verdade.

— Ele abre a porta da cabine e me lança um olhar interrogativo por cima do ombro. — Cuide-se, Duquesa. Ninguém mais vai fazer isso por você. Não eu e definitivamente não o psicopata insensível do Adrian.

E com isso, ele sobe pela janela e pula. Suas palavras flutuam atrás dele muito tempo depois que ele se foi, estabelecendo um peso no fundo do meu estômago.

— Sra. Volkov? — Yan chama, e quando eu não respondo, ele segue com um urgente. — Estou entrando.

Eu me endireito, saindo da cabine enquanto Yan quase arranca a porta das dobradiças. Ele entra e seus olhos críticos me estudam mecanicamente.

— Você está bem?

— Por que eu não estaria? — Eu escondo meus tremores com um sorriso.

— Eu pensei ter ouvido vozes.

— Deve ser de fora. — Eu aponto para a janela que Luca deixou aberta.

Yan vai até lá com passos decididos, inspeciona, então estreita os olhos antes de fechar.

Quando ele se vira para me encarar, toda a sua indiferença e comportamento brincalhão se foram. — Vou fazer uma pergunta e quero sua honestidade, Lia. Alguém estava aqui?

— Não, — eu digo com uma convicção que não sinto, esperando que ele acredite em mim.

Ele dá um breve aceno de cabeça e me precede em direção à porta. Eu não suspiro. Não então, não depois de chegarmos em casa, e certamente não quando Adrian continua me observando a noite toda como se eu fosse seu animal de estimação feito sob encomenda, preso sob seu polegar.

Luca estava certo. Tenho que cuidar de mim mesma, e isso inclui sobreviver a Adrian até que possa escapar dele. Se isso significa que

preciso fornecer a Luca qualquer fragmento de informação sobre meu marido, que seja.

Capítulo Trinta

Adrian

Seis meses depois

O som de choro preenche o ar enquanto a parteira se agita ao redor de Lia e algumas enfermeiras enxugam o suor de sua testa.

— É um menino lindo, — a parteira anuncia com um sorriso suave que desaparece ao encontrar meu olhar e reaparece quando ela dirige sua atenção para Lia.

Minha esposa libera o aperto de ferro que manteve em minha mão durante todo o processo de parto. Suas unhas furaram minha pele com a força de sua dor e gritos. Não há nada que eu queira fazer mais do que tirar essa dor para mim e aliviá-la dela. Ter seus arranhões e garras na minha pele não é nada comparado ao que ela passou. Ela estava radiante durante os meses de gravidez, contando os dias e riscando-os de seu calendário até o dia em que conhecesse seu filho.

Tentei ignorar que ela nunca o chamou de nosso filho ou nosso bebê, ou que nunca se referiu a ele como nosso. Como se, de certa forma, ela tolerasse a mim e a esse casamento apenas pela criança. E embora eu tenha tentado deixar isso passar, não gostei. Não gosto que ela esteja me

apagando lentamente desde o casamento. Considerando a maneira como tudo começou, eu dei a ela alguma margem de manobra, contente em tê-la ao meu lado todas as noites e sabendo que ela está segura e minha pra caralho.

No entanto, não importa o quanto ela se desfaça em torno de mim, ela nunca mais me deixou ouvir sua voz. Assim que eu saio dela, ela me dá as costas e se move para a beira da cama. Isso não me impede de abraçá-la por trás, mas enquanto ela dorme em meus braços, ela ainda se contorce todas as noites, ainda tenta se afastar de mim. O que nunca vai acontecer. E não é só por causa da criança. Por mais que eu seja uma merda de escória por usar meu próprio filho, sua existência é apenas uma consequência de mantê-la ao meu lado.

Em que você é diferente de sua mãe psicopata? Eu posso ouvir Yan me castigando, e eu empurro ele e sua voz repulsiva para fora da minha cabeça.

Ao contrário da minha mãe, não vou machucar meu filho para meu próprio ganho. Se qualquer coisa, eu vou queimar o mundo se alguém chegar perto dele ou de sua mãe. Todos os resquícios de angústia desaparecem do rosto de Lia, substituídos por uma expressão suave e admirada. Novas lágrimas escorrem pelo seu rosto, mas ela parece mais feliz que eu a vi desde antes de quebrar a perna. Ou talvez nunca.

A enfermeira coloca cuidadosamente o bebê nos braços e Lia o segura suavemente, os lábios se abrindo e depois fechando, aparentemente sem palavras. A criança para imediatamente de chorar quando sua mãe o puxa

contra o peito nu, coberto apenas por um lençol. Mesmo que a enfermeira o tenha enxugado, ele ainda está coberto de gosma e sangue. No entanto, Lia não parece se importar com isso enquanto sorri para ele em meio às lágrimas. — Olá, meu lindo anjo.

Seus pequenos dedos se fecham em punhos, descansando em seu esterno, e seus olhos se movem por trás das pálpebras fechadas como se ele pudesse reconhecer sua voz. Ela passou toda a gravidez conversando com ele, fazendo-o ouvir música e dançar devagar, porque ela queria que ele fosse leve. Ela até saiu do seu caminho e leu para ele, quando eu sei que ela odeia.

— Como você quer chamá-lo? — A parteira me pergunta com uma voz assustada.

Depois que ordenei que Kolya fechasse todo o andar para Lia dar à luz, presumo que todos no hospital saibam quem eu sou. Este é um dos raros negócios legítimos da irmandade. Embora muitos saibam que somos donos, eles realmente não conseguem nos conhecer, exceto em casos como este. Eu poderia ter pedido que fizessem o parto em casa, mas queria que ela recebesse os cuidados de que precisava o mais rápido possível em caso de complicações.

Desde o momento em que soube que Lia estava grávida, tenho estudado gravidez e parto mais do que qualquer coisa na minha vida, então estou bem ciente das possíveis complicações. Eu posso ter sido um pouco obsessivo sobre isso a ponto de Lia certa vez resmungar que eu sei mais sobre isso do que ela mesma.

— Como você quer chamá-lo, *Lenochka*? — Eu pergunto.

Seu olhar desliza dele para mim, seus olhos lacrimejantes brilhando. —
Você vai me deixar nomeá-lo?

— Sim.

— Tem que ser um nome russo?

Eu coloco uma mecha de cabelo úmido atrás de sua orelha e sou grato por ela não recuar como toda vez que tento tocá-la fora do sexo. — Não, se você não quiser, não.

— Não vai fazer... Sergei ficar bravo? — Sua respiração fica presa. Ela o viu uma vez desde aquele dia, durante o aniversário de sua sobrinha-neta, porque ele fez um grande alarido sobre isso e me mandou trazê-la.

Ela estava grávida de cinco meses na época e ficou quieta como ele gosta. Ela estava envolvida em suas atividades de caridade, então parecia menos presa e mais inclinada a se comportar da melhor forma com os membros da irmandade. Além disso, ela estava mais interessada em deixar aquele lugar assim que eu estivesse pronto.

— Sergei não me diz como nomear meu filho.

Ela o encara, mordendo o lábio inferior, e odeio esse gesto. É como ela se silencia de mim, lenta mas seguramente construindo uma parede ao seu redor.

— Jeremy, — ela murmura.

— Jeremy?

— Sonhei com isso há algumas semanas. Eu estava dançando no jardim com um menino de quatro ou cinco anos chamado Jeremy. — Ela sorri, embora esteja misturada com tristeza. — Ele se parecia tanto com você.

E ela odeia isso. Ela não gosta do fato de seu filho se parecer comigo.

— Jeremy, então. — Eu mantenho minha frustração longe da minha voz. Embora seja difícil para a maioria das pessoas esconder suas emoções, aprendi com meus pais perturbados como aperfeiçoar isso.

— Obrigada. — Lia sorri para mim, depois para ele, e ele se agita um pouco antes de seu choro estridente encher a sala. Ela murmura para ele, mas ele não para de ter um ataque.

Uma enfermeira com pele preta e cabelo encaracolado aparecendo por baixo de sua touca está ao lado de minha esposa. — Você vai amamentar ou usar fórmula?

— Ela está cansada, — eu digo. — Ela deveria descansar.

— Não. Eu quero amamentar. — Lia abaixa o lençol, revelando seus seios fartos e os mamilos inchados e rosados que mudaram visivelmente no último trimestre.

Eu provavelmente não deveria pensar neles como eróticos quando estão nesse estado para o bebê, mas ainda assim.

Manuseando Jeremy com cuidado, Lia coloca sua boca em um mamilo e a natureza segue seu curso enquanto ele o chupa. Lia acaricia sua cabeça e a beija suavemente, com cuidado, como se tivesse medo de machucá-lo. — Mamãe te ama muito, meu anjo.

A enfermeira sorri com aparente admiração enquanto cobre Lia.

Eu me sinto como um intruso observando a união entre mãe e filho, e algo em meu peito dói. É provavelmente o menino patético em mim que pensei ter esmagado há muito tempo. Minha própria mãe nunca olhou para mim como Lia olha para Jeremy. Eu só tive esse carinho de tia Annika, e até ela foi brutalmente arrancada da minha vida.

Isso é o que acontece com pessoas como eu. Nunca conseguimos nada de bom. É uma vingança por todas as merdas que fizemos em nossa vida. Ficamos assim por um tempo enquanto a enfermeira limpa Lia antes de cobri-la com um edredom mais grosso. Jeremy logo adormece e, quando a enfermeira tenta levá-lo embora para que ela possa descansar, Lia balança a cabeça.

Sento na cama ao lado de Lia e ela enrijece quando eu envolvo meu braço em volta dos dois.

— O que você está fazendo? — Ela sussurra.

— O que parece que estou fazendo? Eu estou fazendo parte desta família.

Ela franze os lábios, mas em vez de responder para mim, ela se concentra em Jeremy, que acabou de soltar seu seio, seus pequenos lábios se movendo em seu sono. Meu telefone vibra no bolso e eu o pego, distraidamente rejeitando a ligação de Kolya para se concentrar em minha esposa e filho.

Eu gosto disso. Minha esposa e meu filho.

Kolya liga novamente, e eu sei que ele não faria isso duas vezes seguidas, a menos que algo aconteceu. Eu respondo. — O que é?

Ouçõ o som de tiros ecoando de sua extremidade. — Os Rozettis estão aqui, chefe, e eles querem vingança por aquela morte no clube de Lazlo.

Porra.

Eu me levanto e coloco um cobertor grosso em volta de Lia. Ela geme, suas pupilas crescendo em pires enquanto ela segura Jeremy mais perto dela.

— Qual saída é segura? — Eu pergunto a Kolya.

— UM. Yan e Boris estão a caminho de você.

— Quantos?

— Um maldito exército, chefe. Eles sabiam que esta seria a oportunidade perfeita.

— Quantos estão com você?

— Seis, mas posso controlar até que chegue o reforço.

— Me mantenha atualizado.

Enfio o telefone no bolso e pego um fone de ouvido que meus guardas usam para comunicação interna e prendo-o no ouvido. Depois de ligar para conectar a Yan, pego minha arma e aperto o cobertor em torno de Lia e Jeremy de olhos arregalados, em seguida, carrego-os em meus braços.

Os rostos das enfermeiras ficam pálidos, mas elas sabem que devem ficar quietas. É Lia quem ofega. — O que está acontecendo?

— Estamos sob ataque. Eu preciso que você segure Jeremy perto, entendeu?

Ela não precisa que eu diga a ela duas vezes enquanto se dobra em torno dele, protegendo-o com seu corpo.

— Chefe! — Yan entra, gotas vermelhas cobrindo seu rosto enquanto ele ofega. — Agora.

Escuto as saídas seguras pelo interfone enquanto Yan lidera o caminho e Boris cobre nossas costas. Lia treme em meus braços, seus lábios tremendo e seus olhos astutos. Esta é a última coisa que uma mulher que acabou de dar à luz deve passar, e farei os Rozettis pagarem por isso com sangue.

— Não se preocupe, *Lenochka*. — Tento deixar minha voz o mais calma possível enquanto descemos as escadas. — Eu protegerei você.

Ela nem mesmo mostra uma reação ao me ouvir enquanto segura Jeremy com as mãos trêmulas. Logo depois, chegamos ao estacionamento. Alguns homens armados nos interceptam e Yan atira em um. Lia grita, e eu miro minha arma enquanto a seguro e acerto outro filho da puta no peito.

Yan corre para o carro e nos escondemos atrás de outro até que ele o traga. Boris me cobre enquanto eu deslizo para trás com Lia e Jeremy aninhados no meu colo. Boris bate a porta e Yan já está decolando antes que o outro guarda esteja dentro.

Nossa atenção está em alerta máximo enquanto olhamos nossas costas até chegarmos em casa. Lia está tremendo incontrolavelmente por todo o caminho, com um aperto de aço em Jeremy, que surpreendentemente passou toda a provação dormindo.

Oglá está na entrada e não precisa que eu diga nada para entender a situação. Ela tem sido perspicaz desde que trabalhou para meus pais. — Vou buscar água quente e roupas quentes.

Eu subo as escadas de dois em dois degraus até chegar ao nosso quarto. Eu só solto um suspiro quando coloco cuidadosamente Lia e Jeremy na cama. Pelo menos eles estão seguros aqui. Eu vou cuidar das coisas lá fora. Minha esposa se enfia debaixo do cobertor e se encosta na cabeceira da cama. É então que noto o rastro de sangue nos lençóis.

Porra.

Eu agacho ao lado dela, pegando sua pequena mão na minha. — Você está bem? Vou ligar para o Dr. Putin.

Ela se contorce livre. — Estou bem. É apenas um sangramento normal do parto.

Minha mandíbula aperta. — Lia... o que diabos eu disse sobre se afastar de mim?

— Acabei de ver você matar outro homem a sangue frio, então me desculpe se não quero que você me toque com as mesmas mãos.

— Se eu não o matasse, ele teria matado você e Jeremy. É isso que você quer? — Minha voz aumenta com cada palavra. É a primeira vez que grito

com ela assim, e não passa despercebido quando as lágrimas não derramadas correm para suas pálpebras.

— Você espera que eu veja isso como normal? Eu nem consegui cumprimentar meu filho adequadamente.

— Você sabe quem eu sou e o que faço, então não finja que tudo isso é novidade, Lia.

— Eu nunca vou me acostumar com isso se é isso que você está insinuando. — Um soluço fica preso em sua garganta. — Uma criança não pode viver assim.

— Então o que você está sugerindo?

Uma pequena faísca ilumina o azul profundo de seus olhos. — Nós... podemos morar em outra casa e você pode vir nos visitar, se quiser. Podemos ser normais.

Uma risada sem humor explode de mim, uma que a faz enrijecer. — Eles já sabem quem você é. No momento em que você sair por aquela porta, você será assassinada ou sequestrada e estuprada para chegar até mim. Você é minha esposa e isso significa que você pertence ao meu lado. Então, você nunca e quero dizer, *porra, nunca*, pense que pode ficar longe de mim.

Uma batida soa na porta, e leva tudo de mim para dizer em um tom seminormal.

— Entre.

Ogla entra com vários suprimentos e eu saio sem lançar outro olhar para Lia. Se eu fizer isso, vou ensiná-la onde ela realmente pertence, mas não posso fazer isso quando outros assuntos são mais urgentes. Confio em Ogla para cuidar dela, mas voltarei o mais rápido possível.

Meu sangue ferve com coisas completamente diferentes. Um, a crença tola de Lia de que ela poderia viver longe de mim, o que significa que ela está pensando em me deixar o tempo todo. Dois, os desgraçados que pensaram que seria uma boa ideia atacar minha esposa e meu filho.

Com a arma na mão, clico no fone de ouvido. — Kolya.

— Sim chefe.

— Onde você está?

— Fazendo uma limpeza desagradável.

— Você se livrou deles?

— Todos menos dois.

— Traga-os para a casa de hóspedes. — Vou gostar de torturar as respostas desses filhos da puta antes de matar seu chefe. Se necessário, vou convencer Sergei a começar uma guerra total contra eles. Lazlo me apoiaria.

— Um deles falou, — diz Kolya.

— Já? — Não escondo a decepção por Kolya estragar minha diversão.

— Ele é um filho da puta Spetsnaz.

– Por que os Rozettis contratariam Spetsnaz?

– É isso aí, chefe. Não acho que todo o sucesso foi orquestrado pelos Rozettis. Eu suspeitei no início, mas havia muita mão de obra para o nível deles.

– Então quem é?

– Ele diz que seu empreiteiro nunca mostrou sua identidade. Eles fizeram uma transação em algum aplicativo.

– Mercenário?

– Eu acredito que sim.

Porra. Eles realmente escolheram o pior dia para tentar me assassinar.

– Traga ele e o outro aqui.

– Claro, chefe.

Eu geralmente não me divirto com a tortura, mas vou aproveitar cada fodido segundo para fazer aqueles idiotas falarem antes de matá-los. Ninguém ameaça minha família e vive. Eu paro nessa linha de pensamento. Após a morte de tia Annika, eu me considerava sem família. Esta é a primeira vez que sinto que tenho uma família novamente. Lia e Jeremy. Se eu tiver que destruir o mundo e tudo nele para mantê-los seguros, que seja.

Capítulo Trinta e Um

Lia

Eu balanço Jeremy em seu berço, sorrindo para sua forma adormecida. Seu pequeno punho está enrolado em torno do meu dedo indicador e o outro está descansando perto de seu pescoço. Ele é tão pequeno e macio e a coisa mais linda que eu já vi. Ele cheira a bebê, verão e lembranças felizes.

Já se passaram cinco semanas desde que ele veio a este mundo e, às vezes, ainda não consigo acreditar que dei à luz este pequeno humano que se parece com o mais puro dos anjos. Os eventos em torno de seu nascimento são o assunto dos meus pesadelos, no entanto. Todos os dias, acordo suando frio, imaginando Jeremy se afogando em uma poça de sangue.

O pesadelo recorrente é semelhante ao que eu costumava ter sobre quebrar a perna antes de acontecer. Meu subconsciente está me dizendo algo, e eu serei amaldiçoada se não impedir desta vez. Embora eu tivesse uma forte conexão com Jeremy quando estava grávida, no momento em que o segurei em meus braços pela primeira vez, algo dentro de mim mudou. Estou pronta para massacrar o mundo e todos nele para mantê-lo seguro.

Isso é diferente de como eu me sentia em relação ao balé. Enquanto esse era meu sonho, Jeremy é minha carne e sangue. Minha conexão com ele é mais visceral, e eu me sacrificaria em um piscar de olhos para proteger seu corpo minúsculo. Yan disse que os atacantes estão pagando pelo que fizeram. Eu não tive que perguntar a ele como. Eu vi Adrian matar alguém e ele não hesitaria em acabar com os outros. De acordo com Yan, que obviamente estava tentando me acalmar, o ataque foi normal. Adrian é frequentemente ameaçado por assassinos, mas eles nunca vencem.

Normal.

Nada disso é normal pra caralho. Adrian pode considerar ser caçado para ser morto normal, mas é diferente para mim e Jeremy. Não nos inscrevemos para esta vida. Além disso, Adrian só pode escapar da morte por um certo tempo antes que ela o alcance. O rosto de Jeremy se contorce como se ele estivesse ouvindo o pensamento sinistro que tenho sobre seu pai e eu arrulho para ele voltar a dormir, meu próprio peito apertando com a ideia de Adrian morrer.

Mas isso não é esperado com seu estilo de vida?

Ainda assim, às vezes, eu me encontro segurando a esperança de que ele de alguma forma desafie as regras da natureza e permaneça vivo. Que, como ele prometeu, ele nos protegerá. Mas o fato é que não há nada que nos proteja dele. Adrian sempre será Adrian, fazendo inimigos e formando vinganças. Talvez um dia, eu acorde e encontre um exército de assassinos no jardim da frente.

Jeremy e eu seremos apenas o dano colateral de uma de suas tentativas de assassinato. A porta se abre suavemente em sincronia com meus pensamentos. Eu não tenho que me virar para saber quem é. O afrouxamento dos meus músculos e o cheiro de couro são o suficiente para denunciá-lo.

Tornou-se tão difícil enrijecer perto dele, fingir que estou incomodada com seu toque quando, na verdade, sua presença desperta um desejo escuro e carnal dentro de mim. Não ajuda que ele não me fode desde algumas semanas antes do nascimento de Jeremy. Ele caiu em mim antes do nascimento e me fodeu com o dedo, mas ele não me tocou desde então. Pelo menos não sexualmente. Nem mesmo quando o ginecologista obstetra nos disse há alguns dias que eu estou bem para fazer sexo.

Acho que ele ainda está bravo com a forma como pedi que ele deixasse Jeremy e eu morarmos separados. Mas mesmo em sua raiva, ele ainda me pega por trás todas as noites. Ele me diz para voltar a dormir quando Jeremy acorda no meio da noite. Ele até diz que eu deveria bombear um pouco do meu leite materno para não ter que me levantar quando Jeremy estiver com fome.

Nunca esperei ver esse lado de Adrian, ser pai. Mas Jeremy é a razão pela qual ele se casou comigo em primeiro lugar. Meu anjinho é a única linha que nos conecta. Mas não por muito. Meu marido envolve seus braços em volta de mim, suas mãos espalmadas na minha barriga enquanto ele descansa o queixo no meu ombro. Prendo minha respiração, mas a

necessidade de ar me obriga a inalar seu perfume masculino e dar as boas-vindas ao calor de seu corpo.

— Já está dormindo? — O estrondo de sua voz cansada dispara direto no meu peito e outra parte faminta de mim.

Adrian tem trabalhado sem parar ultimamente e até mudou o sistema de segurança da casa nos últimos dias.

— Ele simplesmente adormeceu, — murmuro, meio para não acordar Jeremy e meio porque a proximidade de Adrian está me bagunçando muito mais do que eu gostaria de admitir.

— Ele está apenas armazenando sua energia para acordar como uma bola de demolição mais tarde. Ele puxou você.

Eu inclino minha cabeça para encontrar seu olhar. Ele parece tão robusto e bonito, mas o diabo é sempre lindo, não é? — Eu?

— Você faz isso às vezes, fica em silêncio até explodir.

— Isso não é verdade. Talvez ele pareça com você.

— Eu quero que você saiba que eu era uma criança muito obediente, Sra. Volkov.

Eu engulo. Embora estejamos casados há quase um ano, o som do meu nome de casado ainda me dá uma sensação estranha que não consigo identificar.

É preciso tudo em mim para arrancar meu olhar dele e me libertar de seu domínio hipnótico. — Como é que eu não acredito nisso?

— Você pode perguntar a Kolya. Eu fui um bom menino.

Eu zombo.

— O que? — Ele parece quase ofendido.

— Só acho difícil pensar em você como um bom menino.

— Mmmm. E quanto a você?

— Quanto a mim?

— Você foi uma boa menina, *Lenochka*? — A queda repentina em sua voz faz minhas entranhas estremecerem e meus membros tremerem. Provavelmente nunca haverá um dia em que eu pare de responder a ele dessa maneira carnal.

— Eu era selvagem.

— Selvagem, — ele reflete. — Eu gosto disso.

— Minha mãe não concordaria com você. Ela teve que me perseguir por toda a propriedade para finalmente me pegar.

— Então você foi travessa?

— Eu acho.

— Você ainda é travessa?

— Às vezes. — Minha voz está muito abafada, muito ofegante.

— Mmmm. Talvez eu deva ver por mim mesmo. — Seus dedos envolvem meu queixo e o angulam. Seus lábios quentes caem para o meu

pescoço e eu estremeço quando ele dá beijos na pele sensível antes de mordê-la na boca e chupá-la.

Eu instintivamente inclino minha cabeça para o lado, dando acesso a ele. Ele mordisca meu pulso e eu suspiro. *Putá merda.*

Esqueci o quanto é excitante quando ele adora meu pescoço desse jeito, banqueteadando-se com a essência da minha vida como se precisasse senti-la latejar sob seus dentes. Sua outra mão levanta minha saia e eu solto um suspiro despedaçado quando seus dedos me seguram através da minha calcinha molhada.

— Vejo que você é travessa, esposa.

Eu seguro o pulso de sua mão que está vagando por baixo da minha saia, mas não é para detê-lo tanto quanto para controlar minha reação a ele. Ele está apenas me segurando e eu sinto que vou explodir. Eu fui tão devassa por ele todo esse tempo?

— Adrian... — eu expiro.

— Nem pense em me rejeitar esta noite, Lia.

— Não é isso...

— Bom. Porque esperei tanto para foder sua boceta e enchê-la com meu esperma.

Suas palavras me deixam em um frenesi, tanto por causa da urgência nelas quanto por sua conversa suja que sempre me torce em nós. Adrian aperta minha calcinha em um punho e eu balanço minha cabeça.

— Adrian... não rasgue essa...

— Mas você gosta quando eu as rasgo. — E com isso, ele puxa o tecido de algodão, enviando-o em pedaços.

Ele tem razão. Eu gosto disso e da pequena explosão de estimulação que isso cria em meu núcleo. Ele provoca meu clitóris, e eu não duro dois segundos. Eu deixo minha cabeça rolar para trás contra seu ombro quando a onda repentina, mas breve, me envolve e me leva para baixo.

— Isso. Boa menina.

— São os hormônios, — eu ofego.

Um brilho brilha em seus olhos. — Certo.

— É verdade.

— Eu disse alguma coisa?

— Você não precisa. Está escrito em seu rosto que você não acredita em mim.

— O que mais está escrito no meu rosto, *Lenochka*?

— Não sei.

— Deve estar escrito em meu rosto que vou te foder até que você grite meu nome. Em seguida, fazer isso uma e outra vez para me encher de você. Apenas... — ele murmura. — Provavelmente não vou.

Um arrepio me sacode até os ossos, e minha respiração aumenta até que é cortada e irregular.

— Eu vou te foder até de manhã. Ou mais precisamente... — ele aponta para o berço de Jeremy. — Até *Malys* acordar.

Eu grito quando ele me carrega em seus braços e passa pela porta que leva ao nosso quarto, chutando-a fechando-a atrás dele. Ele me joga na cama e segue logo em seguida como uma fera em uma missão para conquistar sua noiva. Ele nem se preocupa em tirar as roupas, apenas puxando as calças para libertar seu pau duro. Não importa quantas vezes eu veja, seu pau sempre provoca um momento de apreensão.

Quando ele separa minhas pernas, meu peito arfa tanto que acho que nunca me senti assim antes. Adrian puxa a saia para que eu fique nua da cintura para baixo, e apenas uma camisa de botão frágil cobre meus seios nus e doloridos.

Ele se ajoelha entre minhas pernas, agarra meus tornozelos e coloca meus pés em seus ombros largos. — Mantenha-os lá.

O cinza tempestuoso de seus olhos faíscam de fome enquanto ele lentamente entra em mim. A mudança no padrão normalmente áspero e sem remorso faz com que minhas costas arquem para fora da cama.

— Porra. — Ele se esforça. — Você está mais apertada, *Lenochka*.

Eu quero perguntar se isso é uma coisa boa ou ruim, mas ele não me dá a chance de falar enquanto seu pau afunda dentro de mim com uma profundidade sem pressa, me enchendo por inteira. Como antes, a mera penetração é quase o suficiente para me levar ao limite. Adrian empurra

dentro de mim em um ritmo moderado, a posição dando a ele uma profundidade rara.

Mas logo depois, sua natureza assume o comando e seus golpes se tornam mais duros, mais ásperos e com uma borda deliciosa. — Porra, eu senti falta disso. Senti sua falta, Lia.

Suas palavras, juntamente com seu toque, me deixam sem ossos. Minha boceta apertada em torno dele e cada feixe de nervos está em sintonia com ele. Adrian solta uma das minhas coxas e segura minhas pernas juntas com uma mão, dirigindo ainda mais fundo. Sua mão livre alcança entre nós e meus olhos se arregalam quando ele pressiona o polegar contra a minha entrada traseira.

Ele desliza para dentro e a resistência é real, mas também o é a explosão de prazer em meu núcleo. Quanto mais ele empurra, mais eu aperto em torno dele.

— Adrian... — eu gemo.

— Diga isso de novo.

— Adrian.

— Sim. — Seus olhos são um fogo quente à medida que seu ritmo aumenta em profundidade e ritmo.

Acho que não deve doer deixá-lo ouvir minha voz pela última vez.

— Adrian... — eu gemo. — Ahh... Adrian... — Lágrimas se acumulam em meus olhos, e não sei se são os hormônios ou o fato de que também senti falta dele ou o conhecimento de que não terei mais isso.

Eu não terei ninguém que entenda minhas necessidades carnis ainda melhor do que eu e faça todas elas se tornarem realidade. Um gemido baixo e rouco sai de seus lábios enquanto ele fala palavras curtas e afiadas em russo, provavelmente xingando.

— Você tem alguma ideia do quanto eu senti falta de seus pequenos gemidos guturais? — Ele murmura, seu sotaque mais forte do que o normal, enquanto ele empurra o polegar no meu buraco apertado. — Você vai gritar por mim quando eu reclamar essa bunda, não vai, *Lenochka*?

Minha respiração é interrompida pela maneira deliciosa e implacável como ele está me fodendo e a intrusão de seu dedo. Meus mamilos doem tanto que duas manchas molhadas se formam na camisa. Eu os cubro com a mão, mas Adrian já percebeu.

Um grunhido sai de seus lábios, soando quase animalesco em sua luxúria. — Solte.

Eu lentamente faço isso, e seus olhos ferozes observam o pano encharcado e meus mamilos protuberantes através da camisa.

— Foda-se, — Adrian respira fundo, diminuindo a velocidade para observar a evidência da minha lactação.

— São os hormônios, — murmuro, a vergonha queimando meus ouvidos.

- Eu amo os hormônios pra caralho.
- Adrian ... — Eu movo meus quadris contra ele.
- O que?
- Não... pare...

Um brilho de fome selvagem e algo mais cobre suas feições enquanto ele acelera o passo novamente. Não sei se é por causa disso ou do dedo dele na minha entrada de trás ou dos olhos nos meus seios, mas gozo com mais força desde que me lembro.

Este orgasmo é mais forte e mais longo do que antes e eu rolo meus quadris para superá-lo. Eu também não escondo meus gemidos, porque egoisticamente, esta é a memória que eu quero deixar com ele. Este momento bem aqui, de mim gemendo seu nome. Eu não quero que ele nunca se esqueça disso ou de mim.

Adrian pragueja em russo enquanto se esvazia dentro de mim, então cai ao meu lado. Ficamos ali, ofegantes por um momento. Eu nas minhas costas e Adrian ao seu lado. Ele se apoia no cotovelo, seus olhos semicerrados se concentrando na minha camisa que está encharcada com a lactação do orgasmo. Adrian abre os botões, e meu rosto esquenta quando ele descobre meus mamilos, que ainda estão duros, com gotas de um líquido transparente vazando deles.

- Tão bagunçado, — ele brinca.
- São os hormônios, — murmuro.

- Eu deveria cuidar dos hormônios, então.
- O-O quê?
- Eles parecem doloridos. Eles estão?
- Um pouco.
- Você quer que eu alivie essa dor, Lia? Quer que eu te livre do excesso de leite?

Suas palavras são um golpe direto na minha boceta e eu aperto minhas coxas quando a única palavra sai dos meus lábios. — Sim...

Sua boca trava em um mamilo, e eu suspiro quando seus dentes mordiscam a ponta antes de chupar. Duro.

Santo inferno.

Posso sentir a pulsação entre minhas pernas. É tão perverso, mas estou estranhamente excitada por isso. Quanto mais ele morde, mais alto eu arqueio minhas costas. Quanto mais ele chupa, mais excitação reveste minhas coxas. A língua de Adrian passa pela minha aréola antes de pegar meu mamilo inchado em sua boca quente novamente e puxar com os dentes. Seus dedos apertam meu outro mamilo, torcendo e beliscando até que meu peito e barriga estejam bagunçados com a evidência da minha lactação.

Um som vibrante me assusta e eu recuo. Adrian geme enquanto libera meu mamilo com um *pop*. Minha boca se abre e minhas coxas pulsam de

necessidade enquanto observo seus lábios úmidos. *Merda*. Por que estou tão excitada com sua perversão?

Ele pega seu telefone e atende com um grunhido. — Volkov. É melhor que seja bom. — Sua expressão irritada desaparece, substituída por uma de pura contemplação enquanto ele sai da cama e se acomoda. — Estarei aí em quinze minutos.

— Algo está errado? — Eu pergunto, sentando e esperando que ele não detecte a esperança em meu tom.

— Tenho uma reunião urgente. — Ele beija minha testa. — Estarei ausente por algumas horas, possivelmente até de manhã. Me ligue se precisar de alguma coisa.

— Certo... quero dizer, eu vou.

Ele balança a cabeça, mas não comenta sobre o uso da palavra que ele tanto odeia.

— Durma bem, *Lenochka*.

Eu concordo. Acho que ele vai embora, mas então ele abaixa a cabeça e captura meus lábios em um beijo lento. Normalmente, seus beijos são intensos, tão intensos quanto ele fode e tão implacáveis, mas agora, ele está me beijando com uma paixão que atinge meus ossos. Como se ele se importasse.

Eu o beijo de volta, perdida no momento, porque parece que eu também me importo. Porra. Eu mais do que me importo.

Ele se afasta, um pequeno sorriso pastando em seus lábios. — Eu senti sua falta, *Lenochka*.

E com isso, ele se vira e sai. Eu fico olhando para a porta depois que ela se fecha atrás dele. Minha mente está atolada com a realização que tive enquanto ele estava me beijando agora. *Eu amo ele*.

Eu me apaixonei pelo diabo apesar de sua natureza monstruosa. Minhas pernas tremem enquanto eu as tiro para fora da cama. Não. Devo estar confundindo luxúria com amor. Preciso salvar a mim e ao meu bebê do perigo que ele representa. Se é amor ou luxúria, não importa, porque Jeremy e eu não estamos seguros com ele.

Leva tudo de mim para tirar minhas roupas e colocar um jeans, um moletom com capuz e um casaco. Eu fico olhando pela janela enquanto me visto. Kolya, Yan, Boris e Adrian entram no carro antes que ele saia correndo da mansão. Ele levou seus melhores guardas com ele. Bom.

Depois de me certificar de que eles foram embora, eu corro pela porta que separa meu quarto do quarto de Jeremy e o envolvo em roupas grossas e um cobertor. Eu encho minha mochila com suas necessidades e uma mamadeira do meu leite que eu bombeei antes para me preparar para isso.

Eu não poderia ter perdido a oportunidade de escapar enquanto o sistema estava sendo substituído. Normalmente, Adrian terá todos os registros dos meus movimentos à sua disposição, mas a mudança de sistema é minha única janela curta para sair daqui ilesa com Jeremy.

Levei um dia para chegar a esse plano. Vou sair pela porta dos fundos, de onde vi Oglá trazer os suprimentos da casa, e então posso pegar um avião para outro estado e ficar sob o radar para cuidar de Jeremy. Já que Adrian cuida de todas as nossas despesas e eu não tenho um aluguel com que me preocupar, minha pequena fortuna do balé permaneceu intacta. Vou usar isso para dar ao meu filho uma boa vida.

Não é o plano perfeito, mas é melhor do que nada. Eu deveria executar meu plano pela manhã após a partida de Adrian, já que ele mal passa tempo em casa hoje em dia, mas o destino está do meu lado esta noite. Depois de amarrar o porta bebê em volta de mim, cuidadosamente coloco Jeremy nele e o cubro com o cobertor.

Eu deixo meu telefone na mesa de cabeceira, já que provavelmente está sendo rastreado, então saio furtivamente do quarto. Normalmente, eu desconfio das câmeras nos corredores, mas devido à mudança do sistema, elas não estão funcionando. Eu ando em silêncio para a cozinha, observando o que está ao redor, o coração quase saindo do meu peito.

Passos soam na esquina e eu coloco minhas costas contra a parede, colocando uma mão protetora ao redor de Jeremy e batendo a outra contra minha boca. Os guardas não têm permissão para entrar, a menos que Adrian os chame, então apenas outra pessoa pode estar na cozinha tão tarde.

Com certeza, a sombra de Oglá aparece quando ela para na porta antes de seguir pelo corredor. Espero que seus passos desapareçam, então vou lentamente para a cozinha. Uma vez que está à vista, eu corro para dentro,

ignorando as batidas do meu coração. Respirando fundo, envolvo minha mão em torno da maçaneta da porta que leva para fora e viro. Quase choro de alegria quando abre.

O ar frio de novembro me dá um tapa no rosto, mas eu não poderia ter me sentido mais quente. Eu aperto o cobertor em volta de Jeremy e acelero meus passos para longe de casa.

Desde as vezes que espiei este lugar, já sei que vou me encontrar em uma cerca especial que exige um código. Eu digito os números que vi Ogla colocar milhares de vezes e o portão se abre. Eu corro para fora, meus sapatos batendo contra o concreto enquanto corro. Um grande gole de ar corre em meus pulmões quando eu inalo.

Eu fiz isso. O deixei. Eu estou *livre*.

Ninguém representará perigo para mim ou meu filho. Meu coração aperta com o pensamento do que deixei para trás, mas eu ignoro esse sentimento. Na minha adrenalina, a corrida da parte de trás da casa até a estrada não foi tão longa.

Estou surpresa ao ver um táxi logo depois de sair e aceno minha mão para ele. Tenho dinheiro suficiente para uma viagem e uma passagem de avião. Vou precisar sacar mais do meu banco, mas felizmente, posso fazer isso em qualquer uma de suas agências. Terei que ser cuidadosa com isso e provavelmente o farei em um lugar diferente de onde estou morando, para que Adrian não me localize.

O táxi passa por mim e percebo que está ocupado. Eu aceno minha mão para o próximo carro, esperando que seja um táxi também. O veículo para bem na minha frente, e meu coração quase para junto com ele quando a porta traseira se abre e meu próprio demônio sai.

Mesmo na escuridão, posso distinguir sua expressão assassina. — Vai a algum lugar, Lia?

Enquanto ele avança em minha direção, eu sei, só sei que estraguei qualquer chance que tive de liberdade.

Capítulo Trinta e Dois

Lia

Acabou. Não só meu plano de fuga falhou, mas também perdi qualquer pedaço de liberdade que Adrian pudesse ter me dado.

Uma coisa era pedir a ele que me soltasse, mas agir de acordo com isso é outra completamente diferente. Ele fará de sua missão apertar a gaiola dourada ao meu redor até que eu finalmente murche e morra.

A viagem de volta para casa é passada em silêncio. Minha mão treme ao redor de Jeremy, apesar de minhas tentativas de firmá-la. Sou grata por ele ter acordado e me ocupei alimentando-o com a mamadeira. Mas ele logo volta a dormir, deixando-me na presença cruel de seu pai.

Adrian não disse uma palavra desde que me agarrou pelo cotovelo e me conduziu para dentro do carro. Eu nem tentei lutar. Qual é o ponto agora que ele me pegou?

Eu gostaria que ele tivesse falado, no entanto. Eu gostaria que ele esquecesse sua raiva, porque se há algo que aprendi sobre Adrian durante todo esse tempo, é que suas emoções fervilham sob a superfície, especialmente sua rara raiva. Quando ele a liberar, aquele em seu caminho, eu, estará arruinado além do reparo.

Minha garganta se enche de bile devido ao tipo nauseante de medo puxando meu estômago. Até Yan balança a cabeça para mim quando saímos do carro. Eu levanto meu queixo, embora meus dentes estejam batendo. Fiz o que tinha que fazer para proteger a mim e ao meu bebê. Se eu tivesse a chance de refazer, faria tudo de novo. Não vou deixar ninguém me dizer que fiz algo errado.

Adrian me agarra pelo cotovelo e me arrasta atrás dele escada acima. Eu estremeço quando ele desamarra o suporte de bebê e um Jeremy adormecido dos meus braços, e late. — Fique aí.

Em seguida, ele caminha com o filho até o berçário. Minha garganta aperta mais a cada segundo enquanto eu removo minha mochila e casaco com as mãos trêmulas. Fico no meio do quarto como um prisioneiro esperando para ser julgado. Pensamentos sobre o que ele vai fazer comigo invadem minha mente, aumentando a cada segundo.

Posso suportar suas punições e, embora nunca vá admitir isso em voz alta, gosto da depravação delas. Mas e se a minha punição desta vez superar tudo o que ele fez para mim antes?

Tento me armar com pensamentos corajosos, mas nada, absolutamente nada pode me preparar para o olhar morto nos olhos de Adrian quando ele retorna para o quarto. O som da porta fechando corta meu peito e envia um arrepio de corpo inteiro através de mim. Ele está vestindo um casaco de cashmere preto sobre a camisa branca, mas não são as roupas que o fazem parecer mais largo e duro. É a sombra em seu rosto e a leve torção

em seus lábios, como se ele quisesse fazer alguém em pedaços com os dentes nus.

Adrian é um homem alto, enorme comparado a mim, mas agora, ele parece ter ganhado mais altura, enchendo o quarto e meu ar com sua presença implacável. Até mesmo seu rosto bonito parece o do diabo agora.

Quando ele fala, sua voz sombria e ameaçadora faz meus dentes baterem novamente. — Agora, Lia. Por que você não me diz para onde planejava ir?

Eu engulo o caroço sólido na minha garganta.

— Onde diabos você estava planejando ir? — Sua voz aumenta de volume.

Eu recuo ao mesmo tempo que levanto meu queixo. — Qualquer lugar menos aqui.

— Em qualquer lugar, menos aqui, — ele repete, meditando enquanto caminha em minha direção. Estou tentada a recuar, para escapar de sua ira, para colocar o máximo de distância possível entre nós. No entanto, meus pés permanecem colados ao chão.

Não fiz nada de errado. Se qualquer coisa, ele é o único que está errado ao expor a mim e a seu filho a esta vida quando ele sabia que estaríamos em perigo constante.

Ele para na minha frente, maior do que a vida e mais assustador também. — Você disse em qualquer lugar menos aqui?

— Não estamos seguros, — eu deixo escapar. — Eu não quero criar meu filho em um mundo onde ele pode ser morto a qualquer segundo.

— Se eu não tivesse visto você, teria encontrado seu cadáver amanhã ou teria recebido um pedido de resgate. Eu disse ou não que no momento em que você pisasse fora, você estaria morta?!

Eu me empurro com a força crescente por trás de suas palavras. Eu finalmente consigo dar um passo para trás, assustando-me quando bato na parede sólida. Adrian está em mim em uma fração de segundo, suas mãos batendo em cada lado meu. Eu posso respirar sua raiva, sua ira impiedosa, e é ainda mais assustador do que se ele estivesse me tocando.

— Responda, Lia, — ele grunhe.

— Você fez. — Eu odeio como minha voz treme.

— Aparentemente, você não ouviu, ou não teria colocado você e Jeremy na porra do perigo. Você queria testemunhar a morte dele antes de sequestrarem e estuprarem você, é isso?

— Não! — As imagens fazem a bile subir à minha garganta mais uma vez. — Eu só... eu só queria protegê-lo de... de...

— Eu?

— Da sua vida, — confesso lentamente, olhando para os meus pés.

Ele não diz nada, mas seus braços se apertam de cada lado do meu corpo, como se a tensão fosse se libertar deles. Acho que ele vai me punir agora, vai deixar minha pele vermelha, e espero que seja o fim de tudo.

Sua voz baixa enche o ar. — Você vai criar um hábito, não vai? Não importa o que eu faça para deixá-la feliz e confortável, não importa o quanto eu tente progredir conosco, você tentará escapar a cada chance que tiver.

Minha cabeça se levanta e eu balanço lentamente. Não quero que ele pense isso ou então tirará qualquer liberdade que me resta. — Adrian, eu... não vou.

— Mentirosa. Posso ver nos seus olhos, Lia. Você está com medo de mim e de como vou retaliar, mas você não para. Não até que você alcance seu objetivo.

— Adrian... por favor... por favor...

— Por favor, o que?

— Não leve tudo embora. Eu serei sufocada até a morte.

— Você deveria ter considerado isso quando planejou fugir.

— Adrian...

Ele envolve minha mandíbula com a mão em um aperto firme que me proíbe qualquer movimento. Suas mãos podem matar e mutilar, mas geralmente são quentes e gentis sempre que ele me toca. Mesmo quando ele me pune, suas mãos são firmes, mas nunca estão tão geladas como agora. — Onde eu errei, humm? Foi permitindo que você saísse? Permitindo que você trate Yan como um amigo? Eu deveria cuidar dessas duas coisas primeiro.

Uma lágrima desliza pela minha bochecha enquanto eu balanço minha cabeça novamente. — Não... por favor...

— Depois disso, vou mantê-la em um quarto e usá-la como a porra da minha puta. É isso que você quer?

O pensamento me apunhalou mais profundamente do que suas ameaças anteriores. O lado carinhoso de Adrian é a razão de eu ter conseguido superar todos esses meses. Embora o sexo tenha desempenhado um grande papel em nosso relacionamento, não é o que me manteve viva ou reduziu meus pesadelos. Não foi isso que me salvou de mim mesma após o fim da minha carreira.

Não pensei muito nisso na época, mas gostei de como Adrian cuidou de mim com atenção. Eu adorei seus cuidados posteriores e como ele sempre se certificou de que eu estivesse confortável e saciada. Como ele me abraçou todas as noites e me beijou antes de sair de casa. Foi sua maneira de me dizer que sou mais do que apenas um objeto de desejo para ele. Mas se ele tirar tudo isso, não serei diferente de uma prostituta com um anel de diamante brilhante.

E esse pensamento perfura o lugar em meu coração que chegou à conclusão de que eu o amo. Apesar de sua natureza vilã, adoro que ele tenha cuidado de mim depois da minha lesão, que continue a cuidar, mesmo depois de eu ter dado à luz. Que ele dedica tempo para estar lá para mim e conhece minhas necessidades antes que eu as expresse. Eu acreditava que ele só me queria por causa de Jeremy, mas sua atitude

nunca mudou em relação a mim após o nascimento. Na verdade, ele está fazendo o seu melhor para tirar o fardo de mim.

Uma nova torrente de lágrimas desce pelo meu rosto. — Não, Adrian, não faça isso...

Suas feições duras não diminuem. Em vez disso, elas se transformam em granito. — Eu também te disse para não entreter a ideia de ir embora, mas você fez isso, de qualquer maneira. Quem você acha que vai ganhar se seguirmos por esse caminho?

Não consigo mais controlar minhas lágrimas enquanto estou na linha de sua ira implacável. É pior do que se fosse físico porque, embora Adrian possa ser atencioso, sua verdadeira natureza é monstruosa e implacável. Ele não vai parar até que ele esmague tudo em seu caminho.

— Você *não* vai escapar de novo, Lia.

Eu aceno freneticamente, mesmo que uma parte de mim sempre queira.

— Se você fizer isso, se eu descobrir que você está entretendo essa ideia, vou trancá-la em uma porra de cela e proibi-la de ver Jeremy, nunca mais o verá. Ele será criado por outra pessoa e você perderá todo o acesso a ele.

— Não... não... — eu soluço. — Isso não... não tire Jeremy. Ele é minha única luz.

— Então, porra, não faça uma manobra como essa de novo.

— Certo, quero dizer, tudo bem. Eu não vou.

Ele dá um passo para trás e eu respiro fundo, mas sua raiva não diminui. Na verdade, parece ter subido à superfície, ameaçando destruir tudo em seu caminho.

— Você... vai me punir agora?

— Se eu fizer alguma coisa no meu estado, vou cortar a porra da sua pele, então não, não vou tocar em você quando estiver com raiva, Lia. — Ele solta um longo suspiro, balança a cabeça como se estivesse desapontado, então se vira e sai.

A porta se fecha atrás dele com uma finalidade que ecoa por meu interior vazio. Eu deslizo para o chão, me juntando aos pedaços quebrados do meu coração que estão lá. Eu bato a mão no meu peito como se isso fosse impedir a lenta desintegração do meu coração. Como se isso fosse curar a ferida aberta que Adrian acabou de deixar em minha alma. Ele sempre foi escuro, mas havia pelo menos alguma luz quando se tratava de mim. Agora, aquela luz se foi, e tudo o que resta são suas trevas.

Um soluço sai da minha garganta, porque eu sei, só sei que perdi uma parte de Adrian esta noite.

A parte pela qual me apaixonei.

Capítulo Trinta e Três

Adrian

Eu bato meu dedo contra minha coxa enquanto olho para fora da janela do meu escritório. A visão na minha frente me dá uma vontade de cortar alguém.

Ele, de preferência.

Lia está sentada no jardim, segurando Jeremy e sorrindo enquanto fala com ele. Então, ela direciona aquele sorriso para o filho da puta do meu guarda, Yan. O bastardo dá a ela um sorriso cheio de dentes enquanto acena para Jeremy. Já se passaram dois meses desde que Lia tentou escapar. Dois meses de paranoia constante de que ela faria isso de novo e desta vez teria sucesso.

Proibi ela de sair depois dessa façanha, mas só posso fazer isso por um certo tempo antes que sua depressão volte e ela precise respirar. Ainda assim, não posso deixar de pensar que um dia, não vou ser cuidadoso o suficiente, não vou olhá-la com força o suficiente e ela vai desaparecer no ar.

É por isso que permiti que Yan se aproximasse dela, mesmo que isso me coloque no constante humor para matá-lo. Eu pensei que se ele a vigiasse o tempo todo e formar algum tipo de amizade com ela, ele saberá quando ela

planeja ir embora. Ele pode não concordar com todas as minhas decisões sobre ela, mas ele também não quer que ela vá embora. Ao contrário dela, ele sabe que o que a espera lá fora é muito pior do que aqui.

Ela está segura sob meu teto, onde ninguém ousaria tocá-la, não importa o quanto os anciãos da irmandade a desaprovem. Ser minha esposa dá a ela uma imunidade que ela não conseguirá encontrar em nenhum outro lugar do mundo. No entanto, houve um pequeno erro de cálculo da minha parte em relação a Yan. Ou melhor, um equívoco. Eu pensei que poderia lidar com vê-los se aproximando. Isso está longe da realidade.

Cada vez que ele está por perto, minha cabeça se enche de pensamentos assassinos que ficam mais criativos a cada dia que passa. Eles se tornam mais brutais sempre que ela sorri para ele, como agora. O fato de que ela raramente me oferece seus sorrisos mais, mas os dá tão livremente para Yan me dá nos últimos nervos. Talvez eu deva mandar o filho da puta de volta para a Rússia.

Alguns treinamentos Spetsnaz fariam bem a sua personalidade. Se ele morrer lá, tudo bem. *Que pena.*

— Senhor.

— Hmm? — Eu libero um ruído distraído na voz de Kolya enquanto continuo a olhar para Lia e Yan. Até Jeremy, meu filho traidor, está rindo dele.

— Não faça isso.

Eu paro minha batida e olho para o meu segundo em comando sentado na minha frente com seu laptop apoiado em suas coxas. — Não fazer o quê?

Ele faz uma pausa e responde. — Matar Yan.

— O que te faz acreditar que estou pensando em matá-lo?

— A maneira como você o encara.

— Eu não estava pensando em matá-lo.

— Não?

— Não. O Spetsnaz cuidará disso. Qual é a unidade mais implacável que existe?

— Você tem coragem de se livrar dele?

— Se ele continuar me dando nos nervos, sim.

— Ele está apenas fazendo amizade com ela, por suas ordens, senhor.

— Eu nunca ordenei que ele sorrisse para ela.

— Se ele for estoico, ela nunca se abrirá com ele.

— Continue defendendo o filho da puta, Kolya, e seu futuro Spetsnaz se tornará uma realidade mais cedo ou mais tarde.

— Você não pode mandá-lo embora e você sabe disso, senhor.

— Claro que eu posso.

— E deixar a Sra. Volkov sozinha?

- Ela não está sozinha. Ela me tem.
- Você trabalha o tempo todo. Além disso, você não é falador o suficiente para o gosto dela.
- Eu posso ser falador.
- Sem ofensa, senhor, mas não, você não pode. Deixe Yan preencher essa lacuna. Ela precisa de uma amiga e você sabe disso.

Meus lábios se torcem em desaprovação. Não gosto quando Kolya está certo. Uma das razões pelas quais eu permiti que ela ficasse perto de Yan em primeiro lugar é porque ela é uma alma solitária que precisa de um amigo, alguém com quem ela pode se sentir à vontade.

Embora eu prefira que ela fale comigo, isso não é possível ultimamente, depois que eu gritei com ela por tentar ir embora. Embora ela se desfaça em volta do meu pau, boca e dedos todas as noites, ela ainda está com medo e desconfiada de mim. Ela conta todos os seus movimentos e palavras, e até mesmo suas respirações malditas ao meu redor agora.

Eu encontro o olhar de Yan através da janela e aceno para ele entrar. Ele diz algo para Lia e ela me encara, seu sorriso desaparecendo e seus lábios se separando antes de abaixar a cabeça e voltar a se concentrar em Jeremy.

Levantando, fecho as venezianas. Logo depois, Yan bate na porta antes de abri-la e entrar. No momento em que ele entra, eu o agarro pela garganta e o bato contra a parede. Ele ofega, suas mãos instintivamente envolvendo meus pulsos, mas ele logo as deixa cair quando encontra

minha expressão assassina. Kolya abandona seu laptop na cadeira e vem para o nosso lado, mas ele é inteligente o suficiente para não interferir.

— Você não está ficando muito aconchegante, Yan? — Eu pergunto com uma calma enganosa.

— Não senhor, — ele administra através do meu aperto forte.

— Bom. Caso você tenha esquecido, sua única missão é vigiá-la, não ficar muito aconchegante com ela.

— Foi você quem me disse para fazer amizade com ela.

— Você acabou de me responder, porra?

— Apenas afirmando fatos.

— Aqui está uma curiosidade para você, se eu pegar você sendo aconchegante com ela, vou esmagar sua traqueia. Ou melhor ainda, vou enviar você para os Spetsnaz para que eles possam fazer as honras.

Quando ele balança a cabeça, eu o liberto com um empurrão. Ele recupera o fôlego, massageando o pescoço enquanto me encara. — Se você me mandar para o Spetsnaz, Lia vai ficar triste.

— Cale a boca, Yan, — Kolya repreende.

Eu inclino minha cabeça para o lado. — Que porra você acabou de dizer?

— Eu sou o único com quem ela se abre... depois de você, é claro.

Eu estreito meus olhos para ele.

— Eu só estou lá para ela. Não leve embora, chefe. Eu prometo nunca tocá-la.

— Isso é porque se você fizer isso, vou quebrar sua mão.

— Eu preciso da minha mão, então nunca faria isso a menos que fosse absolutamente necessário.

— E não sorria para ela.

— Isso seria impossível. Eu não sou você, chefe. Eu não consigo parar de sorrir quando ela faz isso... — ele para quando eu olho para ele. — Mas eu vou tentar.

— Seu futuro depende de como você se comporta.

Ele resmunga uma resposta e eu desvio minha atenção dele. Eu provavelmente deveria encerrar o dia, colocar Jeremy para dormir e ter Lia só para mim. Acredito que com o tempo, ela vai esquecer a ideia de ir embora. Mais cedo ou mais tarde, ela vai perceber que seu lugar é comigo e com nosso filho.

Capítulo Trinta e Quatro

Lia

Quatro anos depois

A vida nunca mais foi a mesma depois daquela noite. Eu tinha razão. Perdi uma parte de Adrian. No início, eu queria consertar, dizer a ele que não era ele que eu odiava, era o que ele representava. Que a sobrevivência de mim e do meu bebê veio antes de quaisquer sentimentos que desenvolvi por ele.

Mas meu orgulho me proíbe disso. Ele passou semanas me evitando, nem mesmo comendo comigo até que sua raiva diminuiu e ele voltou para o meu lado.

Nossa vida sexual ainda é tão louca quanto quando começamos. Ele ainda me chicoteia, espanca e me amarra na cabeceira da cama. Ele ainda me leva rudemente e coloca meu prazer em primeiro lugar. Mas não há mais aquele tom levemente malicioso ou conversa suja. Ele apenas nos dá o que precisamos e geralmente passa a noite trabalhando.

Ele parou de me abraçar para dormir quando me afastei dele. Uma vez, eu estava tão faminta por seu afeto que me virei e fingi me aconchegar nele durante meu sono. Ele não me abraçou de volta. Mas ele também não me

afastou, então sempre que sinto que vou explodir, eu faço isso. Adrian ainda tem os melhores cuidados posteriores e sai do seu caminho para se certificar de que estou confortável, mas é mais mecânico agora. Costumava sentir como se ele gostasse de cuidar de mim, no entanto, agora, parece um dever. Minha forma de rebelião está abafando minha voz. Quando eu fazia isso antes do nascimento de Jeremy, Adrian costumava exigir ouvi-lo. Ele costumava me chicotear e me levar à beira do orgasmo, então eu dizia algo. Agora, ele parece contente por eu estar muda.

Quase não conversamos e, quando o fazemos, geralmente é sobre Jeremy. Meu anjinho se tornou a única razão pela qual acordo todas as manhãs. Certo. Isso é uma mentira. Uma pequena parte de mim, a parte que nunca se apaixonou por Adrian, ainda espera que hoje seja melhor, hoje Adrian vai confiar em mim.

Mas eu não confiaria em mim se fosse ele. Ele sabe que eu quero ir embora, e embora eu não tenha tentado escapar de novo por medo de sua ira, Adrian não é um idiota. Ele está bem ciente de que, se eu tiver a chance, vou embora. Ele me impediu de ir a esses eventos de caridade por meses, provavelmente pensando que eu iria embora, de qualquer maneira. Quando comecei a ter pesadelos e a cair em um buraco depressivo alguns meses depois, disse a ele que queria sair e, surpreendentemente, ele não lutou comigo por isso.

Voltando ao meu trabalho de caridade, pude me encontrar com Luca no banheiro, mas apenas por curtos intervalos. Eu realmente não tinha nenhuma informação importante para ele, porque Adrian é um forte. Nas

poucas vezes que ele me levou às reuniões da irmandade, ele me tratou como se eu fosse uma pedra irritante em seu sapato. Odeio o Adrian da Bratva. Que Adrian se sente uma pessoa completamente diferente, um coração frio que não dá a mínima para mim.

Eu odeio a irmandade e todos nela também, exceto talvez Rai, que nunca me tratou como se eu fosse uma peste. Eles me desprezam porque tomei o lugar de direito de Kristina Petrov. Eles acham que enganei Adrian para que se casasse comigo ao engravidar, que sou uma garimpeira desavergonhada e sem origens notáveis. Adrian nunca negou isso, e não tenho estado de espírito para me defender quando ninguém acredita em mim.

Parte do motivo pelo qual continuo a encontrar Luca é porque preciso de algum tipo de amigo, alguém com quem possa me sentir como antes. Ele sabe que provavelmente não vou lhe dar nada, mas talvez ele também goste de me ver. Eu nem penso mais na mamãe. Eu sei que Luca não vai me dar essa informação a menos que eu entregue Adrian completamente. Esse canto tolo do meu coração se rebela contra essa ideia e não é apenas por causa dos meus sentimentos estúpidos em relação a ele. Também é porque ele é o pai de Jeremy.

Meu filho ama muito o pai. Quando meus episódios de depressão atingem e não consigo sair da cama, Adrian o leva para fora e brinca com ele. Além disso, se Adrian se for, Jeremy e eu estaremos condenados. Eu percebi ao longo dos anos quanto poder ele detém. Não só na irmandade, na qual todos o respeitam, mas também entre todas as outras organizações

criminosas que olham para Sergei com inveja por ter alguém como Adrian com ele.

Talvez seja por isso que as palavras de despedida de Luca no outro dia estão me incomodando. Depois de nossa reunião habitual no banheiro, ele foi evasivo, e quando perguntei se havia algo errado enquanto ele estava saindo, ele me disse. — Não é nada com que você deva se preocupar. Eu cuidarei disso. — Então, ele estava fora da janela antes que eu pudesse perguntar a ele o que é 'isso.'

Pode ser por causa disso ou do fato de que não consegui colocar Jeremy para dormir esta noite, mas estive nervosa a noite toda.

Adrian me trouxe para a festa de aniversário de Mikhail Kozlov. Está sendo realizado por Sergei em homenagem a seu 'irmão' de quase cinquenta anos. Sergei com certeza gosta de dar festas para as pessoas mais próximas a ele e não se refreia.

Eu me encolho em um canto, segurando uma taça de champanhe em meus dedos rígidos. Normalmente, Rai me faz companhia, mas ela subiu na escada da V Corp e se tornou uma figurona que não tem mais tempo para mim. Adrian com certeza não fica comigo, muito menos fala comigo, quando estamos no meio de seu próprio povo. Mas acho que é melhor assim. Pelo menos ninguém presta atenção em mim até a hora de ir para casa e abraçar meu anjo.

Agarrando minha taça de champanhe, eu olho para o meu relógio, em seguida, suspiro profundamente quando vejo que são apenas oito da noite. Minha bolsa parece pesada em minha mão porque Adrian agora me faz

carregar uma arma. Depois do ataque no dia do parto, ele me treinou para atirar, mesmo quando eu disse a ele que não queria. Ele disse que o que eu quero não importa, então me fez segurar uma arma e atirar por semanas até que aprendi a usá-la.

Ele também me treinou para usar alguns movimentos de autodefesa. Adrian disse que é para quando eu precisar me defender, quando nem ele nem seus guardas estão lá. Eu nunca encontrei tal situação, já que Yan e Boris são basicamente minhas sombras. Eu odeio que Adrian esteja me forçando a carregar uma arma de destruição, mas eu descobri que ele é rígido e inabalável em questões como essas.

Posso ganhar alguns argumentos, como não ter a babá vindo todos os dias ou ser capaz de ensinar Jer em vez dos professores de russo. Na verdade, a maioria das discussões que ganho são sobre Jeremy. Ele me deixa ter liberdade para criá-lo, mas fora isso, ele está protegido desde aquela noite. Como se esperasse que eu corresse de novo. Não que eu pudesse com a segurança pesada. Além disso, a ideia de ele levar Jeremy embora me dá pesadelos malditos.

— Se não for a linda beleza escondida? — Uma voz divertida chama atrás de mim antes de Damien se juntar a mim. Logo depois, Kirill aparece do nada e fica ao lado dele.

Eu gemo internamente, mesmo quando aceno em saudação. A companhia deles é a última coisa de que preciso. Kirill está sempre tentando me interrogar sobre Adrian, e Damien parece feliz em lançar ataques em mim. No início, achei difícil acompanhar quem é quem, então

fiz um longo documento digital com a ajuda de Oglá para especificar quem é quem na Bratva. Surpreendentemente, Adrian não se importou e até disse a Oglá para me ajudar. Mas, novamente, ele espera que eu fique ao seu lado, para que ele não se preocupe comigo fazendo um arquivo educacional sobre sua organização.

— Adrian disse que você estava doente, — Kirill reflete, correndo seu olhar astuto sobre mim. — Você parece muito bem para alguém que está doente.

— Eu melhorei, — falo em voz baixa, feliz que Adrian mente sobre minha saúde o tempo todo, então eu não devo comparecer.

Mesmo que ele faça isso porque eu o envergonho, fico feliz por não ter que encontrar essas pessoas com frequência. Quando estou com Jeremy em casa ou me oferecendo como voluntária no abrigo, sinto que estou desligada deles e de suas atividades criminosas.

— Agora, Lia. — Damien sorri. — O que realmente está acontecendo? Ele está te machucando, então você não pode sair? Conte a Rai sobre isso, e ela vai ajudar, já que gosta de todas aquelas mulheres que defendem a merda de mulheres.

— Não é isso. — Estou um pouco ofendida em nome de Adrian. Ele pode ser frio e indiferente, mas é o melhor homem de família entre todos eles. Ele nunca me machucaria ou Jeremy.

Kirill ajusta seus óculos com os dedos médio e anelar. — Então, o que é?

Eu engulo o nó na minha garganta. Por mais que os tenha visto ao longo dos anos, esses dois me assustam, especialmente depois das histórias que Yan me contou sobre eles. Como Kirill estava nas forças especiais e matou mais do que qualquer um pode contar, ou como Damien espanca as pessoas até a morte se elas o irritarem. Às vezes, acho que tive sorte de pousar no radar de Adrian, não no deles. Porque passar um minuto na presença deles me deixou com coceira e inquieta.

— Ele te perguntou uma coisa, linda, — Damien insiste.

— Por que você não me pergunta?

Eu solto um suspiro ao ouvir a voz de Adrian, e olho para ele enquanto ele está ao meu lado, toda sua atenção em Kirill e Damien que não parecem felizes que sua diversão foi interrompida. Com dedos cuidadosos, levo a taça de champanhe aos lábios e tomo um gole para acalmar meus nervos. A presença de Adrian envia uma mistura de alívio e uma pontada de agonia crônica no meu peito dolorido. Emoções unilaterais são obra do diabo. Eles não apenas doem o tempo todo, mas também me mantêm esperando, sofrendo. Mesmo quando eu sei que Adrian não é capaz de retornar tais emoções.

Eu sei que ele se importa. Eu sei que Jeremy e eu significamos algo para ele, mas nunca será mais do que isso. Ele nunca vai olhar para mim do jeito que eu secretamente olho para ele quando ele não está prestando atenção. E isso dói mais do que gostaria de admitir.

O rosto de Adrian é uma máscara em branco, mas não posso deixar de admirar o olhar sereno que cobre suas feições e as bordas afiadas de suas

maças do rosto. Ele está vestindo um terno preto com uma camisa cinza claro que combina com a cor de seus olhos. Ele realmente só tem esses tipos de cores escuras em seu guarda-roupa. E por ser voluntária, meu gosto para roupas não é mais vistoso, mas mais parecido com o dele, modesto e reservado.

— Adrian. — Kirill sorri. — Estávamos dizendo a Lia como é lindo ela se juntar a nós esta noite.

— Eu pensei que você disse que ela estava doente. — Damien levanta uma sobrancelha.

— Ela obviamente não está esta noite. — Adrian mantém sua voz fria, embora seu corpo esteja ligeiramente voltado para mim.

— Você pode nos contar mais sobre a doença dela que parece ir e vir por capricho? — Kirill bate um polegar contemplativo nos lábios. — Estou curioso.

— Eu não respondo a você, Morozov, — Adrian fala arrastado. — Na verdade, é o contrário, então por que você não se vira e vai embora?

A expressão de Kirill não muda, mas um sorriso está estampado em seus lábios. — Meu deus. Isto é interessante.

— O que? — O olhar de Damien voa entre nós três. — O que é interessante? O que eu perdi?

Estou prestes a beber a taça de champanhe em uma tentativa de diminuir a tensão quando vejo de relance uma sombra se movendo ao fundo. É na minha frente, diagonalmente para o corredor que leva à

entrada dos fundos. Eu sei disso porque muitas vezes eu corri para lá para encontrar Yan e me esconder dos curiosos. O desconforto que sinto desde alguns dias atrás volta como um furacão impiedoso.

Eu cuidarei disso.

Meus olhos se arregalam com a lembrança das palavras de Luca. Não. Não me diga que ele...

Eu não tenho a chance de pensar sobre isso quando o metal brilha no canto. Eu largo minha taça de champanhe e agarro Adrian pela manga, em seguida, puxo ele para baixo para que ambos estejamos caindo contra as mesas. Um tiro soa no ar e um suspiro coletivo se segue.

O grande corpo de Adrian cai em cima do meu e seu peito duro cobre minha frente no chão. Ele pega sua arma e eu olho para seu rosto a alguns centímetros do meu. Eu apalpo seus lados, procurando mecanicamente por um ferimento. Foi tão perto, e se ele... e se ele...

Adrian agarra meu rosto, sua voz dura como a desgraça. — Você está machucada?

Eu balancei minha cabeça.

— Use sua voz, Lia.

— Não. Você está? — Ambas as minhas mãos estão cavando nas laterais de seu paletó, mas ainda quero ter certeza de que ele está bem.

— Estou bem. — Ele solta um suspiro afiado. — Como você sabia?

— Eu... eu vi uma sombra, então um brilho de metal no canto.

— Porra, Lia. Você deveria ter descido primeiro. — Seus olhos se chocam com os meus e, ao contrário dos últimos quatro anos, há fogo ali, paixão e o cuidado absoluto que pensei que nunca mais veria depois daquela noite.

Quase choro de alívio, mas a sensação dura pouco quando ele balança a cabeça, sua expressão endurecendo novamente. — Você está com sua arma?

— Uh... sim. — Está na minha bolsa que ainda está na minha mão.

— Fique aqui.

Damien e Kirill ficam de pé, correndo para onde o atirador desapareceu.

Adrian me empurra com um movimento gracioso e puxa a mesa para me esconder embaixo dela. — Yan vai chegar até você.

Ele se vira para sair, mas eu agarro sua manga, minha língua parecendo pesada na minha garganta enquanto murmuro. — Não... morra.

E eu quero dizer isso, eu não quero que nada de ruim aconteça com ele. Ele dá um breve aceno de cabeça antes de seguir os outros. Eu não fico lá, no entanto. Assim que eles vão embora, eu me empurro de trás da mesa e me achato contra a parede enquanto evito o caos na multidão.

Adrian e os outros estão indo para onde pensaram que o atirador desapareceu, mas se meu instinto estiver certo e Luca estiver por trás disso, ele não será tão óbvio. Certa vez, disse a ele que uma das câmeras perto da entrada da equipe tem um atraso na gravação. Só descobri porque Rai

mencionou, dizendo que eles não usam muito, de qualquer maneira, já que a maioria dos funcionários mora aqui.

Luca deve ter usado essa informação para entrar. Não acho que o atirador seja ele, mas não tenho dúvidas de que está por perto. A primeira vez que conheci Luca foi na escola primária. Ele foi adotado e odiava, e como seus pais eram de descendência italiana e eu sentia falta da Itália, queria ser amiga dele. Eu disse a ele que tinha perdido meus pais e ele disse que também perdeu sua mãe e seu pai, e é assim que nos ligamos. No entanto, Luca sempre jogou em segundo plano, mesmo assim.

Ele era reservado quando éramos jovens, mas sempre que pregava uma peça ou se vingava das crianças que o intimidavam, ele fazia questão de eu estar presente para assistir. É por isso que tenho certeza de que ele está aqui em algum lugar e preciso impedi-lo antes que ele realmente cuide de Adrian.

Eu permaneço na soleira entre os fundos da casa de Sergei e a entrada dos funcionários e descubro que a câmera não está piscando. Minha mão alcança minha arma e eu coloco o silenciador. Yan me deu para o caso de eu estar em uma situação onde o lugar está cheio de pessoas e eu não quero que ninguém ouça. Não tenho ideia de por que isso parece tal situação.

Com passos cuidadosos, entro no pequeno quintal que dá para uma cerca de arame.

Eu paro quando encontro Luca sussurrando e gritando com outro homem que é mais corpulento do que ele, com uma longa cicatriz descendo em sua bochecha direita. — Seu idiota de merda. Você tinha uma missão.

— Luca... — eu chamo.

Ele e o homem voltam sua atenção para mim ao mesmo tempo. Ambos estão vestidos com uniformes do exército e Luca está com uma máscara e um boné de beisebol.

— Ela me impediu. — O homem com cicatrizes aponta para mim com um sorriso de escárnio. — Puta fodida.

— Duquesa. — As narinas de Luca dilatam. — Você está protegendo Adrian?

Eu amplio minha postura, olhando para trás para ter certeza de que ninguém está lá. — Eu nunca disse a você que o queria morto.

— Bem, eu quero. Então, não fique no meu caminho de novo.

Eu não sei o que acontece comigo quando eu levanto a arma e aponto para ele. — Não vou deixar você machucá-lo, Luca.

— Meu, meu, Duquesa. Você vai me matar por ele?

— Eu não quero. Não me faça.

— E se eu disser que ele está usando você o tempo todo? Que ele está do lado do assassino de seus pais.

Minha mão vacila na arma enquanto suas palavras afundam no meu estômago. — O-O quê?

— Aqui está a sua verdade, Lia. Adrian só está com você porque é um aliado de seu pai. O mesmo pai que mandou matar seus pais na Itália.

— Você está... apenas dizendo isso porque me recuso a ajudá-lo mais.

— Estou dizendo isso para que você acorde, porra. Adrian não está do seu lado, nunca esteve, nunca estará. Ele está apenas cumprindo a sua agenda e a da Bratva, e mantendo você como um trunfo por ser a filha ilegítima de Lazlo Luciano.

Minha cabeça gira e a mão que segura a arma treme.

Não. Luca está sendo rancoroso. Nada disso é verdade. Não pode ser.

— Estou fora daqui. — A voz do homem com cicatrizes é como unhas arranhando meu cérebro. — Vou matar Volkov da próxima vez.

— É melhor você fazer caralho, — Luca murmura.

Minha mente está presa em um labirinto e um golpe de emoções indecifráveis explode por mim. No entanto, apenas um permanece, enquanto eu aponto a arma na nuca do homem com cicatrizes e atiro. Eu nem precisei pensar sobre isso. Ouvi-lo dizer que voltaria para tirar a vida de Adrian foi o suficiente para me impulsionar à ação. Eu tinha que pará-lo. Para proteger meu marido e o pai do meu bebê, apesar das palavras de Luca.

Devido ao treinamento estrito de Adrian, eu não erro. A bala se aloja na nuca do homem, fazendo-o cair de cara no chão. O baque é alto no silêncio quando ele para de se mover, para de respirar. Apenas para. Oh Deus.

Eu... matei um homem. Acabei de matar alguém. Uma pessoa.

E, no entanto, nenhum sentimento passa por mim. Talvez eu tenha perdido minha alma agora e não há como recuperá-la. Eu tinha que proteger Adrian. Eu apenas tinha que fazer.

Luca me encara. — Que porra é essa, Duquesa?

— Me dê evidências. — Minha voz está calma considerando o aperto de minha mão. — Quando eu tiver certeza de que suas palavras são verdadeiras, que sou apenas um peão em seu jogo, vou matar Adrian eu mesma.

— Vou cobrar isso de você. — Luca pula na parede e escala antes de desaparecer por cima da cerca.

Eu não olho para o homem, para a vida que acabei de terminar com minhas próprias mãos, enquanto me aproximo dele e me agacho sobre seu corpo imóvel. Eu deixo cair a arma para o meu lado e pego uma lixa de unha da minha bolsa, usando-a para cavar em sua ferida aberta e sangrenta.

Adrian e os outros estarão aqui a qualquer minuto, mas preciso recuperar a bala ou ele saberá que fui eu. Como tenho uma arma pequena, não seria difícil descobrir quem fez. A bile sobe para minha garganta e meus olhos se enchem de lágrimas enquanto eu cavo o lado pontudo até que finalmente encontro a bala, lutando por alguns segundos até que eu a retiro.

Pego minha arma, a lixa de unha e a bala, em seguida, corro de volta para dentro e para um dos banheiros. Eu esfrego minhas mãos e lavo o

projétil da bala antes de colocá-los em minha bolsa. Terei que me livrar deles quando for ser voluntária.

O rosto que me cumprimenta no espelho está pálido, oco, e há lágrimas escorrendo pelo meu rosto. O rosto de uma assassina. Terminei uma vida e assinei a sentença de morte por minha inocência.

Mas a possibilidade de Adrian me usar todo esse tempo poderia muito bem ter emitido a sentença de morte para meu coração e alma.

Capítulo Trinta e Cinco

Adrian

Algo mudou. Lia não é a mesma desde a tentativa de assassinato há algumas semanas na festa de aniversário de Mikhail.

Eu sabia que não deveria tê-la levado lá. Ela não apenas se sente desconfortável nos banquetes da irmandade, mas também estou no limite a cada minuto, vendo todos como uma ameaça e me impedindo de tirá-la de lá. Sem mencionar que estou constantemente vendo vermelho sempre que um homem olha para ela, quanto mais fala com ela.

Mas é diferente desta vez.

Muitas vezes ela tem essa expressão atordoada, onde ela não está olhando para o nada, exatamente como eu a encontrei no dia do ataque. Yan disse que a buscou no banheiro. Ela estava pálida e tinha lágrimas nos olhos, mas não disse uma palavra. Não para ele ou para mim a caminho de casa.

Achei que ela estava em estado de choque, mas não parecia ter passado. Os casos em que ouço sua voz estão se tornando poucos e distantes entre si. Lia não está apenas se silenciando durante o sexo. Ela está fazendo isso o tempo todo. Ela só fala com Jeremy agora, e eu tenho que entrar

sorrateiramente pelas costas de todos como um ladrão na porra da minha própria casa para ouvi-la.

Mas às vezes, mesmo com Jeremy, ela fica quieta. Ele chama o nome dela e quando ela não responde, ele vem até mim chorando porque sua mãe não está falando com ele. Ela nem percebe quando isso acontece. Depois de sair do transe, ela o abraça e diz que sente muito e que isso não acontecerá novamente.

Mas isso acontece de novo e de novo. Seu estado de confusão tem se repetido o suficiente, e estou preocupado. Não apenas sobre ela, mas também sobre Jeremy. Ele é jovem e apegado a ela, e se ela continuar zoneando na presença dele, ele vai entender isso como uma rejeição e isso vai traumatizá-lo.

Eu terei que gradualmente afastá-lo dela até que ela volte ao normal. Embora eu odeie separá-los, é para o bem dele. Eu sei o que é a porra do trauma da infância e meu filho não vai reviver minha vida. Posso pelo menos protegê-lo como meu pai foi incapaz de fazer.

— Papa! — Jeremy invade a cozinha, onde estou tomando um copo de água, seus pequenos pés batendo contra o chão em sua urgência.

São dez da noite e já passou da hora de dormir. Ele deve ter escapado de seu quarto para chegar ao quarto principal. Muitas vezes o encontro enrolado ao lado de Lia, como se quisesse compensar o tempo que ela se afastou dele e do mundo. No entanto, ela não o abraça de volta. Lia volta a dormir em sua posição de cadáver, seu corpo inteiro rígido e pesadelos intermináveis atormentando sua paz.

Eu pego Jeremy e o levanto em meus braços quando ele bate contra minha perna. Quando eu olho em seus olhos encharcados de lágrimas, meu estômago aperta. — O que é, *Malysh*?

— M-Mamãe... ajuda... mamãe...

— O que aconteceu? — Já estou subindo as escadas e indo para o quarto. Jeremy está fungando, seus dedos, tremendo enquanto ele envolve seus braços em volta do meu pescoço em um abraço apertado.

Meus pés param na porta enquanto a cena se desenrola na minha frente. Lia se debate em seu sono, os dedos cavando no colchão e a espuma se formando em cada lado de sua boca. *Porra*.

Coloco Jeremy no chão e tento falar baixinho. — Fique aqui, *Malysh*.

Ele acena com a cabeça, fungando. Eu corro a distância até a cama em alguns passos e sento no colchão. Embora os pesadelos de Lia tenham voltado com força total, é a primeira vez que eles são tão violentos.

Eu agarro seus ombros, sacudindo ela. — Acorde, Lia.

Ela gorgoleja, mais espuma cobrindo sua pele clara e seu rosto ficando azul. Ela não está respirando.

— Lia! — Minha voz se eleva enquanto eu a sacudo com mais força desta vez. — Acorde! Vamos, abra os olhos, *Lenochka*.

Ela engole uma inspiração profunda de ar quando ela acorda assustada, seus olhos abertos, mas vidrados. Então ela começou a chorar como uma

criança pequena, o som assombrado e gutural enquanto seus dedos cavam em meu antebraço. — Mãe... eu quero a mãe...

— Ei, — eu a acalmo, puxando-a para mim e envolvendo meus braços em torno dela. — É apenas um pesadelo.

Ela se acalma um pouco, fungando, e seus dedos afundam em meu peito como se ela quisesse me sentir. Eu acaricio seus fios escuros e inalo seu perfume de rosa viciante.

Jeremy se aproxima de nós lentamente, com lágrimas brilhando em seus olhos cinzentos inquisitivos. — Você está bem, mamãe?

Ela se afasta de mim e sorri para ele. — Sim, anjo. Mamãe teve um pesadelo.

Ele aponta o dedo para mim. — Papai vai fazer todos eles irem embora.

Sua expressão cai, mas ela balança a cabeça de qualquer maneira. Depois que ele dá um beijo de boa noite, carrego Jeremy para seu quarto e fico com ele até que adormeça. Quando volto para o quarto principal, Lia está sentada na cama.

Fecho a porta e tiro meu paletó enquanto fico na frente da penteadeira e encontro seu olhar através do espelho. — O que está acontecendo, Lia?

— Huh? — Seus olhos vidrados lentamente encontram os meus. Eu odeio vê-la neste estado, odeio que ela está fora de si mais do que nunca recentemente.

— É o choque do tiroteio? Devo arranjar um psicoterapeuta para você?

Ela balança a cabeça, zombando suavemente. — Deveria ter sido assim.

— Deveria ter sido?

— Nada.

— Obviamente não é nada. O que está acontecendo?

— Você nunca perguntou sobre meus pais de novo, — ela diz do nada.

— Mas, novamente, você nunca realmente se importou comigo, de qualquer maneira.

Eu me viro para encará-la, um músculo trabalhando em minha mandíbula. Ela realmente acredita nisso? Ela pensa que eu me colocaria em uma posição desfavorável dentro da irmandade se eu não me importasse? Claro, pode não ser o tipo de cuidado que ela deseja, mas estou mantendo ela e nosso filho em segurança.

Estive procurando pelo filho da puta que tentou atirar em mim naquele dia, sem sucesso. O homem que encontramos morto com uma bala arrancada da nuca era um mercenário do Leste Europeu que poderia trabalhar para qualquer pessoa. Para descobrir quem o contratou, tenho pedido favores e procuro dia e noite, mas não tive sorte. Ele deve ter sido morto por quem o contratou, mas por que desenterrar a bala? Eles temiam a possibilidade de ser rastreado até eles? Embora os mercenários geralmente tenham seus próprios fornecedores de munição e não possam ser rastreados.

De qualquer forma, encontrar o bastardo que ameaçou a vida de Lia é a única coisa em que posso me concentrar, e ainda assim, ela diz que eu não me importo.

Eu mantenho minha calma enquanto falo. — Se você quisesse falar sobre seus pais, você teria.

Ela coloca as mãos no colo, com as palmas para cima, e as estuda com o mesmo olhar vítreo. — Mamãe, papai e eu não estávamos bem, mas éramos felizes. Eu sabia que ele não era meu pai verdadeiro, mas era o único pai que eu tinha. Morávamos em uma pequena casa perto dos campos da Sicília, na qual papai administrava os trabalhadores de um grande fazendeiro. Era lindo, com oliveiras enormes e céu claro de verão. Eu podia brincar com alguns dos filhos do fazendeiro e mamãe me viciou na dança. Éramos uma pequena família aconchegante que se preparou para o inverno rigoroso e prosperou no verão. Fazíamos festivais durante a época da colheita e dançávamos a noite toda. Nós éramos... normais. — Sua voz abaixa, mas não falha enquanto ela continua. — Quando eu tinha cinco anos, algo estava errado. Eu podia sentir isso, mesmo sendo jovem e sem noção. Eu poderia dizer que algo não estava bem na casa. Mamãe não estava tocando a música americana alta para a qual papai balançou a cabeça, e ele não estava lá para me beijar ou me abraçar. Eu estava me escondendo atrás da porta quando os ouvi. Homens gritavam com papai em italiano, dizendo que ele deveria dar a menina, e meu pai composto gritava de volta que não daria. Alguém me agarrou e eu gritei, mas mamãe colocou a mão em volta da minha boca e balançou a cabeça para me acalmar. Corremos para fora em direção a uma cabana separada, e ela me

conduziu até uma pequena caixa e colocou o dedo na boca. Ela tinha lágrimas nos olhos quando me beijou. Ela disse que lamentava que papai não fosse meu pai verdadeiro e que gostaria de poder mudar isso. Então ela me disse para não sair em hipótese alguma até que alguém me chamasse pelo seu nome de solteira, Gueller. — As mãos de Lia tremem, sua garganta delicada trabalhando com um engolir. — Passei muito tempo naquela caixa, suada e assustada. Essa caixa era tão escura e apertada, mas não me atrevi a deixá-la. Eu podia ouvir batidas fortes da casa antes de ficar em silêncio. Não sei quanto tempo fiquei na caixa até que alguém viesse me buscar, me chamando de Pequena Gueller. Eu estava faminta e com frio e me molhei, mas tudo que eu queria era mamãe e papai. O homem que me levou ao aeroporto me disse que eles morreram de asfixia com gás e que eu estaria morando com minha avó. Ele nem mesmo me deixou vê-los uma última vez. Naquela época, eu acreditava que eles morreram por causa do gás, isso me deixou mais à vontade. Mas quanto mais velha eu ficava, mais certa ficava de que havia outra coisa. Caso contrário, por que mamãe teria me escondido? Eu perguntei a vovó sobre isso e ela se recusou a me dizer qualquer coisa até que ela estava em seu leito de morte. Ela disse que minha mãe se envolveu com o homem errado, um mafioso, e ficou grávida de mim. Ela foi forçada a se casar com meu pai para que minha existência ilegítima não refletisse mal sobre meu pai biológico. Vovó nunca me disse quem era e eu nunca quis me envolver com ele. — Ela encontra meu olhar. — Mas você sabe de tudo isso, não é? Você conhece bem toda a minha formação. É por isso que você nunca perguntou.

Eu bato meu dedo contra minha coxa, mas não digo nada, esperando que ela me dê o que eu preciso.

— É verdade, Adrian?

— O que é verdade?

Seu queixo treme e seus olhos se enchem de lágrimas não derramadas.

— Você tem me mantido todo esse tempo para chegar perto do meu pai?

— Pode ser.

Sua expressão vacila, magoada e algo mais se infiltrando. *Eu preciso dessas emoções fortes. Deixe todas saírem, Lia.*

— Mas por que? Por que você se daria tanto trabalho para me usar contra Lazlo Luciano? Ele nem sabe que eu existo!

Lá.

Meus músculos enrijecem quando ela me oferece o que eu estava esperando. — Achei que você não soubesse quem é seu verdadeiro pai.

Ela engole em seco, percebendo seu erro. — Vovó me contou.

— Você acabou de dizer que ela não lhe deu um nome.

— Ela fez.

Estou na frente dela em um segundo, segurando seu queixo com meus dedos. — Eu torturo homens adultos para obter respostas e sei exatamente quando os humanos mentem. Então, por que você não me diz quem diabos realmente lhe disse o nome do seu pai?

Seus lábios tremem, cimentando o fato de que ela realmente tem ajuda externa. Porra. Como eu poderia não ter visto isso antes?

Seus olhos brilhantes inundam de medo enquanto ela estremece. — Ninguém.

— Mentira.

— Eu ouvi você, — ela deixa escapar.

— Você me ouviu, — repito lentamente, com clara ameaça.

— Você estava conversando com Kolya e ele disse para você usar a prole de Luciano contra ele e você disse que pensaria nisso. Também me lembrei de quando você costumava me perguntar sobre minhas origens italianas e liguei os pontos.

— Você é boa, Lia. Você se tornou tão boa em vomitar mentiras que pode inventar uma história inteira com retalhos, mas não é boa o suficiente para me enganar. — Eu aperto meu aperto em sua mandíbula. — Você tem mais uma tentativa.

— Era realmente isso.

— Resposta errada. — Eu a solto com um empurrão e pego meu telefone. — Vamos começar com Yan. Depois de torturá-lo, saberei se é ele. Ele pode perder sua mão dominante ou talvez seu pescoço, nunca se sabe. Se não for ele, passaremos para Boris, então para todos os outros que estiveram perto de você nos últimos anos.

— Não! — Ela avança, segurando minha mão que está segurando o telefone. — Como você poderia machucar seus próprios guardas?

— Eles disseram a você ou deixaram você se encontrar com alguém de fora. De qualquer forma, eles não estavam cumprindo suas tarefas e merecem tudo o que acontece com eles. Você vai assistir a cada segundo disso, então quando eu mandar você falar, você vai falar pra caralho.

Um soluço sai de sua garganta. — É outra pessoa. Por favor, não os machuque.

Alguém? Alguém, fodido, mais? Não sei por que esperava que fosse Yan ou Boris. Se eles tivessem me traído, eu poderia ter lidado com isso. Teria sido ainda melhor se ela os tivesse ouvido e eu pudesse atribuir tudo isso a algo trivial. Mas mais alguém está envolvido? Minha mente acelera em uma direção diferente quando o pior vem à mente.

Alguém. Senão. Como se Lia tivesse encontrado alguém pelas minhas costas.

— Quem?

Ela balança a cabeça. — Eu não vou te dizer quem ele é para que você possa matá-lo.

Ele. É um maldito *ele*. Lia tem encontrado um filho da puta 'ele' nas minhas costas. Uma névoa vermelha cobre minha visão até que é quase impossível vê-la através dela.

Minha voz se torna mortalmente calma, sem sugerir nada do vulcão furioso em erupção lá dentro. — Você o está protegendo porque ele é seu amante? Você está me traindo, Lia?

Ela pisca duas vezes, seus lábios tremendo. — Se eu negar, você nunca vai acreditar em mim. Você só vai me trancar e me sufocar mais. Você vai me matar lentamente, então pense o que quiser, Adrian. Faça o que você quiser! Você está me usando, de qualquer maneira, então vá em frente.

— Eu disse, ele é seu amante de merda?

Ela levanta o queixo e todas as emoções desaparecem de seu rosto quando ela diz a única palavra que estilhaça meu mundo em pedacinhos. — Sim.

Eu bato meu punho na cabeceira da cama ao lado de sua cabeça e a quebro em pedaços. Lia permanece no lugar, seu rosto empalidecendo e seus olhos brilhantes voltando ao estado vítreo.

Minha mão envolve sua garganta, inclinando-a para trás e apertando. — Eu deveria matar você agora.

— Faça isso, — ela administra. — Morrer é melhor do que viver com você.

Suas palavras caem na medula dos meus ossos, me transformando em uma maldita besta. Um grunhido escapa da minha garganta e estou agindo por puro instinto enquanto rasgo a camisola dela. O material se transforma em pedaços e seus mamilos rosados endurecem enquanto suas coxas se apertam.

— Ele olhou para este corpo, Lia? Ele olhou para o que é meu, porra?

Ela não diz nada, lutando para respirar enquanto eu uso minha outra mão para desabotoar minhas calças e liberar meu pau. Estou duro, mas é com raiva, com a necessidade de assassiná-lo e puni-la. A necessidade de possuí-la inteira para que ela seja minha em todos os sentidos da palavra.

Não sou idiota, sei que Lia nunca me amou de verdade. É evidente na maneira como ela se afastou de mim em qualquer chance que ela teve, como ela tentou escapar, mas eu acreditava que ela era tão devotada a mim quanto eu sou a ela. Que ela se importava o suficiente com a aparência da família que temos.

Mas ela estava fodendo alguém pelas minhas costas. Lia estava dando o que é meu para outra pessoa. Onde? Como? O único lugar que eu não tenho acesso direto a Lia é no abrigo. Vou encontrar o filho da puta e matá-lo com uma morte lenta.

— Você abriu essas pernas para outro homem? — Eu bato em suas coxas e ela engasga no ar. — Você o deixou olhar para minha boceta?

Lia está tremendo toda, mesmo enquanto suas pupilas dilatam. Eu dou a ela uma abertura suficiente para que ela possa respirar e ela respire fundo pela boca.

Eu seguro sua boceta duramente. — De quem é essa boceta?

— Sua... — ela deixa escapar em voz baixa enquanto sua excitação cobre meus dedos.

— Isso mesmo, minha. Então, como você se atreve a dar o que é meu para outra pessoa?

Sua boca está entreaberta, mas ela não diz nada.

— Quem é o único que pode te foder, Lia?

Ela fica em silêncio.

— Eu disse, quem é o único que fode sua boceta?

— Você...

Eu seguro suas coxas para baixo e dirijo dentro de seu calor úmido de uma vez implacável. Normalmente, eu vou deixá-la se ajustar ao meu tamanho, mas não estou em nenhum estado de espírito enquanto bato nela com um ritmo selvagem que visa puni-la, para deixá-la sentir o quanto ela me cortou.

— Essa boceta é minha. — Eu levanto sua coxa e bato em sua bunda com força, e ela engasga. — Essa bunda também é minha. Você pertence a mim, e vou foder esse fato em você até que seja a única coisa em que você respire e pense. Da próxima vez que você considerar deixar outro homem olhar para você, quanto mais tocá-la, você se lembrará deste momento em que cada centímetro de você é propriedade de mim.

Suas paredes apertam em torno do meu pau, estrangulando-me enquanto ela se estilhaça ao meu redor. Eu saio dela e mantenho seus próprios sucos em seu buraco traseiro.

Os olhos de Lia se arregalam enquanto eu empurro a coroa do meu pau para dentro. — Eu disse, cada fodido centímetro de você, esposa.

— Adrian...

— O que? — Eu rosno.

— Você está bravo.

— Quem me deixou com raiva? Quem me fez perder a porra da minha mente?

— Mas você vai me machucar.

— Você não adora quando eu te machuco? Ou não estou fazendo com força suficiente?

Ela balança a cabeça freneticamente.

— Me diga para foder sua bunda, Lia. Me diga para possuir cada centímetro de você.

— Me foda. Me possua... — ela choraminga.

Essas são todas as palavras de que preciso. Lia respira fundo, mais de sua excitação escorrendo em sua boceta e no meu pau enquanto eu empurro mais para dentro. Sua cabeça rola para trás e eu gemo com o quão apertada ela é. Mesmo que eu já a tenha acariciado aqui antes, eu nunca peguei, porque eu queria deixá-lo até que ela viesse para mim, até que ela me quisesse o suficiente para iniciar o sexo.

Mas que se foda. Foda-se minhas noções sentimentais sobre ela. Ela foi em frente e nos arruinou, então vou arruiná-la de volta. Eu empurro todo o caminho, fazendo com que seus olhos fechem e seu pulso acelere.

— Olhe para mim.

Ela abre lentamente as pálpebras, olhando para mim com os olhos semicerrados.

— Veja isso? — Eu empurro sua bunda enquanto coloco três dedos ásperos em sua boceta.

Ela acena com a cabeça lentamente, seu rosto corado de prazer e dor.

— Seu corpo o acolhe como me acolhe? Você deixou seu pau mole entrar em sua bunda?

Lia balança a cabeça.

— Hmm. Então era só a boceta? Minha maldita boceta? — Eu penetro mais forte nela, minha virilha batendo contra sua bunda e meus dedos entrando em sua boceta com energia renovada que a deixa ofegante. — Você gostou? Você aperta em torno dele como aperta em torno de mim?

— Nããão! — Ela grita quando seu orgasmo a rasga, e todo o seu corpo pula para fora da cama. Eu bombeio nela um pouco mais e, em seguida, puxo para fora e gozo em todo o rosto, meu esperma escorrendo por seus lábios entreabertos e queixo.

É a primeira vez que faço isso, mas parecia adequado, já que ela provavelmente o deixou gozar dentro dela. Estou tão paranoico que, se

Jeremy não parecesse uma versão mais jovem de mim, eu faria um teste de DNA. Minha besta assume o controle total, e eu sinto que a dor e a raiva vão me detonar por dentro.

— Entenda isso, Lia. Posso não te machucar, posso não te matar, porra, mesmo que você mereça, mas vou encontrar aquele bastardo, e quando o fizer, vou te foder na frente dele antes de cortar a porra da garganta dele. Então eu vou te foder de novo na poça de seu sangue. — Eu libero seu pescoço e ela respira fundo, as lágrimas escorrendo pelo seu rosto. — Proteja-o enquanto você pode.

Capítulo Trinta e Seis

Lia

Acho que estou ficando louca. No começo, eu atribuí isso aos meus pesadelos levando o melhor sobre mim. Eu estava sonhando com memórias de mamãe e papai na Sicília, e a maioria delas era sobre estar presa em uma caixa sem saída.

Mas então comecei a ter pesadelos enquanto estava acordada. Minha mente quebrou meu espírito, minha alma e minha porra de coração. Percebi que algo estava definitivamente errado quando Jeremy ficou com medo de mim. Ele me chamou de fantasma e disse que odeia Mamãe Fantasma. Adrian tem sua babá trabalhando em tempo integral agora e ele está distanciando Jeremy de mim como sempre pretendeu. Ele está levando meu anjo embora.

Desde a noite em que rompi tudo o que havia entre nós, Adrian me odeia. Ele não diz em palavras, mas prova em ações mais do que o suficiente. Ele me odeia todas as noites, na boceta, depois na bunda, e às vezes ele me leva para o chuveiro só para fazer tudo de novo. Eu odeio o quanto eu gosto disso, o quanto eu formulo de antecipação por seu tratamento rude e posse sem remorso. De certa forma, essa é a única vez

que sou forçada a estar viva, para sair dos meus pesadelos diurnos e dos demônios que espreitam na minha cabeça.

Mas sempre que ele não está me tocando, o círculo vicioso recomeça. Sou atormentada por memórias do homem que matei, a vida que acabei, a inocência que matei. Superestimeei minha mente e acreditei que sobreviveria matando alguém. Eu não fiz. Desde aquele dia, estou descendo a ladeira e não tenho como impedir o deslizamento. Sempre me considerei acima do estilo de vida de Adrian, mas sou tão assassina quanto ele agora. A noção de que vou me tornar igualmente sem alma traz lágrimas aos meus olhos.

Estou perdendo o contato com a realidade e com Jeremy. É pior quando eu tomo meus antidepressivos. Eu me transformei em um zumbi, entorpecida demais para me mover, falar ou até mesmo pensar. Adrian me levou de volta ao meu psiquiatra, o mesmo que eu costumava ver. Não me incomodei em perguntar como ele sabia sobre ele, porque Adrian sabe o que ele quer. Mesmo que ele esperasse do lado de fora enquanto eu tinha minha visita, não consegui encontrar palavras para falar com ele. Antes, eu costumava contar a ele sobre meus pais e a caixa preta, sobre como o balé me arrancou daquela caixa. Depois que minha carreira acabou, fui empurrada para ela novamente, mas apenas por um breve período, até que Jeremy apareceu. No entanto, agora que matei alguém, as paredes da caixa estão se fechando em torno da minha alma.

Como eu poderia dizer isso ao psiquiatra? Como eu poderia dizer a ele que matei uma pessoa para proteger meu marido assassino que se casou

comigo apenas para me usar? Já se passaram meses desde que disse a Adrian que o estava traindo. Naquele momento, quando ele não negou que tinha se aproximado de mim por causa de quem meu pai é, ele me machucou tanto, foi como se a ponta de sua lâmina afiada rasgasse meu coração e os sentimentos que eu tinha por ele. Eu deveria ter esperado, considerando que ele não sabe como se sentir, mas pensei que depois de cinco anos juntos, ele teria se acostumado comigo como eu me acostumei com ele. Ele poderia ter construído um lugar para mim em seu coração negro, mesmo que não seja tão grande quanto a área que ele ocupa no meu.

Acreditei que talvez ele se importe um pouco. Talvez ele me ame um pouco. Mas isso foi tudo ingenuidade da minha parte. Eu sou a tola que se apaixonou. Adrian sempre me viu como uma possessão, como uma propriedade. Alguém que ele pudesse foder e manter sob seu controle. Então, eu queria machucá-lo profundamente. Eu queria apunhalá-lo em seu coração sem emoção repetidas vezes para que ele sentisse um pedaço do que eu fiz. A única maneira de fazer isso era dizer a ele que ele era o segundo, que o objeto que ele amava possuir queria outra pessoa.

Mas embora eu tenha gostado do sexo daquela noite e do sexo que se seguiu, sinto falta do outro lado de Adrian. Aquele que cuidou de mim. Aquele que me abraçou para dormir e colocou meus pés em seu colo, massageando a tensão. Às vezes, finjo adormecer no quarto de Jeremy apenas para senti-lo me levantar, me segurar em seu corpo forte e me colocar suavemente na cama. Porque nos meus momentos de vigília, tudo o que vejo em seu rosto é ódio.

Ódio puro e absoluto.

Adrian pode ter superado um pouco minha tentativa de fuga, mas ele nunca vai me perdoar por tê-lo traído. Ele pode não me deixar, porque eu sou a mãe de Jeremy e sua 'propriedade,' mas ele nunca vai me olhar como no passado.

Ele nunca vai me mostrar seu sorriso raro ou seu lado carinhoso. Ele nunca vai acariciar meu cabelo e me beijar antes de sair novamente. Tenho que me esconder para vê-lo fazer essas coisas com Jeremy. É quando eu percebo que estraguei tudo. Às vezes, quero dizer a ele que não é verdade, que menti porque estava ferida, mas suas palavras cortadas me desencorajam. Ele nunca acreditaria em mim, de qualquer maneira. Não quando segurei a mentira por tanto tempo.

Ele ainda permite que eu seja voluntária, mas manda pelo menos cinco guardas comigo agora, provavelmente procurando por meu amante. Felizmente, Luca provavelmente leu a atmosfera e não entrou em contato novamente.

Não tenho dúvidas de que se Adrian encontrar meu amigo de infância, ele o esfolará vivo. Pessoas como ele não gostam que outros toquem em suas propriedades e farão o possível para provar seu ponto de vista. Yan vai antes de mim no banheiro e verifica cada box. Quando ele tenta abrir um, uma mulher grita palavrões para ele de dentro dele, e ele apenas encolhe os ombros. Ele pode ser tão apático às vezes, as personalidades de Adrian e Kolya passando para ele.

Depois de se certificar de que ninguém está na janela e fechá-la, ele verifica as baías, além da ocupada, uma última vez.

— Isso é necessário? — Eu suspiro.

— Estou apenas cumprindo ordens, — diz ele se desculpando. Ele tem se dirigido a mim com mais carranca do que o normal, provavelmente sentindo que as coisas não são as mesmas.

Antes de me deixar em paz, ele faz uma pausa e fecha a porta, prendendo-nos e à mulher que gritou, que ainda está na cabine, lá dentro.

— O que? — Eu pergunto com alarme.

— Você não está bem, está?

— Sem ofensa, mas não tenho estado bem desde que te conheci.

— Não foi levado... — ele abaixa a voz — ...mas é diferente desde depois da tentativa de assassinato.

— Diferente?

Ele esfrega a nuca. — Olha, eu sei que você não traiu o Chefe.

— Como você pode ter tanta certeza?

— Você não é esse tipo de pessoa.

Eu zombo. — Obviamente, seu precioso chefe pensa que eu sou.

— Ele está cego por você, Lia.

— Por mim?

— Sim. Sua obsessão por você o está impedindo de pensar logicamente. E você disse a ele que traiu. Você achou que ele daria um tapinha nas suas costas?

— Eu disse isso depois que descobri que ele está me usando por causa de quem é meu pai!

— Ainda assim, você acha que pintar a pessoa mais preciosa dele, você, como uma traidora, foi uma ideia inteligente?

Não, não foi. — Eu não sou a pessoa mais preciosa dele.

— Sim, você é, Lia. Conheço o Chefe desde que era mais jovem que Jeremy e nunca o vi tratar ninguém da maneira como trata você.

— Com desdém, você quer dizer?

— Você deve estar brincando. Ouça, ele não é do tipo que permite que alguém lhe cause dor, mas você conseguiu. Você o machucou.

— Não mais do que ele me machucou. — Lágrimas brotam dos meus olhos. — Além disso, ele precisava sentir por mim para ser capaz de ser magoado por mim.

— Você está tão cega quanto ele, eu juro. Basta falar com ele e garanto que ele verá sua honestidade. Vocês estão se torturando e é doloroso assistir.

— Como posso torturá-lo se ele não se importa?

Yan abre a boca para dizer algo, mas um estrondo de fora, provavelmente de Boris, o impede.

— Basta falar, — ele insiste antes de sair.

Discussão em russo chega até mim do lado de fora. Boris é como o irmão gêmeo de Kolya quando se trata de comportamento estoico. Ele não gosta quando Yan fala comigo e nunca deixa de lembrar Yan desse fato. Depois de terminar rapidamente meus negócios no banheiro, fico na frente da pia para lavar as mãos.

A mulher que gritou com Yan antes empurra a porta de sua cabine. — Que porra é essa? O drama familiar não deveria acontecer em um maldito banheiro... — ela para. Então ela sussurra. — Porra.

Eu levanto minha cabeça e minha boca fica aberta enquanto a água continua escorrendo da torneira para meus dedos rígidos. Estou olhando para uma réplica minha. Ela está vestida com um casaco de pele falsa rosa, luvas azuis rasgadas e seu cabelo é uma mistura de pontas loiras e raízes mais escuras. Seu rosto está manchado de sujeira e algumas outras coisas, mas ainda somos tão parecidas que nós duas paramos e olhamos por um segundo.

— Uau, — murmuro.

— Porra, uau, de fato. — Ela me rodeia como se eu fosse um animal no zoológico. — Se eu não soubesse que sou filha única, acharia que tenho uma irmã gêmea. Quantos anos você tem, garota?

— Trinta.

— Eh, eu tenho vinte e sete anos, então não podemos ser gêmeas. — Ela para na minha frente e sorri. — Fodida vida chutando um sócio do meu lado, hein?

— Você é... — Paro procurando as palavras certas. — Você vem a este abrigo com frequência?

— Nah, primeira vez. Mas que primeira vez. — Ela encara minha mão e seus olhos se arregalam. — Olha essa porra de pedra! Aposto que isso poderia me alimentar por um ano.

Estou prestes a dizer a ela que esta aliança é a chave da minha gaiola, mas enquanto a estudo, uma ideia maluca se forma lentamente na minha cabeça enquanto a água fria encharca minha pele. Devo ter realmente enlouquecido se estou pensando em executá-la.

— Eu sou Lia. Qual o seu nome?

— Winter, — ela diz, ainda olhando para o meu anel. — Winter Cavanaugh.

— Como você ficou sem-teto, Winter?

Ela joga as mãos para o alto. — Começou há alguns meses. Tornei-me uma alcoólatra depois que minha filha nasceu morta e minha mãe morreu.

— Eu sinto muito.

— Eu também, mas lamentaria menos se fosse casada com um homem que me deu essas pedras. Droga, garota, olhe para o seu colar. Deve ter custado uma fortuna.

— Você realmente quer isso?

Sua cabeça vira na minha direção. — Que tipo de pergunta é essa? Claro que quero.

— E se eu puder fazer isso acontecer? — Minha voz é monótona e assustadora, até mesmo para mim.

— Como?

Eu me aproximo dela e falo baixo para que Yan e Boris não ouçam. A água corrente também serve como camuflagem. — Tome meu lugar, meu marido, minha fortuna. Tudo.

— Você está brincando? — Ela ri, então para quando eu não me junto a ela. — Você fala sério?

— Muito sério. — Isso parece um filme, um imprudente, mas eu seria estúpida se deixasse passar a chance que o destino finalmente está me oferecendo.

Seus pequenos traços se enrugam. — Por que diabos você desistiria de tudo isso?

— Porque é sufocante.

— Vou me engasgar com dinheiro qualquer dia.

— Não é tão fácil. Meu marido é um mafioso.

— Ainda mais legal. Significa que ele tem mais dinheiro.

— Você realmente não se importa com o que ele faz? Ele está na máfia russa.

— Isso é foda.

Eu franzo a testa. Como ela poderia aceitar isso? Mas os sem-teto têm uma maneira de pensar diferente da minha, então ela provavelmente vê a profissão de Adrian como uma vantagem, não um inconveniente.

Ela me cutuca com o cotovelo. — Você realmente vai me dar seu marido e dinheiro?

— Se você concordar. Tudo que eu quero é meu filho.

— Claro que concordo. Quem não gostaria de viver como uma rainha?

Passos ecoam atrás da porta e eu sussurro. — Ouça, você tem algo em que eu possa escrever?

Ela abre o casaco e levanta o suéter, revelando sua barriga clara com estrias. — Faça aqui.

Pego meu lápis de batom super fosco da bolsa e rabisco em sua barriga.

— Este é o meu endereço de e-mail e senha. Hoje à noite, às oito, vou auto enviar um documento com todas as informações de que você precisa para aprender sobre meu marido e sua organização. Também incluirei notas sobre meus maneirismos e maneira de falar para que você possa me imitar. Vou deletar o e-mail em três minutos, então certifique-se de baixá-lo imediatamente e imprimi-lo. Eu vou te dar dinheiro. Esconda seu rosto com seu moletom quando sair, e não volte aqui, exceto para me encontrar

neste banheiro na próxima semana, ao mesmo tempo, se você ainda quiser trocar de lugar.

— Coisa certa. — Seus olhos brilham enquanto ela encara meu e-mail e senha em seu estômago como se fossem sagrados.

Eu coloco meu batom de volta na minha bolsa. — Vejo você então.

— Espere. — Ela sorri, mostrando dentes surpreendentemente brancos, mas provavelmente porque ela não é uma sem-teto há muito tempo. — Você disse que me daria dinheiro para imprimir o documento. Você pode incluir dinheiro para um pouco de álcool?

Dou a ela todo o dinheiro que Adrian me diz para ficar comigo em caso de emergência. — Pinte o cabelo da mesma cor do meu e compre um shampoo com fragrância de rosa.

— Entendi!

Eu me endireito quando saio do banheiro com meu coração martelando. Esta é minha última chance de escapar antes que eu me mate ou Adrian me entregue ao meu pai biológico para fazer as honras.

Capítulo Trinta e Sete

Lia

Uma semana depois, Winter está aqui. Ela se lavou e tingiu o cabelo da mesma cor que o meu. Ela cheira a rosas, o cheiro pelo qual Adrian me reconhece. Eu não perco tempo enquanto tiro meu casaco e um dos meus vestidos. Eu usei dois, um em cima do outro, então não tenho que ficar muito tempo aqui. Winter faz o mesmo, cantarolando de alegria. Sinto pena dela, da vida que a estou empurrando, a ponto de pensar em desistir do plano na semana passada.

Mas o tratamento frio de Adrian me manteve indo. Quando Rai e eu fomos baleadas durante uma reunião que ela planejou algumas semanas atrás, ele não demonstrou a menor preocupação, como se eu quase não tivesse morrido. Tudo o que ele fez foi dar ordens e me ignorar completamente. Se isso não é um sinal de que ele logo vai me entregar ao meu pai, que é possivelmente pior do que ele, eu não sei o que é.

Além disso, Winter disse que leu o arquivo e não se importa. Esse arquivo contém todas as informações sobre a monstruosidade Bratva e deveria ter sido um sério sinal de alerta. Na verdade, Winter parece mais pronta para isso do que eu.

— Aprendi aquele documento de cor como nunca tive aprendido nada durante a escola, — diz ela, livrando-se do casaco rosa. — Estou com tanta inveja que você é uma bailarina.

— Ex-bailarina. — Minha garganta fecha.

— Oh, certo. Dizia que você quebrou a perna. Pena. Sempre quis ser bailarina, sabe.

— Nunca ser uma é melhor do que desistir. — Essa dor nunca vai embora, mas não é pior do que aprender que sou apenas um meio para um fim para Adrian.

Não é pior do que se apaixonar pelo homem errado e permitir que ele chupe minha alma do meu corpo.

— Eu acho.

Nos trocamos com pressa e então eu a ajito e levanto seus ombros para que sua postura fique reta como a minha.

— Lembre-se, fique atordoada. Eles estão acostumados com isso de mim em casa.

— Certo.

— Não se esqueça de não dizer essa palavra na frente de Adrian. Ele odeia isso.

— Oh sim. Eu me lembro de ter lido isso.

— E tome cuidado com Ogla. Ela sabe tudo sobre tudo. — E tenho cada vez mais certeza de que foi ela quem delatou a Adrian sobre minha tentativa de fuga logo após o nascimento de Jeremy.

— Entendi.

— Na próxima semana, traga Jeremy com você e eu vou conseguir alguém para me ajudar para que eu possa levá-lo comigo. Se Adrian disser não, diga a ele que você sente falta de estar com Jer e quer passar algum tempo com ele.

— Sim.

Vai me matar viver uma semana sem Jeremy, mas é um pequeno sacrifício para escapar desta vida. Um em que meu destino depende de uma palavra de Adrian. No momento em que ele decidir que me odeia mais do que me quer, ele não hesitará em se livrar de mim.

— Se você sobreviver mais uma semana depois disso, posso pedir à pessoa que está me ajudando a tirá-la de lá, — ofereço.

— Nah, eu vou ser uma vadia chefe. Por que eu iria querer sair?

Eu agarro seus ombros. — Me ouça, Winter, Adrian é perigoso.

— Então você continua me dizendo. Você está tendo dúvidas?

— Claro que não.

Ela encolhe os ombros. — Está tudo bem então.

— Tem certeza?

— Você está? Porque parece que você está realmente com medo, garota.

— Não estou, estou apenas avisando.

— Talvez você simplesmente não queira desistir de seu homem.

— Isso não é verdade.

Ela cantarola alegremente. — Então está tudo bem se eu transar com ele? Ele parecia gostoso demais nas fotos.

Suas palavras me apunham no peito e a bile sobe na minha garganta. Eu quero gritar não, que ele é meu e sempre será, que ninguém além de mim tem permissão para tocá-lo, mas isso é verdade quando eu estou fugindo dele?

— Eu não me importo com o que você fará depois que eu for embora, — murmuro.

— Frio. Você não pode voltar atrás agora. — Ela me dá um sorriso de gato Cheshire. — Não mude de ideia também. Falo sério.

Dou a Winter minha bolsa com todos os meus pertences e digo a ela para borrifar meu perfume. Ela faz isso com alegria e acena dois dedos para mim. Escondida no banheiro, mantenho a porta um pouco aberta para vê-la ir até Yan e Boris. Meu coração bate forte, esperando que eles descubram e venham por mim, mas eles apenas andam na frente dela, conversando animadamente em russo.

Eu solto um suspiro, mas o alívio é de curta duração. Como eles não perceberam que não sou eu? Eu sei que somos parecidas, mas ainda assim. Estou desapontada com Boris e Yan, especialmente o último.

Adrian a verá como eu também. Ele vai tocá-la como me toca, foder ela do jeito que ele me fode. A náusea me assalta e eu quero vomitar minhas tripas no banheiro. No entanto, eu me forço a me endireitar e manter minha cabeça erguida. Isso é para minha sobrevivência. Eu posso amar Adrian, mas não vou ficar por aqui até que ele se canse de mim, até que ele me faça enlouquecer de verdade.

Agora, para a próxima parte do meu plano. Rai disse que me ajudaria, e eu acredito nela porque ela é forte o suficiente na irmandade para ir pelas costas de Adrian. Ao contrário de Luca, ela não quer nada em troca. Vou dizer a ela para me esconder de Adrian, depois me ajudar a escapar dele de uma vez por todas.

Capítulo Trinta e Oito

Adrian

Sendo alguém que confia em seu sistema até a cegueira, posso dizer quando algo está errado. Eu estive quebrando meu cérebro tentando descobrir onde tudo atingiu o fundo do poço. Quando diabos eu comecei a perder a eficiência de alto nível que meu sistema fornecia?

Uma coisa é certa, Lia tem algo a ver com isso. Ou, mais precisamente, minha obsessão por ela sim. Em um ponto, tornou-se carnal e escuro. Eu tentei aliviar no início, para compensar minha falta de sentimentos com minhas ações, para mostrar a ela que ela é especial para mim, mesmo que eu esteja programado de forma diferente e não soubesse como me sentir como ela secretamente desejava.

Achei que ela finalmente veria o esforço que eu estava fazendo. Levaria tempo, mas aconteceria. Lia viria até mim, não trabalharia contra mim. Ela confiaria em mim e falaria comigo. Mas ela escolheu outro homem. Alguém que está escondido desde que confessou seu adultério, porque de jeito nenhum ela o teria encontrado desde então. Eu tenho designado um exército para ficar em seu caso e instalar câmeras em todos os lugares que ela vai. Quanto mais eu a sufoco em meu sistema fechado, mais perto estou

de perder o controle, porque eu sei, simplesmente sei, que isso está se encaminhando para o pior, não para o melhor.

Conversei com ela ou mais como uma ameaça a ela e ela disse que suas alucinações estão piorando. Ela está piorando desde quando começou a ter essa condição quando criança. No passado, antidepressivos e pílulas para dormir conseguiam livrá-la gradualmente de seus episódios neuróticos, mas, ultimamente, ela tem conversado com Ogla sobre coisas que nunca aconteceram.

Ela me disse que Lia cruzou recentemente com Hannah, sua colega anterior e a atual primeira bailarina do New York City Ballet. No entanto, isso nunca aconteceu. O psicoterapeuta está preocupado porque isso pode ser o início de um episódio de dissociação. Sua condição piorou desde que ela foi baleada durante o encontro feminino organizado por Rai. Ela teve um episódio de estresse pós-traumático e disse que viu olhos vermelhos vindo para ela.

Quando o médico disse que ela não deveria ser colocada em situações estressantes ou cercada por pessoas que a deixam ansiosa, eu me distanciei ainda mais. Mesmo que me mata ficar longe dela, posso pelo menos reconhecer que sou a principal causa de sua depressão e ansiedade. Até Ogla, com quem ela não se dava bem no início, se aproximou dela.

A única pessoa nesta casa que ela perde o sorriso ao ver sou eu. Até meus malditos guardas conseguem seus sorrisos. Mas nunca eu. Há uma carranca permanente gravada em suas feições quando ela encontra meu olhar. Seu rosto delicado se contrai com uma tristeza profunda e tangível.

Que se foda isso. Ainda acredito que serei capaz de tirar a Lia do passado. A Lia que jantava comigo e falava de tudo e de nada, tentando todos os truques do sol para me fazer falar também.

Mas primeiro, preciso encontrar o filho da puta com quem ela me traiu, descobrir sua relação com ela e Lazlo. Só depois de matá-lo em uma morte lenta, poderei respirar novamente. Talvez não vá entrar ar puro em meus pulmões, talvez nunca vou esquecer o que ela fez, mas também nunca vou deixar ela sair. Hoje à noite, vou falar com ela uma última vez sobre isso. Vou perguntar a ela e vou ouvir enquanto Kolya e Yan têm me pedido.

Eu a encontro na cozinha remexendo na geladeira, vestindo uma de suas camisolas fofas com um robe que tem camadas e mais camadas de pele sintética. Ela o usou uma vez, depois jogou no fundo do armário porque era muito excêntrico para seu gosto. Estreitando meus olhos, eu observo seus movimentos. Eles são muito rápidos, sem sua sutileza e elegância usuais.

— O que você está fazendo?

Ela se vira, gritando, e eu estou olhando para uma réplica de minha esposa. Alguém que tem exatamente a mesma aparência e constituição. Até os olhos são quase idênticos. Quase. Porque esses olhos? Eles não têm a profunda tristeza de Lia. O brilho permanente do cinza.

— Quem é você? — Eu pergunto.

Ela engole em seco, o pacote de carne congelada pendurada em sua mão. — O-O que você quer dizer com quem sou eu? Eu sou Lia.

Eu a alcanço em dois passos e ela corre ao redor do balcão. Pego minha arma e aponto para ela. — Você não é Lia. Quem é você?

Ela congela, os olhos arregalados enquanto ela coloca as mãos no ar, deixando a carne congelada cair no chão. — Por favor, não atire! Ela não disse nada sobre levar um tiro. Sinto muito, por favor, eu só quero dinheiro. Eu não quero morrer.

— Esta é a última vez que faço esta pergunta. Quem diabos é você?

— Meu nome é Winter. Conheci sua esposa no abrigo e ela me pediu para ficar no lugar dela porque queria fugir ou algo assim. Não quis desrespeitar, juro.

Porra.

Encaro a mulher de novo, esperando estar errado, mas quando não encontro Lia lá, meu peito se contrai com algo tão semelhante a... medo. Esta não é Lia. Então, onde está minha esposa?

— Kolya, — eu chamo.

Ele entra em um segundo, franzindo a testa quando vê a cena. Ele provavelmente pensa que ela é Lia. Esta Winter pode enganar o mundo, mas não a mim. Ela não tem a expressão permanentemente assombrada de Lia. Ela pode cheirar como ela, mas ela não tem aquele perfume corporal suave e natural que ninguém além da minha *Lenochka* tem.

— Encontre a localização de Lia através de seu rastreador dental e envie para o meu telefone, — eu ordeno. — Esta é uma impostora.

— O que devemos fazer com ela? — Kolya estreita os olhos para ela e ela dá um passo para trás.

— Mantenha ela trancada até que eu descubra o que fazer com ela.

— Não! Não fiz nada de errado. — Ela dá um passo para trás e se vira para correr, mas tropeça em seu longo manto e grita ao cair, sua cabeça batendo no balcão. O sangue espirra no azulejo enquanto seu corpo desliza para baixo com um baque, seus lábios se abrem e seus olhos piscam lentamente.

Kolya estende a mão para ela, mas eu o impeço. — Rastreie Lia. Deixe Ogla cuidar da impostora.

Então estou fora da porta, Kolya seguindo atrás de mim. A névoa vermelha que só vejo quando Lia está envolvida cobre minha visão e tudo que consigo pensar é que ela foi embora. Ela correu, porra. Nunca pensei que ela deixaria Jeremy para trás, mas ela foi em frente e fez isso. Ela se cansou de fingir e escapou. Provavelmente para estar com seu amante.

Ela não só me traiu, mas também foi até ele. Eles provavelmente estão rindo às minhas custas, pensando que se safaram. Que se foda isso. No mínimo, os dois deveriam estar prontos para minha ira. Como prometi a ela, vou matá-lo em uma morte lenta na frente de seus olhos e foder ela em seu sangue.

Então eu vou trazê-la para casa.

Capítulo Trinta e Nove

Lia

Rai concordou em me ajudar. No início, ela estava hesitante em ir contra Adrian, já que, como toda a irmandade, ou todo o mundo do crime, na verdade, ninguém quer ficar do lado mau dele. Meu marido tem a capacidade de infligir danos irrevogáveis dos quais ninguém pode escapar. Ele pode ficar em silêncio, mas sua ira é letal.

Ele é o tipo que aprende a fraqueza de alguém, explora e depois sufoca até que deseje a morte. Acho que foi isso que ele fez comigo. A única diferença é que ele me mostrou um lado dele pelo qual eu me apaixonei, então ele o tirou, me deixando com emoções dolorosas e esperança de nada. Meu olhar se desvia pela janela, observando a estrada vazia passar enquanto o guarda de Rai, Ruslan, me leva para uma casa segura.

Tenho saudades de Jeremy e de seu lindo sorriso. Sinto falta de como ele atrai a mim e a seu pai como se fôssemos uma espécie de família feliz. Não vê-lo desde esta manhã está bagunçando minha cabeça já bagunçada. Não sei como vou sobreviver uma semana sem sua energia brilhante e sorriso contagiante. Ele provavelmente está dormindo agora, tendo sonhos alegres.

Eu me pergunto se Winter está dormindo na minha cama, transando com Adrian porque ele parece 'gostoso.' Eu me pergunto se ele já me substituiu por ela, tocando-a, penetrando nela e embalando seu corpo no dele. A umidade arde em meus olhos com a imagem e eu balanço minha cabeça. Eu não vou pensar nisso. Tudo foi dito e feito, e agora tenho que me concentrar no futuro. Mas isso não significa que esses pensamentos não abram meu coração profundamente o suficiente para deixar um buraco.

— Porra. — A baixa maldição de Ruslan me tira do meu devaneio.

— O que?

— Acho que estamos sendo seguidos, Sra. Volkov. — Ele olha para o espelho retrovisor.

Eu me movo no assento para olhar para trás e meus olhos se deparam com faróis brilhantes, quase cegantes. Não.

Adrian não poderia ter me encontrado depois de todos os problemas que passei. Ele deveria estar com Winter. Uma pequena parte do meu coração se regozija com a ideia de que sua aparência idêntica não o enganou, que ele sabia que não era eu. Mas a maior parte quer se livrar das minhas algemas, apenas se livrar dele e de seu tratamento frio e da maneira como ele está me matando lentamente.

— Você não pode ir mais rápido? — Eu insisto com ele.

— Sra. Sokolov não pode estar implicado nisso. Se Adrian descobrir que ela te ajudou...

Ele vai arruiná-la. Eu sei que ele vai, e por causa disso, Ruslan não pode me deixar implicar Rai. Todas as portas estão se fechando na minha cara, e eu sei que não posso ir longe, nem posso colocar Rai em perigo quando ela saiu de seu caminho para me ajudar.

— Você tem uma arma para me emprestar? — Eu pergunto.

A testa de Ruslan franze. — Minha faca reserva.

— Isso vai servir. — Eu prefiro uma arma, mas é melhor do que nada.

Ele enfia a mão no porta-luvas, tira uma faca de caça e a entrega para mim.

Eu respiro fundo. — Me deixe em um local onde eles não possam ver você.

— Tem certeza, Sra. Volkov?

— É a única maneira de proteger você e Rai. Por favor, saia antes que ele os pegue, ou todos vocês estarão em perigo.

Ele dá um breve aceno de cabeça e acelera, dando uma volta rápida em direção à floresta. O cascalho e a sujeira sobem os pneus do carro, e então ele para.

— Agradeça a Rai em meu nome, — digo e saio correndo do carro com a faca aninhada na palma da minha mão.

A escuridão se apossou da floresta, tornando-a estranhamente silenciosa com os sons ocasionais e assustadores vindos das corujas noturnas. As árvores altas moldam a distância e tudo parece preto, exceto a lua

brilhando acima, parcialmente camuflada pelas nuvens. Eu não penso enquanto corro na direção oposta a Ruslan. Eu mal vejo um caminho na floresta e o sigo, todos os meus medos sobre o desconhecido desaparecendo em segundo plano.

— Lia! — A voz muito familiar berra não muito longe atrás de mim, enviando tentáculos de medo até minha alma.

Corre.

Tenho que correr. Meu coração bate mais forte, batendo contra minha caixa torácica enquanto corro pela floresta.

— Lia, pare!

Não! Se eu fizer isso, tudo estará acabado. Desta vez, não vou conseguir sobreviver à sua ira e vou me estilhaçar em pedaços irredimíveis. Desta vez, será o fim.

— Lia! — Sua voz está mais perto, se aproximando, como se ele estivesse me puxando pelas cordas de marionete presas à minha nuca.

A faca pesa na minha mão enquanto a corto entre galhos e qualquer coisa que fique no meu caminho. Um farfalhar de passos vem atrás de mim e eu paro, girando e acertando a faca. Eu suspiro quando atinge um corpo quente.

Adrian.

Ele mal estremece quando eu solto a faca, deixando-a cair no chão, mas o dano já está feito. A lâmina penetrou em seu bíceps. Sob o luar, posso ver

o sangue pingando de sua jaqueta. Seu rosto está sombreado pela escuridão e pela raiva que aperta sua mandíbula.

Algo me diz que não é por causa da ferida. Isso é tudo em que posso me concentrar, no entanto. A lesão. Sua essência de vida emana de seu bíceps em um ritmo constante. Eu envolvo as duas mãos em torno dele e aperto, desejando que pare. No entanto, o sangue escorrega entre meus dedos, cobrindo-os, quente e quase preto na escuridão enquanto pinga no chão.

— Você precisa fazer isso parar. — Minha voz é um murmúrio atormentado.

— E você? Você nunca vai parar de escapar de mim?

Eu recuo com suas palavras, liberando-o e dando um passo para trás. A razão pela qual eu o esfaqueei sem querer em primeiro lugar bate de volta em mim. *Tenho que correr.* Eu me viro e corro para longe, mas meu olhar continua voando para minhas mãos ensanguentadas, para a vida de Adrian em minhas mãos.

Eu terminei hoje. Acho que finalmente assinei a certidão de óbito do nosso relacionamento. Por mais fodido que fosse, o que tínhamos era um relacionamento e eu simplesmente o matei. Passos batendo soam atrás de mim e eu sei que ele vai me alcançar em um momento. Ele vai me pegar de volta e tudo estará acabado. Pensamentos e emoções desordenados se enrolam dentro de mim com uma força destruidora. Eles sobem e se espalham em direções diferentes, roubando minha respiração.

Minha sanidade. Meu tudo. A realidade se confunde com algo muito mais potente, alucinações. Meus demônios começam a sussurrar na minha cabeça, palavras que eu nem consigo discernir.

Oh Deus não.

Por favor, não me torture com minha própria mente. Eu cavo minhas unhas em meu pulso e uma lágrima desliza pelo meu rosto enquanto a dor explode na minha pele. Se eu esperava que isso fosse um pesadelo, meu desejo não se tornou realidade. Meus pés param no topo de um penhasco. Eu fico olhando para as ondas violentas batendo nas rochas angulares ásperas com membros trêmulos.

Acho que nunca me senti atraída por algo tão assustador. Não, na verdade eu fiz. Adrian. Parece que estou quebrada além do reparo, porque desde o início, acho que fui atraída pelo perigo que ele prometeu. E isso só me consumiu até não sobrar mais nada. Ele disse que me arruinaria, e ele fez isso com louvor.

— Lia. — Meu nome sai de sua boca em um sussurro, e eu me viro para encontrar seu olhar, meus pés na borda. Adrian está a poucos passos de mim, linhas profundas gravadas em sua testa. — Desça.

— Então você vai me levar de volta e me trancar? — Sinto o gosto de sal e é então que percebo que as lágrimas estão encharcando minhas bochechas.

— Não.

— Você irá! Você também vai tirar Jeremy de mim para sempre. Você vai me torturar com seu tratamento silencioso até que eu enlouqueça ou me mate.

— Eu não vou fazer isso.

— Você já está fazendo isso! Você não vê que está me matando lentamente? Nos matando? Você nem me beija mais. — Eu odeio como minha voz quebra de dor.

— Isso é porque você me traiu! Sempre fui fiel a você, mas você encontrou outro homem pelas minhas costas.

— E você está apenas me usando!

Ele respira fundo, acalmando a voz. — Venha e conversaremos sobre isso.

— O que há para conversar?

— Tudo, *Lenochka*.

— Eu quero saber uma coisa primeiro. — Meu queixo treme enquanto falo tão baixo que estou surpresa que ele me ouça. — Você já me amou, Adrian?

Ele faz uma pausa como se a pergunta fosse estranha para ele, mas ele não responde. Novas lágrimas escorrem com mais força com a resposta que ele me dá indiretamente. Ele não fez isso. Ou, mais precisamente, ele não sabe o que significa amor. Nunca soube e nunca saberá.

— Porque eu te amava. — Eu coloco a palma da mão sobre meu coração e aperto o tecido do meu vestido. — E isso está me matando todos os dias.

Ele estende a mão do braço ileso. — Desça, *Lenochka*. Por favor.

— Eu peguei sua mão antes, Adrian, e você me sufocou com ela. — Eu sorrio um pouco. — Prefiro morrer rápido do que lentamente.

— Lia, não!

Eu fecho meus olhos e deixo o vento me levar para baixo.

Continua

Sobre a Autora

Rina Kent é autora de um best-seller internacional de tudo que é romance de inimigo para amantes.

A escuridão é seu playground, o suspense é seu melhor amigo e as reviravoltas são o alimento de seu cérebro. No entanto, ela gosta de pensar que é romântica no coração de alguma forma, então não mate suas esperanças ainda.

Seus heróis são anti-heróis e vilões porque ela sempre foi a esquisita que se apaixonou por caras por quem ninguém torce. Seus livros são polvilhados com um toque de mistério, uma dose saudável de angústia, uma pitada de violência e muita paixão intensa.

Rina passa seus dias privados em uma cidade tranquila no Norte da África, sonhando acordada com a próxima ideia do enredo ou rindo como um gênio do mal quando essas ideias se juntam.